

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ LUIZ LEME

**O PENSAMENTO POLÍTICO DE SUETÔNIO EM “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”
(SÉC. II D.C): A CRÍTICA AO PODER ABSOLUTO DO PRÍNCIPE ROMANO**

**CURITIBA
2015**

ANDRÉ LUIZ LEME

**O PENSAMENTO POLÍTICO DE SUETÔNIO EM “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”
(SÉC. II D.C): A CRÍTICA AO PODER ABSOLUTO DO PRÍNCIPE ROMANO**

Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Doutor em
História, no Programa de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Professor Dr. Renan Frighetto

**CURITIBA
2015**

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Leme, André Luiz

O pensamento político de Suetônio em "A vida dos doze césares" (séc. II D.C.): a crítica ao poder absoluto do príncipe romano / André Luiz Leme – Curitiba, 2015.
270 f.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Imperadores - Roma. 2. Roma - História - Os cinco Julii, 30 A.C.-68 D.C. 3. Roma - História - Flavius, 69-96. I.Título.

CDD 937.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **ANDRÉ LUIZ LEME** intitulada: **O pensamento político de Suetônio em "A vida dos Doze Césares" (séc. II D.C.): a crítica ao poder absoluto do príncipe romano**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, vinte e cinco de março de dois mil e quinze.

Prof. Dr. Renan Frighetto (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora

Profa Dra Ana Belén Zaera García (USAL-Universidad de Salamanca)
1º Examinador

Prof. Dr. Marcos Luis Ehrhardt (UNIOESTE)
2º Examinador

Profa Dra Adriana Mocelim Souza Lima (PUC/PR)
3º Examinador

Profa Dra Marcella Lopes Guimarães (UFPR)
4º Examinador

AGRADECIMENTOS

Aos membros de minha família, Elaine, Aldeci, Luiz, Viviane e Cinthia, bem como todos aqueles que, nos diversos momentos, no passado e no presente, sempre estiveram próximos, contribuindo para a minha felicidade.

Ao professor Dr. Renan Frighetto, por todo o apoio e confiança durante a minha trajetória acadêmica, e aos demais professores que estiveram presentes e colaboraram para o meu desenvolvimento profissional, especialmente as professoras Dra. Fátima Regina Fernandes e Dra. Marcella Lopes Guimarães.

RESUMO

O presente estudo contempla uma investigação e análise da obra “A Vida dos Doze Césares”, de Caio Suetônio Tranquilo (69 – após 121/22 d.C.). Do gênero biográfico, composto em inícios do século II d.C., o trabalho de Suetônio considera a vida daqueles que foram os mais importantes personagens da política romana na passagem do milênio e primeiro século depois de Cristo, os chamados “Césares”. Nossa proposta compreende relacionar a obra ao seu contexto específico de produção, ou seja, o início do Principado de Adriano (76 – 138 d.C.), buscando as motivações políticas de Suetônio na realização dessa tarefa. Nesse sentido, desenvolvemos um trabalho de interpretação crítica da narrativa, rastreando as principais características do “Pensamento Político” do autor. Dentro desse tema, nosso objeto específico de análise tornou-se a questão do “Poder absoluto”, perspectiva de grande destaque na construção ideológica do texto. Suetônio, de fato, alinhando-se ao modelo de pensamento tradicional, critica o comportamento autoritário, cruel e inconstante demonstrado por diversos príncipes romanos no passado; posicionamento, ao que propomos como hipótese, que poderia ser considerado também uma forma de crítica ao seu próprio presente, ou seja, às circunstâncias políticas vividas no Império Romano após a ascensão de Adriano.

Palavras-chave: Suetônio. A Vida dos Doze Césares. Adriano. Império Romano.

ABSTRACT

The present study contemplates an investigation and analysis of the work "Lives of the Caesars", of Gaius Suetonius Tranquillus (69 - after 121/22 AD). From the biographical genre, composed by the early second century AD, Suetonius evaluates the lives of those who were the most important characters of Roman politics in the turn of the millennium and first century after Christ, the "Caesars". Our proposal comprises relate the work to its specific context of production, that is, the beginning of the principate of Hadrian (76-138 AD), in the search of Suetonius politically interests in accomplishing this task. Accordingly, we developed a work of critical interpretation on the narrative, tracking the main characteristics of the "Political Thought" of Suetonius. On this theme, our specific object of analysis has become the issue of the "Absolute power", so emphasized perspective in the ideological construction of the text. Suetonius, in fact, aligning himself to the traditional roman thinking model, criticizes the authoritarian, cruel and inconsistent behavior demonstrated by various Roman princes in the past; positioning, we propose as a hypothesis, which can be considered also a critic to your own moment, that is, the political circumstances experienced by the Roman Empire after Hadrian's rise.

Keywords: Suetonius. Lives of the Caesars. Hadrian. Roman Empire.

RESUMEN

El presente estudio contiene una investigación y análisis de la obra "Vidas de los Doce Césares", de Gayo Suetonio Tranquilo (69 - después 121/22 d.C.). Perteneciente al género biográfico, compuesta a principios del siglo II d.C., la obra de Suetonio considera la vida de aquellos que fueron los personajes más importantes de la política romana a finales del milenio y en el siglo I después de Cristo, los llamados "Césares". Nuestra propuesta incluye relacionar la obra con su contexto específico de producción, es decir, el inicio del Principado de Adriano (76-138 d.C.), en busca de las motivaciones políticas de Suetonio en el cumplimiento de esta tarea. En este sentido, hemos desarrollado un trabajo de interpretación crítica de la narrativa, trazando las principales características del "Pensamiento Político" del autor. Sobre este tema, nuestro objeto de análisis específico se ha convertido en la cuestión del "Poder Absoluto", perspectiva resaltada en la construcción ideológica del texto. Suetonio, de hecho, observando el modelo de pensamiento tradicional, critica el comportamiento autoritario, cruel e inconstante demostrado por varios príncipes romanos en el pasado; posicionamiento, proponemos como hipótesis, que también podría ser considerado como una forma de crítica a su propio tiempo, es decir, a las circunstancias políticas que el Imperio Romano vivía justo después de la llegada de Adriano al poder.

Palabras clave: Suetonio. Las Vidas de los Doce Césares. Adriano. Imperio Romano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
1. COMPREENDENDO O PRINCIPADO: UM NOVO MOMENTO NA POLÍTICA ROMANA ANTIGA.....	19
1.1. O PRINCIPADO DE OCTAVIANO AUGUSTO.....	19
1.2. NOVAS PERCEPÇÕES E CRÍTICAS EM RELAÇÃO AO SÉCULO II D.C.: O PRINCIPADO DE ADRIANO EM REVISÃO.....	22
1.3. POR UM ESTUDO DA OBRA “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”, DE CAIO SUETÔNIO TRANQUILO.....	25
1.4. SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO: ASPECTOS PRINCIPAIS.....	27
1.5. “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: ENTRE A HISTÓRIA E A BIOGRAFIA..	34
1.6. “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: A AUSÊNCIA DO PRÓLOGO.....	37
1.7. “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: ESTRUTURA E SENTIDO.....	39
2. O TEMPO DE SUETÔNIO: OS PRINCIPADOS DO SÉCULO II D.C.....	45
2.1. SUETÔNIO E A ÉPOCA DE TRAJANO.....	45
2.2. A ENTRADA DE ADRIANO NO CENÁRIO POLÍTICO ROMANO.....	52
2.3. ADRIANO SEGUNDO A “HISTÓRIA DE ROMA”, DE CÁSSIO DIO (S. III D.C.).....	57
2.4. ADRIANO SEGUNDO A “HISTÓRIA AUGUSTA” (S. IV D.C.)	62
2.5. O PENSAMENTO POLÍTICO DE SUETÔNIO.....	79
3. JÚLIO CÉSAR E A TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA ROMANA.....	86
3.1. UM MARCO INICIAL PARA A NARRATIVA DOS CÉSARES.....	86
3.2. CAIO JÚLIO CÉSAR NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.	87
4. OCTAVIANO AUGUSTO: O ESTABELECIMENTO DO PRINCIPADO.....	117
4.1. OCTAVIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	117
5. A QUESTÃO DO PODER ABSOLUTO: DESENVOLVIMENTO NA OBRA	162
5.1. TIBÉRIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	162
5.2. CALÍGULA NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	167
5.3. CLÁUDIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	174
5.4. NERO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	181
5.5. GALBA NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	188
5.6. OTÃO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	193
5.7. VITÉLIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	198
5.8. VESPASIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	202
5.9. TITO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	212
5.10. DOMICIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO.....	218
CONCLUSÃO.....	226
REFERÊNCIAS.....	243
ANEXOS.....	247

INTRODUÇÃO

Os homens, coletiva ou individualmente, voltam-se ao conhecimento do passado, investigando épocas, eventos ou mesmo personagens, por razões diversas, mas sempre motivados pela busca de esclarecimentos em relação ao mundo em que vivem. De uma necessidade de compreensão do presente surge, portanto, o trabalho característico ao historiador: insatisfeito com as opiniões gerais sobre determinados temas ou assuntos, ele procura no conhecimento histórico, em sua análise, novos aportes de reflexão e crítica, dinamizando a produção do saber. Passado e presente se aproximam, entrelaçando-se, na prática historiográfica; o historiador, portanto, não vive preso ao passado, pelo contrário: continua respirando os diversos ares de seu tempo, sejam eles de tristeza ou felicidade.

Posso garantir a todos vocês, caros leitores, que o autor do presente estudo, um trabalho de tese em História, tem consciência de sua responsabilidade como indivíduo e cidadão do seu próprio momento histórico: vivo a cada dia respirando profundamente as ideias, comportamentos e sentimentos de meu tempo. As próximas páginas relevam, na subjetividade dos meus pensamentos e argumentos, o homem que sou hoje, após anos de formação e dedicação ao estudo da História. Essa trajetória teve seu início no ano de 2005, quando tive minha entrada no curso de Licenciatura e Bacharelado em História, da Universidade Federal do Paraná, com sede em Curitiba, Paraná. Tão logo entrei em contato com os diversos conhecimentos da área, acabei demonstrando um interesse especial pelo estudo da História Antiga. Senti confiança e passei a considerar, desde esse primeiro momento, que o ato de investigar, conhecer e refletir a respeito dos vários comportamentos, ações e pensamentos dos homens antigos era algo que simplesmente contribuía ao desenvolvimento de meu senso crítico, de minha consciência histórica. Passei à leitura, principalmente, de livros sobre a Grécia e Roma Antigas, e logo tive a oportunidade de encontrar o professor Doutor Renan Frighetto¹, personagem fundamental para a minha progressão acadêmica. Através

¹ Natural do Rio de Janeiro, Renan Frighetto formou-se historiador pela Universidade Gama Filho (1984), Mestre em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e Doutor pela Universidade de Salamanca (1996). Atualmente é professor associado no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do NEMED, o Núcleo de Estudos Mediterrânicos.

de sua orientação, entrei em contato com a História da Roma Antiga, com o seu universo político e cultural. Dedicando-me com atenção ao recorte cronológico dos séculos I e II d.C., passei a desenvolver um estudo a respeito da obra **“Anábase de Alexandre Magno”**, escrita pelo grego Arriano de Nicomédia (c.90 – após 145/6). Desta investigação, resultou a monografia de conclusão de curso intitulada **“Ascensão e Legitimação de Alexandre, o Grande, na ‘Anábase de Alexandre Magno’, de Arriano de Nicomédia”**². Na hipótese central do trabalho, considerei que Arriano havia escrito a sua obra com o objetivo de ressaltar, na imagem histórica de Alexandre por ele construída, um exemplo de governante político e militar, universal e unificador de povos.

Desenvolvi um forte interesse pelo tema em questão, e assim, contando com o apoio de pessoas fundamentais à minha vida³, optei pela continuidade de meus estudos no âmbito acadêmico. No ano de 2009, após a formatura, ingressei no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná para mais dois anos de estudo, com o objetivo de alcançar o título de Mestre. Novamente através da orientação do professor Renan Frighetto, tornou-se possível dar continuidade aos meus estudos sobre a obra de Arriano. O resultado de meu trabalho foi a dissertação de mestrado intitulada **“A estratégia política no Principado romano: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a ‘Anábase’ de Arriano de Nicomédia”**⁴, defendida em primeiro de março de 2011, com a banca examinadora composta pelas professoras Doutoras Arminda Lozano⁵ e Fátima Regina Fernandes⁶. Na proposta de estudo então desenvolvida,

² LEME, André Luiz. **Ascensão e legitimação de Alexandre, o Grande, na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia**. Monografia em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008.

³ Destaco aqui o importante incentivo de Elaine Cristina Senko, na época graduanda em História, hoje Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, sempre dedicada à leitura de meu trabalho e por todo o seu apoio incondicional. Da mesma forma agradeço a minha mãe, Aldeci Alves Leme, pelo suporte que possibilitou também a continuidade de meus estudos.

⁴ LEME, André Luiz. **A estratégia política no principado romano do século II d.C.: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia**. Dissertação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2011.

⁵ Professora de História da Grécia Antiga na Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

⁶ Natural do Rio de Janeiro, Fátima Regina Fernandes formou-se historiadora pela Universidade do Porto (1985), Mestre em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e Doutora em História Medieval pela Universidade do Porto (1997). Atualmente é professora associada no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do NEMED, o Núcleo de Estudos Mediterrânicos.

busquei relacionar a obra de Arriano em relação ao seu contexto específico de produção, avaliando a sua importância como veículo de ideias políticas. Nesse sentido, e avançando em relação às ideias da monografia, considerei que a obra de Arriano, na construção de uma imagem positiva de Alexandre, o Grande, projetava em direção ao seu presente um modelo político referencial; essa projeção, na hipótese com que trabalhei, não deixaria de estimular críticas e reflexões a respeito das ações do príncipe romano daquele próprio momento, Adriano (76 – 138 d.C.).

Minhas atividades no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná continuaram em 2012, quando dei início aos estudos no curso de Doutorado, novamente contando com a orientação do professor Renan Frighetto. Trabalhar com a obra de Arriano fora algo importante nos últimos anos, mas a entrada no Doutorado representava um novo momento na minha vida acadêmica, e por isso mesmo eu deveria buscar outras fontes para o meu conhecimento, sempre no estímulo de novas reflexões. Desejava, no entanto, continuar atuando no mesmo recorte cronológico, ou seja, entre os séculos I e II d.C.; e principalmente, claro, vislumbrando a vida e o governo de Adriano. Neste momento, após várias reuniões junto ao meu orientador, o nome de Caio Suetônio Tranquilo (69 – após 121/22 d.C.), autor romano do período, acabou surgindo como opção; sua obra de maior destaque, “**A Vida dos Doze Césares**”⁷, trabalho escrito em inícios do século II d.C., tornou-se desde esse momento a minha principal fonte de investigação. Do ponto de vista teórico e metodológico, minha proposta de trabalho contemplaria relacionar a obra para com o seu contexto de produção; e como problemática inicial, buscaria rastrear e compreender as principais perspectivas do “**Pensamento Político**” do autor, Suetônio.

Novamente, o campo da história política colocava-se no centro de minhas investigações históricas. Porém, é importante destacar: não se trata aqui de uma história política descritivista, interessada apenas quanto à reprodução do conhecimento oficial, a exemplo daquela praticada intensamente em finais do século XIX e combatida pelo movimento dos **Annales** ao longo de todo o século XX; mas sim uma história política renovada, problematizadora, e que tem por intenção explorar a diversidade das práticas, relações e pensamentos dos homens em suas

⁷ **Suetonius**. With an English Translation by J. C. Rolfe. 2 vols. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1998.

atividades públicas. Nesse sentido, o Principado Romano dos séculos I e II d.C. surge aos olhos do presente estudo como um modelo político em constante construção, dinâmico, e que na época despertava grande interesse à reflexão por parte dos autores, a exemplo do próprio Suetônio. Este, no desenvolvimento de sua obra, não deixaria de ter apresentado e colocado em discussão importantes conceitos da política romana, de sua tradição antiga e recente.

Conhecer e analisar as características da **“Tradição Política”** romana acabou se tornando, portanto, fundamental ao presente trabalho; de fato, sem essa etapa, não seria possível compreender as perspectivas políticas elaboradas, ou melhor, construídas por Suetônio ao longo de sua obra⁸. O primeiro conceito analisado, e que demonstro aqui juntamente aos outros, foi exatamente o de **“Tradição”**; conceito este fundamental para o entendimento geral da organização política e social romana. Na definição que é proposta por Nicola Abbagnano, a expressão “tradição” subentende uma “herança cultural”, ou seja, a transmissão de crenças e técnicas de uma geração à outra; e de acordo com ele, a “tradição” na Antiguidade Grega seria vinculada à ideia de “verdade”, sendo ela recuperada no sentido de comprovar ou garantir algo⁹. Na Roma antiga, desde os seus primeiros momentos, o conceito de tradição encontra-se relacionado ao que os romanos chamavam de **“Mos Maiorum”**¹⁰, a saber: a tradição de conhecimento dos ancestrais. Na forma de um saber não escrito, transmitido de geração em geração no seio das antigas famílias romanas, a chamada “tradição dos ancestrais” constituía-se por um conjunto específico de princípios morais e referenciais políticos, religiosos, culturais e sociais; estes não apenas eram compartilhados, mas também defendidos por essas antigas famílias, as quais se encontravam no topo da hierarquia social romana¹¹. No presente estudo, trabalha-se com a ideia de que a

⁸ Compreendemos, dessa forma, a historicidade dos referenciais políticos de Suetônio, todos eles vinculados à tradição política romana; assim, buscamos evitar qualquer pensamento anacrônico que possa comprometer a historiografia da presente investigação.

⁹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.966.

¹⁰ Na fundamental observação de Maria Helena da Rocha Pereira, “os Romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *mos maiorum*”. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.357.

¹¹ Segundo Karl-J. Hölkamp, “Legal status, age and gender, wealth, social standing and rank, traditions and ideologies, attitudes and patterns of behavior based on them determined the position of a Roman, male or female, in society as well as in his or her family [...] The aristocratic value system was defined by a number of traditional factor: superiority, rank, authority, talent, and

tradição ancestral traduz o pensamento, ou melhor, o universo mental especialmente dos patrícios romanos, os membros de maior projeção naquela sociedade.

Essa ‘tradição ancestral’, na medida em que era evocada e construída a partir da memória dos patrícios, tornava-se uma fonte de “**Legitimação**” teórica para todas as reivindicações desse grupo: seja quanto ao fortalecimento da estrutura social, seja para a defesa de seus valores e costumes no âmbito da vida pública ou privada. Esse grupo social de tamanhos privilégios, o patriciado, remonta em suas origens às primeiras grandes famílias, “**Gens**”¹², fundadoras da cidade de Roma, desde o ano marco 753 a.C. Inicialmente uma monarquia, Roma, após sete reinados, transforma o seu modelo político, tornando-se República, no ano de 509 a.C.; através desta nova estrutura, os patrícios, os grandes proprietários de terra, buscaram se preservar na gerência da política romana, ou seja: no controle das magistraturas e das principais instituições. Dentre as várias magistraturas estabelecidas no período, teve importância especial o “consulado”, substituto da antiga posição política pertencente ao rei; dois cônsules eram eleitos para um mandato de no máximo dois anos, cabendo a eles o comando do exército, o trabalho de convocação do Senado e a presidência dos cultos públicos. Durante o período republicano, a instituição de maior destaque era o Senado romano, composto pelos membros mais prestigiados daquela sociedade, o patriciado. Este grupo, sempre na prerrogativa da tradição ancestral, colocava-se como a principal “**Autoridade**” do ponto de vista político e moral de todo o ambiente¹³; e nesse sentido, o Senado,

achievement in the service to the state (*res publica*), on the one hand, balanced by subordination, acceptance, and deference, on the other.” HÖLKESKAMP, Karl-J. Under Roman Roofs: Family, House, and Household. In: FLOWER, H. (Ed.) **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. New York: Cambridge University Press, 2004, p.113.

¹² Por se tratar de uma sociedade essencialmente patriarcal, os membros de uma mesma família se reconheciam como herdeiros de um mesmo ancestral masculino. Conforme o pensamento de Karl-J. Hölkeskamp, “the ideal of the well-ordered Roman household depended on patriarchy, that is, on the power of the male of the house household. This ideology of the family was deeply entrenched and never called into question, let alone seriously challenged. The ideal household also served as the paradigm of authority and of social order in society and in the state as a whole [...] For an aristocrat (*nobilis*), being the head of a large house was as much characteristic of his powerful position in the uppermost echelon of society as belonging to the senate”. HÖLKESKAMP, Karl-J. Under Roman Roofs: Family, House, and Household. In: FLOWER, Harriet (Ed.) **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. New York: Cambridge University Press, 2004, pp.113-114.

¹³ Sobre o conceito em questão, Maria Helena da Rocha Pereira afirma que “não se trata de uma norma com efeito vinculativo, de uma prerrogativa bem definida. É um valor intrínseco, que não se exerce pela persuasão e convicção, mas apenas e somente pelo peso da pessoa ou corporação que toma ou sanciona uma decisão. É um conceito da esfera política e moral ao mesmo tempo” (pp. 362-363). Segundo a autora, no pensamento de Cícero, expoente

como um conselho consultivo, avaliava praticamente todas as decisões públicas tomadas em Roma por seus membros em atividade, os **“Cidadãos”**.

Tratava-se, como podemos verificar, de uma sociedade essencialmente oligárquica; porém, não apenas do patriciado viveu a cidade de Roma: neste momento republicano o ambiente social era também formado pelos plebeus: pequenos agricultores, artesãos e comerciantes, membros não pertencentes às antigas famílias romanas. Por muito tempo estiveram afastados de qualquer participação na política, ainda que pagassem impostos e também prestassem serviço militar. Não tardou para que esses mesmos plebeus, então, se manifestassem violentamente, reivindicando seus direitos na sociedade; após várias lutas civis, conseguiram certas conquistas, dentre elas o direito de eleger, inclusive, um cônsul plebeu¹⁴. No entanto, mais do que um movimento de ação popular contra o domínio oligárquico do patriciado, o que se fez perceber no curso das lutas sociais na República romana foi a busca por inclusão por parte de grupos emergentes, a saber, dos plebeus enriquecidos, na política romana, de modo que eles também pudessem compartilhar das decisões públicas institucionais, seja no Senado, seja nas magistraturas inferiores¹⁵.

O que chamo no presente trabalho de **“Sociedade Política Romana”**, portanto, começa a então ganhar os seus contornos fundamentais; para o período de transição da República ao Principado, verificamos a seguinte organização social, com a presença na chamada **“Nobilitas”** romana dos seguintes grupos, referenciados aqui em ordem de prestígio: os patrícios (grupo representante da tradição ancestral, única categoria social de título hereditário e permanente), os senadores (grupo de homens que tinha posição fixa no Senado romano, incluindo suas famílias; título, porém, de caráter não hereditário) e os equestres (plebeus

republicano, o Senado era “precisamente o exemplo mais alto de auctoritas” (p.364). PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

¹⁴ Parte das leis aprovadas no ano de 367 a.C. (*Leges Liciniae-Sextiae*); representava, pois, uma teórica quebra do monopólio político patrício no Senado romano.

¹⁵ A respeito do Senado, Maria Helena da Rocha Pereira afirma que era “constituído não só pelos patrícios (*patres*), mas também pelos plebeus (a partir de cerca de 400 a.C.), designados inicialmente pelos cônsules, depois pelos censores, de cinco em cinco anos, contava com trezentos membros, número este duplicado por Sila, triplicado por César e reduzido de novo a seiscentos por Augusto. A escolha era feita entre ‘os melhores de todas as ordens’. Esta vaga disposição tem sido muito discutida. De seguro, apenas se pode afirmar que era preciso ser livre e possuidor do direito de cidadania”. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.365.

enriquecidos; alguns possuíam título hereditário). Para ascender ao Senado e mesmo permanecer nele, era necessário, para além de riquezas suficientes, o título hereditário de equestre. Os demais membros da sociedade romana, ou seja, os componentes do povo, estavam afastados das decisões políticas, assim propriamente dito; porém, fossem eles membros efetivos da plebe (com cidadania romana) ou simplesmente homens livres, todos poderiam manter relações específicas para com membros dos grupos sociais superiores: tratava-se da relação **“Cliente-Patrono”**, quando cada homem, observando um todo combinado de deveres, contava com o apoio do outro para determinadas tarefas¹⁶.

Esse modelo hierarquizado de sociedade se fortaleceu com o início do chamado **“Império Romano”**, em 27 a.C., momento em que governou o **“Príncipe”** Octaviano Augusto (63 a.C. – 14 d.C.)¹⁷. Sobrinho do emblemático Júlio César (100 – 44 a.C.), Octaviano Augusto atuou decisivamente em uma época de graves agitações no cenário romano: nos últimos anos da República ocorreram lutas sociais e políticas, com disputas envolvendo membros do grupo senatorial e os magistrados consulares; muitos destes, inclusive, acabaram lutando entre si, a exemplo de Júlio César, Pompeu (106 – 48 a.C.) e Crasso (115 – 53 a.C.). E nesse intenso e constante clima de guerra civil, tão marcante ao século I a.C., acrescenta-se ainda revoltas escravas, insurreições nas províncias e as insatisfações populares. Roma, de fato, não era mais uma pequena cidade da Itália, mas a capital de um grande poder, cuja hegemonia se estendia a praticamente todas as regiões circundantes ao mar Mediterrâneo. Essa nova realidade, alimentada pelas guerras de conquista, acabaram transformando a realidade romana, desde vários pontos de vista. Por exemplo, o contato com as monarquias helenísticas teve importante participação

¹⁶ Essa relação poderia se dar entre todos os membros da Sociedade, inclusive no grupo da Nobreza. Destaca a historiadora Renata Venturini, “no modelo político romano, as candidaturas e a busca de apoio político se faziam por meio da recomendação de um indivíduo à carreira pública. Tratava-se de uma relação de caráter pessoal que dependia de um 'patrono-amigo'.” In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, n.23, p. 215, 2001.

¹⁷ De acordo com o historiador Renan Frighetto, inicialmente, “o Príncipe era o primeiro entre os senadores, uma espécie de reconhecimento vinculado ao desenvolvimento exemplar em alguma magistratura ou atribuição delegada pelo Senado. Com a vitória e ascensão de Otaviano, bem como a sua ação de manutenção e preservação do legado republicano, o Príncipe assumia a posição de alto mandatário no novo regime político que tinha como eixo fundamental o consenso entre todas as instituições e magistraturas romanas”. FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII)**. Curitiba: Juruá, 2012, p.217.

nesse processo, pois lançou aos olhares romanos toda uma tradição política, essencialmente, de poder personificado. Não é por menos que a memória de Alexandre, o Grande, o rei conquistador e sábio, fora continuamente recuperada em Roma, não sendo poucos os investigadores do passado dedicados a escrever a respeito dele e de sua expedição unificadora. E dessa forma, compreendendo todo o esgotamento do modelo político de seu tempo, Octaviano Augusto, na sequência de sua vitória contra Marco Antônio (83 – 30 a.C.) e Lépido (90 – 13 a.C.), não teria visto outra solução a não ser estabelecer uma nova forma de governo, agora concentrado em sua pessoa, o **“Principado”**, sobre o qual discorreremos com mais detalhes no capítulo seguinte. Quanto a este novo momento da história romana, tornar-se importante destacar aqui o comportamento de Octaviano Augusto em relação à ancestral tradição política romana: este, conforme aponta o historiador Renan Frighetto, procurou manter as bases do sistema republicano, preservando o Senado, as magistraturas e as assembleias; nesse sentido, estabelecendo uma aliança para com essas antigas instituições romanas, o príncipe se afastava da caracterização negativa do poder monárquico absoluto, colocando-se então como defensor e mantenedor das tradições políticas republicanas, respeitando os costumes ancestrais, tão fundamentais no pensamento político romano¹⁸.

Dessa forma, mesmo com o estabelecimento de um novo modelo político, agora centralizado, não ocorreram graves rupturas ou sérias transformações que viessem a desestruturar, em suas características mais importantes, o tradicional pensamento político romano. Portanto, seja em relação ao momento de Octaviano Augusto, seja em relação aos séculos seguintes, esse universo mental continuou presente como referencial; e para essa longa duração, em muito contribuiu os pensamentos do **“Estoicismo”**. Essa doutrina filosófica teria chegado à cidade de Roma na passagem dos séculos II ao I a.C., onde encontrou terreno fértil ao seu desenvolvimento; ali, conforme destaca a filósofa Marilena Chauí, a austera virtude romana teria se encontrado com todo o vigor moral estoico, tornando essa doutrina um sucesso frente aos vários grupos sociais da época¹⁹. Do ponto de vista das consequências desse “encontro”, a historiadora espanhola María José Hidalgo de la

¹⁸ FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia**. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012, pp.36-37.

¹⁹ CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**.v.II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.289.

Vega comenta que a doutrina moral do Estoicismo teria contribuído no sentido de estimular reflexões teóricas, críticas, por parte dos autores da época, a respeito das ações e dos comportamentos dos príncipes romanos; estavam, pois, atentos para criticar no príncipe qualquer forma de desvio “vicioso” que apresentasse em seu exercício do poder²⁰. Nesse pensamento, conforme aponta o historiador Pierre Grimal, não haveria lugar na política romana senão para os melhores dentre todos os cidadãos²¹. Ora, eram justamente os antigos patrícios, defensores da tradição antiga, aqueles que se consideravam os “melhores” na sociedade; por conseguinte, os mais dignos para o exercício do poder. Portanto, serão os **“valores morais e políticos”** desse grupo os responsáveis pelo juízo, pela construção de uma opinião ora positiva, ora negativa, em relação às diversas atitudes e comportamentos do príncipe romano durante o seu governo. Este, quando se mantinha alinhado ao pensamento dos patrícios e senadores, era considerado de uma conduta **“exemplar”**, legítima; quando desalinhado, era intensamente criticado, e ameaçado.

O presente estudo, na medida em que trabalha com a questão do **“Pensamento Político”** de um autor romano, não poderia então deixar de se aprofundar em uma análise específica a respeito desses “valores morais” característicos à tradição ancestral; valores, ademais, recorrentes na tradição escrita dos séculos I e II d.C.²². De fato, todos esses valores encontram-se estreitamente relacionados: um alimenta e justifica a existência do outro no indivíduo; nesse sentido, ao homem tradicional, membro político em destaque, caberia a observância de não apenas uma, mas de todas as chamadas “virtudes morais”. Essa noção de “conjunto virtuoso” identifica-se ao primeiro conceito que, desse modo, ressalto aqui: a **“Virtus”** do homem romano. Este, na medida em que apresentava um comportamento alinhado à tradição ancestral, seria aceito e considerado por toda a sociedade política; suas ações, portanto, seriam tidas como corretas e corajosas, de

²⁰ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, pp. 53-54.

²¹ GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 47.

²² De acordo com Christophe Badel, “Le portrait des vertus nobiliaires n’est pas fondamentalement différent entre le début et la fin de l’Empire. Il ne marque pas non plus de rupture avec l’époque républicaine, et la grille de lecture composée par J. Hellegouarc’h pour classer les vertus républicaines fonctionne aussi bien pour la période suivante. Les qualités du noble signalent à la fois sa qualité d’homme d’action, d’homme de gouvernement et de patron”. BADEL, Christophe. **La noblesse de l’Empire Romain** : les masques et la vertu. Seyssel: Champ Vallon, 2005, p. 168.

pleno e forte carácter²³. E diretamente relacionados a essa concepção de ‘virtude’ romana, encontram-se diversos valores como **“Pietas”**, **“Fides”**, **“Dignitas”**, **“Gravitas”**, **“Clementia”**, **“Concordia”**, **“Libertas”** e **“Res Publica”**, para tão somente mencionar os mais importantes ao presente estudo; na tarefa de análise e definição destes conceitos, contamos com o auxílio da obra escrita pela portuguesa Maria Helena da Rocha Pereira, importante estudiosa do tema²⁴.

O primeiro destes conceitos, praticamente regras de conduta ao homem político romano, intitula-se **“Pietas”**; nele se expressa uma noção de responsabilidade, respeito e dever por parte do homem romano, não apenas em relação aos pais e todos os parentes de sangue, mas também à pátria em si²⁵. Por sua vez, **“Fides”** relaciona-se com os ideais de compromisso, devoção e lealdade assumidos pelo indivíduo em seus negócios; este, afinal, deveria sempre demonstrar a confiança de sua pessoa, a ser verificada e comprovada nos diversos assuntos públicos e privados²⁶. Quanto à **“Dignitas”**, compreende-se por meio dela uma noção de prestígio alcançado pelo homem romano, em razão de sua personalidade e ações na vida pública; nesse exato sentido, o prestígio se encontra relacionado à

²³ Nas reflexões desenvolvidas por Maria Helena da Rocha Pereira, é “ser homem” no sentido de “ser homem direito” (p.406); um conceito que compreende noções como ‘valentia’, ‘coragem’, especialmente na acepção militar, passando pelas qualidades de carácter. (p.415). PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

²⁴ São valores morais e políticos daquela sociedade especialmente relacionados aos grupos de maior projecção social, os quais recorriam e se apoiavam na tradição, *“mos maiorum”*, no sentido de tanto defender como criticar determinadas ações e comportamentos no ambiente público. Cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

²⁵ “A *pietas* define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos e parentes). Quer dizer, por conseguinte, que liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a égide da *patria potestas*, e projectada no pretérito pelo culto dos antepassados [...] Estabelecendo assim um vínculo afectivo entre os membros de uma família, a *pietas* alargava-se à divindade, e acaba por compreender também as suas relações com o Estado”. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pp.340-41.

²⁶ Maria Helena da Rocha Pereira alude a este conceito através da noção de “juramento que compromete ambas partes na observância de um pacto bem firme” (p.334). E complementa, afirmando que “desde o direito privado ao direito internacional, passando pela introdução do conceito de *bona fides*, considerado um dos grandes feitos do direito romano, e pelas conotações religiosas [...], e de que é expressão clara a exclamação plautina *di vostram fidem*, encontramos este conceito na base da vida de um povo que entendia, na época de Cícero, que era pela *fides* e pela *potestas* que as províncias lhe estavam unidas, e que, mais de um século depois, ainda propõe que se dê uma lição ao orgulho das províncias, que seja digna da *fides* e da *constantia* dos seus senhores” (p.338). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

posição social do indivíduo e, principalmente, à magistratura por ele em exercício²⁷. Conceito seguinte, “**Gravitas**” simboliza no homem romano um ideal de forte severidade e austeridade, de um comportamento, ininterruptamente, apropriado²⁸; trata-se de uma qualidade moral que se aproxima à também virtude da “**Constantia**”, ou seja, ao controle do temperamento e dos desejos: evitando-se, assim, todos os vícios do corpo e da alma.

Encontram-se relacionadas ao conceito de “**Clementia**” as noções de clemência e piedade, e que na verdade tornam-se ações a serem praticadas pelo indivíduo; entenda-se aqui, na defesa a este conceito, uma ideia de “salvaguarda” aos romanos, de contenção à violência: algo que evitaria, nas eventuais brigas ou disputas, os sempre condenáveis atos de crueldade²⁹. O conceito de “**Concordia**” caminha praticamente no mesmo sentido: nele se estabelece um ideal de harmonia, paz e estabilidade entre todos os diferentes grupos da sociedade³⁰. Por sua vez, “**Libertas**” compreende um sentido de ‘liberdade política’, de livre atuação na vida pública por parte dos romanos; esta concepção, porém, não deixa de ser um reforço ideológico à prerrogativa dos mais antigos, tradicionais: em relação a estes, todos deveriam manter o respeito e nunca agir, contrariamente, com violência³¹. Por

²⁷ Esta noção estaria ligada, de acordo com Maria Helena da Rocha Pereira, ao exercício de cargos importantes na *res publica*, tal como o de cônsul e senador (pp.350-51); teria a ver, portanto, “com a posição social, com o prestígio e honra pessoal” (p.352). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

²⁸ Para Maria Helena da Rocha Pereira, esta noção expressa o comportamento adequado do homem quando investido de alguma função pública, ou seja, de *dignitas*. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.352.

²⁹ No que propõe Maria Helena da Rocha Pereira, “Um termo político especialmente adequado a finalidades de propaganda”, associado a uma atitude de misericórdia (p.369). Complementando, a autora afirma que “Augusto dará um lugar fundamental a esta virtude. Todos os leitores de Séneca (e de Corneille) se lembram da maneira como o imperador neutralizou a tentativa de emboscada de Cinna, dando-lhe honrarias, em vez da pena capital. E Suetónio gasta o capítulo 51 de sua biografia do imperador a aumentar os actos de clemência por ele praticados” (p.371). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

³⁰ Uma noção de origem grega, segundo Maria Helena da Rocha Pereira, e que “traduz *homonoia*, ou seja, a harmonia no modo de pensar e sentir” (p.373); para a autora, “a noção situa-se no campo semântico de *consensus*, de *quies*, de *pax*. O *consensus bonorum*, a *pax*, a *concordia*, a *libertas* são uma série de ideias afins que se completam, que têm em Cícero o seu grande defensor, e que se sobrepõem umas às outras, tumultuosas, nos últimos anos da República Romana” (p.377). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

³¹ Maria Helena da Rocha Pereira relaciona esta noção aos direitos privados que o homem livre gozava em sua qualidade de cidadão (p.378), uma condição de vida na *res publica*, em

último, o conceito de “**Res Publica**” pode ser considerado em síntese: trata-se de uma referência não apenas ao modelo político republicano, mas também ao universo patrício, aos elementos da tradição ancestral³².

Todos os conceitos demonstrados, relacionados à história política de Roma e aos valores morais da tradição romana, tornaram-se de fundamental importância ao desenvolvimento do presente estudo. Sem o pleno conhecimento deles, não seria possível avaliar o sentido dos argumentos construídos por Suetônio, tampouco compreender a inteligibilidade da obra em seu momento. Pois bem, como dito anteriormente, minha proposta era analisar de modo crítico o “**Pensamento Político**” de Suetônio; tratava-se, enfim, de uma problemática inicial, um ponto de partida para a realização de uma investigação junto à obra. No entanto, um estudo a respeito de absolutamente “todo” o pensamento político do autor, contemplando as suas várias características em detalhes, revelou-se uma tarefa consideravelmente extensa, e assim inadequada do ponto de vista do espaço e do tempo permitidos ao presente trabalho. Contudo, no decorrer do próprio estudo, no quadro geral em desenvolvimento, uma questão em especial, ou melhor, um objeto específico de análise se destacou, tornando-se então um ponto de interesse; a estrutura do trabalho revela precisamente esse caminho: partindo de um tema geral, encontramos uma direção ao particular, à questão central da obra. O presente estudo, ao fim e ao cabo, demonstrou-se uma trajetória de descobertas, dentro de um plano de investigação cuidadosa da fonte. Essa trajetória, com a definição e explanação do objeto, é apresentada no seguimento.

correlação com o direito (p.379). Complementando, a autora afirma que “a *libertas* era assegurada pelas magistraturas, pelo tribunado, pelo recurso de que dispunha cada cidadão de apelar para o povo da decisão de um magistrado (*provocatio ad populum*), nos direitos especiais. Daqui decorriam a visão dos *optimates*, que acentuava a *auctoritas* do Senado, e a dos populares, que se apoiavam no tribunado. *Libertas*, conclui Habs Kloesel, significa domínio através do povo (e também à favor do povo), mas não é uma *libertas* democrática, mas acentuadamente pessoal e aristocrática” (p.380). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

³² De acordo com Maria Helena da Rocha, uma das noções mais ricas de significado de todos os tempos (p.382); coloca a autora, citando Donald Earl, que “tal como a *libertas* denotava um reduzido mínimo de direitos políticos, também *res publica* denotava um reduzido mínimo de organização política: os magistrados, o Senado, as assembleias do povo” (p.383); uma noção, enfim, que corresponderia à verdade de uma experiência política em comum (p.384). Complementa a autora, “o certo é que os imperadores continuam a manter em uso a expressão, à qual se ligava, se não a realidade, pelo menos a ilusão de um conceito fundamental para o viver em comum do Povo Romano” (p.387). Cf PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

No capítulo I, intitulado “**Compreendendo o Principado: um novo momento na política Romana Antiga**”, inicio um estudo a respeito das principais características do Principado Romano, modelo político centralizado, estabelecido pelo sobrinho de César, Octaviano Augusto, em finais do século I a.C. Nesse momento debato uma questão em especial: a noção de “Paz Romana”, construção teórica difundida na época e muitas vezes reproduzida de modo acrítico pelos historiadores da atualidade. Apresento então o recorte cronológico geral de meu trabalho: entre finais do século I d.C. e inícios II d.C. Observando com especial atenção a época do Principado de Adriano, iniciado em 117 d.C., proponho desenvolver um estudo, dentro de um sentido renovador na historiografia contemporânea, que verifique as dificuldades existentes durante o seu governo; consequentemente, evito generalizações muito positivas quanto ao período.

Neste momento, coloco a minha sugestão de análise a respeito da obra de Suetônio, “**A Vida dos Doze Césares**”; trabalho do gênero biográfico composto logo ao início do governo de Adriano. Destaco, na forma de uma justificativa, tratar-se de uma fonte que poderia ser mais bem explorada pelos historiadores da Antiguidade. Minha intenção neste momento caminha no sentido de buscar relacionar a obra para com o seu contexto de produção, de modo a buscar nela perspectivas a respeito do momento político de sua composição. Primeiro passo, no entanto, seria conhecer melhor a obra, o seu estilo de narrativa. Considero, nesse sentido, as características do gênero biográfico, debatendo e rastreando esse estilo. Em uma primeira análise de seu conteúdo, destaco na obra uma aparente intenção por parte do autor em trabalhar com a política, com a história de vida dos governantes romanos; e especialmente, daqueles envolvidos no processo de surgimento e estabelecimento do Principado Romano, ou seja, Júlio César e Octaviano Augusto. Proponho logo ao final deste capítulo que Suetônio, ao trabalhar com o passado, construindo exemplos históricos, políticos, positivos e negativos, muito provavelmente visava ao seu próprio presente; assim, conhecer o autor, e sua movimentação política no contexto em questão, seria o próximo passo.

No capítulo II, intitulado “**O tempo de Suetônio: entre a política dos Príncipes Trajano e Adriano**”, começo por um estudo a respeito do autor, Suetônio, rastreando informações importantes relacionadas à sua vida pública e privada. Logo, coloco o personagem dentro de suas várias atividades no contexto;

nesse sentido, trabalho com o Principado de Trajano, governo iniciado em 98 d.C. Dou continuidade com o Principado de Adriano, chegando em 117 d.C.; proponho um estudo mais específico a respeito desse momento, ou seja, dos anos que envolveram a ascensão de Adriano; trata-se, enfim, do contexto em que fora composta a obra de Suetônio. Para o trabalho com esse período histórico, na intenção de buscar os seus principais aspectos políticos, apresento duas importantes fontes da Antiguidade: “**História de Roma**”, de Cássio Dio (século III d.C.) e “**História Augusta**”, obra anônima (século IV d.C.). Necessário observar: são obras que distam consideravelmente em relação à época de Adriano; no entanto, ambas consistem nas mais completas fontes narrativas que remontam aos acontecimentos políticos do período. Na sequência, portanto, analiso as duas fontes, rastreando as suas principais informações; na continuação, destaco uma perspectiva relacionada ao contexto de grande importância para a minha reflexão: Adriano teria enfrentado sérias, graves dificuldades logo ao início de seu governo, sofrendo intensa oposição por parte de vários membros da sociedade política. Ou seja, tratava-se de um contexto conturbado, marcado por acirradas disputas políticas. Considerando, portanto, a obra de Suetônio parte desse momento, sugiro: poderíamos encontrar nas principais ideias do texto, ou melhor, nas perspectivas políticas destacadas e defendidas pelo autor, seu posicionamento em relação aos acontecimentos do período; e especialmente, se o autor estava mais ao lado do apoio ou da crítica no que se refere ao príncipe em ascensão, Adriano. Com todos esses pensamentos em mente, proponho para o próximo capítulo rastrear as características do “**Pensamento Político**” de Suetônio; inicialmente, desenvolveria uma análise a respeito das vidas de Júlio César e Octaviano Augusto: ou seja, do momento histórico em que o autor discute o surgimento e o estabelecimento do modelo político em atividade durante o seu tempo, o Principado.

O capítulo III, intitulado “**Júlio César e a transformação da política Romana**”, apresenta o início de minha análise da fonte, momento em que busco, portanto, rastrear as principais perspectivas de Suetônio, durante a sua tarefa de escrita biográfica, a respeito da política romana, do Principado Romano, e de seus principais personagens³³. O trabalho de análise que desenvolvo com a fonte segue

³³ Para essa análise da fonte, uma leitura atenciosa da obra era necessária, sempre atentando ao seu texto original; assim, para cada momento em que fossem apresentadas informações da

um procedimento: realizo uma tarefa de **“interpretação crítica”** no documento em questão, sempre em busca das principais considerações e conceitos políticos do autor. Vislumbro, dessa forma, principalmente, o sentido por detrás da construção biográfica e histórica do autor. Não se torna a minha intenção, deixo claro, uma análise a respeito da veracidade ou não das informações apresentadas na obra; trabalhar com uma “discussão histórica” envolveria o diálogo com outras fontes que tratam especificamente do mesmo tema, dos mesmos personagens, tornando-se essa tarefa também outra orientação de trabalho a respeito da obra de Suetônio³⁴.

Trabalhando com vários momentos da narrativa, ou seja, analisando as diversas circunstâncias em destaque no texto, verifiquei que Suetônio se dedicou a construir na biografia de Júlio César a imagem de um homem perigoso, praticamente uma ameaça em relação aos ideais da tradição política romana, da República; em suma, Júlio César teria demonstrado um forte desejo pela monarquia, por uma forma de “poder absoluto”. Por sua vez, no capítulo IV, intitulado **“Octaviano Augusto: o estabelecimento do Principado Romano”**, na análise a respeito da vida de Octaviano Augusto, pude verificar que este personagem fora representado, na construção de Suetônio, como um homem exemplar; tratava-se de um político sempre muito preocupado com a observância da tradição, dos costumes ancestrais, e com a preservação da sociedade política. Suetônio tece elogios a este personagem, destacando a sua conduta, o aspecto positivo de seu posicionamento conciliatório; essa atitude, afirmo, acaba demonstrando que o pensamento político de Suetônio estaria alinhado ao do grupo senatorial, aos seus referenciais.

Uma razão para essa “contraposição” de modelos políticos, ao que proponho na sequência, encontra-se no diferente modo como ambos os personagens, Júlio César e Octaviano Augusto, na perspectiva então construída por Suetônio, exerceram o controle do poder. Júlio César teria agido de modo autoritário, arbitrário, praticamente não respeitando vários de seus contemporâneos políticos; Octaviano Augusto, por sua vez, ainda que tenha assumido o poder central, prontificou-se a defender a autoridade do Senado, do conselho formado por todos os

fonte, o texto em latim seguiria referenciado em nota de rodapé, critério científico que possibilita, aos leitores, a prática da verificação das informações.

³⁴ A despeito disso, o desenvolvimento de minha interpretação crítica da fonte esta acompanhada de informações adicionais, provenientes de bibliografia especializada, no sentido de facilitar a leitura e compreensão dos leitores a respeito da história dos personagens biografados.

tradicionais representantes políticos. Portanto, na construção do pensamento político de Suetônio, o elemento teórico que define uma perspectiva positiva ou negativa em relação ao governante romano torna-se, na hipótese, a questão do **“poder absoluto”**. Surge nesse momento, em decorrência das reflexões realizadas, o **“objeto”** específico de meu estudo: **“a questão do poder absoluto no pensamento político de Suetônio”**. Para o próximo capítulo, proponho analisar essa questão em relação às demais vidas presentes na obra: estariam os príncipes do século I d.C. mais próximos da construção negativa, Júlio César, ou daquela positiva, exemplar, de Octaviano Augusto?

O capítulo V, intitulado **“A questão do Poder Absoluto e seu desenvolvimento na obra de Suetônio”**, segue com o trabalho no documento, contemplando uma análise a respeito das subsequentes construções biográficas de Suetônio. Em sua grande maioria, os príncipes foram representados com destaque para as suas características negativas; personagens como Tibério, Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano teriam se demonstrado, na perspectiva de Suetônio, muito cruéis, inconstantes e, principalmente, autoritários. Por sua vez, Cláudio, Otão, Vespasiano e Tito foram considerados pelo autor, relativamente, bons príncipes, principalmente devido ao bom relacionamento que tiveram para com a sociedade política. Como novamente tornou-se claro através de minha análise, a avaliação de Suetônio em relação a esses governantes romanos recaía sempre no mesmo critério: quais teriam exercido mais intensamente ou não o “poder absoluto”. Considerando todas essas informações, iniciei então a conclusão de meu trabalho. Para esse momento de reflexões finais, estabeleço um quadro geral das características que marcaram, no pensamento político de Suetônio ao longo da obra, o exercício do poder absoluto. Na sequência, com base no desenvolvimento de minha investigação crítica, busco então **“explicar”** a relação da obra para com o seu contexto de produção; considero, dessa forma, que o momento vivido pelo Império Romano ao início de século II d.C., com as suas dificuldades políticas, encontra-se, de fato, nas entrelinhas do pensamento político de Suetônio; este, ainda que próximo ao poder central, comportara-se como um crítico dele.

Fechando esse momento de introdução, afirmo o meu objetivo, através deste trabalho, de contribuir para o desenvolvimento dos estudos na área de História Antiga no ambiente acadêmico brasileiro. Este cenário encontra-se em crescimento

nos últimos anos, graças ao trabalho constante de renomados professores e ao estabelecimento de grupos e núcleos de pesquisa na área. Nesse sentido, o Núcleo de Estudos Mediterrânicos, NEMED, com os seus mais de dez anos em atividade, torna-se um importante exemplo. Por fim, ressalto que o trabalho aqui proposto encontrou na linha de pesquisa Cultura e Poder, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, o arcabouço teórico necessário ao seu desenvolvimento. De fato, quando relacionamos a tradição de valores às práticas e orientações políticas de um povo, estamos entrelaçando a cultura ao poder. O apoio de todos os professores da linha foi essencial ao desenvolvimento do presente estudo, e por isso mesmo deixo aqui meu agradecimento³⁵.

³⁵ Sobre a Linha de Pesquisa **Cultura e Poder**, conforme sua descrição no site do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná: As mutações ocorridas nas Ciências Humanas e Sociais nas últimas décadas contribuíram para novos questionamentos e abordagens em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos. Abrindo espaço ao pensamento propriamente reflexivo, a linha de pesquisa Cultura e Poder valoriza a pluralidade interpretativa, a complementaridade dos opostos, a reabilitação do ator, da ação e do acontecimento, privilegiando, entre outras, as vertentes da História Política e da História Cultural. Voltada a uma abordagem histórica e historiográfica, a linha de pesquisa tem como premissa a concepção de que a Cultura é um patrimônio adquirido e que apresenta um resultado direto na preparação daqueles que exerceram distintas atividades políticas e sociais. Nesse sentido, o conceito de Poder encontra-se associado ao exercício efetivo, seja através do consenso, seja por meio da força, das autoridades individual ou coletiva, alicerçadas ou legitimadas institucionalmente. Para tanto, os detentores do poder podem lançar mão de diversos artifícios, como a propaganda, para alcançar as diferentes camadas sociais e culturais. Dessa forma, podemos observar o estabelecimento de relações de ordem política, social, econômica e cultural, que desvelarão a manutenção de princípios conservadores ou, por outro lado, reveladores de transformações, contestações e readequações no conjunto das sociedades históricas. Na busca pelo aprofundamento das pesquisas históricas que congregam uma plêiade de objetos que estabelecem a constituição de identidades e alteridades, como as línguas, os discursos, as imagens, as religiões, os mitos, as instituições políticas, a linha de pesquisa Cultura e Poder conta com professores-pesquisadores da Antiguidade Tardia, da Idade Média e das épocas Moderna e Contemporânea. Todos atuantes em grupos de pesquisa nacionais cadastrados pelo CNPq, como o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED); História Intelectual, História dos Intelectuais e Historiografia; Poder e Sociedade na Península Ibérica tardo-antiga e medieval e finalmente Cultura e Poder, além de integrarem outros grupos de pesquisa no exterior. <http://zip.net/bfp3KT> (acesso em 30/10/2014).

1. COMPREENDENDO O PRINCIPADO: UM NOVO MOMENTO NA POLÍTICA ROMANA ANTIGA

1.1. O PRINCIPADO DE OCTAVIANO AUGUSTO

Na obra em que refletiu a respeito de seus feitos na vida pública, o então príncipe Octaviano Augusto (63 a.C. – 14 d.C), no auge de sua autoridade política, declarou que sua primazia em relação a todos não se dava através de seu poder, mas sim de sua dignidade³⁶. Através dessa “singela” afirmação, Octaviano procurou definir, frente ao seu tempo e à posteridade, a sua posição hegemônica no quadro institucional romano; quadro, aliás, que justamente havia se renovado com ele. De fato, especialmente após o ano de 27 a.C., recebendo o apoio das legiões e da sociedade política, Octaviano passou a concentrar uma grande soma de poderes, decorrentes das várias magistraturas que assumiu ao mesmo tempo, e efetivamente tornou-se o chefe político romano, árbitro das relações sociais.

Octaviano projetou-se politicamente quando no ano de 30 a.C. derrotou Marco Antônio (83 – 30 a.C.), outro importante político da época; acontecimento que marcou o fim de um longo período de guerras civis e, ao mesmo tempo, conseqüentemente, urgiu uma reformulação da estrutura política e de governo da sociedade. Roma seria a partir de então “conduzida” por um único homem, o “primeiro dentre os cidadãos”, o Príncipe. Não se trata de afirmar que, neste momento, uma “monarquia” ou “reinado” fora estabelecido em Roma; a sociedade política romana, mais tradicional, não se encontrava predisposta em relação ao uso e sentido de tal nomenclatura: monarquia era, praticamente, sinônimo de tirania e despotismo, relacionando-se a um fenômeno político característico ao Oriente, às monarquias helenísticas, e por tudo isso ela deveria ser evitada ao máximo³⁷.

³⁶ Aug. RG. 34 “*Post id tempus praestiti omnibus dignitate, potestatis autem nihilo amplius habui quam qui fuerunt mihi quo que in magistratu conlegae*”.

³⁷ Pierre Grimal comenta que Octaviano, à época de tais transformações políticas, sentiu a necessidade de ressaltar e “trazer à luz do dia o fato de o *imperium romanum* ser uma coisa muito diferente de um Estado submetido a um rei, que o príncipe, que é o seu ‘guia’(este é o verdadeiro sentido de *princeps*, o título que Augusto se atribui, por três vezes, na *Res Gestae*), não é *rex* nem ‘basileu’, que não se assemelha, de modo algum, aos diádocos, sucessores de Alexandre na Macedônia, na Síria e em outros locais, que não é, como eles, o único detentor do poder, mas que este continua a pertencer ao conjunto do *populus romanus*, cuja *maiestas* permanece intacta. Uma vez estabelecida esta distinção, tornava-se evidente, para a opinião pública, que o vencedor de Antônio não sucumbia à maldição plurissecular que, em Roma, atingia a palavra ‘rei’ e cuja transgressão provocara ou permitira o assassinato de César. A distinção então aceita entre realeza e principado está longe de ser apenas verbal. Não é uma

Octaviano, muito provavelmente consciente da existência desse juízo de valor, ressaltou o alinhamento de sua nova e centralizada posição política em relação à tradição, apresentando-se assim como um grande defensor dos costumes ancestrais³⁸. Ou seja, ao menos do ponto de vista teórico, não ocorreriam grandes ou radicais mudanças na ordem social, exatamente pelo contrário: as tradições deveriam ser restauradas e preservadas, tornando-se o Príncipe o grande responsável pela manutenção da ordem e concórdia entre todos. Tal proposta de posicionamento político, sem dúvidas de grande efeito retórico, somada às efetivas e importantes realizações de seu governo ao longo de mais de 30 anos, contribuíram para que o Principado de Octaviano fosse considerado, em sua própria época, um importante modelo e ponto de referência entre o “antes e o depois”, um marco de novos e melhores tempos; e, especialmente, tempos marcados pela estabilidade política e paz social. Foi a chamada “Paz Augusta”, a “Paz Romana” em seu início.

Devemos compreender que esta ampla projeção de “paz” em relação ao período em parte está baseada em dados daquela realidade, a exemplo do fim das constantes guerras civis, em parte é fruto de construções teóricas idealizadoras que, seguindo os interesses dirigentes, promoviam tal imagem da situação³⁹. Portanto, o que não podemos é, sem qualquer fundo de criticidade, acreditar na existência de uma, sempre constante, plenitude de paz⁴⁰, seja em relação ao momento de

habilidade propagandística imaginada arbitrariamente por um qualquer ambicioso. Responde a uma realidade, enraizada no espírito romano, que ultrapassa em muito o que o oportunismo de um homem pode conceber, mesmo aconselhado por amigos inventivos”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Lisboa: Edições, 70, 1999, p. 16.

³⁸ Aug. RG. 8 “*Legibus novis latis complura exempla maiorum exolescentia iam ex nostro usu revocavi et ipse multarum rerum exempla imi tanta posteris tradidi...*”. Complementamos com a seguinte explanação de Renan Frighetto, “De fato, o principado existia graças à figura do Príncipe que exercia, em teoria, um poder similar ao das demais magistraturas romanas portando, por sua vez, uma autoridade mais destacada. Essa necessidade de vinculação ao passado republicano se explicava por conta da sempre importante preservação dos costumes ancestrais, aspecto basilar na cultura política romana, estando relacionada também com a atenção de distanciamento com respeito aos poderes monárquicos de origem helenística”. FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII)**. Curitiba: Juruá, 2012, p.217

³⁹ Conforme ressalta o historiador chileno Alejandro Bancalari Molina, “Esta *pax Augusta* se desarrolló también como forma de propaganda ideológica, que se va haciendo cada vez más consciente y activa, como hilo conductor y fuerza motriz de gran parte de los gobernantes de la época”. BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2008, p. 53.

⁴⁰ Especialmente no sentido atual do termo, como ausência absoluta de conflitos internos e externos. De acordo com o *Dicionário de Política*, de Norberto Boobio, “na sua acepção mais geral, Paz significa ausência (ou cessação, solução, etc.) de um conflito. Por Paz interna entendemos a ausência (ou cessação, etc.) de conflito interno, conflito entre comportamentos ou

Octaviano, seja para os demais governantes subsequentes, ao longo dos séculos I e II d.C. De fato, lutamos contra um “preconceito” enraizado: vários trabalhos da historiografia passada e recente apresentam perspectivas que endossam a concepção da “Paz Romana” como um período praticamente idílico na história da Roma Antiga, uma espécie de “auge” que simplesmente precedeu o “declínio” romano. Uma obra emblemática dentro desse pensamento, composta em finais do século XVIII, é a chamada “**Declínio e Queda do Império Romano**”, de Edward Gibbon (1737 - 1794). No seio do pensamento iluminista, Gibbon fortaleceu o estigma de apogeu relacionado aos séculos I e II d.C., no sentido mesmo de contrapor esse momento aos séculos seguintes: um movimento de “decadência” apresentado a partir do século III d.C. Tal perspectiva pejorativa em relação à passagem da Antiguidade/Antiguidade Tardia ao Medievo teve seu questionamento no decorrer do século XX, em especial⁴¹; porém, a concepção de uma “Paz Romana” generalizada entre os séculos I e II d.C., entendida como sendo o auge daquela civilização, continua persistente no pensamento de vários investigadores. Por exemplo, o historiador Michael Ivanovich Rostovtzeff (1870 – 1952), escrevendo em princípios do século XX, ainda afirma que “Augusto e seus sucessores realizaram aquilo que parecera ao mundo antigo, antes de sua época, um objetivo inatingível: a paz permanente, sem choques constantes de guerra externa ou revolução interna, e uma vida regulada pelas condições ordenadas de um Estado civilizado” ⁴². Os sucessores de Octaviano Augusto no século I d.C. certamente que preservaram o Império Romano, conservando a instituição do Principado; porém, não podemos creditar ao período tamanho aspecto de bem estar político e social. Foram governos inconstantes, e isso desde vários pontos de vista: Tibério, sucessor imediato de Octaviano, fora o que mais tempo governou, 23 anos; e na sequência

atitudes do mesmo ator (por exemplo, entre dois deveres incompatíveis, entre dever e prazer, entre razão e paixão, entre o interesse próprio e o interesse de outrem). Por Paz externa entendemos a ausência (ou cessação, etc.) de conflito externo, o conflito entre indivíduos ou grupos diversos. No conceito de Paz externa, inclui-se também a Paz interna de um grupo, Paz que é externa para os indivíduos que o compõem”. In: BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 2000, p.910.

⁴¹ Dentre as obras nesse sentido, destacamos MARROU, H.-I. **Decadência romana ou Antiguidade Tardia**. Lisboa: Áster, 1979; e BROWN, P. **O fim do mundo clássico de Marco Aurélio a Maomé**. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. Na historiografia brasileira, destaque para o recente trabalho de FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII)**. Curitiba: Juruá, 2012.

⁴² ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 216.

dos principados, temos Calígula, com 4 anos; Cláudio, 13 anos; Nero, 14 anos; Galba, 7 meses; Otão, 3 meses; Vitélio, 8 meses; Vespasiano, 10 anos; Tito, 2 anos; e Domiciano, 15 anos. De todos eles, apenas Tibério e Vespasiano tiveram morte natural, sem grandes rumores; os demais, no entanto, foram assassinados em complôs, conspirações políticas e militares. Esses dados, simplesmente, transpiram o clima de instabilidade vivido no ambiente do Império Romano neste primeiro século depois de Cristo. Devemos, portanto, evitar o aceite e, conseqüente, emprego de “generalizações” que podem, em seus exageros, encobrir nossa visão a respeito das reais circunstâncias políticas do período; e isso não apenas quando observamos as circunstâncias relacionadas ao Principado no século I d.C., mas especialmente quando desejamos estudar o século II d.C., período considerado pelas fontes da Antiguidade e pela historiografia contemporânea como, meramente, o apogeu da “Paz Romana”⁴³.

1.2. NOVAS PERCEPÇÕES E CRÍTICAS EM RELAÇÃO AO SÉCULO II D.C.: O PRINCIPADO DE ADRIANO EM REVISÃO

O historiador Domingo Plácido Suárez desenvolveu interessante reflexão a respeito do século II d.C., essa época de pretenso esplendor, instigando nosso olhar crítico e investigativo para as características desse momento histórico. De acordo com o autor, a definição do século II d.C. como “Idade de Ouro” depende tanto da historiografia moderna quanto da propaganda dos intelectuais orgânicos da época⁴⁴; o modelo de estabilidade, atrativo desde o ponto de vista das classes dominantes, atuava da mesma forma que uma máscara: por detrás, uma época de grande vitalidade, onde as mudanças transcorriam nas profundidades da história. Nesse sentido, na recomendação proposta por Domingo Plácido Suarez, as mudanças devem ser percebidas através das imagens de estabilidade, estas que tanto influenciaram a percepção moderna acerca do período⁴⁵. Nossa aproximação ao

⁴³ BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2008, pp. 51-52.

⁴⁴ Para um aprofundamento no tema, Cf. HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

⁴⁵ PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E. (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004, p. 19.

século II d.C., deve, portanto, ser muito cuidadosa: de modo que possamos compreender esse momento em suas características essenciais, e não idealizadas.

Pertencente à dinastia dos Antoninos⁴⁶, o primeiro nome político de relevância neste século II d.C. foi Marco Úlpio Trajano (53 – 117 d.C.), governante romano desde o ano 98 d.C. Este príncipe, cuja imagem resplandeceu na história como um ótimo líder, contou com o apoio dos vários depoimentos elogiosos de seu amigo Plínio, o Jovem (61/62 – 113 d.C.), sobretudo no panegírico que este escreveu⁴⁷. Nosso campo de observação especial, no entanto, recai no governante seguinte: Públio Élio Adriano (76 – 138 d.C.), príncipe dos romanos entre os anos 117 e 138 d.C. De modo geral, a historiografia tradicional (a qual se faz perceber, principalmente, na produção didática) trabalha com esse momento a partir de uma perspectiva de continuidade, compreendendo o período de Adriano como parte de um fluxo contínuo de bons governantes; fluxo este, diga-se de passagem, que teria seu “decadente” desfecho em Cômodo (161 – 192 d.C.), o último dos antoninos e praticamente marco final da “Paz Romana”. No entanto, a historiografia recente, como resultado de uma longa trajetória de estudos no campo da história sobre o Principado de Adriano⁴⁸, tem chamado a nossa atenção não apenas quanto aos aspectos de estabilidade e prosperidade presentes neste período, mas também às dificuldades e vicissitudes próprias a ele; ou seja, aos problemas que efetivamente existiram e que devemos com toda certeza observar em nossa tarefa de investigação e escrita da história. Como exemplos fundamentais dessa nova historiografia, citemos a obra escrita por Anthony Birley, “**Adriano**”, publicada em 1997, que apresenta uma detalhada biografia do referido Príncipe, perpassando todos os momentos de sua vida e governo⁴⁹; e também a obra coletiva “**Adriano Avgvsto**”, publicada em 2004, organizada por Juan Manuel Cortés Copete e Elena

⁴⁶ No Principado Romano, compreendeu o período entre 96 e 189 d.C. Na liderança política, encontram-se os personagens Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Auréio, Lúcio Vero e Cômodo.

⁴⁷ Para aspectos da relação entre Trajano e Plínio, cf: STADLER, Thiago. **O Império Romano em Cartas** - Glórias Romanas em Papel e Tinta - Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C. Curitiba: Juruá, 2013.

⁴⁸ Obras específicas que iniciaram e deram continuidade à trajetória de estudos sobre o príncipe Adriano, dentre as quais destacamos as seguintes: WEBER, W. **Untersuchungen zur Geschichte des Kaisers Hadrianus**. Leipzig: B. G. Teubner, 1907.; HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian A.D. 76-138**. London: Methuen, 1923. ; PEROWNE, S. **Hadrian**. London: Hodder and Stoughton, 1960.; LEVI, M. A. **Adriano. Un ventennio di cambiamento**. Milano: 1994.

⁴⁹ BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Arístu. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

Muñiz Grijalvo, a qual reuniu uma considerável diversidade de trabalhos, nos mais variados temas, sobre Adriano⁵⁰.

De modo seguro podemos afirmar que o surgimento e florescimento desses trabalhos, os quais direcionam para essa renovação no campo da historiografia a respeito do Principado de Adriano, devem-se em grande parte ao recente e crescente movimento de abertura ao estudo de novos temas e objetos na história; temas e objetos, aliás, que haviam sido negligenciados pela escrita da “história política tradicional”⁵¹. De fato, hoje encontramos investigações específicas que desenvolvem abordagens variadas e plurais, a respeito de diversos aspectos da história do príncipe Adriano: por exemplo, seus traços de aparência física, suas predileções de vestimenta e seus afazeres nas horas de descanso. Dentro desse movimento, o qual bem reflete a dinâmica das correntes historiográficas próprias à nova história cultural⁵², desperta a nossa atenção sua proposta de busca por novas fontes de informação a respeito do passado: documentos variados, até então negligenciados pela historiografia, ganham espaço no processo de recolha das fontes, para que, assim, também possam servir de base para novas investigações, interpretações e explicações históricas⁵³. Não se trata, lembramos aqui, de excluir ou deixar completamente de lado o estudo da política, tampouco o estudo das fontes narrativas; mas sim de estimular uma visão sempre crítica, reflexiva e plural em relação a todos os temas e fontes da história.

De fato, as principais fontes de informação a respeito do Principado de Adriano continuam sendo os trabalhos narrativos; dentre estes, os mais importantes são as obras “**História Romana**”, do historiador grego Cássio Dio (ca. 155 – após 229 d.C.), e a “**História Augusta**”, de autoria desconhecida, datada de finais do século IV d.C. Como vemos, são documentos escritos em períodos

⁵⁰ CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004.

⁵¹ Denominação utilizada academicamente para referenciar os trabalhos que, no passado (em finais do século XIX) e por vezes ainda na atualidade, se dedicam quase que exclusivamente a uma ‘descrição excessiva’, pouco ou nada crítica/reflexiva, dos fenômenos políticos de uma dada época. Para uma melhor compreensão de tal crítica em questão, torna-se interessante a leitura de RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003 (Originalmente publicado em 1988).

⁵² Característico às últimas décadas do século XX. Para esclarecimentos, interessante conferir BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

⁵³ É o caso, citamos para fins de exemplo, da própria cultura material, que passa cada vez mais a ser explorada em diversos estudos, estimulando a interdisciplinaridade.

consideravelmente distantes em relação aos acontecimentos narrados, mas que continuam relevantes como fontes de investigação daquele contexto histórico. Infelizmente, não dispomos de qualquer obra a respeito do governo de Adriano escrita em seu próprio tempo; no entanto, seguindo um posicionamento ativo e crítico, podemos sim encontrar outros documentos, de caráter narrativo, compostos à época, que podem certamente, com a nossa devida análise, servir de base a uma investigação historiográfica a respeito do Principado de Adriano, de seu amplo universo político.

1.3. POR UM ESTUDO DA OBRA “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”, DE CAIO SUETÔNIO TRANQUILO

Uma obra interessante, composta no momento inicial do governo de Adriano, e que por motivos diversos permanece de grande reconhecimento na atualidade, é a chamada “**A Vida dos Doze Césares**”, escrita pelo autor de origem romana Caio Suetônio Tranquilo (69 – após 121/22 d.C.). De família equestre, Suetônio obteve uma formação em Roma na área da retórica e gramática, exercendo as profissões de professor e advogado. Personagem de grande envolvimento na cultura e política de seu tempo, Suetônio viveu entre diferentes círculos de amizade e poder ao longo de sua vida. Manteve contato de grande proximidade com Plínio, o Jovem, com o qual trocou algumas correspondências; e provavelmente por conta dessa relação, obteve uma indicação para trabalhar no corpo da administração romana, ainda no Principado de Trajano. Dentre as diversas tarefas assumidas por Suetônio, esteve encarregado da manutenção e prestação de serviços nas bibliotecas públicas e nos arquivos. Após a morte de Plínio, o Jovem, ocorrida em 113 d.C., e com o fim do governo de Trajano, em 117 d.C., a proximidade e contato de Suetônio com Caio Septício Claro (séc. II d.C.), nomeado **Prefeito do Pretório**⁵⁴ em 119 d.C. por

⁵⁴ De acordo com Renan Frighetto, este cargo foi “criado por Augusto nos primórdios do principado, era um dos quatro prefeitos que atuavam em Roma (os outros três eram o Prefeito da cidade. O da anonna ou responsável pelos suprimentos; e o dos vigias). Sob a responsabilidade do Prefeito do Pretório estava a guarda pretoriana, força militar de grande importância na cidade de Roma que acaba legando ao seu líder um poder considerável. Quando o príncipe ausentava-se de Roma para realizar alguma campanha militar, o Prefeito do Pretório e parte da guarda pretoriana o acompanhava sendo, em teoria, uma espécie de guarda protetora da figura do príncipe”. FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII)**. Curitiba: Juruá, 2012, pp.216-17.

Adriano, rendeu a ele uma recomendação para o cargo de administrador da correspondência oficial do príncipe.

“Lançada” por este período, **“A Vida dos Doze Césares”** é um trabalho narrativo do gênero biográfico, cuja proposta estabelecia apresentar a vida de alguns dos mais ilustres personagens da política romana nos últimos tempos, os chamados “Césares”. Dentre estes, encontram-se nomes como Júlio César (o único, propriamente dito, que não fora “príncipe”), Octaviano Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano. Um primeiro e rápido pensamento logo colocaria a importância do trabalho de Suetônio vinculada, exclusivamente, ao estudo específico da história desses personagens biografados; ou seja, como uma fonte direcionada apenas ao estudo do século I d.C., para aqueles que buscam os protagonistas políticos do momento. No entanto, como historiadores, consideramos que o documento histórico, em suas múltiplas dimensões, pode e deve ser considerado um produto de seu tempo, tornando-se uma fonte reveladora do mesmo. Dessa forma, o trabalho de Suetônio surge aos nossos olhos como uma manifestação, por parte do autor, estreitamente relacionada ao seu próprio contexto, a saber, ao seu pensamento e interesses específicos nele. Pretendemos, portanto, no presente estudo, explorar esta obra de Suetônio como nossa fonte principal, problematizando a sua construção histórica à época e buscando, na relação autor, obra e contexto, o momento político vivido por Adriano.

Consequentemente, buscamos trazer a obra de Suetônio para o campo de interesse da historiografia, na forma de um documento para a disciplina História. Ainda que possamos identificar trabalhos recentes desenvolvidos por historiadores⁵⁵, verificamos uma tendência crescente ao estudo da obra de Suetônio a partir de programas de Pós-Graduação em Literatura – constatação que leva em consideração, especialmente, o ambiente acadêmico brasileiro, do qual fazemos parte. Destacamos aqui a dissertação de mestrado escrita por Eduardo Silva Maia, intitulada **“Ficção e História em De Vita Caesarum de Caius Suetonius Tranquillus”**, defendida no ano de 2007 na Faculdade de Letras da Universidade

⁵⁵ Por exemplo, o trabalho do professor JOLY, Fábio Duarte. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. **História**, São Paulo, v.24, n.2, pp.111-127, 2005.

Federal de Minas Gerais⁵⁶; e a tese de doutorado de Aldo Eustáquio Assir Sobral, **“Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em ‘As Vidas dos Doze Césares’”**⁵⁷, defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esses estudos, diga-se claramente, não desconsideram em suas análises os trabalhos de historiadores clássicos especialistas no tema, como os de Cizek e Wallace Hadrill⁵⁸; ademais, em muito contribuem para a dinâmica do saber a respeito da obra de Suetônio. A questão, no entanto, é que muitos desses trabalhos, provenientes da área das Letras, dedicam-se, de modo natural, a comentar sobre o talento literário de Suetônio; assim, acaba em segundo plano uma reflexão a respeito do conteúdo teórico, ideológico, por detrás da construção textual do autor. É neste ponto em especial que devemos reafirmar a nossa presença, como historiadores, na análise da obra de Suetônio: buscando em **“A Vida dos Doze Césares”** as expressões do pensamento político do autor, vinculando todas elas ao seu contexto. Nessa tarefa, começamos por uma questão essencial: as características da narrativa de Suetônio.

1.4. SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO: ASPECTOS PRINCIPAIS

Em sua tarefa de investigação das múltiplas manifestações sociais do passado, o historiador tem por base necessariamente o estudo das chamadas **“fontes históricas”**: tratam-se de “vestígios” que, apresentando formas e conteúdos variáveis, fornecem ao historiador determinadas perspectivas sobre a realidade, antiga ou atual, que ele busca então melhor conhecer, compreender⁵⁹. Na

⁵⁶ MAIA, Eduardo Silva. **Ficção e História em De Vita Caesarum de Caius Suetonius Tranquillus**. Dissertação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

⁵⁷ SOBRAL, Aldo Eustáquio Assir. **Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em ‘As Vidas dos Doze Césares’**. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

⁵⁸ São historiadores clássicos do tema, e que podem ser considerados ainda. Cf: CIZEK, E. **Structure et idéologie dans lês Vies des douze Césars de Suétone**. Paris: Les Belles Letres, 1977. WALLACE-HADRILL, A. **Suetonius. The Scholar and his Caesars**. New Haven: Yale Univ. Press, 1984.

⁵⁹ Como colocou Marc Bloch, “Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer”. In: BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 78.

concepção proposta pela teoria da historiografia contemporânea, praticamente tudo, proveniente do passado, pode servir de base ao exame do historiador: narrativas, resquícios materiais, arquiteturas, iconografia, dentre outras tantas possibilidades. Existem critérios metodológicos, do âmbito regulador da disciplina, que orientam para procedimentos de análise básicos que o historiador deve considerar em sua tarefa de investigação dessas fontes históricas⁶⁰; no entanto, a especificidade (categoria) de cada uma dessas fontes acaba exigindo, por vezes, uma abordagem diferenciada, ou melhor, um constante desenvolvimento e aplicação de métodos e conceitos próprios, os quais venham sempre a aperfeiçoar o trabalho de análise dos documentos por parte do historiador.

Este é o caso das fontes escritas, campo documental de maior interesse ao desenvolvimento do presente estudo: ao analisar uma narrativa, o historiador deve primeiramente observar o seu modelo de composição: a saber, trata-se de um romance, de caráter ficcional? Uma narrativa historiográfica? Um trabalho de caráter legislativo? Em seguida, levando em consideração esse formato narrativo, ao mesmo tempo em que observando o seu conteúdo específico e a época de composição da obra, o historiador passa a considerar sua “função”, explicando a “inteligibilidade” de tal escrito na época: seria para fins de entretenimento? Uma construção histórica, elaborada para exaltar determinados exemplos? Era um documento regulador de leis no âmbito do comportamento social e/ou na relação com o governo? Portanto, ao historiador, no desenvolvimento de seu trabalho investigativo, são múltiplas as possibilidades de interpretação e explicação, tendo em vista o gênero principal e a categoria específica de cada fonte em questão.

Nossa principal fonte de estudo, a obra **“A Vida dos Doze Césares”**, escrita por Caio Suetônio Tranquilo, apresenta como característica distintiva o gênero “biográfico” de composição. Dessa forma, perguntamos: do que se trata esse

⁶⁰ Nas sempre interessantes palavras de Julio Aróstegui, “A historiografia não seria uma ciência mas sim estudo cientificamente elaborado. Como isso é possível? Primeiramente, porque o trabalho profissional do historiador não é um conjunto de atividades arbitrárias, meramente empíricas, subjetivas e ficcionais, mas diz respeito, principalmente, a atividades que tendem a estabelecer conjecturas sujeitas a regras ou princípios reguladores, a um método. Quer dizer, é visível que o trabalho do historiador adquire o rigor metodológico dos procedimentos da ciência. E, em segundo lugar, porque o historiador trata de buscar, para os processos históricos de qualquer nível, explicações demonstráveis, intersubjetivas, contextualizáveis, como as da ciência, e que, conseqüentemente, pretende chegar a elas mediante procedimentos lógicos conhecidos, explícitos e comprovados”. AROSTÉGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2000. p.79.

gênero? Começamos esta reflexão buscando, antes de tudo, a concepção atual do termo “biografia”. Um breve olhar sobre o dicionário aponta o senso comum apresentado para esta definição: a “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem”⁶¹. Na acepção do professor Massaud Moisés, especialista na área de literatura, o termo biografia “designa toda obra que narra, na totalidade ou em parte, a vida de figuras ilustres”⁶². Verificamos, portanto, no que entrevemos destas concepções, o termo “biografia” sendo relacionado ao trabalho de escrita da história, total ou parcial, de uma vida; e esta, por algum motivo especial, considerada de importância social para o escritor e seu público. Atualmente verificamos um crescimento significativo na quantidade de trabalhos biográficos, publicados e disponíveis em bibliotecas ou livrarias, demonstrando que o público leitor, em geral, tem procurado constantemente trabalhos desse gênero específico. O professor e historiador Benito Bisso Schmidt, estudando esse fenômeno editorial, compreende e explica esse movimento em termos de uma “demanda” por parte dos leitores em relação a trajetórias individuais que “possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente”⁶³. A questão problema a respeito desse tema é que, sob o mesmo rótulo de “biografia”, encontram-se tanto narrativas “ficcionalis” (intencionalmente romanceadas) como “históricas”. Claro, por parte do grande público, a biografia estilizada, com diálogos e cenas fantasiosamente concebidas, torna-se um interessante atrativo de leitura, para fins de entretenimento, lazer; nestas, não encontramos, necessariamente, compromisso com a realidade ou verdade. A biografia histórica, em contrapartida, compreende uma orientação investigativa de caráter reflexivo que, definitivamente, lhe restringe o campo da invenção ou imaginação narrativa; por este motivo, é desenvolvida em função das informações disponíveis e das possibilidades de interpretação por parte do historiador⁶⁴.

⁶¹ Dicionário Eletrônico **Houaiss**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

⁶² MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 56.

⁶³ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 2. Nessa mesma página o autor acrescenta que “não se pode deixar de mencionar também um certo *voyeurismo*, mais ou menos velado, que impele muitos autores a investigar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores”.

⁶⁴ Presenciamos no âmbito da teoria da historiografia dos anos 1980, no recorte francês mas de forte influência em outros países, um movimento de valorização dos estudos históricos

Neste momento, porém, não podemos arbitrariamente deslocar a nossa interpretação contemporânea, a respeito do que se trata o gênero biográfico, em direção ao passado; atitude esta, aliás, que incorreria no grave erro do anacronismo. Nesse sentido e inicialmente, devemos compreender que o modelo narrativo biográfico, quando de seu surgimento e florescimento na Antiguidade, não possuía uma estrutura fixa, a qual todos os autores restritamente seguiam. Ou seja, era uma proposta de escrita a respeito do passado que, recebendo influências de outros gêneros e ao mesmo tempo apresentando importantes inovações, estava em pleno desenvolvimento. Claro, a obra de Suetônio é parte importante nesse amplo processo, para o qual contribuiu a tradição literária e cultural de raízes grega e latina. Por tudo isso, no seguimento, vamos acompanhar e destacar os principais elementos que caracterizaram o gênero biográfico em seu desenvolvimento na Antiguidade, para então na sequência refletirmos sobre a estrutura apresentada por Suetônio em seu trabalho.

A etimologia da palavra “biografia” (*βίος*, “vida” e *γράφειν*, “escrever”) é um indicativo de sua origem no ambiente grego antigo, local onde o gênero biográfico teve seus primeiros desenvolvimentos. Porém, como ressalta o historiador Peter Burke⁶⁵, o termo composto “biografia” surgira apenas ao final da Antiguidade, tendo em vista que os autores gregos anteriores se utilizavam de expressões como *βίος* (vida) ou *βίοι* (vidas) no sentido de referenciar suas propostas narrativas. Assim, como narrativa em prosa dedicada a uma personalidade em especial, identificamos a prática da biografia ligada inicialmente ao “encômio”, ou seja, a um projeto, especial, direcionado ao elogio e exaltação de certos homens; possuía relação, portanto, com a retórica demonstrativa, epidíctica⁶⁶. Na Grécia do século IV a.C.

biográficos, tendência ainda hoje crescente. A historiadora Helenice Rodrigues da Silva esclarece que, “rejeitando o ideal coletivo inscrito nos sistemas explicativos (marxismo, estruturalismo), as ciências humanas reabilitam o sujeito, e as ciências sociais, o ator. Os anos 80 apresentam-se sob o signo da subjetividade e do individualismo [...]. A manifestação mais explícita da revalorização do sujeito, transformado em ator de seus atos, de suas ideias, de seus gostos, encontra-se nas novas formas de fazer a história. [...] As biografias dos grandes personagens reabilitam um gênero considerado ultrapassado, e a revalorização da história política (em reação à história dos *Annales* e à *Nouvelle Histoire*) reflete as novas tendências antitotalitárias e liberais”. In: SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas (SP): Papirus, 2002, p. 40-41.

⁶⁵ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história**. Rio de Janeiro: FGV, n.19, p. 91, 1997.

⁶⁶ O “encômio”, texto de elogio, e seu oposto, o “vitupério”, texto denegridor, compõem o gênero epidíctico, parte fundamental da educação retórica antiga. Conferir a obra de PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo:

encontramos duas obras referenciais nesse sentido: “**Evágoras**”, de Isócrates (436 – 338 a.C.); e também “**Agesilao**”, de Xenofonte (428 – 354 a.C.). São trabalhos que em sua essência exortam e elogiam os biografados, ilustrando as suas qualidades morais; conseqüentemente, tornam eles exemplos de cidadãos, modelos a serem seguidos⁶⁷.

Ainda nesse primeiro momento de prática biográfica, podemos verificar, no universo de influência cultural grega, o surgimento do que poderíamos chamar “duas principais escolas”, ou melhor, “tradições”, com as suas respectivas propostas de narrativa biográfica: a **peripatética** e a **alexandrina**. Ocorreria com os peripatéticos o que José Luís Lopes Brandão, professor de literatura clássica, denominou de “aperfeiçoamento da biografia”, assumindo o trabalho biográfico um aspecto mais formal e objetivo, preocupado em destacar os vários tipos de personalidades existentes⁶⁸. São vários os exemplos de obras nesse sentido, dentre as quais destacamos “**Caracteres**”, de Teofrasto (372 – 287 a.C.); “**Vida de Homens**”, de Aristoxeno (360 – c.300 a.C.); e “**Tiranos da Sicília**”, de Fénias (s.IV a.C.). O modelo de escrita adotado pelos autores peripatéticos trabalha com os diferentes momentos da vida, mas sempre analisando e avaliando, do ponto de vista de uma reflexão moral, as ações do indivíduo ao longo dela. Os biografados são personalidades do universo político, filosófico e artístico, pertencentes a um passado recente ou distante. Ademais, estas narrativas são repletas de anedotas e também apresentam uma estrutura baseada em categorias, por exemplo: a aparência física, o vestuário e as várias preferências do biografado. Na definição proposta pelo historiador Antonio Ramírez de Verger, a biografia peripatética buscou ser “un poco más objetiva que la encomiástica acudiendo a los aspectos positivos y negativos de los personajes, pero con su afán por las anécdotas y las digresiones cayó en el sensacionalismo, en el escándalo y, lo que es peor, en la indiferencia ante la

EPU, 1978; e o interessante texto de LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008, pp.1-32.

⁶⁷ Interessante a leitura do texto de FONSECA, Ísis Borges Belchior da. A oratória epidítica na Grécia antiga: o Evágoras de Isócrates. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 51-61, 2000.

⁶⁸ BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p. 18. Na mesma página, em nota explicativa, o autor comenta que “Entre os seguidores desta escola, a biografia tende a reflectir o interesse pela pesquisa histórica e pela filosofia ética, na linha do livro IV da Ética a Nicómaco de Aristóteles e do impulso do estudo dos caracteres, cujo seguidor mais célebre é Teofrasto”.

verdad”⁶⁹. Por sua vez a biografia no modelo alexandrino pressupõe, em relação à peripatética, um trabalho mais cuidadoso no que diz respeito à cronologia e à verificação das informações apresentadas. Segundo Verger, “los filólogos alejandrinos no estaban interesados en los aspectos morales o filosóficos de estas biografías, sino en la acumulación de datos eruditos. Eran, pues, más áridas, pero, en cambio buscaban más a la verdad de los hechos”⁷⁰. Seja mais intensamente na vertente peripatética ou alexandrina, esse “modelo biográfico” que surge em seus aspectos básicos na Grécia dos séculos IV e III a.C. terá um forte prolongamento ao longo de toda a Antiguidade, influenciando, mesmo que indiretamente, o trabalho de diversos futuros autores.

Porém, devemos aqui discutir, não podemos simplesmente afirmar que a tradição latina de escrita biográfica seja uma total tributária e dependente da cultura grega. De fato, também encontramos no âmbito cultural latino o desenvolvimento de práticas, orais ou escritas, específicas e indicativas de uma tendência ao surgimento e à produção de relatos no modelo biográfico. Como exemplos nesse sentido, destacamos as seguintes manifestações:

<i>Carmina convivalia</i>	Canção que, realizada no momento de um banquete, tinha por objetivo rememorar os grandes feitos de um antepassado ilustre.
<i>Neniae</i>	Antiga forma de lamento fúnebre que rememorava os bons feitos de um indivíduo.
<i>Stemmata</i>	Uma representação da árvore genealógica de uma determinada personalidade, traçando os seus vários graus de parentesco.
<i>Elogia</i>	Inscrição funerária que apresentava os <i>tituli</i> do falecido, ou seja, seus vários cargos na política e no exército, suas ações e virtudes.
<i>Laudatione funebres</i>	Discurso público realizado em honra à memória de um personagem falecido; apresentava, sob uma alta carga retórica, um retrato elogioso de sua vida e de seus feitos.

⁶⁹ VERGER, Antonio Ramírez de. Introducción general. In: SUETONIO TRANQUILO, CAYO. **Vida de los doce césares**. Volumen I: Libros I-III. Madrid: Editorial Gredos, 1992, p. 12.

⁷⁰ VERGER, Antonio Ramírez de. Introducción general. In: SUETONIO TRANQUILO, CAYO. **Vida de los doce césares**. Volumen I: Libros I-III. Madrid: Editorial Gredos, 1992, p. 12.

Essas práticas podem ser consideradas, portanto, elementos constituintes de uma tradição essencialmente romana de “observação” e “valorização” do indivíduo; este seria avaliado de acordo com o desenvolvimento de sua vida pública e política.

Um dos primeiros biógrafos latinos de grande reconhecimento foi Marco Terêncio Varrão (116 – 27 a.C.), autor de “**Hebdomades vel de imaginibus**”, obra hoje, infelizmente, perdida; nela, teria apresentado uma caracterização de várias personalidades, gregas e romanas. Segundo José Luís Lopes Brandão, Varrão foi o responsável por ter transferido para a esfera pública, mais especificamente para o campo da erudição, uma matéria que era antes restrita, apenas de caráter privado/familiar⁷¹. Do mesmo período é Cornélio Nepos (110 – 24 a.C.), autor de “**De Viris Illustribus**”, obra em que apresentou um conjunto de biografias a respeito de personagens gregos e romanos, comparando-os. Seu modelo de escrita demonstra forte analogia ao modelo peripatético⁷², seja em termos do tom anedótico e moralizante, seja em termos da estrutura narrativa que mescla fatos da vida privada e pública. Tempos depois, no século I d.C., ganha destaque no cenário erudito romano o trabalho de Plutarco (c. 46 – 120 d.C.), “**Vidas Paralelas**”, também um conjunto de biografias sobre personagens gregos e romanos. Da mesma forma que Cornélio Nepos, Plutarco apresentou em sua construção da narrativa um modelo comparativo: personagens gregos e romanos eram justapostos⁷³. Esta obra, por sua considerável extensão e fundamentos teóricos, torna-se de grande importância para todos aqueles que buscam compreender o gênero biográfico em suas características essenciais. De fato, logo ao início de seu relato sobre a vida de Alexandre Magno, biografia que é comparada a de Júlio César, Plutarco deixa claro aos leitores que, ali, não escreveu *ιστορίας* (histórias),

⁷¹ BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares**: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p. 22.

⁷² Façamos aqui alusão ao pensamento de Stephen Harrison, para o qual “Latin biography was produced by men who, like historians, were acutely and creatively conscious of their Greek precursors and co-practitioners, and who wrote in a carefully crafted, literary and rhetorical style”. In: HARRISON, Stephen (ed.). **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 252.

⁷³ Segundo Pedro Paulo Abreu Funari, “embora Plutarco afirme ter aprendido tardiamente a língua latina, não parece descabido aventar a hipótese que tenha se inspirado em Varrão e Cornélio Nepos, como maneira de mostrar que, para cada romano ilustre, se podia comparar um heleno notável. A comparação sistemática (*sýnkrisis*), de toda forma, representa um novo conceito”. In: FUNARI, P. P. A. Júlio César, poder, instituições e jurisdições na construção biográfica de Plutarco. In: Marcella Lopes Guimarães; Renan Frighetto (Org.). **Instituições, poderes e jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007, p. 177.

mas sim *βίοι* (vidas); e exatamente por esse motivo, não se preocupou ou pretendeu narrar todas as grandes ações militares, de Alexandre e César, mas apenas aqueles feitos que revelassem, do modo mais claro possível, o caráter e a personalidade de cada um⁷⁴. Portanto, Plutarco avalia a conduta ética dos homens tendo por base uma análise moral do comportamento e das ações por eles desenvolvidas em suas vidas. Nesse sentido o autor estabelece uma estrutura básica, porém flexível, para sua narrativa: a família e infância do personagem; a educação que recebeu: ocasião em que se apontam os elementos que guiaram sua formação intelectual e ética; as ações que, empreendidas, demonstram a constituição de seu caráter; e, por fim, sua velhice e morte, momento no qual se pode avaliar, do ponto de vista moral, o conjunto da vida. Contemporâneo de Plutarco, Tácito (55-120 d.C.) escrevera uma biografia em **“Sobre a vida e o caráter de Júlio Agrícola”**, obra a respeito e dedicada ao seu então sogro. Seguindo um modelo tradicional, próximo àquela da laudação fúnebre, exaltou e elogiou Júlio Agrícola, importante senador e militar da época. Importante destacar, a narrativa apresentada por Tácito, para além do aspecto biográfico, se dedica também a relatos de caráter geográfico e etnológico a respeito da região onde atuou Agrícola, a Britânia⁷⁵.

1.5. “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: ENTRE A HISTÓRIA E A BIOGRAFIA

Neste momento então nos aproximamos do século II d.C., época de composição da obra **“A Vida dos Doze Césares”**, de Suetônio. Inicialmente, devemos levar em consideração a possibilidade do autor, ao longo de sua formação

⁷⁴ Plut. Alex. (I, 1-2) “τὸν Ἀλεξάνδρου τοῦ βασιλέως βίον καὶ τοῦ Καίσαρος, ὑφ’ οὗ κατελύθη Πομπήϊος, ἐν τούτῳ τῷ βιβλίῳ γράφοντες, διὰ τὸ πλῆθος τῶν ὑποκειμένων πράξεων οὐδὲν ἄλλο προερούμεν ἢ παραιτησόμεθα τοὺς ἀναγινώσκοντας, ἐὰν μὴ πάντα μηδὲ καθ’ ἕκαστον ἐξεργασμένως τι τῶν περιβοήτων ἀπαγγέλλωμεν, ἀλλὰ ἐπιτέμνοντες τὰ πλεῖστα, μὴ συκοφαντεῖν. οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους, οὔτε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἔνεστι δῆλωσις ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πρᾶγμα βραχὺ πολλάκις καὶ ῥῆμα καὶ παιδιὰ τις ἔμφασιν ἦθους ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνεκροι καὶ παρατάξεις αἱ μέγισται καὶ πολιορκίαι πόλεων”. Sobre o modelo de sua narrativa e os procedimentos de “investigação crítica” por parte de Plutarco, é interessante a leitura de SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.

⁷⁵ Conforme o professor Bernardo Milazzo, “Por enfatizar as qualidades da Britannia dignas de um ‘outro mundo’, Tácito cria uma realidade geográfica que ajuda a persuadir o leitor de que Agrícola era uma figura digna de elogio e imitação”. MILAZZO, Bernardo. De vita et moribus Iulii Agricolae, de Tácito: Tratado político, etnografia, geografia, biografia, elogio fúnebre ou épico? **Philía** - Jornal Informativo de História Antiga, Rio de Janeiro, Ano X, n. 28, p. 4, 2008.

erudita, ter recebido uma tradição difusa no que diz respeito às “diretrizes” a respeito de como deveria ser elaborada uma biografia. De fato, como ressaltamos anteriormente, seja na tradição grega ou latina, não existia um modelo restritamente fixo de “biografia”, mas sim uma proposta que, em linhas gerais, definia o que era a essência de tal gênero: uma narrativa sobre a vida de um ilustre, contemplando uma análise moral a respeito de suas ações e comportamentos. Essa definição, tal como verificamos no pensamento de Plutarco, antes de tudo pretende uma diferenciação deste gênero em relação ao modelo “historiográfico” propriamente dito; este que, na tradição grega e romana, apresentava um estilo narrativo diferenciado, priorizando a trajetória política e militar da comunidade cívica, ou seja, do “Estado”, em geral. De fato, a “escrita da história” representa uma prática igualmente antiga, de longa tradição na cultura grega; como exemplo, lembremo-nos do trabalho referencial de Tucídides (460 – 400 a.C.), **“História da Guerra do Peloponeso”**, obra na qual o autor, adotando um modelo discursivo crítico, essencialmente político e militar, se propõe a buscar as causas que desencadearam o conflito entre diversas cidades gregas no século IV a.C.; este escrito, aliás, teria se tornado um exemplo para os demais “investigadores do passado”, gregos, que se seguiram⁷⁶. Ainda que os romanos entrassem em contato com os gregos, eles também desenvolveram modelos narrativos “historiográficos” específicos: é o caso, por exemplo, do gênero “Annales”, desenvolvido desde a época republicana, tornando-se arquétipo básico para a escrita sobre o passado. Trata-se de um modelo narrativo particular, no qual se procurava sistematizar, dentro da periodicidade de cada respectivo ano, os principais personagens e fatos do período. As personalidades, no quadro geral dessas narrativas, apareciam somente como parte de um fluxo histórico mais amplo. Nesse sentido temos a obra de Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.), **“Ab Urbe Condita”**, na qual o autor pretendeu escrever a respeito de Roma desde suas origens, dispondo os principais acontecimentos de sua história por seções de ordem cronológica⁷⁷.

No entanto, que pese essas diferenciações básicas, os gêneros biográfico e historiográfico, como ressalta José Luís Lopes Brandão, “nunca tiveram suas

⁷⁶ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p.73.

⁷⁷ Sobre o modelo narrativo de Lívio em suas características, verificar a síntese de MITRAUD, Carlos Augusto. **História e tradição no livro I de Tito Lívio**. Dissertação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 2007.

fronteiras bem delimitadas”⁷⁸, ou seja: não podemos aqui estabelecer uma linha divisória estanque entre as duas práticas, algo que, de fato, acabaria se demonstrando uma atitude reducionista, generalizante. Tendo em vista que os dois modelos, na essência de cada um, trabalham no sentido da construção e apresentação de uma memória que se pretende “verdadeira” a respeito dos acontecimentos passados, acreditamos que a opção pela narrativa “biográfica” ou “histórica” seja, portanto, muito mais uma escolha por parte do enunciador em relação aos seus interesses e objetos específicos de análise; nesse sentido, para cada questão em foco, adaptar-se-ia melhor uma visão micro ou macro da realidade passada em investigação. Ademais, quando refletimos a respeito da recepção e inteligibilidade de ambos os gêneros, tanto a “história” como a “biografia” teriam na época, praticamente, o mesmo potencial de alcance: despertar nos homens um sentimento de “reflexão introspectiva” em relação ao passado, aos seus vários exemplos e referências de comportamento. Lembremos, nesse sentido, do pensamento de Cícero (103 – 43 a.C.), um dos mais importantes oradores da história romana: “A história é a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestre da vida, mensageira do passado”⁷⁹. Ou seja, nesse universo mental, investigar o passado era uma atitude, consciente, de busca pelo conhecimento; através do passado, era indicado o caminho do presente.

Todos esses pressupostos devem ser levados em consideração no momento que nós, historiadores, analisamos a tradição de escrita “histórica” e “biográfica” da Antiguidade, a fim de que possamos não apenas caracterizar e avaliar gêneros de

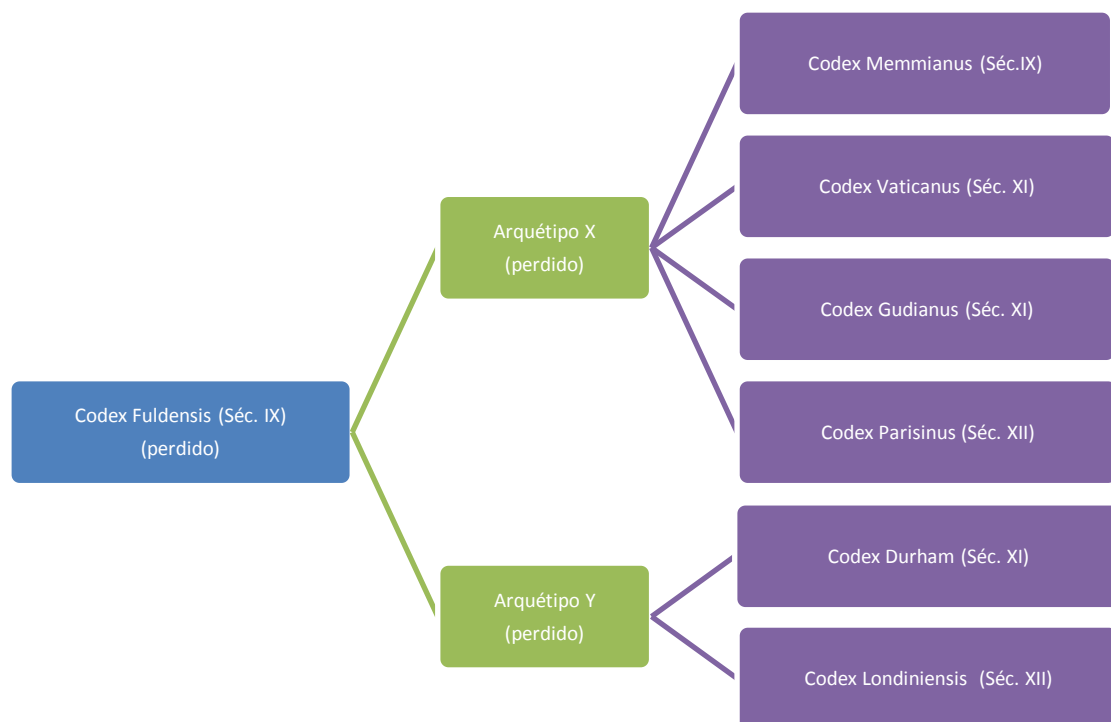
⁷⁸ BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares**: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p.24. Sobre a relação entre os gêneros aqui tratados, também Stephen Harrison afirma que “History, biography and autobiography are, then, *genera proxima* – closely related genres. They were not clearly distinguished in antiquity and are hard to distinguish even now, though critics offer some useful criteria, such as density of first/third person verbs, the structure and sequence of literary organization (biography tends more toward organization by topic, or rubric, than does history), length, setting and the quality/density of characterization”. In: HARRISON, Stephen (ed.). **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 254.

⁷⁹ Cic. de Orat. (II, 36) “*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*”. Pressuposto, aliás, que também foi manifestado pela tradição historiográfica grega antiga, conforme ressalta Arnaldo Momigliano: “O historiador grego quase sempre acredita que os acontecimentos passados têm uma relevância para o futuro. Na verdade, eles não seriam importantes se não ensinassem alguma coisa para aqueles que leem a seu respeito. A história relatada tem sempre que prover um exemplo, constituir uma lição, servir de referência para os desenvolvimentos futuros dos negócios humanos”. MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 38.

escrita, mas também os possíveis interesses de cada respectivo autor em sua escolha por um determinado modelo narrativo e tema de investigação. Na sequência, passemos então a observar algumas das características da obra de Suetônio, começando por uma questão problema em sua obra.

1.6 - “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: A AUSÊNCIA DO PRÓLOGO

O primeiro aspecto a considerarmos no trabalho de Suetônio é a ausência de um prólogo, ou seja, de uma introdução realizada pelo autor ao seu texto. Não se trata de qualquer falta ou erro por parte de Suetônio, mas sim de uma consequência natural do tempo, que infelizmente levou à perda desse importante trecho de sua obra. De fato, a introdução tampouco se encontraria presente no mais antigo manuscrito da obra a que temos conhecimento, o chamado *Fulda Codex*, datado do século IX. Hoje perdido, este teria servido como modelo referencial aos demais, subsequentes, manuscritos da obra de Suetônio, dentre os quais destacamos os seguintes principais, conforme a disposição cronológica:



Utilizamos no presente estudo uma edição da obra de Suetônio publicada originalmente em 1913 por J. C. Rolfe⁸⁰, antigo professor de Língua e Literatura Latina na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Nela encontramos o texto em latim (um trabalho original de Maximilian Ihm⁸¹, em 1907) e sua tradução para o inglês, realizada por Rolfe. Este, no entanto, não trabalhou no sentido de apenas traduzir o texto em latim à sua disposição, pelo contrário: comparou as informações nele presentes com aquelas dos manuscritos citados acima, comentando em nota de rodapé todas as divergências mais significativas. Rolfe, para essa tarefa de análise, levou em consideração especialmente a tradição “Arquétipo X”, composta de textos reconhecidamente mais antigos e completos.

Quais seriam então os principais motivos para lamentarmos a introdução perdida da obra de Suetônio? De fato, nesta parte do texto poderíamos encontrar vários elementos indicativos a respeito do seu momento de composição, da metodologia de análise e escrita do autor, dos objetivos da obra e de seu(s) destinatário(s). Na busca de esclarecimentos para essas questões, portanto, nos encontramos à mercê de opiniões indiretas, a saber: de antigos leitores da obra que, outrora, tiveram ainda contato com essa parte do escrito. O caso mais relevante é o do historiador romano tardio João da Lúcia (490 – c. 575); em sua obra chamada **De Magistratibus Reipublicae Romanae**, ele teria comentado que Suetônio dedicou seu trabalho ao então prefeito do pretório, Septício Claro (c. II d.C.)⁸². Tendo em vista que Septício Claro exerceu essa magistratura, aproximadamente, entre os anos de 119 e 122 d.C., podemos destacar esse período como referencial ao momento de “lançamento” do trabalho, completo, de Suetônio. O contexto político, portanto, era aquele do início do Principado de Adriano (76 – 138 d.C.), este governante romano entre os anos de 117 e 138 d.C.

Mas e quando Suetônio “iniciou” seu trabalho? Devemos lembrar que, desde meados do Principado de Trajano (53 – 117 d.C.), governante romano entre 98 e 117 d.C., Suetônio já trabalhava no corpo da administração romana, exercendo funções relacionadas à manutenção e prestação de serviços nas bibliotecas públicas

⁸⁰ **Suetonius**. With an English Translation by J. C. Rolfe. 2 vols. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1998.

⁸¹ C. Suetoni Tranquilli. **De vita Caesarum**. Trad. Maximilian Ihm. Leipzig: Teubner, 1907.

⁸² Joannis Laurentii Lydi (II.6) “*Tranquillus igitur Septimio, qui tum erat praefectus praetorianarum cohortium, Caesarum vitas exponens, praefectum eum praetorianorum ordinum, et phalangum ducem esse ostendit*”.

e nos arquivos; ou seja, o encontramos há anos em plenas condições de acesso a informações documentais que, no futuro próximo, poderiam servir de base ao seu escrito. Tal privilégio de aproximação aos arquivos teria continuado durante o Principado de Adriano, época em que serviu como secretário do imperador, responsável pelas correspondências. O desligamento de Suetônio ocorrera apenas em 122 d.C., momento em que se viu acusado, ao lado de Septício Claro, de comportamento inadequado com a mulher de Adriano, Sabina (83 – 136/7 d.C.)⁸³.

Esse acontecimento marcou o fim da carreira pública de Suetônio, sobre a qual simplesmente não possuímos mais informações ou registros posteriores. Esse súbito desaparecimento não deixa de levantar várias dúvidas em nossos pensamentos. Teria a obra de Suetônio, publicada por volta desse mesmo período, alguma possível influência nesse sentido? Essa problemática, considerada também ponto de discussão no presente trabalho, deve ser verificada, levando-se em consideração as várias características, de estrutura e conteúdo, da obra; tarefa, então, que começamos a nos dedicar a partir de agora.

1.7 - “A VIDA DOS DOZE CÉSARES”: ESTRUTURA E SENTIDO

Suetônio apresentou em **“A Vida dos Doze Césares”** a trajetória de vida daqueles que foram os primeiros “Césares”, a saber, os mais importantes personagens do cenário político romano no período entre finais do milênio e o primeiro século depois de Cristo⁸⁴. Foram ao todo doze biografias, divididas em oito livros, sobre os respectivos governantes:

“César”	“Nascimento e morte”	“Período em que governou”
Caio Júlio César	c. 100 – 44 a.C.	44 a.C. (ditador vitalício)
Otávio Augusto	63 a.C. – 14 d.C.	27 a.C. – 14 d.C.
Tibério	42 a.C. – 37 d.C.	14 – 37 d.C.
Calígula	12 – 41 d.C.	37 – 41 d.C.

⁸³ Historia Augusta (XI, 3) “*Septicio Claro praefecto praetorii et Suetonio Tranquillo epistularum magistro multisque aliis, quod apud Sabinam uxorem iniussu eius familiares se tunc egerant quam reverentia domus aulicae postulabat...*”

⁸⁴ A expressão “César”, derivada a partir do primeiro biografado, Caio Júlio César, era utilizada à época de Suetônio como um título referencial àquele que era o supremo governante de Roma e seus territórios.

Cláudio	10 a.C. – 54 d.C.	41 – 54 d.C.
Nero	37 – 68 d.C.	54 – 68 d.C.
Galba	3 a.C. – 69 d.C.	junho de 68 – janeiro de 69 d.C.
Otão	32 – 69 d.C.	janeiro de 69 – abril de 69 d.C.
Vitélio	15 – 69 d.C.	abril de 69 – dezembro de 69 d.C.
Vespasiano	9 – 79 d.C.	69 – 79 d.C.
Tito	39 – 81 d.C.	79 – 81 d.C.
Domiciano	51 – 96 d.C.	81 – 96 d.C.

A forma como Suetônio construiu o relato de cada respectiva vida possui variações, mas mantém uma estrutura de organização geral. Podemos conhecê-la melhor a partir de uma inferência do próprio autor, realizada logo ao início de seu relato sobre a vida de Octaviano: “Tendo apresentado assim o conjunto de sua vida, vou agora examinar suas partes, uma a uma, não por ordem cronológica, mas por categorias, para assim torná-las mais compreensíveis e inteligíveis”⁸⁵. Suetônio, como vemos, propõe uma narrativa que desenvolva: 1) um relato sobre a trajetória da vida em questão, de modo sintético; 2) uma análise particular sobre “aspectos” dessa vida, criando “categorias” de observação e classificação nesse sentido. Quanto ao primeiro aspecto, verificamos que o autor trabalha no sentido de apontar em relação ao biografado: a descendência de sua família; o momento e local de seu nascimento; a época de sua infância e a educação por ele recebida; o início de sua trajetória na vida pública, com os respectivos cargos que assumiu; as condições de sua ascensão ao poder; as campanhas militares, obras públicas e espetáculos que promoveu; os pormenores de sua administração; e, por último, os momentos finais de sua vida, assim chegando ao instante da morte. No que diz respeito ao segundo aspecto, Suetônio estabelece diversas categorias temáticas a serem tratadas em relação ao biografado, também variadas: o seu tipo físico; o humor e o comportamento que apresentava; as diversas preferências que possuía, em seus gostos; e as diferentes situações (circunstâncias peculiares fontes de curiosidade, espanto, crítica ou admiração) pelas quais teria passado.

Essa sistematização geral, no entanto, não aparece restritamente fixa ou sequencial, com o segundo aspecto, sempre, sucedendo ao primeiro; geralmente ocorre, para fins de estilo, a mescla e combinação de ambos no texto. Este, aliás,

⁸⁵ Suet. Aug. (IX, 1) “*Proposita vitae eius velut summa partes singillatim neque per tempora sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint*”.

demonstra-se de considerável desenvoltura e versatilidade, apresentando sempre muitas informações e detalhes, independente do tema que foi tratado. De fato, devemos recordar que Suetônio tornou-se conhecido em seu tempo por justamente ser considerado um grande “conhecedor de diversos fatos e assuntos”, um *eruditissimos*, na própria designação de seu amigo e possível patrono, Plínio, o Jovem⁸⁶. Suetônio aproximava-se, portanto, ao caráter de um pesquisador “antiquário”, ou seja: um investigador interessado em trabalhar e escrever sobre assuntos considerados “menores”, diversos. Segundo José Luis Lopes Brandão, “este tipo de estudo interessa-se por minudências do passado, eventos fora do vulgar, monstruosidades, histórias locais, listas de magistrados, nomes próprios, leis, costumes; pela ostentação, em suma, de erudição como um fim em si”⁸⁷. De fato, Suetônio escreveu várias obras, hoje infelizmente perdidas, na língua grega e latina, que contemplavam estudos, analítico-descritivos, sobre os mais diversos temas, dentre os quais citamos aqui: história natural; espetáculos romanos; diversões gregas; calendário romano; categorias de vestuário; instituições romanas; listagem de reis da (chamada hoje) Europa, Ásia e África⁸⁸. O autor, naturalmente, demonstra sua ampla erudição no desenvolvimento de seus doze textos biográficos.

Consequência dessa metodologia de escrita e apresentação das informações é a não observação, cuidadosamente, da cronologia por parte de Suetônio; e especialmente quando temos em vista a prática narrativa do segundo aspecto que comentamos anteriormente, a categorização temática. Conforme aponta José Luis Lopes Brandão, o interesse de Suetônio em demonstrar claramente as qualidades de caráter do biografado vem justamente em detrimento da cronologia, a qual acaba assumindo um papel secundário⁸⁹. Portanto, o juízo moral de Suetônio permeia o

⁸⁶ Plin. Ep. (X. 94. 1) “*Suetonium Tranquillum, probissimum honestissimum eruditissimum virum...*”.

⁸⁷ BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares**: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p. 33.

⁸⁸ Conforme esclarece Gian Biagio Conte, “our knowledge of his many learned works, in Greek and Latin, is derived not so much from the scanty fragments that are preserved as from the so called lexicon of the Suda (tenth century), which lists their various titles”. CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature**: a history. Trad: Joseph B. Solodow. Baltimore/Londres: The Johns’ Hopkins University Press, 1994, p.546.

⁸⁹ BRANDÃO, José Luís Lopes. Condicionantes do tempo nas Vidas dos Césares de Suetônio. **Humanitas**. Coimbra, nº 58, p.146, 2006. Sobre essa questão, o autor ascrenta, em interessante reflexão: “Sugere-se que uma narrativa cronológica não permitiria uma tão límpida explanação e percepção do caráter do biografado (*distinctius demonstrari cognoscique*) e que só o método *per species* se adapta plenamente ao seu objecto de estudo, pois permite concentrar a

desenvolvimento de sua narrativa, e por isso mesmo o seu texto não pode ser considerado um relato imparcial ou isento de críticas à personalidade contemplada. De fato, cada situação construída e apresentada no texto parece encontrar sentido na subsequente avaliação crítica e moral por parte do autor: um avaliador.

Em sua tarefa de situar cada personalidade em suas respectivas ações e comportamentos, Suetônio não deixa de contextualizar, no âmbito considerado macro, o ambiente político, social e cultural no qual o biografado viveu; porém, sem realmente entrar em detalhes ou discutir exaustivamente as questões de cada tempo. Os acontecimentos históricos, nesse sentido, permeiam a vida em análise, tornando-se importantes indícios para uma averiguação e crítica das atitudes, boas ou ruins, por parte do biografado. E nesse exercício de crítica moral em relação às vidas analisadas, Suetônio tem por critério essencial a distinção entre a virtude e o vício; e, nesse sentido, a prática da virtude diz respeito a toda forma de comportamento considera positiva e modelar, enquanto que a prática do vício está relacionada a uma conduta irregular, oposta à tradição e aos bons costumes⁹⁰. Portanto, a valorização positiva ou negativa de determinado personagem irá depender da quantidade de virtudes e vícios por ele praticados durante a sua vida.

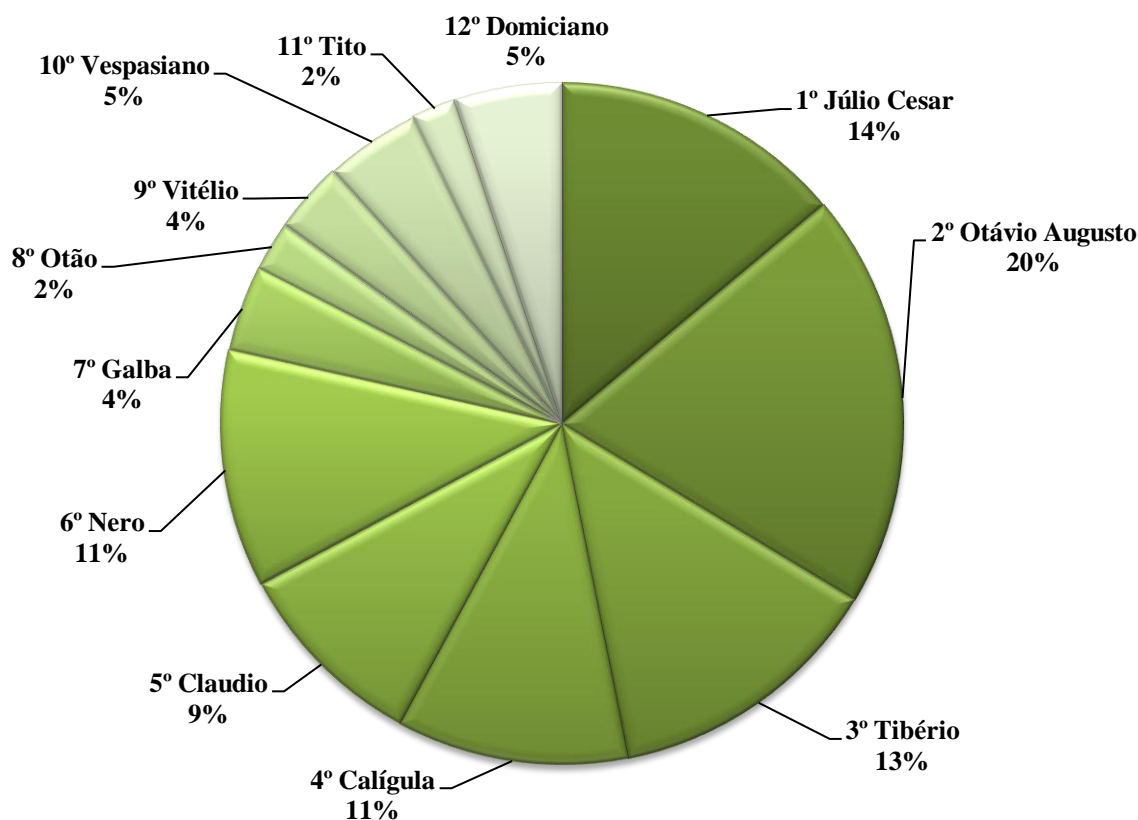
Suetônio também se demonstrou preocupado em salientar ao leitor algumas das fontes de informação a que ele teve acesso durante a elaboração de sua obra; talvez desejando, assim, atribuir ao seu escrito uma noção de maior confiabilidade. Utilizou, por exemplo, fontes arqueológicas (artefatos, monumentos, inscrições), orais (testemunhos) e escritas (cartas, histórias, editos, testamentos). Também cita, nomeadamente, a opinião de diversos autores, entre os quais destacamos Cícero, Cornélio Nepos e Plínio, o Jovem. Importante ressaltar que Suetônio não trabalhou apenas no sentido de organizar e apresentar determinadas informações a respeito dos personagens estudados, pelo contrário: o autor avalia de modo crítico as opiniões de referência que extrai a partir de suas fontes, anulando, reafirmando ou mesmo (a partir de sua própria reflexão) criando determinadas perspectivas históricas. Interessante pensarmos que mesmo se utilizando de um gênero narrativo

informação sobre a pessoa do imperador. Através da *partitio* ou *diuisio*, Suetônio prepara o leitor para uma exposição de tipo erudito: apresenta-se um tema em cabeçalho que depois é ilustrado com os factos (ações ou palavras) que o comprovam” (p.147);

⁹⁰ A virtude estaria relacionada e de acordo com os diversos valores morais relacionados à tradição ancestral romana; o vício, por sua vez, é a não observação destes valores. Conferir a discussão na introdução.

diferenciado do modelo tradicional historiográfico, como mencionamos anteriormente, Suetônio parece não abrir mão de transparecer ao seu escrito a autoridade de um relato verdadeiro sobre o passado.

Outra constatação interessante diz respeito à variabilidade do espaço dedicado por Suetônio a cada um dos biografados em sua obra: alguns personagens acabaram recebendo mais atenção e destaque do que os demais, fato este que não pode passar despercebido de nossa reflexão aqui. O seguinte indicativo gráfico apresenta uma visão geral, em grau de porcentagem, a respeito da proporção de cada biografia no trabalho completo de Suetônio⁹¹:



⁹¹ Elaborado a partir do seguinte número, aproximado, de palavras em latim em cada respectiva biografia da fonte: Julio César: 9.879 (13,91 %); Otávio: 13.993 (19,70 %); Tibério 9.397 (13,23 %); Calígula: 7.823 (11,01 %); Claudio: 6.607 (9,30 %); Nero: 8.006 (11,27 %); Galba: 2.876 (4,05 %); Otão: 1.672 (2,35 %); Vitélio: 2.416 (3,40 %); Vespasiano: 3.226 (4,54 %); Tito: 1.498 (2,10 %); Domiciano: 3.607 (5,08%).

Verificamos a partir de nossa observação do gráfico acima que Suetônio acabou se dedicando muito mais a pesquisar e escrever a respeito da vida dos primeiros césares, especialmente Júlio César e Octaviano Augusto. Mas o que, exatamente, essa preferência poderia representar em termos dos possíveis interesses de Suetônio em relação a sua obra?

Acreditamos que essa opção de “visualização” é indicativa de um desejo por parte do autor em relação à análise e reflexão do movimento histórico marcante a esse período: o nascimento e fortalecimento de uma nova forma de governo e estrutura política, o chamado Principado Romano. Levando-se em consideração essa perspectiva, a obra de Suetônio passa a ser vista não apenas como um simples ou arbitrário “agrupamento” de vidas ilustres, mas sim como um projeto de âmbito maior, uma espécie de “biografia coletiva”⁹² que, em sua principal função, construía e avaliava um importante período da história romana: o do surgimento e estabelecimento do poder pessoal e centralizado na política romana. Nesse sentido, chegamos à seguinte e essencial questão: que motivos teriam levado o autor, Suetônio, a desenvolver uma tarefa como essa? Ora, invariavelmente é no contexto de Suetônio que encontraremos informações e dados da realidade passada que permitirão a nós, no presente estudo, uma análise e reflexão em torno dessa questão; conseqüentemente, possibilitando aqui a abertura de um campo explicativo de acordo com procedimentos científicos. Nesse exato sentido, dedicamos o próximo momento de nosso estudo à observação e análise, especialmente, das fontes narrativas que contemplam uma memória dos acontecimentos relacionados ao período inicial de governo do imperador Adriano, a fim de que possamos vislumbrar quais circunstâncias caracterizaram esse contexto e os possíveis fatores que poderiam ter despertado Suetônio para o seu trabalho de construção biográfica.

⁹² Neste momento ressalto as valiosas contribuições teórico-reflexivas por parte da professora Doutora Fátima Regina Fernandes, oferecidas durante o Seminário em Tese da Linha de Pesquisa Cultura e Poder, em 2011, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

2. O TEMPO DE SUETÔNIO: OS PRINCIPADOS DO SÉCULO II D.C.

2.1. SUETÔNIO E A ÉPOCA DE TRAJANO

Suetônio não teve sua origem em uma família de considerável tradição ou posses na sociedade romana. Seu pai era um oficial do exército, um tribuno da décima terceira legião. Mesmo assim, devemos considerar, ele vinha de um grupo social privilegiado, os chamados “homens novos” ou “equestres”. Parte subjacente do que poderíamos considerar a “nobreza” ou “aristocracia” romana, os equestres foram os homens que conseguiram enriquecer no decorrer do processo de expansão romana, ganhando poder econômico e projeção política. Suetônio, pertencendo especificamente a esse grupo social, não poderia ascender diretamente ao curso das honras⁹³, mas nada o impedia de participar da administração pública, como funcionário de alguma repartição. Sua carreira como exímio professor de retórica e advogado⁹⁴ o levou às graças de Plínio, o Jovem, amigo e muito provavelmente patrono; prova disso foi a carta escrita por Plínio ao príncipe Trajano, na qual foi solicitada, a favor de Suetônio, a concessão do *Jus trium liberorum*⁹⁵. De fato, Plínio possuía uma relação muito próxima a Trajano, contato que oportunizou ao primeiro uma série de solicitações por meio da troca de favores pessoais. Nessa época, Plínio era um homem de considerável experiência, por volta dos seus 50 anos, tendo alcançado em sua longa carreira pública os cargos de questor (89-90), tribuno da plebe (91), pretor (93), cônsul (100) e, durante grande parte do Principado de Trajano, a posição de governador da Bitínia. Pertencer ao círculo de “amizade”

⁹³ Série de cargos administrativos, civis e militares, de crescente poder e influência, que todos os membros pertencentes às famílias senatoriais (o grupo de maior projeção social) deveriam cursar na vida pública.

⁹⁴ Em carta, intercedendo em favor de Suetônio na realização de um negócio, Plínio o designa pelos termos “companheiro” e “scholasticus”... “*Tranquillus contubernalis meus vult emere agellum, quem venditare amicus tuus dicitur. Rogo cures, quanti aequum est emat; ita enim delectabit emisse. Nam mala emptio semper ingrata, eo maxime quod exprobrare stultitiam domino videtur. In hoc autem agello, si modo arriserit pretium, Tranquilli mei stomachum multa sollicitant, vicinitas urbis, opportunitas viae, mediocritas villae, modus ruris, qui avocet magis quam distringat. Scholasticis porro dominis, ut hic est, sufficit abunde tantum soli, ut relevare caput, reficere oculos, reptare per limitem unamque semitam terere omnesque viteculas suas nosse et numerare arbusculas possint...*”. Grifo meu. Plin. Ep. (I, 24, 4).

⁹⁵ Um direito concedido a todos os pais de pelo menos três filhos. Garantia a não obrigação dos deveres relacionados à munificência pública. Suetônio não teve filhos e, exatamente por esse motivo, precisou do apoio de Plínio no requerimento frente ao Imperador Trajano... “*Huic ius trium liberorum necessarium faciunt duae causae; nam et iudicia amicorum promeretur et parum felix matrimonium expertus est, impetrandumque a bonitate tua per nos habet quod illi fortunae malignitas denegavit*”. Plin. Ep. (X. 94. 2)

organizado por Plínio certamente trouxe muitos benefícios para Suetônio, dentre os quais o seu próprio trabalho⁹⁶; mas não apenas: Suetônio, naturalmente, entrou em contato com as entranhas do universo político romano, envolvendo-se cada vez mais nele. Por isso, consideramos, os rumos da política romana tornaram-se parte da vida de Suetônio, influenciando em suas ações e comportamentos públicos.

Portanto, considerando o personagem ativo nesse meio político, Suetônio teria presenciado as várias circunstâncias características ao Principado de Trajano, governante romano que, em 98 d.C., sucedeu a Nerva. Como havíamos comentado ao início do presente estudo, Trajano é considerado, praticamente, o primeiro dos grandes príncipes Antoninos, um divisor de águas entre um século I d.C. “esgotado” por seus inúmeros vícios e um novo período de glórias e conquistas para Roma. Relevando-se os exageros, Trajano, a começar por sua origem, representou uma renovação dos tempos na política romana: nascido em Itália, na Hispania, tornou-se o primeiro príncipe de origem provincial. Esse acontecimento é um substancial indicativo do fortalecimento dos grupos aristocráticos regionais nessa época, um movimento crescente e que terá suas decorrências na paulatina transformação da tradicional sociedade política itálica. Trajano também representou a consolidação do modelo de “**adoção política**”, através do qual se procurava, principalmente, uma melhor regulação da sucessão imperial.

De fato, desde Octaviano, a adoção tornara-se uma prática recorrente na escolha e indicação pública do futuro príncipe, com isso evitando-se maiores questionamentos ou acirramentos de violência no que se refere à disputa pelo “poder supremo” em Roma. Na dinastia Júlio-Claudia, a adoção permitiu que o poder circulasse entre os diferentes membros dessa família. Porém, com a dinastia Flávia, essa prática tornou-se de um aspecto hereditário: Flávio Vespasiano (9 – 79 d.C.), governante entre 69 e 79 d.C., acabou legando o Principado diretamente aos seus dois filhos, respectivamente, Tito (39 - 81 d.C.), entre 79 e 81 d.C., e Domiciano (51 – 96 d.C.), entre 81 e 96 d.C. Tal proposta, diríamos, excessivamente “íntima”, perigosamente aproximava o Principado ao modelo de monarquia oriental; algo que, naturalmente, alimentou o temor na sociedade política tradicional. Por isso, com o fim do governo de Domiciano, verificamos um movimento político direcionado à

⁹⁶ Como dito nas páginas anteriores, exerceu o cargo de secretário responsável pelas bibliotecas e arquivos da cidade de Roma na época em que Trajano governava.

recuperação do princípio moral da adoção política; princípio, aliás, estreitamente relacionado ao universo de valores tradicionais, e que acompanhava os referenciais do pensamento estoico⁹⁷. Conforme esclarece Renan Frighetto, a prerrogativa para a prática da adoção política “estaria pautada, teoricamente, no princípio estoico do virtuosismo moral e na capacidade política do adotado, revelando, dessa forma, a escolha daquele que fosse o mais capacitado para governar, levando em conta os seus méritos e valores pessoais”⁹⁸. Ou seja, o estoicismo apresentava no corpo de sua teoria uma possibilidade de acesso ao Principado para todos os nobres romanos, fundamentando-se nos princípios do mérito. Não é por menos, aliás, que o estoicismo fora tão propalado entre os grupos tradicionais daquela sociedade; de fato, a historiadora María José Hidalgo de la Vega considera esse movimento a favor da adoção política como uma verdadeira vitória da “*nobilitas* imperial, que aseguraba así su derecho a proveer candidatos como soberanos y la *basileía* se organizaba no como heredera de una sola familia sino como concepto que expresaba una posesión común de todos”⁹⁹. Nesse sentido, a escolha e ascensão de Trajano, favorecida pelo governo de transição incumbido ao senador Nerva, apoiado pelos grupos tradicionais e dirigentes no Senado, representou um novo momento de fortalecimento na relação entre a sociedade política e a instituição do Principado¹⁰⁰.

⁹⁷ Conforme indica a professora María José Hidalgo de la Vega, “De los grandes sistemas filosóficos, que hunden sus raíces en el helenismo, será el estoicismo el más importante y duradero, y llegará a ser la filosofía política oficial de la Roma republicana e imperial. Esta ideología helenística tiene como pilares básicos la unidad del género humano y la comunidad universal; y su dimensión doctrinal es esencialmente ética”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p.51.

⁹⁸ FRIGHETTO, Renan. **A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações** (Séculos II-VIII). Curitiba: Juruá, 2012, p. 37.

⁹⁹ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p. 74. Sobre este tema, devemos ressaltar a muito pertinente opinião crítica do historiador español Domingo Plácido Suárez, para o qual “La adopción, sin embargo, se convierte en la fictio que servía para la reproducción de las gentes tradicionales, que así podían pensar que efectivamente el poder imperial era algo a lo que podía acceder cualquiera de su clase, solo dependiendo de sus propias virtudes. En realidad, la adopción y la dinastía se presentan como los términos de las tensiones que persisten a escala del poder a lo largo de todo el período. El hecho de que se proclamara la designación del *optimus princeps* por parte de los senadores no era más que una nueva fictio, de acuerdo con las tradiciones jurídicas romanas, lo que tendría su culminación en la adopción de su propio hijo por parte de Marco Aurelio”. PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E. (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2004, p. 22.

¹⁰⁰ Segundo Venturini, “Sobre os passos de Nerva e destinado a modificar a política instaurada por Domiciano, Trajano representou a retomada do entendimento do príncipe com as elites dirigentes. Ele simbolizava a nova cúria, pois era o representante do novo grupo de senadores

Porém, a legitimidade do príncipe não vinha apenas do apoio da “nobreza”: o aceite das legiões do Império era uma condição fundamental para todos aqueles que buscavam uma autoridade real e prática. De acordo com Renan Frighetto, o poder imperial estava diretamente associado ao que seria o efetivo controle do mando militar, mais exatamente “através de um dos mais importantes e significativos símbolos da *auctoritas* do *princeps*, a *aclamatio imperii*, aclamação das forças legionárias, sem a qual nenhum pretendente ao poder supremo, que traduzimos por império, poderia manter-se”¹⁰¹. Portanto, para o político romano buscando ascensão na vida pública, era uma condição indispensável destacar-se, antes de tudo, como um grande general. Lembramos que, originalmente, o termo *imperator* era um título específico conferido pelo exército ao general romano vitorioso; este poderia, então, receber o triunfo quando de seu retorno a Roma, numa espécie de ovação às glórias por ele conquistadas no exterior. Essa designação, antes restritamente de cunho militar, evoluiu em sentido ao ponto de, praticamente, caracterizar aquele que seria o perfil essencial do próprio príncipe e da instituição, o Principado.

Homem de grande experiência e competência militar, tendo servido na Síria, Hispania e Germânia antes de sua ascensão, Trajano imprimiu um forte componente belicista aos seus projetos de governo. Ora, a escolha de Nerva por Trajano é um claro indicativo da atenção de Roma em relação aos vários grupos legionários dispersos pelo império, os quais decididamente confirmaram e apoiaram essa nomeação. Trajano representava o espírito romano de conquistas em ação, algo que não apenas satisfazia uma mentalidade romana de “conquista universal” de todas as terras habitadas do mundo¹⁰², mas que também trazia consequências práticas, ou seja, riquezas quase que imediatas para todos aqueles diretamente envolvidos em tais projetos. De fato, acompanhamos ao longo do governo de Trajano movimentos

originário das províncias romanizadas e figurava como o restaurador da *persona* e da *dignitas*, o que significava que a competência moral e profissional e a dignidade deveriam ser usadas em favor das magistraturas do Estado. Nessa atmosfera de moralidade, os representantes dos grupos sociais dominantes buscavam aperfeiçoar a arte de exercer bem o seu papel como homem público”. VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, n.23, p.220, 2001.

¹⁰¹ FRIGHETTO, Renan. Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII). In: Andréa Doré; Luís F. Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, p. 159.

¹⁰² Sobre essa questão, verificar o texto de HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano”. **Gerión**, Madrid, v.23, n.1, pp. 271-285, 2005.

de pacificação e expansão nas regiões da Germânia, Britânia, Récia, Arábia, Judéia, Mesopotâmia e Egito, o que resultou também na criação de novas províncias, novos postos imperiais. O Império Romano, de fato, nunca se viu tão grande em toda a sua dimensão territorial, tendo o **Mediterrâneo** como centro catalisador de seu poder:



- | | | |
|--------------------------|----------------------|------------------------|
| 1- Itália | 17- Récia | 33- Capadócia |
| 2- Sicília | 18- Nórica | 34- Cilícia |
| 3- Córsega e Sardenha | 19- Panônia Superior | 35- Armênia |
| 4- Alpes Marítimos | 20- Panônia Inferior | 36- Assíria |
| 5- Alpes Cottiae | 21- Dácia | 37- Mesopotâmia |
| 6- Alpes Poeninae | 22- Dalmácia | 38- Síria |
| 7- Gália Narbonense | 23- Mésia Superior | 39- Judéia |
| 8- Hispania Terraconense | 24- Mésia Inferior | 40- Arábia |
| 9- Hispania Bética | 25- Trácia | 41- Egito |
| 10- Lusitânia | 26- Macedônia | 42- Chipre |
| 11- Gália Aquitânia | 27- Épiro | 43- Creta |
| 12- Gália Lugdunense | 28- Acáia | 44- Cirenaica |
| 13- Britânia | 29- Ásia | 45- África Proconsular |
| 14- Gália Belga | 30- Bitínia e Ponto | 46- Numídia |
| 15- Germânia Inferior | 31- Galácia | 47- Mauritânia |
| 16- Germânia Superior | 32- Lícia e Panfília | Tingitana |

Nessa trajetória repleta de conquistas militares, merecem destaque as sucessivas guerras, entre os intervalos de 101-102 d.C. e 105-106 d.C., que levaram à definitiva conquista da Dácia, região de grandes riquezas naturais e que proporcionou um forte abastecimento nos cofres romanos. Essas conquistas, enfim, permitiram que Trajano desenvolvesse um plano de obras públicas por várias

regiões do Império; e, também nesse meio, demonstrou-se um homem igualmente competente¹⁰³. Na Península Itálica, o programa de assistência alimentar aos necessitados, denominado *alimenta*, contribuirá ainda mais para a repercussão e clima positivos em torno da imagem do príncipe durante o seu governo. Não é por menos que no ano de 114 d.C. Trajano recebeu do Senado o título, na forma de uma homenagem especial e excepcional, de *optimus princeps*¹⁰⁴. Plínio, o Jovem, que falecera por volta dos anos de 112/3 d.C., teve considerável parcela de responsabilidade na construção positiva da imagem de Trajano à época, em grande parte devido ao seu “**Panegírico de Trajano**”, uma composição do ano 100 d.C. Trata-se de um discurso elaborado por Plínio em ocasião de sua nomeação para o cargo de cônsul, a ser lido perante o Senado e o príncipe; nele, Plínio apresentou Trajano como o melhor dos governantes¹⁰⁵, o homem que conseguiu reunir as melhores qualidades e que, por isso, deveria ser considerado o exemplo para todos os seguintes príncipes¹⁰⁶. Neste discurso de Plínio verifica-se uma tentativa de contraposição do governo de Trajano em relação àquele de Domiciano; e assim, o presente acabou sendo caracterizado muito positivamente, na forma de uma “recuperação e renovação” em relação a um passado, um tanto recente, considerado assaz “negativo” para a sociedade política romana.

No entanto, para um estudo crítico e reflexivo deste período, não podemos simplesmente aceitar essa “impressão idílica” construída por Plínio; caso o fizéssemos, estaríamos apenas reforçando o pensamento a que nos referimos anteriormente, criticando: o de que o século II d.C. viveu um êxtase de paz e

¹⁰³ As consequências foram positivas tanto para Trajano, que fortaleceu a sua imagem de governante e centralizou ainda mais o seu poder, como para o próprio Império Romano, de acordo com o seguinte apontamento colocado por Pierre Grimal, “As guerras dácicas marcam uma nova etapa na expansão romana. Não foram essencialmente defensivas. [...] O resultado mais importante foi a anexação de um vasto território que se estendia até as margens do Mar Negro e às cidades helênicas da costa. Roma aumentava a sua herança. Vieram ainda juntar-se as imensas riquezas provenientes das minas de ouro e prata exploradas desde os tempos mais recuados, na Transilvânia. Assim se explicam, como muito bem mostrou J. Carcopino, as despesas sumptuárias de Trajano, o restabelecimento das finanças do Império e os imensos trabalhos então efectuados em Óstia e em Roma”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, pp. 102-103.

¹⁰⁴ Referência direta e que evoca o deus *Jupiter Optimus*, uma das mais importantes referências de divindade na religião romana antiga. O termo *optimus* indica uma capacidade e habilidade para em muito auxiliar.

¹⁰⁵ Plin. Paneg (LXXXVIII) “*Adoptavit te optimus princeps in suum, senatus in optimi nomen*”.

¹⁰⁶ Plin. Paneg (XX) “*Praeterea futuri principes, velint nolint, sciant tamen, propositisque duobus exemplis meminerint, perinde coniecturam de moribus suis homines esse facturos, prout hoc vel illud elegerint*”.

estabilidade. Nesse sentido, trazemos aqui o pensamento desenvolvido por María José Hidalgo de la Vega a esse mesmo respeito; segundo a historiadora, as análises históricas mais recentes têm evidenciado a falácia dessa tradicional contraposição perfilada entre os governos de Domiciano e Trajano, constantemente reproduzida em diversas fontes da Antiguidade; estudos mais ponderados e objetivos, os quais tratam a respeito das ações de governo de ambos os príncipes, indicaram que a política de Trajano em muitos aspectos continuava aquela de Domiciano, e em vários casos se fazia sentir até mesmo um aumento do caráter autocrático e autoritário do poder; e tudo isso ocorria ao mesmo tempo em que Trajano se apresentava como “restaurador” em sua prerrogativa de criticar o passado, em uma ação que visava glorificar ainda mais o seu presente; Hidalgo de la Vega conclui que, apesar da evidente eficácia propagandística de tais perspectivas idealizadas, as contradições reais do governo de Trajano ou aquele que foi seu resultado histórico não podem ser mascarados¹⁰⁷. De fato, os laços de Plínio com Trajano seriam consideravelmente estreitos para não compreendermos o caráter político de suas “palavras”, ou seja, de suas manifestações discursivas favoráveis ao príncipe.

Aproximando-nos do momento em que Trajano se despede da vida, presenciamos um Império Romano que passa a sofrer as consequências também negativas de sua própria “grandeza”. Nesse sentido, o indício mais forte se faz perceber na extremidade leste, região que recebera uma atenção especial de Trajano. Pois bem, este príncipe havia reacendido o espírito de conquistas romano quando, em 114 d.C., entrou em confronto com o reino Parto; este teria ameaçado a hegemonia política do reino da Armênia, antigo aliado de Roma. Ocorreu em seguida um rápido e bem sucedido avanço militar romano, finalizado com a conquista de Ctesifonte, capital do reino Parto, cidade que se encontrava na confluência dos rios Tigre e Eufrates. Consequência imediata, a Mesopotâmia foi incorporada como nova província romana. Porém, o clima de euforia logo deu espaço ao de preocupação: não apenas a Mesopotâmia entrou em revolta, como também outras importantes regiões, a exemplo da Palestina e Síria, entraram em choque com o poder central romano. Trajano, alarmado com a gravidade da situação, decidiu partir para Roma, a fim de melhor organizar todas as suas forças de contra ofensiva. No entanto, quando estava a caminho, mais especificamente na

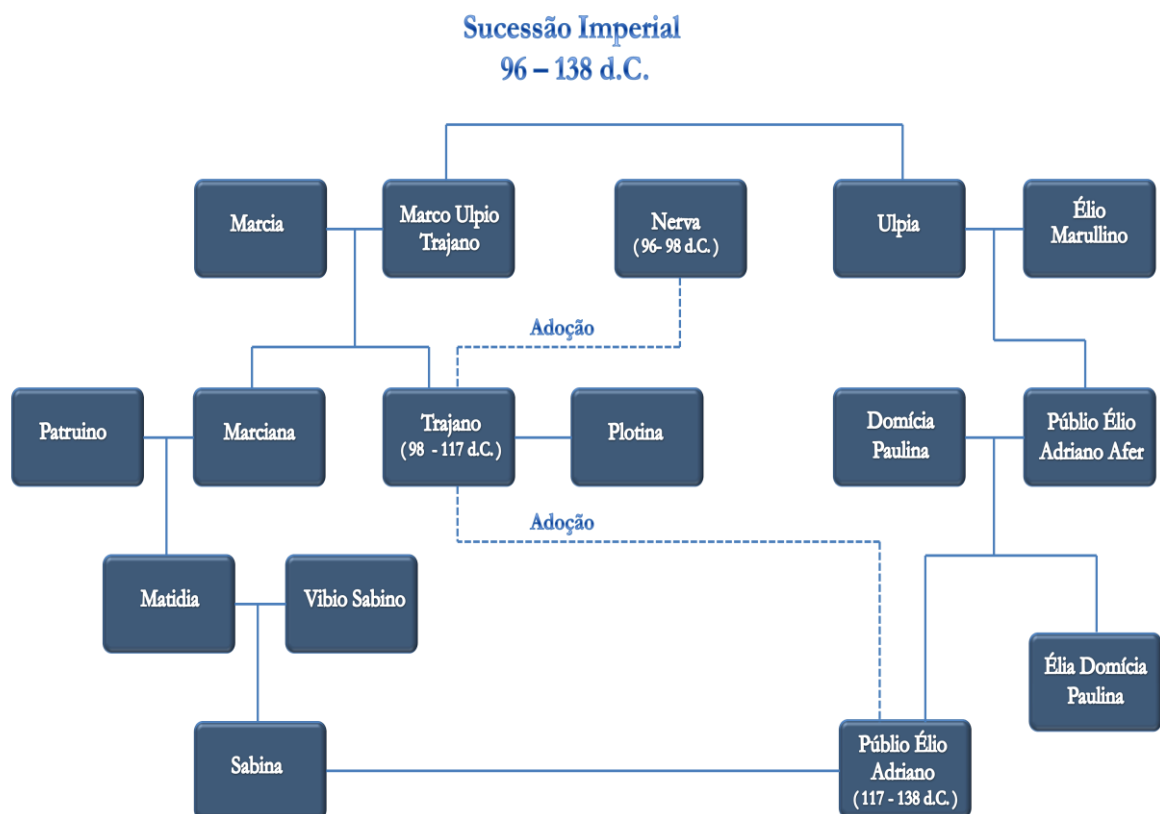
¹⁰⁷ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, pp. 107-108.

cidade de Selinunte, na Cilícia, faleceu, inesperadamente. Estamos em 117 d.C., momento em que toda a “prosperidade” demonstrou a sua “fragilidade”.

2.2. A ENTRADA DE ADRIANO NO CENÁRIO POLÍTICO ROMANO

Imediatamente após a morte de Trajano, ocorre a ascensão política de outro experiente homem militar, Públio Élio Adriano (76 – 138 d.C.), príncipe romano entre os anos de 117 a 138 d.C. No seguimento propomos um estudo a respeito desse personagem, buscando a compreensão de seu contexto político; dessa forma, entraremos em contato com as circunstâncias históricas que, provavelmente, motivaram Suetônio à escrita de sua obra.

Inicialmente, ainda se faz ponto de discussão entre os historiadores a dúvida se Adriano teria nascido em Itália, mesma cidade natal de Trajano, ou em Roma, a tão famosa capital do Império. Essa questão apresenta-se aberta devido, principalmente, ao fato de que Adriano e toda a sua família eram igualmente provenientes de Itália, de modo a terem laços muito próximos com os parentes de Trajano. Este, conforme verificamos no quadro genealógico abaixo, estava relacionado na posição de primo aos pais de Adriano:



Em suas origens, a família de Adriano encontrava-se estabelecida na região de Piceno, na Itália¹⁰⁸. Moveu-se para o sul da Hispania e, certamente, desempenhou papel relevante no fortalecimento dos grupos aristocráticos daquele ambiente. O pai de Adriano, Públio Élio Adriano Afer, acumulara grandes riquezas e prestígio ao longo de sua vida. Senador de nível pretoriano, ao que tudo indica desenvolveu a maior parte de suas atividades em Roma. No entanto, o sobrenome “Afer”, ou seja, “Africano”¹⁰⁹ no idioma latino, sugere o seu grau de mobilidade também com justamente aquela região do Império. Casou-se com Domícia Paulina, igualmente proveniente de uma família senatorial romana, com a qual teve, para além de Adriano, uma filha, chamada Elia Domícia Paulina (c.75 – c.130 d.C.). Foi então que ambas as crianças, com a prematura morte dos pais, evento ocorrido no ano de 86 d.C., acabaram recebendo a tutela do então pretor Trajano, o futuro príncipe, e de um oficial romano, Públio Acílio Atiano¹¹⁰. Este, que mais tarde assumiria a importante posição de Prefeito do Pretório no entardecer do governo de Trajano, terá importante participação no processo de ascensão ao poder por parte de Adriano, como veremos mais adiante. De momento, ressaltamos que essa tutela respondia naquele exato instante a claros objetivos políticos, pois vinculava e aproximava Adriano e Domícia de importantes membros do universo político romano; um encaminhamento, com toda razão, muito promissor ao futuro de ambos. Certamente que o jovem Adriano fora educado no modelo tradicional de formação da aristocracia romana, visando o melhor futuro militar e político; destacou-se, ademais, por seu grande interesse na área dos estudos gregos, razão pela qual acabou recebendo o apelido de “Greguinho”¹¹¹.

Encontramos o jovem Adriano vivendo em Itália por volta de seus 14 anos, exato momento quando, a pedido de Trajano, recém-nomeado cônsul em 91 d.C., retornou para a cidade de Roma; ali, deu continuidade aos seus estudos, também iniciando suas atividades públicas. Visando a carreira política tradicional, o *cursus*

¹⁰⁸ Mais especificamente, a região localizada entre os Apeninos e o mar Adriático, incorporada aos territórios romanos por volta do século III a.C.

¹⁰⁹ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (I, 2) “Hadriano pater Aelius Hadrianus cognomento Afer fuit, consobrinus Traiani imperatoris...”*

¹¹⁰ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (I, 4) “ac decimo aetatis anno patre orbatus Ulpium Traianum praetorium tunc, consobrinum suum, qui postea imperium tenuit, et Caelium Attianum equitem Romanum tutores habuit.”*

¹¹¹ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (I, 5) “imbutusque impensius Graecis studiis, ingenio eius sic ad ea declinante ut a nonnullis Graeculus diceretur”.*

honorum, o primeiro passo de Adriano ocorreu no chamado *vigintivirato*¹¹², em 94 d.C. Adriano assumiu as funções de um decênviro, *decemviri stlitibus iudicandis*, tornando-se responsável pelo processo de averiguação e juízo a respeito daqueles “suspeitos” de possuírem, verdadeiramente, a cidadania romana. Logo, iniciando sua carreira militar, Adriano serviu como tribuno laticlávio, *tribunus laticlavius*, na *Legio II Adiutrix*, legião que se encontrava estacionada na cidade de Aquinco, na província romana da Panônia; nesta função, Adriano tornou-se subcomandante do corpo legionário, oportunidade que o levou, primeiramente, a conhecer muito de perto o cotidiano das práticas e disciplina militares. Nos anos subsequentes, ocupando essa mesma posição, serviu na *Legio V Macedonica*, na Mésia Inferior, em 96 d.C., e também na *Legio XII Primigenia*, na Germânia Superior, em 97 d.C. Neste momento, dada a sua posição privilegiada, Adriano pode se deslocar imediatamente a cidade de Colônia, em 98 d.C., de modo a informar Trajano, pessoalmente, a respeito da morte do então príncipe, Nerva¹¹³.

Como percebemos, Adriano acompanhava os rumos da política romana e, claramente, desejava estar próximo e se relacionar muito bem com o poder central¹¹⁴. Da mesma forma, também não foi sem motivos ou ambições futuras que Adriano se casou com a sobrinha do príncipe Trajano, Vibia Sabina (87 – 137 d.C.), em 100 d.C. Tal casamento, em suas consequências, estreitava ainda mais suas relações com a família imperial; não é por menos que verificamos, logo na sequência, sua carreira política florescer, com sua chegada às magistraturas de maior projeção. Adriano torna-se questor no ano de 101 d.C., assumindo tarefas administrativas relacionadas à cobrança de impostos. Por volta dessa época, mas sem que conheçamos uma data precisa, também desempenhou várias funções (reservadas exclusivamente a membros da ordem senatorial) nos colégios sacerdotais; neste sentido, foi nomeado *septemvir epulonum* (um dos responsáveis

¹¹² Este termo designava o conjunto de 20 cargos, distribuídos em 4 diferentes funções, que mesclavam responsabilidades civis e administrativas.

¹¹³ Trajano ascende ao Principado, apesar da aparente competição com seu cunhado, Serviano... “História Augusta”, (II .6) “*ex qua festinans ad Traianum, ut primus nuntiaret excessum Nervae, a Serviano, sororis viro, (qui et sumptibus et aere alieno eius prodito Traiani odium in eura movit) diu detentus fractoque consulte vehiculo tardatus, pedibus iter faciens eiusdem Serviani beneficiarium antevenit.*”

¹¹⁴ Conforme ressalta a História Augusta, Trajano, quando ascende ao poder, acaba tornando Adriano o seu favorito... Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 7) “*fuitque in amore Traiani...*”

pela organização das comemorações e dos banquetes públicos durante as festas e jogos) e também *sodalis Augustalis* (membro de um grupo de sacerdotes responsáveis pela manutenção do culto a Augusto e aos Julianos). Foram incumbências, ressaltamos aqui, todas de grande prestígio e notoriedade.

Logo após o cumprimento de suas atividades como questor, Adriano surge na função de *curator actorum senatus*, funcionário responsável pelo registro escrito de todas as ações diretivas do Senado romano. Logo depois, porém, encontrou-se envolvido com Trajano no quadro de eventos relacionados à primeira guerra na Dácia, entre os anos 101 e 102 d.C.; ocasião, diga-se de passagem, que teria contribuído para uma maior aproximação entre Adriano e Trajano¹¹⁵. Na sequência Adriano marcou presença em Roma para assumir as funções de tribuno da plebe, em 105 d.C. O caráter sacrossanto do tribuno, aliado às suas várias prerrogativas de ação e veto, aumentou ainda mais o prestígio político de Adriano, fortalecendo a sua imagem pública. Prova disso é a sua nomeação como pretor, funcionário responsável pela administração da justiça, imediatamente no ano seguinte, em 106 d.C. Ainda neste ano, quando se tem início o segundo momento da guerra dáica, Adriano esteve na função de comandante militar, *legatus legionis*, à frente da legião *I Minerviae Piaae Fidelis*, na província romana da Germânia Inferior. Muito provavelmente foi o seu considerável desempenho ao longo do conflito¹¹⁶ que lhe valeu, na sequência, o cargo de governador, *legatus Augusti pro praetore*, da Panônia Inferior, em 107 d.C. Evidente também que a permanência e circulação de Adriano por essas regiões fronteiriças são claros indicativos de sua qualidade intrínseca como homem militar, característica indispensável àqueles que desejassem prosperar na carreira pública, como afirmamos previamente. De fato, logo vemos Adriano tornando-se cônsul sufecto, *consul suffectus*, no ano de 108 d.C., alcançando aquela que foi a magistratura de maior prestígio desde os tempos republicanos. Ainda que tenha chegado a essa posição na qualidade de “substituto”, sem dúvidas ele a teve de bom grado no sentido de favorecer e fortalecer sua imagem civil naquele exato instante de sua vida.

¹¹⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (III, 2-3) “*post quaesturam acta senatus curavit atque ad bellum Dacicum Traianum familiaris prosecutus est; quando quidem et indulsisse vino se dicit Traiani moribus obsequentem atque ob hoc se a Traiano locupletissime muneratum.*”

¹¹⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (III, 6) “*...quando quidem multa egregia eius facta claruerunt.*”

Quando comentamos anteriormente a respeito da educação recebida por Adriano, ressaltamos de modo incisivo que as diversas manifestações da cultura grega sempre despertaram um forte interesse neste personagem. Assim, muito provavelmente motivado por esse misto de curiosidade e fascínio pelo conhecimento, Adriano partiu para uma viagem à Grécia por volta dos anos 110/11 d.C. Foi nesta ocasião que conheceu o filósofo grego Epicteto¹¹⁷, no Épiro, com o qual manteve uma forte amizade a partir de então. Os objetivos políticos, no entanto, de modo algum estavam ausentes no planejamento geral desta viagem. Prova disso é o seu envolvimento direto com a cidade de Atenas, onde recebeu o título honorífico de arconte no ano de 111/2 d.C. e, conseqüentemente, também a cidadania ateniense. Diga-se de modo claro, concessões estas não muito usuais para um romano. Independente disso, nos próximos anos encontramos Adriano junto e cooperando com Trajano ao longo dos vários conflitos da guerra contra o reino Parto. Em 117 d.C., Adriano exerce suas funções como comandante militar, *legatus legionis*, na província romana da Síria; e, neste mesmo ano, com a morte de Trajano, Adriano ascende ao Principado, com a aclamação das forças legionárias locais a seu favor. Nesse momento, portanto, nos aproximamos dos eventos relacionados ao processo de ascensão ao poder por parte de Adriano. Trata-se, enfim, do contexto a que nos referimos anteriormente como principal época motivadora à escrita de Suetônio. São várias as obras da historiografia recente que trabalham com as circunstâncias políticas desse momento, contribuindo para um grande acesso, por parte de todos, à informação histórica; no entanto, a despeito da qualidade apresentada pela maioria dessas obras, optamos inicialmente por um retorno às fontes primárias de informação, com o objetivo primeiro de observarmos,

¹¹⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XVI, 10) “*in summa familiaritate Epictetum et Heliodorum philosophos et...*”. A respeito de Epicteto, Marilena Chauí comenta que o filósofo “nasceu em Hierápolis, na Frigia (Ásia Menor), por volta de 55 e, ainda menino, foi adquirido como escravo [...] Não sabemos exatamente quando foi para Roma. O pouco que se conhece de sua vida vem de algumas referências que ele próprio faz nas *Conversações* e de relatos de seu discípulo Flávio Arrio, do médico Celso e de Orígenes, um dos primeiros Padres da Igreja. Assim, as circunstâncias de sua educação são desconhecidas, exceto o fato de que foi aluno de Musônio Rufo, na época senador romano como Sêneca. Certamente, sendo escravo, não sofreu as agruras sofridas pelos dois filósofos-senadores sob Nero [...] Em data desconhecida tornou-se liberto, abriu uma escola, mas foi forçado a abandonar a cidade em 89, pelo édito de Domiciano, que baniu todos os filósofos da península italiana, por considerá-los perturbadores da ordem e inimigos do Estado. Dirigiu-se para Nicópolis, importante centro cultural na costa do Adriático, e ali abriu uma escola, onde ensinou até sua morte, em 135 d.C. [...] Orígenes afirma que, em sua época, Epicteto foi mais famoso do que Platão na sua e Aulo Gélíio, considerado o maior dos filósofos estoicos”. In: CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 310.

sem qualquer orientação ou influência, as características essenciais daquele momento¹¹⁸. Realizaremos, portanto, um exercício de interpretação nas fontes, buscando especialmente o sentido da construção histórica desenvolvida. Serão duas as fontes aqui analisadas: a primeira delas é a obra de Cássio Dio, **“História de Roma”**, escrita no século III d.C.; a outra, **“História Augusta”**, escrito considerado anônimo, datada do século IV d.C.¹¹⁹

2.3. ADRIANO SEGUNDO A “HISTÓRIA DE ROMA”, DE CÁSSIO DIO (S. III D.C.)

Escrita em 80 livros, a obra chamada **“História de Roma”**, do autor de origem grega Cássio Dio¹²⁰, apresenta uma síntese dos acontecimentos políticos e militares relacionados à história de Roma, desde o momento de sua fundação até o ano de 229 d.C. (data que também serve como referencial limite para a sua composição). O relato sobre o príncipe Adriano encontra-se no livro LXIX deste trabalho, contemplando informações que vão desde sua ascensão ao Principado, no ano de 117 d.C., até o instante de sua morte, fato ocorrido no ano de 138 d.C. Seguindo a nossa opção de visualização do contexto, observaremos nesta obra principalmente o período inicial do governo de Adriano, possível época da escrita de Suetônio; porém, quando relevantes, informações de outros momentos da vida de Adriano poderão também ser destacadas. Pois bem, a primeira sentença da narrativa de Cássio Dio torna-se um claro indicativo do tom altamente crítico por parte deste autor em seu texto: “Adriano não havia sido adotado por Trajano”¹²¹. Ou seja, a discussão com a qual o texto se inicia diz respeito à forma como Adriano ascendeu ao poder e entrou para a história romana. De fato, Adriano é visto pelo autor como um simples compatriota, antigo pupilo de Trajano; homem casado, inclusive, com a sobrinha

¹¹⁸ Evitando, de antemão, o que seria um absoluto “enquadramento teórico” de nosso estudo em relação à tradição historiográfica; prática que apenas limitaria o potencial crítico-reflexivo de nossas considerações.

¹¹⁹ Para maiores esclarecimentos sobre as diversas fontes de estudo para o Principado de Adriano, verificar o trecho inicial do texto de BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70–192**. London: Cambridge University Press, 2008.

¹²⁰ Lucius Claudius Cassius Dio Cocceianus (155 - após 235 d.c.) é natural de Nicea, cidade localizada na província romana da Bitínia. Membro de uma importante família de ordem senatorial, exerceu ao longo de sua carreira pública as funções de procônsul, cônsul e senador, dentre outras de grande prestígio.

¹²¹ Cas. Dio, 69.1.1 “Ἀδριανὸς δὲ ὑπὸ μὲν Τραϊανοῦ οὐκ ἐσεπιοίθη”

deste; na verdade, sendo muito mais um companheiro no cotidiano do então príncipe¹²². Ressalta-se no texto que Adriano não teria recebido, por parte de Trajano, qualquer marca distintiva de preferência; por exemplo, estar entre um dos primeiros personagens que foram nomeados, à época, para a função de cônsul.

Para Cássio Dio, sua ascensão ao Principado teria ocorrido devido às intervenções de Públio Acílio Atiano¹²³, seu protetor, e da Imperatriz Plotina, a qual estaria naquele momento enamorada por Adriano. Todos esses esforços, ademais, teriam sido facilitados por conta da proximidade de Adriano (em referência ao local da morte de Trajano) e pelo conjunto das forças militares que naquele momento ele controlava¹²⁴. O autor, ao que tudo indica construindo e aprofundando um clima de “desconfianças” generalizado, então evoca o testemunho de autoridade do seu próprio pai, Aproniano, à época das circunstâncias governador da Cilícia, personagem que teria informações privilegiadas sobre alguns dos incidentes que envolveram a morte de Trajano; dele seria a informação do suposto e intencional ocultamento, por dias, da notícia referente à morte de Trajano; e tudo isso para que a notícia da adoção de Adriano fosse anunciada com antecipação; essa ocorrência teria sua argumentação endossada pelo fato de que a carta remetida por Trajano ao Senado (na qual anunciara a adoção) ter sido assinada não por ele, mas por Plotina, atitude que a imperatriz nunca havia praticado antes desse momento¹²⁵. No

¹²² Cas. Dio 69.1.1 “ἦν μὲν γὰρ πολίτης αὐτοῦ καὶ ἐπετροπεύθη ὑπ’ αὐτοῦ, γένους θ’ οἱ ἐκοινώνει καὶ ἀδελφιδῆν αὐτοῦ ἐγεγαμῆκει, τό τε σύμπαν συνῆν αὐτῷ καί...”

¹²³ Nesta época estando muito próximo aos eventos, pois ocupava a importante posição de prefeito do Pretório.

¹²⁴ Cas. Dio 69.1.2 “οὐ μέντοι οὐτ’ ἄλλο τι ἐξαίρετον παρ’ αὐτοῦ ἔλαβεν οὐθ’ ὕπατος ἐν πρώτοις ἐγένετο, ἀλλὰ καὶ Καίσαρα αὐτὸν καὶ αὐτοκράτορα τοῦ Τραϊανοῦ ἄπαιδος μεταλλάξαντος ὃ τε Ἀττιανὸς πολίτης αὐτοῦ ὦν καὶ ἐπίτροπος γεγινώς, καὶ ἡ Πλωτῖνα ἐξ ἐρωτικῆς φιλίας, πλησίον τε ὄντα καὶ δύνανται πολλὴν ἔχοντα ἀπέδειξαν”. Plotina, em outro momento do texto, é vista como a mulher que, por seu amor, teria assegurado para Adriano a sua posição como príncipe romano... Cas. Dio 69.10.3 “Ὅθεν οὐ θαυμαστὸν εἰ καὶ τὴν Πλωτῖναν ἀποθανοῦσαν, δι’ ἧς ἔτυχε τῆς ἀρχῆς ἐρώσεως αὐτοῦ, διαφερόντως ἐτίμησεν, ὥς καὶ ἐπὶ ἡμέρας ἐννέα μελανειμονῆσαι καὶ ναὸν αὐτῇ οἰκοδομῆσαι καὶ ὕμνους τινὰς ἐς αὐτὴν ποιῆσαι.”

¹²⁵ Cas. Dio 69.1.3-4 “Ὁ γὰρ πατήρ μου Ἀπρωνιανός, τῆς Κιλικίας ἄρξας, πάντα τὰ κατ’ αὐτὸν ἐμεμαθήκει σαφῶς, ἔλεγε δὲ τὰ τε ἄλλα ὡς ἕκαστα, καὶ ὅτι ὁ θάνατος τοῦ Τραϊανοῦ ἡμέρας τινὰς διὰ τοῦτο συνεκρύφθη ἵν’ ἡ ποιήσις προεκφοιτήσῃ. Ἐδηλώθη δὲ τοῦτο καὶ ἐκ τῶν πρὸς τὴν βουλήν γραμμάτων αὐτοῦ· ταῖς γὰρ ἐπιστολαῖς οὐκ αὐτὸς ἀλλ’ ἡ Πλωτῖνα ὑπέγραψεν, ὅπερ ἐπ’ οὐδενὸς ἄλλου ἐπεποιήκει.”

seguimento, quem enviara uma carta ao Senado foi Adriano, imediatamente pedindo a todos eles a confirmação de sua nomeação¹²⁶.

É certo que todas essas informações trazidas pelo autor invariavelmente criam uma sensação de desconfiança em relação à legitimidade de Adriano como novo príncipe, pois realçam todas as possíveis intrigas e conspirações envolvendo sua ascensão. De fato, o movimento da narrativa acompanha de modo plástico esse tom de críticas realizado pelo autor. Por exemplo, Cássio Dio comenta acerca de uma carta remetida ao Senado por parte de Adriano, ainda em seus primeiros momentos de governo, na qual ele teria jurado, de modo um tanto quanto enfático, que jamais faria algo contra o interesse público ou que sentenciaria à morte qualquer senador; e, caso realmente violasse tais premissas em qualquer sentido, ele mesmo invocaria a sua própria destruição¹²⁷. O interessante é que o autor, logo no seguimento do texto, põe à prova e desqualifica tal comprometimento da parte de Adriano. Este, para Cássio Dio, a despeito de sua grande benevolência, fora duramente criticado devido ao assassinato de vários dos melhores homens¹²⁸ logo ao início e também ao final de seu governo; razão pela qual, aliás, ele esteve muito próximo de não marcar presença entre os semideuses¹²⁹. Dentre os que foram mortos ao começo figuram Palma e Celso, por suposta conspiração durante uma caçada, e também Nigrino e Lúcio, devido a outras “queixas”; na opinião de Cássio Dio, a motivação por detrás dessas “queixas” se encontrava muito mais na grande influência, riqueza e prestígio que ambas as personalidades possuíam na época. Assim, diante da repercussão negativa causada por essas mortes, Adriano teria buscado sua defesa declarando, em juramento, que ele não havia ordenado assassinato algum¹³⁰.

¹²⁶ Cas. Dio. 69.2.2. “μήτε έκφοβήσαν αὐτὸν μήτε βλάβαν. Ἐγραψε δὲ πρὸς τὴν βουλὴν ὁ Ἀδριανὸς ἀξιῶν βεβαιωθῆναι αὐτῷ τὴν ἡγεμονίαν καὶ παρ’ ἐκείνης, καὶ ἀπαγορεύων μηδὲν αὐτῷ μήτε τότε μήτε ἄλλοτε τιμὴν δῆ τινα φέρον, οἷα εἰώθει γίνεσθαι, ψηφισθῆναι, πλὴν ἂν τι αὐτός ποτε ἀξιῶση.”

¹²⁷ Cas. Dio 69.2.4 Ὅτι ὁ Ἀδριανὸς ἐν ἐπιστολῇ τινι ἔγραψε τὰ τε ἄλλα μεγαλοφρονησάμενος, καὶ ἐπομόσας μήτε τι ἔξω τῶν τῷ δημοσίῳ συμφερόντων ποιήσῃν μήτε βουλευτὴν τινα ἀποσφάξῃν, καὶ ἐξώλειαν ἑαυτῷ, ἂν καὶ ὅτιοῦν αὐτῶν ἐκβῇ, προσεπαρασάμενος· ἀλλ’ ὅμως διεβλήθη ἐς πολλά.”

¹²⁸ Leia-se aqui, os senadores.

¹²⁹ Cas. Dio. 69.2.5 “Ἀδριανὸς δέ, καίτοι φιланθρωπότατα ἄρξας, ὅμως διὰ τινος φόνους ἀρίστων ἀνδρῶν, οὓς ἐν ἀρχῇ τε τῆς ἡγεμονίας καὶ πρὸς τῇ τελευτῇ τοῦ βίου ἐπεποιήτο, διεβλήθη, καὶ ὀλίγου διὰ ταῦτ’ οὐδὲ ἐς τοὺς ἥρωας ἀνεγράφη.”

¹³⁰ Cas. Dio. 69.5.2 “Καὶ οἱ μὲν ἐν τῇ ἀρχῇ φονευθέντες Πάλμας τε καὶ Κέλσος Νιγρῖνός τε καὶ Λούσιος ἦσαν, οἱ μὲν ὥς ἐν θήρᾳ δῆθεν ἐπιβεβουλευκότες αὐτῷ, οἱ δὲ ἐφ’ ἐτέροις δῆ τισιν ἐγκλήμασιν, οἷα μεγάλα δυνάμενοι καὶ πλούτου καὶ δόξης εὖ ἦκοντες· ἐφ’ οἷς Ἀδριανὸς οὕτω τῶν

Ao que parece, esta situação inicial de crítica tornou-se uma “deixa” para o autor trabalhar e explorar o caráter “egocêntrico” de Adriano. Este foi caracterizado, em linhas gerais, como um homem possuidor de uma ambição insaciável¹³¹, e que apresentava um excessivo e danoso ciúme em relação a todos aqueles que se destacavam em algo. De fato, segundo Cássio Dio, como Adriano desejava tornar-se superior em tudo, odiava a todos aqueles que obtivessem proeminência em qualquer atividade¹³². Tal seria o motivo de seu desentendimento e confronto com dois destacados sofistas da época: Favorino, o Gaulês, e Dionísio de Mileto; Apolodoro, um famoso arquiteto da época, teria sido vítima também do rancor de Adriano, simplesmente por haver discordado do príncipe em relação a um projeto de construção; ademais, segundo Cássio Dio, a natureza de Adriano era de tal forma que ele tinha ciúmes não apenas dos vivos, mas também dos mortos, sendo por este motivo que preteriu os estudos de Homero¹³³. Em suma, Adriano agia com demasiada severidade, se intrometendo nos assuntos alheios em virtude de sua grande curiosidade. No entanto, tais defeitos seriam contrabalanceados por sua prudência, generosidade (liberalidade) e todas as várias habilidades que possuía¹³⁴. Tais “ressalvas” tornam-se uma brecha para ligeiros elogios. De fato, o zelo de Adriano com a propriedade alheia e seu controle e supervisão do exército são ressaltados positivamente pelo autor¹³⁵. Ademais, Adriano teria também governado o povo romano muito mais pela dignidade do que pela bajulação¹³⁶; sempre teria

λογοποιοιμένων ἦσθετο ὥστε καὶ ἀπελογήσατο καὶ ἐπώμοσε μὴ κεκελευκέναι ἀποθανεῖν αὐτούς. Οἱ δὲ ἐν τῇ τελευτῇ Σερουιανός τε ὑπῆρχον καὶ ὁ ἐγγονος αὐτοῦ Φοῦσκος.”

¹³¹ Cas. Dio. 69.3.2 “φιλοτιμία τε γὰρ ἀπλήστω ἐχρῆτο, καὶ κατὰ τοῦτο καὶ ἄλλα πάντα καὶ τὰ βραχύτατα ἐπετήδευε· καὶ γὰρ ἐπλάσσε καὶ ἐγράφε καὶ οὐδὲν ὃ τι οὐκ εἰρηνικὸν καὶ πολεμικὸν καὶ βασιλικὸν καὶ ἰδιωτικὸν εἶδέναι ἔλεγε.”

¹³² Cas. Dio. 69.3.3. “Καὶ τοῦτο μὲν οὐδὲν που τοὺς ἀνθρώπους ἐβλαπτεν, ὁ δὲ δὴ φθόνος αὐτοῦ δεινότατος ἐς πάντας τοὺς τινι προέχοντας ὦν πολλοὺς μὲν καθεῖλε συχνοὺς δὲ καὶ ἀπώλεσε. Βουλόμενος γὰρ πάντων ἐν πᾶσι περιεῖναι ἐμίσει τοὺς ἐν τινι ὑπεραίροντας.”

¹³³ Cas. Dio 69.4.6 “Καὶ οὕτω γε τῇ φύσει τοιοῦτος ἦν ὥστε μὴ μόνον τοῖς ζῶσιν ἀλλὰ καὶ τοῖς τελευτήσασι φθονεῖν· τὸν γοῦν Ὀμηρον καταλύων Ἀντίμαχον ἀντ’ αὐτοῦ ἐσῆγεν, οὐ μὴδὲ τὸ ὄνομα πολλοὶ πρότερον ἠπίσταντο.”

¹³⁴ Cas. Dio 69.5.1 “ἡτιῶντο μὲν δὴ ταῦτά τε αὐτοῦ καὶ τὸ πάνυ ἀκριβὲς τό τε περίεργον καὶ τὸ πολὺπραγμον· ἐθεράπευε δὲ αὐτὰ καὶ ἀνελάμβανε τῇ τε ἄλλῃ ἐπιμελείᾳ καὶ προνοίᾳ καὶ μεγαλοπρεπείᾳ καὶ δεξιότητι, καὶ τῷ μῆτε τινὰ πόλεμον ταραῖσαι καὶ τοὺς ὄντας παῦσαι, μῆτε τινὸς χρήματα ἀδίκως ἀφελῆσθαι, καὶ πολλοῖς πολλὰ, καὶ δήμοις καὶ ἰδιώταις καὶ βουλευταῖς τε καὶ ἱππεῦσι, χαρίσασθαι.”

¹³⁵ Cas. Dio 69.5. 3 “Καὶ τὰ τε στρατιωτικὰ ἀκριβέστατα ἥσκησεν, ὥστ’ ἰσχύοντα μὴτ’ ἀπειθεῖν μῆτε ὑβρίζειν, καὶ τὰς πόλεις τὰς τε συμμαχίδας καὶ τὰς ὑπηκόους μεγαλοπρεπέστατα ὠφέλησε.”

¹³⁶ Cas. Dio 69.6.1 “Ἦγε δὲ καὶ τὸν δῆμον τῶν Ῥωμαίων ἐμβριθῶς μᾶλλον ἢ θωπευτικῶς”

buscado o auxílio do Senado para a resolução dos mais importantes e urgentes negócios, ao mesmo tempo em que mantinha próximo a ele, em sua corte, os mais nobres homens¹³⁷.

Porém as considerações críticas de Cássio Dio retornam quando novamente o assunto é a morte daqueles que eram os “melhores homens” da sociedade romana. Por terem discordado sobre a nomeação de Lúcio Cômodo¹³⁸ como novo César dos romanos, Serviano e seu filho, Fusco, foram condenados à morte. Serviano teria nesse momento rogado uma “maldição” em cima de Adriano: que este passasse a desejar a morte, mas que fosse incapaz de morrer¹³⁹. O interessante é que Cássio Dio aparentemente busca confirmar essa sentença, detalhando em sua narrativa toda a lenta agonia sofrida por Adriano por seu estado de saúde cada vez mais precário; e que lhe fazia ansiar e planejar a sua própria morte¹⁴⁰. Ora, percebemos aqui um elo estabelecido pelo autor entre início e fim do governo de Adriano, e que justamente aponta para uma ocorrência, desafortunada, de assassinatos envolvendo senadores romanos no período. Não é por menos que, ao final do texto, ainda que reconhecendo o “relativo” bom governo de Adriano, Cássio Dio salienta que o príncipe era odiado pelo “povo”, tudo por conta, principalmente, dos assassinatos cometidos ao começo e fim de seu governo¹⁴¹; ações que ele avalia e caracteriza como injustas e impiedosas¹⁴².

¹³⁷ Cas. Dio 69.7.1 “Ἐπραπτε δὲ καὶ διὰ τοῦ βουλευτηρίου πάντα τὰ μεγάλα καὶ ἀναγκαιότατα, καὶ ἐδίκασε μετὰ τῶν πρώτων τοτὲ μὲν ἐν τῷ παλατίῳ τοτὲ δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ τῷ τε Πανθείῳ καὶ ἄλλοθι πολλαχόθι, ἀπὸ βήματος, ὥστε δημοσιεύεσθαι τὰ γινόμενα. Καὶ τοῖς ὑπάτοις ἔστιν ὅτε δικάζουσι συνεγίνετο, ἐν τε ταῖς ἵπποδρομίαις αὐτοὺς ἐτίμα.”

¹³⁸ A primeira escolha de Adriano para sucedê-lo.

¹³⁹ Cas. Dio 69.17.2 “Πρὶν δὲ ἀποσφαγῆναι, ὁ Σερουιανὸς πῦρ ἤτησε, καὶ θυμῶν ἅμα « ὅτι μὲν οὐδὲν ἀδικῶ » ἔφη « ὑμεῖς ὦ θεοὶ ἴστε· περὶ δὲ Ἀδριανοῦ τοσοῦτον μόνον εὐχομαι, ἵνα ἐπιθυμήσας ἀποθανεῖν μὴ δυνήθῃ ».”

¹⁴⁰ Cas. Dio. 69.22.1 “Ἀδριανὸς δὲ μαγγανείαις μὲν τισι καὶ γοητείαις ἐκενοῦτό ποτε τοῦ ὕγροϋ, πάλιν δ’ αὐτοῦ διὰ ταχέος ἐπίμπατο. Ἐπεὶ οὖν πρὸς τὸ χειρόν αἰεὶ ἐπεδίδου καὶ καθ’ ἐκάστην τρόπον τινὰ ἡμέραν ἀπώλλυτο, ἀποθανεῖν ἐπεθύμησε, καὶ ἤτει μὲν πολλάκις καὶ φάρμακον καὶ ξίφος, ἐδίδου δὲ οὐδεῖς.”

¹⁴¹ Novamente dois importantes membros da sociedade política romana, Serviano e seu filho, Fusco. Ambos teriam discordado de Adriano quanto ao sucessor escolhido para o Principado.

¹⁴² Cas. Dio 69.23.2 “Οὗτος ἐμισήθη μὲν ὑπὸ τοῦ δήμου, καίτοι τᾶλλα ἄριστα αὐτῶν ἄρξας, διὰ τε τοὺς πρώτους καὶ τοὺς τελευταίους φόνους ἅτε καὶ ἀδίκως καὶ ἀνοσίως γενομένους, ἐπεὶ οὕτω γε ἥκιστα φονικὸς ἐγένετο ὥστε καὶ προσκρουσάντων αὐτῷ τινων ἀρκοῦν νομίζειν τὸ ταῖς πατρίσιν αὐτῶν αὐτὸ τοῦτο γράψαι, ὅτι αὐτῷ οὐκ ἀρέσκουσιν.”

2.4 - ADRIANO SEGUNDO A “HISTÓRIA AUGUSTA” (S. IV D.C.)

Tendo sido estas as principais considerações que tomamos à obra de Cássio Dio, e antes de maiores reflexões sobre o conteúdo apresentado, passemos de imediato a análise de nossa próxima fonte, a “**História Augusta**”, buscando também nela, principalmente, as informações de contexto referentes ao início do governo de Adriano. Em suma, a **História Augusta** pode ser considerada, conforme José Luis Lopes Brandão, a fonte mais importante para o estudo dos imperadores dos séculos II e III d.C.¹⁴³. Estudiosos levantam dúvidas sobre a data de composição e os possíveis autores dessa obra; a grande maioria, no entanto, acredita que ela tenha sido escrita nas últimas décadas do século IV d.C., redigida por um único autor¹⁴⁴. Seu texto contempla uma série de relatos biográficos dos príncipes: iniciam no Principado de Adriano em 117 d.C. até o de Carino, em 285 d.C.

Como verificamos, a vida de Adriano é o ponto referencial escolhido pelo autor da **História Augusta** para dar início ao seu trabalho. O que não podemos é pensar que tal opção fora uma simples escolha arbitrária, pelo contrário: ela demarca a importância atribuída pelo autor a toda história do Principado de Adriano, seja pelas ações positivas ou negativas apontadas e relacionadas ao perfil deste governante. Pois bem, no começo da obra temos um breve e planeado relato sobre a família, a formação e a entrada na vida pública de Adriano; informações, inclusive, utilizadas no tópico anterior do presente estudo no auxílio ao conhecimento dos anos iniciais da vida de Adriano. Passada essa breve introdução, a obra se volta à apresentação e discussão das circunstâncias que envolveram a ascensão de

¹⁴³ BRANDÃO, José Luiz Lopes. Introdução. In: **Historia Augusta. Volume I - Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo**. Trad. de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011, p. 9.

¹⁴⁴ “Acontece que, desde Dessau (1887), a maioria dos estudiosos vem aceitando como bastante provável que a redacção é posterior: do tempo de Juliano, do último quartel ou da última década do séc. IV. E houve mesmo quem propusesse o início de século V ou até o século VI. O possível uso, por parte do autor da HA, de Eutrópio (em Marco 17.2 ss) e a cópia de Aurélio Victor (em Severo 17.5 ss) faz arrastar, como notara Dessau, a data da composição para depois de 360. A não ser que se estivesse a seguir a mesma fonte que aqueles autores. A alusão a realidades que parecem ser do final do séc. IV deu ocasião à suspeita. [...] Outra questão é a da autoria. As Vidas aparecem atribuídas a seis autores: Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélío Polião e Flávio Vopisco. Também a este respeito parece actualmente bastante consensual a ideia de que é obra de um só autor, disfarçado sob a capa de outros nomes.”. BRANDÃO, José Luiz Lopes. Introdução. In: **Historia Augusta. Volume I - Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo**. Trad. Cláudia A. Teixeira, José L. Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da U. de Coimbra, 2011, pp. 9-10.

Adriano ao Principado Romano. Importante ressaltar que, de fato, não presenciamos uma crítica direta por parte da obra em relação à capacidade militar ou política de Adriano; aliás, a fonte muitas vezes detalha e enaltece a trajetória de suas atividades, com todos os seus méritos. No entanto, invariavelmente, a narrativa constrói uma percepção e expectativa negativas em relação à ascensão de Adriano ao poder, algo que desfavorece a sua imagem. Nesse sentido, de fato, são vários os momentos que podem ser tomados como exemplos; vejamos no seguimento alguns destes casos, que ocorreram anos antes da ascensão de Adriano ao poder.

No ano de 98 d.C., no momento em que Adriano preparava-se para encontrar a Trajano, com o intuito de informá-lo acerca da morte de Nerva, o cunhado de Adriano, L. Júlio Serviano, membro senatorial considerado de grande prestígio na época, também teria participado de toda essa situação; de acordo com a narrativa, Serviano fora “o homem que alertara a Trajano acerca de toda a extravagância e endividamento de Adriano”¹⁴⁵. Este, em princípio, é indicado como um dos favoritos de Trajano, por conta de suas atividades conjuntas no campo militar¹⁴⁶. Porém, o texto não transmite uma sensação de forte “estabilidade” no relacionamento entre ambos; de fato, Adriano é apresentado demonstrando-se com muita “ansiedade” em relação às expectativas de Trajano a respeito dele: e, nesse sentido, teria recorrido às profecias de certos oráculos¹⁴⁷ para resolver as suas dúvidas.

O momento que no texto, significativamente, ressalta e revela essa sensação de “contragosto” por parte de Trajano diz respeito ao casamento entre Adriano e Sabina. Como dissemos anteriormente, a importância desse casamento reside, pois, em sua dimensão estreitamente política, na forma de uma incontestável prova de aliança. A narrativa, no entanto, apoiando-se no testemunho do historiador Máximo Máximo, acaba revelando que essa união não era totalmente aceita ou desejada por Trajano; indica, ademais, que teria sido a mulher do príncipe, Plotina, quem

¹⁴⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 6) “*ex qua festinans ad Traianum, ut primus nuntiaret excessum Nervae, a Serviano, sororis viro, (qui et sumptibus et aere alieno eius prodito Traiani odium in eura movit)...*”

¹⁴⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 7) “*fuitque in amore Traiani...*”; História Augusta (III, 2-3) “*post quaesturam acta senatus curavit atque ad bellum Dacicum Traianum familiaris prosecutus est; quando quidem et indulsisse vino se dicit Traiani moribus obsequentem atque ob hoc se a Traiano locupletissime muneratum.*”

¹⁴⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 8) “*quo quidem tempore cum sollicitus de imperatoris erga se iudicio, Vergilianas sortes consularet...*”

exatamente planejara todo esse casamento¹⁴⁸. Nesse momento temos a primeira sugestão, indicada pela narrativa, de um claro favorecimento por parte de Plotina a favor de Adriano. Outro personagem que igualmente ofereceu suporte a Adriano teria sido o senador romano Licínio Sura, o qual aparece no decorrer dos eventos como uma espécie de articulador da amizade entre Adriano e Trajano¹⁴⁹.

O sucesso militar de Adriano durante a segunda guerra dáica surge como o principal fator de sua aproximação com Trajano; este, inclusive, teria presenteado Adriano com um diamante, o mesmo que, anos antes, Nerva o havia dado para encorajá-lo na esperança da sucessão imperial¹⁵⁰. Licínio Sura, diante de tal fato e da recém-nomeação de Adriano para cônsul, teria sugerido para este que, enfim, ele seria adotado por Trajano; e por esta razão Adriano, a partir de então, não mais seria negligenciado ou desprezado pelos amigos do então príncipe¹⁵¹. A fonte ainda informa que, mesmo após a morte de Sura, a amizade entre Trajano e Adriano teria aumentado, muito por conta dos discursos elogiosos que este realizava a favor do próprio Trajano¹⁵². No entanto, apesar do “espectro” da intermediação e articulação de Licínio Sura apresentar-se valorizado no texto, quem realmente aparece favorecendo diretamente a ascensão política de Adriano é a esposa de Trajano, Plotina: esta, através de seu próprio favor, teria sido a responsável pela nomeação de Adriano à posição de legado na Síria, à época da guerra contra os Partos¹⁵³.

O interessante é que neste momento, quando efetivamente nos aproximamos de todos os eventos e circunstâncias que se relacionam à aclamação de Adriano como novo príncipe, a narrativa abre espaço para comunicar e nomear, um por um, os personagens que estavam ao seu lado, ou seja, todos aqueles que o apoiavam em sua empreitada. Seriam estes: Sósio Papo e Platório Nepos, da ordem

¹⁴⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 10) “*nepte per sororem Traiani uxore accepta favente Plotina, Traiano leviter, ut Marius Maximus dicit, volente*”.

¹⁴⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (II, 10) “*denique statim suffragante Sura ad amicitiam Traiani plenior rediit...*”.

¹⁵⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (III, 7) “*quare adamante gemma quam Traianus a Nerva acceperat donatus ad spem successionis erectus est*”.

¹⁵¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (III, 10) “*ob hoc consul est factus. in quo magistratu ut a Sura comperit adoptandum se a Traiano esse, ab amicis Traiani contemni desiit ac negligi*”.

¹⁵² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (III, 11) “*et defuncto quidem Sura Traiani ei familiaritas crevit, causa praecipue orationum quas pro imperatore dictaverat*”.

¹⁵³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 1) “*usus Plotinae quoque favore, cuius studio etiam legatus expeditionis Parthicae tempore destinatus est*”.

senatorial, Acílio Atiano (antigo tutor), Liviano e Turbão, da ordem equestre¹⁵⁴. Da mesma forma são citados pelo texto os seus inimigos: Palma e Celso, como conspiradores à usurpação do poder¹⁵⁵. A despeito de qualquer mobilização direta ou espontânea por parte de algum grupo, ou mesmo do príncipe Trajano, a narrativa da fonte sugere que Plotina teria sido a verdadeira responsável pela indicação de Adriano ao consulado; recomendação que contribuiu à época para a expectativa de sua adoção¹⁵⁶. Adriano, nesse meio tempo em que ganhava intimidade no círculo imperial, é apresentado pelo texto corrompendo os libertos de Trajano, aproximando-se impropriamente de seus favoritos; afirmações, segundo a fonte, de opinião geral e segura¹⁵⁷. Foi quando, no momento em que servia como legado na Síria, Adriano recebeu a notícia de sua adoção por Trajano. Poucos dias depois, teria sido comunicado da morte do então príncipe¹⁵⁸. Como verificamos até o momento, a narrativa aqui em análise apresenta um tom objetivo no trabalho com as informações; no entanto, o clima do texto se reveste de criticidade: a legitimidade do novo príncipe entra em discussão, e os questionamentos se aprofundam.

Inicialmente, a narrativa aponta para a informação, a qual seria muito recorrente na época, de que Trajano (com a aprovação de muitos dos seus amigos) tinha por real intenção nomear Nerácio Prisco para sucedê-lo, e não Adriano; e uma vez o príncipe teria dito, inclusive, que se alguma fatalidade viesse a lhe ocorrer, que fosse Prisco o encarregado das províncias¹⁵⁹. Outros “falares” dariam conta de que Trajano, seguindo o exemplo de Alexandre da Macedônia, teria desejado morrer

¹⁵⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 2) “*qua quidem tempestate utebatur Hadrianus amicitia Sosii Papi et Platorii Nepotis ex senatorio ordine, ex equestri autem Attiani, tutoris quondam sui, et Liviani et Turbonis.*”

¹⁵⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 3) “*in adoptionis sponsionem venit Palma et Celso, inimicis semper suis et quos postea ipse insecutus est, in suspicionem adfectatae tyrannidis lapsis.*”

¹⁵⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 4) “*secundo consul favore Plotinae factus totam praesumptionem adoptionis emeruit.*”

¹⁵⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 5) “*corrupisse eum Traiani libertos, curasse delicatos eosdemque saepe inisse per ea tempora quibus in aula familiarior fuit, opinio multa firmavit.*”

¹⁵⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 6-7) “*Quintum iduum Augustarum diem legatus Syriae litteras adoptionis accepit ; quando et natalem adoptionis celebrari iussit. tertium iduum earundem, quando et natalem imperii statuit celebrandum, excessus ei Traiani nuntiatus est.*”

¹⁵⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 8) “*Frequens sane opinio fuit Traiano id animi fuisse ut Neratium Priscum, non Hadrianum, successorem relinqueret, multis amicis in hoc consentientibus, usque eo ut Priscus aliquando dixerit: commendo tibi provincias, si quid mihi fatale contigerit.*”

sem, propriamente dito, nomear um sucessor¹⁶⁰. E ainda para muitos, o que Trajano pretendia naquele momento era enviar ao Senado uma carta solicitando, caso viesse a lhe acontecer algo, que tal instituição fosse a responsável por escolher, dentre os melhores homens indicados, um príncipe¹⁶¹. Por fim, a última informação levantada pelo texto, colocando um toque final à questão e reforçando a resistência e contestação em relação a Adriano, novamente coloca Plotina como articuladora: seguindo ordens da imperatriz, um imitador teria sido encarregado de se passar e falar por Trajano, quando este já estava morto, indicando a adoção de Adriano¹⁶².

Ainda contemplando um debate acerca dos momentos iniciais do governo de Adriano, a narrativa destaca uma série de medidas e ações por parte deste governante em relação às políticas então vigentes no Império Romano. A primeira delas, considerada uma das mais importantes, diz respeito ao posicionamento, recuperada à tradição, de clara preferência pela manutenção da paz em todo o território romano¹⁶³. Decisão esta, segundo a narrativa, que muito se deve ao fato de que praticamente todos os territórios conquistados por Trajano simplesmente começaram a se rebelar: os Mauros lançavam ataques; os Sármatas incitavam à guerra; os Britânicos insurgiam contra a autoridade romana; o Egito, devastado por desordens; e, finalmente, a Líbia e a Palestina, que demonstravam o espírito da rebelião¹⁶⁴. Adriano, diante de tudo isso, prontamente abandonou todas as possessões romanas que iam para além dos rios Eufrates e Tigre; inclusive, justificou essa atitude através do exemplo e argumento de Catão em relação aos macedônios: que estes fossem declarados livres e independentes, já que não se fazia

¹⁶⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 9) "*et multi quidem dicunt Traianum in animo id habuisse, ut exemplo Alexandri Macedonis sine certo successore moreretur...*"

¹⁶¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 9) "*...multi ad senatum eum orationem voluisse mittere petitum, ut, si quid ei evenisset, principem Romanae rei publicae senatus daret, additis dum taxat nominibus ex quibus optimum idem senatus eligeret.*"

¹⁶² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IV, 10) "*nec desunt qui factione Plotinae mortuo iam Traiano Hadrianum in adoptionem adscitum esse prodiderint, supposito qui pro Traiano fessa voce loquebatur.*"

¹⁶³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 1) "*Adeptus imperium ad priscum se statim morem instituit et tenendae per orbem terrarum paci operam impendit.*"

¹⁶⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 2) "*nam deficientibus iis nationibus quas Traianus subegerat, Mauri lacescebant, Sarmatae bellum inferebant, Britanni teneri sub Romana ditione non poterant, Aegyptus seditionibus urgebatur, Libya denique ac Palaestina rebelles animos efferebant.*"

possível mantê-los no controle¹⁶⁵. Essa guinada de pensamento por parte de Adriano, motivada pelas graves circunstâncias do momento, transparece na fonte não apenas como uma mudança de atitude em relação à política externa expansionista de Trajano, mas também como sinal e claro indicativo dos novos tempos que marcarão o Principado com a chegada de Adriano ao poder. O Império Romano, a partir de então, configura-se da seguinte forma:



¹⁶⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 3) “quare omnia trans Euphraten ac Tigrim reliquit exemplo, ut dicebat, Catonis, qui Macedones liberos pronuntiavit, quia tueri non poterant”.

No que segue a narrativa da fonte, Adriano se depara e enfrenta sérios indicativos de agitação contra a sua pessoa. Inicialmente, Acílio Atiano surge recomendando o assassinato de Bébio Macro, prefeito da cidade, e Labério Máximo, ambos sob a pretensa acusação de conspirarem contra a ascensão de Adriano; o príncipe, no entanto, não seguiu a recomendação de Acílio Atiano, assim demonstrando perante o público a sua clemência por tal ato¹⁶⁶. Ao mesmo tempo, Adriano aproveitou e entregou um duplo donativo ao exército neste exato instante, assegurando através desta atitude um favorável início ao seu Principado¹⁶⁷. No entanto, a primeira reação não tardou a vir: Adriano efetivamente se posicionou contra Lúcio Quieto, então destituído do comando dos povos Mauros sob a acusação de aspirar ao poder; Márcio Turbão foi designado para reprimir a insurreição na Mauritânia tão logo aplacasse a revolta na Judéia¹⁶⁸. Entremeadado em todas essas circunstâncias, Adriano deixa de lado suas atividades para acompanhar (junto a Acílio Atiano, Plotina e Matídia, esta última sogra de Adriano), os cuidados com o corpo de Trajano; os restos mortais deste foram então recebidos por Adriano e enviados para Roma através de um navio¹⁶⁹. Ainda na ocasião, Adriano nomeia Catílio Severo, amigo de Plínio o Jovem, como novo governador da Síria¹⁷⁰.

Na sequência dos eventos, Adriano pede ao Senado todas as devidas honras divinas para Trajano, solicitação prontamente atendida e superada em suas expectativas iniciais¹⁷¹. Digno de nota, porém, é outra menção por parte da narrativa: Adriano, também em carta, teria se desculpado frente ao Senado por justamente não havê-lo deixado decidir a respeito de sua indicação para o Principado; Adriano

¹⁶⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 5) "*Tantum autem statim clementiae studium habuit ut, cum sub primis imperil diebus ab Attiano per epistolas esset admonitus, ut et Baebius Macer praefectus urbis, si reniteretur eius imperio. necaretur et Laberius Maximus, qui suspectus imperio in insula exsulabat...*"

¹⁶⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 7) "*militibus ob auspicia imperii duplicem largitionem dedit*"

¹⁶⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 8) "*Lusium Quietum sublati gentibus Mauris, quos regebat, quia suspectus imperio fuerat, exarmavit, Marcio Turbone Iudaeis compressis ad deprimendum tumultum Mauretaniae destinato.*"

¹⁶⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 9-10) "*Post haec Antiochia digressus est ad inspiciendas reliquias Traiani, quas Attianus, Plotina et Matidia deferebant. quibus exceptis et navi Romam dimissis...*"

¹⁷⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (V, 10) "*ipse Antiochiam regressus praepositoque Syriae Catilio Severe per Illyricum Romam venit.*"

¹⁷¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 1) "*Traiano di vinos honores datis ad senatum et quidem accuratissimis litteris postulavit et cunctis volentibus meruit, ita ut senatus multa, quae Hadrianus non postulaverat, iu honorem Traiani sponte decerneret*"

alegou, a seu favor, que as tropas o aclamaram tão apressadamente devido ao consentimento mútuo de que o Império, enfim, não poderia permanecer sem um homem à liderança, um imperador¹⁷². Logo, o Senado oferece a Adriano o triunfo outrora destinado a Trajano; Adriano não apenas recusou como também se propôs a conduzir a efígie de Trajano no carro triunfal, atitude, no entendimento do texto, de honra àquele que foi o melhor dos imperadores¹⁷³. Outras várias ações “cautelosas” são tomadas nesse mesmo momento, dentre as quais a recusa de Adriano ao título de “pai da pátria”¹⁷⁴, a oferta à Itália do ouro destinado às coroas triunfais, e a diminuição, sem o descuido das finanças, do valor referente à contribuição proveniente de cada respectiva província¹⁷⁵. Entretanto, nessa atmosfera de relações políticas, surge uma ameaça: o avanço dos Sármatas e Roxoloanos, imediatamente contido pelo envio de tropas à região da Mésia¹⁷⁶. O nome de Márcio Turbão surge novamente como referência de apoio a este momento; Turbão que já haviarecebido por parte de Adriano a insígnia de prefeito (após a campanha da Mauritânia) e que, agora, era designado ao comando da Panônia e Dácia¹⁷⁷.

É neste momento que a obra apresenta e debate as circunstâncias da conspiração desencadeada por Nigrino, Lúcio e vários outros contra Adriano. O príncipe seria eliminado durante a realização de um sacrifício; assassinato a ser concretizado, como revela a fonte, a despeito do próprio Adriano chegar a projetar um dos conspiradores, Nigrino, para uma eventual sucessão¹⁷⁸. O plano, porém, falha. Ocorre no seguimento uma série de retaliações aos acusados: foram assassinados Palma, em Tarracina; Celso, em Baias; e Nigrino, em Favência.

¹⁷² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 2) “*cum ad senatum scriberet, veniam petiit, quod de imperio suo iudicium senatui non dedisset, salutatus scilicet praepropere a militibus imperator, quod esse res publica sine imperatore non posset.*”

¹⁷³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 3) “*cum triumphum ei senatus, qui Traiano debitus erat, detulisset, recusavit ipse atque imaginem Traiani curru triumphali vexit, ut optimus imperator ne post mortem quidem triumphum amitteret dignitatem.*”

¹⁷⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 4) “*patris patriae nomen delatum sibi statim et iterum postea distulit, quod hoc nomen Augustus sero meruisset.*”

¹⁷⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 5) “*aurum coronarium Italiae remisit, in provinciis minuit, et quidem difficultatibus aerarii ambitiose ac diligenter expositis.*”

¹⁷⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 6) “*Audito dein tumultu Sarmatarum et Roxolanorum praemissis exercitibus Moesiam petiit.*”

¹⁷⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VI, 7) “*Marcium Turbonem post Mauretanium praefecturae infulis ornatum Pannoniae Daciaeque ad tempus praefecit.*”

¹⁷⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 1) “*Nigrini insidias, quas ille sacrificanti Hadriano conscio sibi Lusio et multis aliis paraverat, cum etiam successorem Hadrianus sibimet destinasset, evasit.*”

Apoiando-se, declaradamente, numa leitura da “Autobiografia de Adriano”¹⁷⁹, a narrativa apresenta a ideia de que todas essas retaliações teriam sido, na verdade, ordenadas pelo próprio Senado, e não por vontade do então príncipe, Adriano¹⁸⁰.

Pois bem, logo após ter designado Turbão para o comando da Dácia, atribuindo-lhe insígnias de poder análogas àquelas do prefeito do Egito, Adriano se viu na necessidade de estar presente em Roma a fim de que pudesse restabelecer a confiança da opinião pública, certamente abalada após a notícia da morte, de uma só vez, de quatro ex-cônsules; foi nesse sentido que concedeu ao povo, para além das três moedas de ouro já entregues durante a sua ausência, um duplo donativo¹⁸¹. Frente aos senadores Adriano teria se eximido de qualquer culpa sobre o acontecido, e nesta ocasião prometeu jamais causar mal a qualquer senador sem antes o consentimento do próprio Senado¹⁸².

Após todas essas circunstâncias, a fonte sugere que Adriano usou de todos os meios para novamente ganhar popularidade¹⁸³. De fato, são vários os exemplos citados: absolveu uma grande quantidade de dívidas por parte de devedores privados, assegurando o fim das cobranças¹⁸⁴; promoveu o aumento da assistência àqueles detentores de pensões alimentícias¹⁸⁵; liberou uma quantidade suficiente de dinheiro para auxiliar todos aqueles que cumpriam cargos políticos¹⁸⁶; promoveu jogos de gladiadores, que duraram seis dias¹⁸⁷; dentre outras ações. No que diz

¹⁷⁹ Documento, infelizmente, perdido.

¹⁸⁰ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 2) “quare Palma Tarracinis, Celsus Baiis, Nigrinus Faventiae, Lusius in itinere senatu iubente, invito Hadriano, ut ipse in vita sua dicit, occisi sunt.”*

¹⁸¹ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 3) “unde statim Hadrianus ad refellendam tristissimam de se opinionem, quod occidi passus esset uno tempore quattuor consulares, Romam venit, Dacia Turboni credita, titulo Aegyptiacae praefecturae, quo plus auctoritatis haberet, ornato, et ad comprimendam de se famam congiarium duplex praesens populo dedit, ternis iam per singulos aureis se absente divisit.”*

¹⁸² *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 4) “in senatu quoque excusatis quae facta erant iuravit se numquam senatorem nisi ex senatus sententia puniturum.”*

¹⁸³ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 6) “ad colligendam autem gratiam nihil praetermittens...”*

¹⁸⁴ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 6) “...quae fisco debebatur, privatis debitoribus in urbe atque Italia, in provinciis vero etiam ex reliquiis ingentes summas remisit, syngraphis in foro divi Traiani, quo magis securitas omnibus roboraretur, incensis”.*

¹⁸⁵ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 8) “pueris ac puellis, quibus etiam Traianus alimenta detulerat, incrementum liberalitatis adiecit”.*

¹⁸⁶ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 10) “ad honores explendos non solum amicis, sed etiam passim aliquantis multa largitus est”.*

¹⁸⁷ *Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 12) “gladiatorium munus per sex dies continuos exhibuit et mille feras natali suo edidit.”*

respeito aos membros do grupo senatorial, Adriano dispensou uma atenção especial para todos. Ofereceu aos senadores que, por ventura, não haviam falido por conta própria, o patrimônio do estatuto senatorial, respeitando o número específico de filhos¹⁸⁸. Permitiu que os mais destacados membros do Senado compartilhassem junto a ele, em intimidade, da majestade imperial¹⁸⁹. Sempre afirmava frente às assembleias e ao Senado que ele governava o império de modo a deixar claro que não estava lidando com um bem pessoal, mas sim do povo¹⁹⁰. Tendo o próprio Adriano exercido o consulado três vezes, autorizou que muitos outros tivessem essa mesma oportunidade também¹⁹¹. Durante o seu terceiro consulado, exercido pelo período de apenas quatro meses, empenhou-se na prática frequente da justiça¹⁹². Ainda por volta desse tempo, quando presente em Roma ou em seus arredores, compareceu regularmente nas reuniões do Senado¹⁹³. Demonstrando-se muito cuidadoso no apontamento de senadores, Adriano teria valorizado a dignidade do Senado; prova disso também aconteceu no momento em que elevou Acílio Atiano de Prefeito do Pretório à posição de senador: afirmou, diante de Acílio, que não havia honra maior do que essa para lhe atribuir¹⁹⁴. E também, de agora em diante, quando ocorresse qualquer julgamento de um membro senatorial, não seria mais permitido que os membros do grupo equestre participassem das deliberações¹⁹⁵. Adriano, ao que se indica, simplesmente abominava os príncipes que não haviam

¹⁸⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VII, 9) “*senatoribus, qui non vitio suo decoxerant, patrimonium pro liberorum modo senatoriae professionis explevit, ita ut plerisque in diem vitae suae dimensum sine dilatione praestiterit*”.

¹⁸⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 1) “*Optimos quosque de senatu in contubernium imperatoriae maiestatis adscivit*.”

¹⁹⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 3) “*et in contione et in senatu saepe dixit ita se rem publicam gesturum ut scirent populi rem esse, non propriam*.”

¹⁹¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 4) “*tertio consules, cum ipse ter fuisset, plurimos fecit, infinitos autem secundi consulatus honore cumulavit*.”

¹⁹² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 5) “*ipsum autem tertium consulatum et quattuor mensibus tantum egit et in eo saepe ius dixit*.”

¹⁹³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 6) “*senatui legitimo, cum in urbe vel iuxta urbem esset, semper interfuit*.”

¹⁹⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 7) “*senatus fastigium in tantum extulit, difficile faciens senatores ut, cum Attianum ex praefecto praetorii ornamentis consularibus praeditum faceret senatorem, nihil se amplius habere quod in eum conferri posset ostenderit*.”

¹⁹⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 8-9) “*equites Romanos nec sine se de senatoribus nec secum iudicare permisit. erat enim tunc mos ut, cum princeps causas agnosceret, et senatores et equites Romanos in consilium vocaret et sententiam ex omnium deliberatione proferret*.”

demonstrado deferência em relação ao Senado¹⁹⁶. Quanto ao seu cunhado, Serviano, por quem nutria considerável respeito, concedeu-lhe a honra de um terceiro consulado, sem que este houvesse pedido ou mediante qualquer outra forma de intercessão¹⁹⁷. Como verificamos, o texto apresenta uma série de comportamentos e ações por parte de Adriano que podem ser compreendidas como tentativas de aproximação ao grupo senatorial, no sentido de fortalecer uma verdadeira reconciliação com eles.

No seguimento, porém, a narrativa deixa de lado o seu tom relativamente brando e novamente coloca em questão o comportamento não muito adequado de Adriano. De fato, novamente é ressaltado que Adriano, por este mesmo tempo, abandonou as províncias adquiridas por Trajano e, numa atitude contrária à vontade de todos, ordenou a destruição do teatro que seu antecessor mandara construir no Campo de Marte¹⁹⁸. Decisões que, na perspectiva do texto, se tornavam ainda mais desagradáveis para a opinião pública diante do seguinte fato: Adriano, ao tomar decisões que (supunha ele) não seriam bem recepcionadas, acabava sempre alegando que estava cumprindo com antigos desejos de Trajano¹⁹⁹. Adriano é representado sentindo-se um tanto quanto desconfortável em relação ao poder que detinha Acílio Atiano, seu antigo tutor; razão pela qual teria, inclusive, ambicionado matá-lo; não o fez porque tinha em mente o ódio gerado contra ele pela anterior execução dos quatro cônsules, não obstante haver imputado tal culpa ao próprio Atiano²⁰⁰. Como Adriano não poderia indicar um sucessor para Acílio Atiano, a menos que este o solicitasse, é dito que o impeliu a fazer tal requerimento,

¹⁹⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 10) “*exsecratus est denique principes qui minus senatoribus detulissent*”.

¹⁹⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (VIII, 11) “*Serviano sororis viro, cui tantum detulit ut ei venienti de cubiculo semper occurreret, tertium consulatum, nec secum tamen, cum ille bis ante Hadrianum fuisset, ne esset secundae sententiae, non petenti ac sine precatatione concessit*”.

¹⁹⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 1) “*Inter haec tamen et multas provincias a Traiano adquisitas reliquit et theatrum, quod ille in Campo Martio posuerat, contra omnium vota destruxit*”.

¹⁹⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 2) “*et haec quidem eo tristiora videbantur, quod omnia, quae displicere vidisset Hadrianus, mandata sibi ut faceret secreto a Traiano esse simulabat*”.

²⁰⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 3) “*cum Attiani, praefecti sui et quondam tutoris, potentiam ferre non posset, nisus est eum obtruncare, sed revocatus est, quia iam quattuor consularium occisorum, quorum quidem necem in Attiani consilia refundebat, premebatur invidia*”.

colocando Turbão em seu lugar²⁰¹; e neste mesmo momento designou Septício Claro, no lugar de Símile, para a outra prefeitura²⁰². Conforme a narrativa da fonte, Adriano teria neste momento removido da prefeitura “aqueles a quem realmente devia todo o seu poder”²⁰³. No demais, seguia com seus compromissos públicos, inspecionando o exercício da função por parte dos pretores e cônsules; também participava de banquetes junto aos seus amigos, sempre visitando e auxiliando através de suas palavras os que se encontravam doentes naquele instante, mesmo que fossem equestres ou libertos²⁰⁴.

Adriano então parte em direção às Gálias, promovendo várias benesses entre as cidades da região²⁰⁵, isso por volta do ano de 121 d.C. Seguindo para a Germânia, o príncipe, ainda que sempre desejando muito mais a paz do que a guerra, procurou manter as tropas em rígido treinamento, tal como se a guerra fosse iminente²⁰⁶. Teria em suas ações seguido o exemplo de Cipião Emiliano, Metelo e Trajano²⁰⁷, assim restaurando a disciplina que, desde os tempos de Octaviano, por culpa dos príncipes subsequentes, encontrava-se tão prejudicada²⁰⁸. De acordo com a fonte, cuidando e organizando o exército à maneira de um rei, Adriano partiu para a Britânia, onde resolveu alguns empecilhos e ergueu, em atitude inédita, uma muralha para separar os bárbaros dos romanos²⁰⁹. Foi nesse momento que Adriano

²⁰¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 4) “*cui cum successorem dare non posset, quia non petebat, id egit ut peteret, atque ubi primum petiit, in Turbonem transtulit potestatem;*”

²⁰² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 5) “*cum quidem etiam Simili alteri praefecto Septicium Clarum successorem dedit.*” Desde os tempos de Augusto houve no comando da guarda pretoriana uma divisão de poderes entre dois indivíduos, ou seja, havia dois prefeitos do pretório, mantendo um em relação ao outro as mesmas prerrogativas.

²⁰³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 6) “*Summotis his a praefectura, quibus debebat imperium,...*”

²⁰⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (IX, 7) “*Romae vero praetorum et consulum officia frequentavit, convivii amicorum interfuit, aegros bis ac ter die et nonnullos equites Romanos ac libertinos visitavit, solaciis refovit, consiliis sublevavit, convivii suis semper adhibuit.*”

²⁰⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (X, 1) “*Post haec profectus in Gallias omnes civitates variis liberalitatibus sublevavit*”

²⁰⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (X, 2) “*inde in Germaniam transiit. pacisque magis quam belli cupidus militem, quasi bellum immineret,...*”

²⁰⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (X, 2) “*exemplo Scipionis Aemiliani et Metelli et auctoris sui Traiani,...*”

²⁰⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (X, 3) “*si quidem ipse post Caesarem Octavianum labantem disciplinam incuria superiorum principum retinuit.*”

²⁰⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 2) “*Ergo conversis regio more militibus Britanniam petiit, in qua multa correxit murumque per octoginta milia passuum primus duxit, qui barbaros Romanosque divideret.*”

destituíu, em meio a vários outros, Septício Claro, prefeito do pretório, e Suetônio, o responsável por suas correspondências, de suas respectivas funções na administração pública; o motivo alegado foi o de que, sem o consentimento do príncipe, ambos os personagens haviam se comportado, em relação à imperatriz Sabina, de modo inapropriado à etiqueta da corte²¹⁰. Nesta mesma ocasião Adriano teria dito que, fosse ele um cidadão privado, haveria expulsado também a sua mulher, por conta de seu comportamento irritante e azedo²¹¹. Essa atitude de “vigilância” por parte de Adriano teria se estendido, para além de sua casa, aos seus amigos, sobre os quais investigava todos os segredos²¹², como exemplifica a fonte²¹³. Ademais, o texto ainda acrescenta, sempre em tom de criticidade, o amor por homens e os adultérios com mulheres casadas, práticas que, aliás, se tornariam como verdadeiros vícios, com Adriano não poupando nem seus próprios amigos²¹⁴.

Nesse momento, demarcado na fonte o instante da dispensa de Suetônio e o fim de suas atividades públicas, não mais pretendemos prolongar uma análise detalhada a respeito dos vários acontecimentos políticos relacionados ao Principado de Adriano. No entanto, antes de passarmos à reflexão sobre os dados históricos de contexto aqui levantados, consideramos importante destacar e explorar outras perspectivas apresentadas pela fonte a respeito de Adriano, especialmente no que se refere a sua personalidade e também ao fim de seu governo. Pois bem, o príncipe Adriano é caracterizado na fonte em questão como um homem extremamente dedicado à poesia e às letras, conhecedor de aritmética, da geometria e da pintura²¹⁵; porém, no que se refere aos prazeres, teria se demonstrado excessivo, compondo demasiados versos a respeito de seus

²¹⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 3) “*Septicio Claro praefecto praetorii et Suetonio Tranquillo epistularum magistro multisque aliis, quod apud Sabinam uxorem iniussu eius familiaris se tunc egerant quam reverentia domus aulicae postulabat,...*”

²¹¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 3) “*...successores dedit, uxorem etiam ut morosam et asperam dimissurus, ut ipse dicebat, si privatus fuisset.*”

²¹² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 4) “*et erat curiosus non solum domus suae sed etiam amicorum, ita ut per frumentarios occulta omnia exploraret, nec adverterent amici sciri ab imperatore suam vitam, priusquam ipse hoc imperator ostenderet.*”

²¹³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 5) “*unde non iniucundum est rem inserere, ex qua constet eum de amicis multa didicisse.*”

²¹⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XI, 7) “*et hoc quidem vitiosissimum putant atque huic adiungunt quae de adultorum amore ac nuptarum adulteriis, quibus Hadrianus laborasse dicitur, adserunt, iungentes quod ne amicis quidem servaverit fidem.*”

²¹⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XIV, 8) “*Fuit enim poematum et litterarum nimium studiosissimus. arithmeticae geometriae picturae peritissimus.*”

favoritos²¹⁶. Exímio conhecedor dos assuntos e práticas militares²¹⁷, Adriano seria considerado uma personalidade ao mesmo tempo austera e afável, séria e extrovertida, lenta e rápida no agir, mesquinha e generosa, dissimulada e sincera, cruel e piedosa, e sempre oscilante, variando em seus comportamentos²¹⁸. De modo claro, o texto expressa a generosidade por parte de Adriano em relação a todos ao seu redor, sem distinção²¹⁹. Contudo, também ressalta que o príncipe facilmente dava ouvido a todo tipo de comentário a respeito de seus amigos; comportamento este, aliás, que o teria levado a considerá-los, todos, seus inimigos; e mesmo aqueles mais próximos e que ele próprio auxiliou na elevação às mais altas honras, a exemplo de Atiano, Nepos e Septício Claro²²⁰.

De fato, são vários os exemplos citados de personagens prejudicados por essas atitudes “intempestivas” de Adriano: Eudémon, cúmplice de Adriano no momento em que este ascendeu, foi reduzido a um estado de pobreza²²¹; Polieno e Marcelo foram levados ao suicídio²²²; Heliodoro acabou difamado através de uma carta²²³; permitiu que Ticiano fosse acusado de participar, como cúmplice, de uma tentativa de usurpação ao poder, e o baniou por isso²²⁴; Umídio Quadrato, Catílio Severo e Turbão foram perseguidos²²⁵; e também teria coagido Serviano, o marido de sua irmã, ao suicídio, para que assim ele não conseguisse viver por mais tempo

²¹⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XIV, 9) “*in voluptatibus nimius; nam et de suis dilectis multa versibus composuit.*”

²¹⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XIV, 10) “*idem armorum peritissimus et rei militaris scientissimus, gladiatoria quoque arma tractavit.*”

²¹⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XIV, 11) “*idem severus comis, gravis lascivus, cunctator festinans, tenax liberalis, simulator simplex, saevus clemens, et semper in omnibus varius.*”

²¹⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 1) “*Amicos ditavit et quidem non petentes, cum petentibus nihil negaret.*”

²²⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 2) “*idem tamen facile de amicis, quidquid insusurrabatur, audivit atque ideo prope cunctos vel amicissimos vel eos, quos summis honoribus evexit, postea ut hostium loco habuit, ut Attianum et Nepotem et Septicium Clarum.*”

²²¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 3) “*nam Eudaemonem prius conscius imperii ad egestatem perduxit,*”

²²² Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 4) “*Polaenum et Marcellum ad mortem voluntariam coegit.*”

²²³ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 5) “*Heliodorum famosissimis litteris lacessivit.*”

²²⁴ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 6) “*Titianum ut conscius tyrannidis et argui passus est et proscribi.*”

²²⁵ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 7) “*Ummidium Quadratum et Catilium Severum et Turbonum graviter insecutus est.*”

que Adriano²²⁶. Para além de todas essas principais desavenças, o texto ainda acrescenta que Adriano perseguiu vários libertos e soldados²²⁷.

Como podemos verificar, esse “balanço” a respeito do comportamento de Adriano apresenta-se sob um tom extremamente crítico. De fato, ocorrem elogios pontuais, mas logo contrabalanceados pela alusão, por parte da narrativa aos comportamentos exagerados de Adriano. Este, elogiado na fonte por ser um bom conhecedor de todas as artes, igualmente aparece intimidando, ridicularizando e humilhando os mestres de todas as disciplinas; em seu pensamento, Adriano parecia acreditar que era o mais bem entendido em tudo²²⁸. Buscava intensamente a fama, sendo por este exato motivo que teria composto uma autobiografia; o detalhe, porém, é que ele teria repassado esse escrito aos seus libertos, para que estes o publicassem com vossos respectivos nomes²²⁹. Surgem ressalvas: ainda que censurasse e atormentasse músicos, autores de tragédia e de comédia, gramáticos e retóricos, Adriano acumulou muitos destes das mais variadas honras, enriquecendo-os²³⁰; e também, apesar dele próprio entristecer a muitos, era dito que duramente suportava ver alguém magoado em seus sentimentos²³¹. A estes breves elogios, a fonte acrescenta outros, entremeando a narrativa de bons e maus aspectos relacionados à personalidade de Adriano: este aparece como um homem que não guardou ressentimentos em relação às desavenças do passado, quando era cidadão privado²³²; custeava o equipamento militar de quem ele próprio requeria

²²⁶ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 8) “*Servianum sororis virum nonagesimum iam annum agentem, ne sibi superviveret, mori coegit*”.

²²⁷ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 9) “*libertos denique et nonnullos milites insecutus est*”.

²²⁸ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 9) “*et quamvis esset oratione et versu promptissimus et in omnibus artibus peritissimus, tamen professores omnium artium semper ut doctior risit contempsit obtrivit*”.

²²⁹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XV, 10) “*Famae celebris Hadrianus tam cupidus fuit ut libros vitae suae scriptos a se libertis suis litteratis dederit, iubens ut eos suis nominibus publicarent*”.

²³⁰ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XVI, 8) “*Sed quamvis esset in reprehendendis musicis tragicis comicis grammaticis rhetoribus facilis, tamen omnes professores et honoravit et divites fecit, licet eos quaestionibus semper agitaverit*”.

²³¹ Scriptores Historiae Augustae, Hadriani (XVI, 9) “*et cum ipse auctor esset, ut multi ab eo tristes recederent, dicebat se graviter ferre, si quem tristem videret*”.

²³² Scriptores Historiae Augustae (XVII, 1) “*Quos in privata vita inimicos habuit, imperator tantum neglexit, ita ut uni, quem capitale habuerat, factus imperator diceret "Evasisti".*”

os serviços²³³; oferecia e, por esse mesmo motivo, recebia muitos presentes²³⁴; expressava contundentemente seu amor pela plebe²³⁵; tamanho era o seu gosto por viagens, desejava conhecer, pessoalmente, todos os lugares sobre os quais lera²³⁶; e sempre concedeu muito aos reis, oferecendo ostensivos presentes²³⁷. Ao final desta série de considerações positivas, a **História Augusta**, através de uma referência ao pensamento de Mário Máximo, retoma o tom crítico na seguinte contraposição: Adriano, ao agir muitas vezes com bondade, estava, na verdade, apenas com receio de que lhe acontecesse algo semelhante ao ocorrido com Domiciano, tendo em vista que ele, Adriano, seria realmente cruel por natureza²³⁸.

Ainda que o texto ressalte em vários momentos o comportamento respeitoso de Adriano com os membros da sociedade civil²³⁹, admitindo em seu conselho os mais notáveis senadores²⁴⁰, não podemos deixar de notar uma constante crítica da narrativa ao comportamento político deste príncipe. Por exemplo, em momentos finais de seu governo, a fonte relata que Adriano passou a odiar todos aqueles que, pessoalmente, ele considerava como seus possíveis sucessores; considerava, pois, que todos estariam dispostos, imediatamente, a se tornarem príncipes²⁴¹. Tal sentimento de agressividade teria se estendido de modo mais intenso para Serviano²⁴², Fusco (neto de Serviano)²⁴³, Platório Nepos²⁴⁴ e Terêncio Genciano²⁴⁵.

²³³ Scriptores Historiae Augustae (XVII, 2) *"iis quos ad militiam ipse per se vocavit equos mulos vestes sumptus et omnem ornatum semper exhibuit"*.

²³⁴ Scriptores Historiae Augustae (XVII, 3) *"saturnalicia et sigillaricia frequenter amicis inopinantibus misit et ipse ab his libenter accepit et alia invicem dedit"*.

²³⁵ Scriptores Historiae Augustae (XVII, 8) *"fuit et plebis iactantissimus amator."*

²³⁶ Scriptores Historiae Augustae (XVII, 8) *"peregrinationis ita cupidus ut omnia quae legerat de locis orbis terrarum praesens vellet addiscere"*.

²³⁷ Scriptores Historiae Augustae (XVII, 10-11) *"regibus multis plurimum detulit, a plerisque vero etiam pacem redemit, a nonnullis contemptus est; multis ingentia dedit munera, sed nulli maiora quam Hiberorum, cui et elephantum et quinquagenariam cohortem post magnifica dedit dona."*

²³⁸ Scriptores Historiae Augustae (XX, 3) *"Marius Maximus dicit eum natura crudelem fuisse et idcirco multa pie fecisse quod timeret, ne sibi idem quod Domitiano accidit eveniret"*.

²³⁹ Scriptores Historiae Augustae (XXII, 1-2) *"Tutores saepissime dedit. disciplinam civilem non aliter tenuit quam militarem. senatores et equites Romanos semper in publico togatos esse iussit, nisi si a cena reverterentur"*.

²⁴⁰ Scriptores Historiae Augustae (XXII, 11) *"causas Romae atque in provinciis frequenter audivit, adhibitis in consilio suo consulibus atque praetoribus et optimis senatoribus."*

²⁴¹ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 6) *"omnes postremo, de quorum imperio cogitavit, quasi futuros imperatores detestatus est"*.

²⁴² Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 2) *"factusque de successore sollicitus primum de Serviano cogitavit, quem postea, ut diximus, mori coegit"*.

De fato, essa “crueldade” enfatizada no comportamento de Adriano²⁴⁶ se constrói, no relato da fonte, a partir de seu movimento de ódio e, consequente, impulso ao assassinato de membros políticos da sociedade de seu tempo. Serviano, por sua constante menção na fonte em questão, surge ao final do texto como exemplo de homem que se viu coagido por Adriano ao suicídio; e muitos outros teriam sido impulsionados nesse mesmo sentido, de modo aberto ou através de armadilhas²⁴⁷. Ademais, quanto à morte de Sabina, a imperatriz, suspeitas também foram criadas, tendo em vista uma possibilidade de envenenamento a mando do príncipe²⁴⁸. Por fim, a narrativa destaca em seu desfecho o excessivo desgosto pela vida que Adriano, enfermo, nutria²⁴⁹. Comportamento, aliás, que o teria levado a exagerar em seus atos de crueldade. Fora Antonino Pio, personagem adotado por Adriano como seu novo sucessor, quem teria buscado preservar os senadores das ações intempestivas do príncipe²⁵⁰. Na perspectiva da fonte, Adriano na época era odiado por todos²⁵¹. No momento em que faleceu, muitos teriam se levantado e falado contra Adriano²⁵²; o Senado tentara revogar os seus atos e, caso não ocorresse a intervenção de Antonino Pio, Adriano não teria sido proclamado divino²⁵³.

²⁴³ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 3) “*item Fuscum, quod imperium praesagiis et ostentis agitatus speraret*”.

²⁴⁴ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 4) “*in summa detestatione habuit Platorium Nepotem, quem tantopere ante dilexit ut veniens ad eum aegrotantem Hadrianus impune non admitteretur, suspicionibus adductus*”.

²⁴⁵ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 5) “*et eodem modo et Terentium Gentianum, et hunc vehementius, quod a senatu diligi tunc videbat*”.

²⁴⁶ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 7) “*et omnem quidem vim crudelitatis ingenitae usque eo repressit*”.

²⁴⁷ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 8) “*tunc libere Servianum quasi adfectatorem imperii, quod servis regiis cenam misisset, quod in sedili regio iuxta lectum posito sedisset, quod erectus ad stationes militum senex nonagenarius processisset, mori coegit, multis aliis interfectis vel aperte vel per insidias;*”.

²⁴⁸ Scriptores Historiae Augustae (XXIII, 9) “*quando quidem etiam Sabina uxor non sine fabula veneni dati ab Hadriano defuncta est*”.

²⁴⁹ Scriptores Historiae Augustae (XXIV, 8) “*Hadrianus autem ultimo vitae taedio iam adfectus gladio se transfigi a servo iussit*”.

²⁵⁰ Scriptores Historiae Augustae (XXIV, 4) “*quamvis alii cognomentum hoc ei dicant inditum, quod multos senatores Hadriano iam saevienti abripuisset*”.

²⁵¹ Scriptores Historiae Augustae (XXV, 7) “*invisusque omnibus sepultus est in villa Ciceroniana Puteolis*”.

²⁵² Scriptores Historiae Augustae (XXVII, 1) “*In mortuum eum a multis multa sunt dicta*”.

²⁵³ Scriptores Historiae Augustae (XXVII, 2) “*acta eius inrita fieri senatus volebat. nec appellatus esset divus, nisi Antoninus rogasset*”.

2.5. O PENSAMENTO POLÍTICO DE SUETÔNIO

No exercício de interpretação crítica que realizamos aqui, momento em que buscamos o sentido das informações apresentadas a respeito da vida e do governo de Adriano, obtemos vários importantes dados de contexto, essenciais ao nosso estudo crítico a ser desenvolvido em relação à obra de Suetônio. Dessa forma, então, direcionamos as seguintes questões para a nossa, conseguinte, reflexão: de que todo esse conhecimento de contexto político pode contribuir para a nossa compreensão da proposta narrativa de Suetônio? Quais fatores do universo político se entrelaçam à vida do autor, que o motivaram à escrita?

Primeiramente, devemos ter em mente que as duas fontes analisadas, a **História de Roma** e a **História Augusta**, não podem ser consideradas “relatos imparciais” ou “neutros” a respeito da vida e do governo de Adriano, pelo contrário: são produtos subjetivos, os quais expressam determinados referenciais de mundo, de pensamento. E quais seriam estes referenciais, essencialmente? Ora, são os valores relacionados aos grupos de maior projeção social no ambiente romano, certamente; homens que detinham o acesso à formação e à erudição necessárias à prática da escrita histórica e biográfica. Dessa forma, através da leitura dessas fontes, nos aproximamos de uma visão “tradicional” a respeito dos personagens e eventos contemplados²⁵⁴; visão, portanto, intrínseca à dos grupos dominantes, estabelecidos nas instituições de poder, a exemplo do Senado romano²⁵⁵. Nesse

²⁵⁴ Nesse sentido, destacamos o seguinte parecer da historiadora Ana Teresa Marques Gonçalves: “acreditamos encontrar na obra *História Romana* de Dion Cássio Cocceiano informações que nos permitem construir uma espécie de *ars gubernatoria* [...], isto é, um conjunto de conselhos referentes à habilidade de bem governar o Império, de conquistar a anuência das divindades e de convencer os súditos de que estaria no comando imperial o homem mais virtuoso e mais capaz de gerar um consenso mínimo possibilitador de manter a estabilidade institucional que, por sua vez, desencadearia uma época de abundância e concórdia. No imaginário político romano, as características de um governo se misturam intrinsecamente com os vícios e virtudes daqueles que exercem o poder, pois é a demonstração destas virtudes e/ou a sua ausência que norteia a ação a ser empreendida pelo soberano”. GONÇALVES, Ana Teresa Marques . O Governo de Tibério e a Difícil Arte de Suceder Bons Imperadores. **De Rebus Antiquis**, v. 1, p. 45, 2011.

²⁵⁵ Por sua vez, a respeito da *Historia Augusta* e seu referencial ideológico, corrobora nesse sentido José Luiz Lopes Brandão, a exemplo de suas palavras “Virtudes como *uirtus*, *clementia*, *iustitia*, *pietas* reconhecidas e catalogadas na sequência do principado de Augusto, consagraram um ideal imperial que se vê que continua válido no momento da redacção, para a apreciação do governo dos imperadores. E a perspectiva é claramente senatorial”. BRANDÃO, José Luiz Lopes. Introdução. In: **Historia Augusta. Volume I - Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo**. Tradução de Cláudia A. Teixeira, José

sentido, são os valores da tradição romana que servem de base à crítica, positiva ou negativa, a respeito de Adriano²⁵⁶.

Independente dos motivos específicos, próprios a cada respectivo contexto, que direcionaram ambas as narrativas à abordagem do tema em questão, invariavelmente elas tornaram a história da personalidade e do governo de Adriano “exemplos”; e isso, consideramos, tanto no aspecto positivo quanto negativo. Portanto, no trabalho com a memória de Adriano encontraríamos, conseqüentemente, as lições do passado²⁵⁷. Mas quais seriam, exatamente, estes exemplos, lições, evidentes na história deste príncipe romano? Buscando paralelos e cruzando as informações referentes às duas obras de contexto analisadas, encontramos alguns destaques importantes. O evento que inicialmente despertou a nossa atenção diz respeito à ascensão de Adriano ao Principado: ele é visto como um possível usurpador, um homem que teria chegado ao Principado por conta de acertos políticos e favores pessoais; e contando com a ajuda de Públio Acílio Atiano e da imperatriz Plotina. Uma conjuntura, aliás, que revelaria um clima de intensas intrigas e sérias disputas naquele momento. Em suma, os documentos trazem à tona a ideia de uma possível “trama” na adoção de Adriano, sinalizando os vários rumores nesse sentido; de fato, somente um sensível lapso na confirmação da adoção de Adriano acabaria provocando esse grave nível de discussão²⁵⁸.

Outro evento em destaque nas fontes diz respeito aos movimentos de contestação e conspiração que, à época, surgiram contra Adriano. Nomes como o de Béblio Macro e Labério Máximo são introduzidos²⁵⁹, mas foram Lúcio Quieto,

Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011, p.13.

²⁵⁶ São os valores políticos romanos; lembremos, nesse caso, de nossa discussão na introdução.

²⁵⁷ Lembremos, nesse sentido, da inteligibilidade do discurso histórico-biográfico; Conferir as páginas 27-34 no presente estudo.

²⁵⁸ Conforme Anthony Birley, “La idea de que Adriano se convirtiera en sucesor de Trajano encontró, sin duda, una amplia oposición que fue, probablemente, el origen de los ‘extendidos rumores’ recogidos por la HA.”. BIRLEY, Anthony. **Adriano**. Madrid: Editorial Gredos, 2010, p.105. Na opinião de Arcadio del Castillo, “parece ser que el favor [...] de la emperatriz Pompeya Platina, esposa de Trajano, contando con la ayuda del prefecto del pretorio, P. Elio Attiano, resultó ser la clave para la adopción de Adriano y su nominación como sucesor en el poder imperial; la sombra de Pompeya Platina estuvo, desde luego, muy presente en los oscuros sucesos que rodearon el final de Trajano”. MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. Tomo II - El Imperio Romano. Madrid: Cátedra, 1989, p. 205.

²⁵⁹ De fato, segundo Anthony Birley, logo que fora aclamado, “Adriano tenía enemigos en Roma y otras partes. Una carta de Attiano le instó a actuar con rapidez y de forma implacable. En ella se

Nigrino, Celso e Palma os personagens efetivamente acusados e punidos; acabaram, todos eles, assassinados²⁶⁰. Diante do ocorrido, a sociedade política teria reagido e se manifestado contra tais ações, tendo em vista que os envolvidos nessa questão eram todos ex-cônsules²⁶¹. Adriano, prontamente, se eximiu de qualquer responsabilidade sobre o acontecido, buscando imediatamente reaver a confiança da sociedade política²⁶². As duas fontes, aproveitando a deixa e o impacto de tal ocorrência, exploram uma caracterização da personalidade geral de Adriano, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos; acabam direcionando-se, porém, muito mais para os negativos.

Inicialmente, no que se refere aos seus aspectos positivos, Adriano é caracterizado como um grande conhecedor de todas as artes²⁶³, um governante geralmente benevolente, generoso e assistencialista, que teria governado o povo romano pela dignidade, e não pela bajulação. O destaque, porém, é o seu comportamento exemplar em relação à sociedade política: passa a dispensar atenção especial aos senadores, auxiliando-os financeiramente e permitindo a vários deles uma aproximação especial ao seu governo, aos seus afazeres; também neste momento marca uma constante presença nas assembleias e no Senado, onde afirmava reiteradamente que não governava um bem pessoal, mas sim do povo. Da

daban los nombres de tres personas. Si el prefecto de la urbe, Bebio Mácer, parecía oponerse a la confirmación del nombramiento de Adriano, debía ser asesinado; lo mismo ocurría con dos desterrados eminentes que languidecían en las islas donde había sido exiliados, el antiguo mariscal descontento Laberio Máximo, que supuestamente había aspirado al trono, y Craso Fugí, conspirador contra Nerva y Trajano". BIRLEY, Anthony. **Adriano**. Madrid: Editorial Gredos, 2010, p.207.

²⁶⁰ Na ressalva de Anthony Birley, "si Nigrino conspiro para asesinar a Adriano – o si pudo ser acusado verosíilmente de haber conspirado -, sus auténticos motivos y los de sus supuestos cómplices en la conjura no se han de buscar muy lejos; les habría impulsado un profundo resentimiento por el abandono de las conquistas de Trajano". BIRLEY, Anthony. **Adriano**. Madrid: Editorial Gredos, 2010, p.219.

²⁶¹ Para Gonzalo Bravo, essa série de execuções, realizadas "sin juicio previo violaba la normativa vigente y sentaba en peligroso precedente contra los privilegios de la institución senatorial". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.448.

²⁶² Anthony Birley complementa que "la orden de ejecutar a los cuatro antiguos cónsules por alta traición fue dada por el senado y aplicada por Attiano. Adriano afirmaría que no había querido su muerte y culpó de ella a este último. Aquel desdichado asunto arrojó una sombra sobre las relaciones de Adriano con el Senado." BIRLEY, Anthony. **Adriano**. Madrid: Editorial Gredos, 2010, p.220.

²⁶³ Segundo Anthony Spawforth, era dito que Adriano "dominaba ampliamente la cultura griega: se decía que había aprendido a la perfección no solo la lengua de los griegos, sino también su música, su medicina y su geometría, y que incluso era capaz de pintar y esculpir a la manera griega". SPAWFORTH, A. J. S. Adriano y el pasado griego. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004. p. 115.

mesma forma que teria valorizado e protegido a dignidade do Senado, também o fez com as magistraturas, especialmente com o consulado. Adriano teria, inclusive, reiteradamente, abominado os príncipes do passado que não teriam, ao longo de seus governos, demonstrado deferência ao Senado romano; com certeza, uma alusão interessante e propagandística.

Porém, todo esse comportamento positivo (e reconciliador, lembremos) é substituído por ações duramente criticadas também em ambas as fontes. Adriano é visto como detentor de uma ambição insaciável, sempre com um forte sentimento de ciúme e inveja em relação aos homens de seu tempo, sejam eles políticos ou artistas. Quando despertado em sua ira, Adriano naturalmente passava a agir com severidade e crueldade, características constantemente projetadas em seu comportamento. Também era visto se intrometendo exageradamente nos assuntos alheios e desconfiando de todos ao seu redor, considerando a muitos como inimigos, e perseguindo-os. Teria, inclusive, afastado aqueles a quem devia o seu poder, a exemplo do próprio Acílio Atiano. O amor de Adriano por homens e seus adultérios também são referenciados como práticas condenáveis de sua conduta. Em suma, é o caráter sempre oscilante de seu comportamento o grande destaque: austero e afável, sério e extrovertido, lento e rápido no agir, mesquinho e generoso, dissimulado e sincero, cruel e piedoso.

Após o entrelaçamento de elogios e críticas no movimento de suas narrativas, ambas as fontes são categóricas na afirmação de que Adriano, ao final de seu governo, era um personagem odiado por todos; sentimento devido, principalmente, às suas crueldades e aos vários assassinatos envolvendo importantes membros da sociedade política, seja no início ou fim de seu governo. Não é por menos que as fontes ressaltam a “justiça” do sofrimento e desejo pela morte de Adriano, que padecia de todas as dores. Sua deificação, levada a cabo por Antonino Pio, não teria sido uma tarefa fácil²⁶⁴. Revela-se aqui, portanto, uma perspectiva teleológica na história de Adriano: um início ruim teria levado a um, iminente, término ruim.

²⁶⁴ Para Fergus Millar, “En una ocasión, sin embargo, en que el poder se transmitió pacíficamente, a la muerte de Adriano en el año 138, su sucesor, Antonio Pío, tuvo suma dificultad en persuadir al Senado (que odiaba a Adriano por haber ejecutado a ciertos ciudadanos destacados) para que le deificase: ‘En este caso - dijo en un discurso al Senado - si él era un hombre inicuo y enemigo público yo tampoco seré vuestro emperador. Pues si él era como decís anularéis sus disposiciones, una de las cuales era mi adopción’.” MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973, pp. 21-22.

Grande parte do que foi apontado acima, referente aos acontecimentos históricos e às ações/comportamentos de Adriano, ao que acreditamos, estava pulsante nos pensamentos de Suetônio em seu tempo, tendo ele, propriamente dito, vivido e participado dos eventos políticos relacionados à transição de poder entre Trajano e Adriano. Podemos então, tendo em vista o conjunto de nossas considerações, apontar e sugerir o seguinte ambiente político em torno de Suetônio à época de sua escrita: aproximando-se o final do governo de Trajano, houve um momento de acirramento político na disputa pelo Principado; o fato de não ter anunciado oficialmente um sucessor pode ser considerado um indicativo, por parte da consciência de Trajano, de toda a tensão existente no panorama político à época, quando provavelmente muitos estariam se lançando à posição de príncipe; nesse caso, uma adoção “oficial” deflagraria, conseqüentemente, um forte conflito interno, impossibilitando a continuidade da política de expansão territorial em andamento; Adriano foi aquele que, do momento da morte de Trajano, soube contar com os apoios necessários e decisivos para se alçar ao poder; claro, todo esse movimento orquestrado por Adriano e seus aliados acabaram desagradando a muitos outros, que provavelmente se viram injustiçados ou prejudicados; alguns deste, sabemos, contestaram a autoridade de Adriano ao Principado nos meses que se seguiram; e, diante de tais reclamações, o príncipe não hesitou em ordenar, autorizar ou consentir sobre a morte dos supostos “insurretos”, mesmo que todos os condenados fossem pertencentes a importantes setores da sociedade política romana.

Encontra-se nessa última ação um perigoso precedente no quadro das relações políticas do período; acontecimento, aliás, de maior ênfase nas fontes de contexto. Por este momento inicial do Principado de Adriano, consideramos aqui, o clima não seria dos melhores na relação do príncipe com a sociedade política tradicional. Como sabemos, Suetônio, membro da antiga administração de Trajano, soube lidar com a transferência do poder e continuar atuando na esfera pública; ou seja, conseguiu preservar a sua posição neste momento de acirramento político. Suetônio teria se tornado, então, um simpatizante de Adriano? Não necessariamente, é o que acreditamos. E como podemos buscar esse conhecimento? Pois bem, nossa via de acesso ao “**Pensamento político**” de Suetônio para este período torna-se possível através da obra que consideramos “fruto” de suas reflexões à época: “**A Vida dos Doze Césares**”, publicada entre os

anos 119/22 d.C. Em sua obra, conforme ressaltamos ao final do primeiro capítulo, Suetônio volta-se ao passado, mais especificamente em direção aos personagens e eventos relacionados ao movimento político de surgimento e estabelecimento do Principado, acontecimento de grande impacto institucional na história romana. Nesse sentido, apresentar frente à **“sociedade política”**, ambiente de Suetônio, um quadro histórico a respeito do que é o Principado e, principalmente, trabalhar com a vida de seu mais alto representante, o príncipe, acaba ganhando um significado especial quando compreendemos essa tarefa como parte de um esforço maior: o autor, no que também podemos considerar aqui um posicionamento político, desejava desenvolver e estimular uma reflexão a respeito de seu presente, avaliando o seu momento histórico tendo por base uma construção referencial, teórica, do passado. Passado que, na inteligibilidade do discurso característico à construção narrativa de Suetônio, não deixava de oferecer incontáveis e dignos exemplos sobre o que poderia ser considerado, no vasto âmbito das relações políticas, uma ação positiva ou negativa, um comportamento elogioso ou reprovável da parte do governante romano, do príncipe. Dessa forma, naturalmente e sutilmente, Suetônio colocava as ações e os comportamentos de Adriano, ao início de seu Principado, sob a apreciação crítica do passado, ou seja, de toda a tradição política romana que, com César e Octaviano, se renovava.

Que Suetônio deixou-se afetar pelas circunstâncias de seu tempo e, nesse sentido, motivou-se à escrita de sua obra, não podemos duvidar; o que não podemos, neste exato momento, é simplesmente afirmar que o autor estava, através de seu escrito, colocando-se totalmente a favor ou contra Adriano. De fato, essa “projeção” do passado em direção ao presente, levada a cabo pela obra de Suetônio, poderia muito bem assumir um efeito positivo ou negativo na imagem, ainda em construção, de Adriano; e poderia mesmo contribuir para reforçar a sua legitimidade como novo príncipe, ou estimular ainda mais as críticas contra a sua pessoa, tão intensas ao início de seu governo. Tudo isso depende, naturalmente, da **“correlação de analogia”** que se estabelece entre a circunstância vivida no presente e aquela narrada e pertencente ao passado, ou seja: a tudo aquilo que, indicado no passado, acaba lembrando ou recomendando algo para o presente do autor, em relação às circunstâncias políticas vividas em seu próprio tempo. Pretendemos, dessa forma, em nosso estudo, explorar e analisar essas possíveis

correlações, buscando na obra essas alusões, sejam elas diretas ou indiretas; e, através disso, sempre atuando na busca do pensamento político de Suetônio.

Considerações postas, passemos agora à análise das construções biográficas de Suetônio, contemplando em nosso projeto de análise da fonte uma questão em especial: a perspectiva de Suetônio em relação ao surgimento e estabelecimento da instituição Principado; nesse sentido, desenvolvendo um trabalho de interpretação crítica, vamos analisar nos dois próximos capítulos os vários aspectos da vida de Júlio César e Octaviano, personagens, conforme propomos anteriormente, protagonistas do movimento político de centralização do poder em Roma. Por esse caminho de investigação, portanto, continuamos a nossa tarefa maior de compreensão da obra, do pensamento e das ações políticas de Suetônio.

3. JÚLIO CÉSAR E A TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA ROMANA

3.1. UM MARCO INICIAL PARA A NARRATIVA DOS CÉSARES

No processo histórico que desencadeou o surgimento institucional do poder centralizado em Roma, teve grande importância o nome de Júlio César, o primeiro dos biografados por Suetônio. Com este personagem, de fato, em função de todas as suas atividades públicas e militares, demarcou-se um momento central na “transformação” da antiga estrutura política romana, isso em finais do primeiro século antes de Cristo. Para a nossa compreensão deste momento histórico, o conceito de “transformação” torna-se o mais adequado, especialmente em relação ao de “ruptura” – este que pressupõe a ocorrência abrupta de mudanças sociais e políticas. Realmente, por mais que importantes inovações tenham se desenvolvido durante este período, as tradições ancestrais da política romana não foram, de uma hora para a outra, simplesmente ignoradas ou esquecidas; pelo contrário: continuaram presentes, transformando-se e adequando-se aos novos tempos.

Por volta do ano 100 a.C., época em que nasceu Júlio César, o então sistema de governo denominava-se, na indicação da historiografia contemporânea, **“República Romana”**; tratava-se de modelo político específico, em vigor desde o ano de 509 a.C., quando o último rei etrusco, Tarquínio, o Soberbo, acabou sendo deposto e expulso dos territórios romanos. Quando de seu estabelecimento, a sociedade republicana apresentava características bem definidas: os membros da tradicional aristocracia patrícia, cidadãos de grandes posses, encontravam-se no topo; eles controlavam os rumos da política, pois dominavam as instituições (especialmente, o Senado) e o exercício das mais importantes magistraturas, a exemplo do consulado. Os demais membros da sociedade, incluindo os plebeus enriquecidos (equestres) e os plebeus pobres (o povo), com o passar dos anos, acabaram conquistando, através de muitas lutas, vários direitos frente aos patrícios; no entanto, apesar de todo esse movimento, não ocorreram grandes alterações na ordem social. Roma, no desenvolvimento de sua República, ao mesmo tempo em que organizava e fortalecia a estrutura social, apresentou e levou adiante uma política externa de forte expansionismo. Consolidou a sua hegemonia em toda a Península Itálica no decorrer dos séculos IV e III a.C., inclusive

conquistando as cidades de colonização grega ao sul: região conhecida por “Magna Grécia”. Envolve-se numa disputa pelo controle comercial do mar Mediterrâneo na segunda metade do século III a.C., enfrentando a cidade de Cartago. Na ocasião, a Macedônia de Felipe V colocou-se ao lado de Cartago, no sentido de evitar um possível avanço romano ao Oriente. Vitoriosa na disputa, Roma anexou os territórios vencidos; regiões do oriente próximo, incluindo aquelas do reino de Pérgamo e do reino Selêucida, foram igualmente incorporadas. Todo esse movimento de conquistas, levada a cabo durante séculos, teve impactantes efeitos no quadro político e social romano. Roma, antes uma pequena cidade italiana, passou a controlar um vasto e diversificado território; nesse sentido, acabou encontrando sérias dificuldades, tendo em vista que suas estruturas políticas tradicionais não foram planejadas visando exatamente essas circunstâncias. O exército, efetivamente o responsável pela proteção dos romanos, ganhou importância fundamental, e seus líderes começaram a se projetar cada vez mais no universo da política romana. Ao mesmo tempo, neste momento de passagem dos séculos II ao I a.C., intensificaram-se as disputas entre os membros da aristocracia pelas magistraturas, ocasionando graves rompimentos e conflitos entre os dirigentes da política. Foi nesse contexto de iminente “esgotamento” que viveu Júlio César, personagem que efetivamente contribuiu para um processo de renovação política. Passemos agora, então, ao nosso trabalho de interpretação crítica da fonte, analisando a construção biográfica de Suetônio a respeito de Júlio César. Buscamos as perspectivas em destaque ao longo da narrativa, ou seja, as ações e circunstâncias significativas, no sentido de avaliar o posicionamento do autor, Suetônio, em relação à trajetória política de Júlio César.

3.2. CAIO JÚLIO CÉSAR NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Da mesma forma que a introdução da obra, o início da vida de Júlio César não fora preservado, perdendo-se no tempo. Na primeira referência de importância na obra, encontramos Júlio César com dezesseis anos de idade: na época casado com Cossúcia, descendente de uma rica família da ordem equestre, rompeu essa

aliança para contrair matrimônio com Cornélia (94 – 69 a.C.)²⁶⁵, filha de Lúcio Cornélio Cina (130 – 84 a.C.)²⁶⁶, experiente político da época; quando o então ditador Sula (138 – 78 a.C.)²⁶⁷ soube disso, procurou forçar Júlio César ao divórcio²⁶⁸. Sula, então, colocou Júlio César na lista de seus opositores, iniciando uma perseguição contra ele; porém, graças à intervenção das virgens Vestais, de Mamerco Emílio e de Aurélio Cota, Júlio César conseguiu, enfim, o perdão de Sula²⁶⁹. Seguindo com a narrativa, continuando com esse mesmo tom de objetividade e síntese, Suetônio comenta que Sula, perante toda essa situação, teria dito, por inspiração divina ou simples conjectura, que Júlio César, homem pelo qual todos haviam corrido ao amparo, algum dia se tornaria o motivo da ruína do partido dos melhores²⁷⁰, afirmando que nele “se encontraria bem mais de um Mário”²⁷¹. Pois bem, essa relação de proximidade entre Mário e Júlio César aqui em destaque não pode ser considerada, na construção narrativa em desenvolvimento, despropositada ou simples insinuação ao parentesco entre ambos²⁷². De fato, muito provavelmente

²⁶⁵ Segunda esposa de Júlio César, Cornélia deu a luz à única filha legítima de Júlio César, Júlia (83-54 a.C.)

²⁶⁶ Membro de uma família da tradicional aristocracia, Lúcio Cornélio Cina pertenceu ao partido dos populares. Alinhado aos interesses políticos de Mário, exerceu o consulado quatro vezes (de 87 a 84 a.C.).

²⁶⁷ Membro de uma família da tradicional aristocracia; alinhou-se ao partido dos “melhores”.

²⁶⁸ Suet. Jul. (I, 1) “*Annum agens sextum decimum patrem amisit; sequentibusque consulibus flamen Dialis destinatus dimissa Cossutia, quae familia equestri sed admodum diues praetextato desponsata fuerat, Corneliam Cinnae quater consulis filiam duxit uxorem, ex qua illi mox Iulia nata est; neque ut repudiaret compelli a dictatore Sulla ullo modo potuit.*”

²⁶⁹ Suet. Jul. (I, 2) “*quare et sacerdotio et uxoris dote et gentilicis hereditatibus multatus diuersarum partium habebatur, ut etiam discedere e medio et quamquam morbo quartanae adgrauante prope per singulas noctes commutare latebras cogeretur seque ab inquisitoribus pecunia redimeret, donec per uirgines Vestales perque Mamercum Aemilium et Aurelium Cottam propinquos et adfines suos ueniam impetrauit.*”

²⁷⁰ Conforme ressalta o historiador Renan Frighetto, “as fontes clássicas romanas referem-se aos membros do senado romano como *senatores*, *patricci*, *potentes*, *boni*, termos que denotam uma superioridade política sobre o restante do corpo de cidadania, mas que também indicam uma supremacia social e cultural referendada pela ‘tradição ancestral’, definida pelos romanos como o *mos maiorum*”. FRIGHETTO, Renan. Algumas considerações: o poder político na Antiguidade Clássica e na Antiguidade Tardia. **Stylos** (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 13, p. 38, 2004.

²⁷¹ Suet. Jul. (I, 3) “*satis constat Sullam, cum deprecantibus amicissimis et ornatissimis uiris aliquamdiu denegasset atque illi pertinaciter contenderent, expugnatum tandem proclamasse siue diuinitus siue aliqua coniectura: uincerent ac sibi haberent, dum modo scirent eum, quem incolumem tanto opere cuperent, quandoque optimatum partibus, quas secum simul defendissent, exitio futurum; nam Caesari multos Marios inesse.*”

²⁷² Destacamos que Mário vinculava-se a Júlio César na qualidade de tio. Era casado com Júlia Cesaris, pertencente aos Júlios, uma importante família da sociedade política romana.

no pensamento de Suetônio, essa correlação apresentava um sentido específico; sentido, aliás, que devemos buscar compreender.

Membro de uma família não vinculada à tradicional sociedade política, Mário (157 – 86 a.C.) marcou sua presença na história como um grande político e general, líder do partido dos populares²⁷³. Cônsul em 107 e 104 a.C., tornou-se célebre ao derrotar as tribos germânicas (teutões e cimbrós) que ameaçavam à época uma grande invasão ao território italiano. Rivalizou com Sila, com o qual entrou em confronto político no ano de 88 a.C. Juntamente com Cina (o pai de Cornélia, futura esposa de Júlio César), Mário perseguiu e assassinou vários dos partidários de Sula nos anos seguintes. Morreu aos setenta e um anos de idade, tendo exercido por sete vezes a magistratura do consulado. Mário, portanto, no confronto direto com Sula, representava simplesmente o embate entre os diferentes partidos republicanos: os “populares” contra os “melhores”. Sula, após uma longa sucessão de confrontos, deteve o avanço de Mário, assim conservando a prerrogativa dos melhores na política romana; chegou, nessa política, a perseguir vários partidários de Mário nos anos seguintes, buscando afastar todos os possíveis perigos²⁷⁴. Porém, essa prerrogativa foi novamente abalada no futuro, e justamente por Júlio César. Encontra-se nessa questão, portanto, o sentido lógico da relação entre ambos no texto de Suetônio, a saber: o posicionamento contra o partido dos melhores. Como verificamos aqui, Suetônio praticamente “antecipa” o futuro, construindo a partir das informações levantadas uma “expectativa” negativa em relação a Júlio César e suas ações políticas em Roma. Estamos diante, ao que propomos neste momento, de um recurso narrativo muito empregado por Suetônio

²⁷³ Os populares, ou melhor, o partido do “povo”, tinha em sua composição vários membros da aristocracia romana; estes, no período final da República, manobravam o apoio das assembleias populares romanas na disputa política contra o partido dos melhores.

²⁷⁴ José Guilherme R. Silva contribui para o nossa compreensão desse contexto político, explicando o posicionamento de Mário e Sula no período. De acordo com o autor, “Mário e Sula, dois influentes políticos da época, lutaram como comandantes romanos na Guerra Social. Finda a guerra, Sula foi indicado, na condição de cônsul, para o comando das legiões contra Mitrídates VI, rei do Ponto, que havia invadido a Ásia Menor. Mário, usando da violência, transferiu o comando para si mesmo e Sula, numa reação sem precedentes na história romana, marchou com suas legiões contra a *Urbs*. Teve início assim a primeira guerra civil romana (88 a 87 a.C.). Sula, proclamando-se defensor da liberdade de Roma, tomou a cidade e em seguida voltou-se contra Mitrídates, partindo então para a Ásia Menor. Mário, que havia se refugiado no norte da África, recuperou o controle de Roma na ausência de Sula. Passados três anos, com o retorno de Sula, nova guerra civil teve lugar (84 a 82 a.C.). Vitorioso, Sula determinou inúmeras proscrições contra os ‘inimigos’ da República”. SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C.). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009, pp.125-126.

ao longo de sua obra: o **discurso teleológico**. No pensamento teleológico encontramos o que seria uma noção de pré-determinação em relação à própria vida: o “destino” de cada um estaria praticamente definido; e poderia até mesmo ser rastreado, investigado²⁷⁵. Suetônio, ao longo de suas várias construções biográficas, demonstra-se realmente preocupado na busca de “indícios” (são alusões, comparações, presságios, opiniões...) que precisamente apontem, e na medida do possível “justifiquem”, o futuro de todos os homens em questão. Nesse sentido, para uma investigação crítica e cuidadosa da obra de Suetônio, devemos levar em consideração esse movimento da narrativa: uma construção que trabalha com as idas e retornos no tempo, na elaboração de percepções.

Voltando ao texto, na sequência da narrativa biográfica, nos deparamos com outros elementos interessantes à nossa reflexão. De acordo com Suetônio, Júlio César, na época de seu exercício do cargo de questor, pronunciou um elogio fúnebre para sua tia Júlia, mulher de Mário, e Cornélia, sua mulher, ambas recentemente falecidas²⁷⁶. Neste discurso, Júlio César teria dito que a linhagem de sua tia Júlia era descendente de reis pelo lado materno, e de deuses imortais pelo lado paterno; na explicação dele, existiria um vínculo entre os “Reis Márcios” (nome que designava a família de sua mãe) para com Anco Márcio²⁷⁷, e entre os “Júlios” (família da qual a sua, em especial, seria um ramo) para com a deusa Vênus; dessa forma, em sua linhagem, coexistiria o caráter sagrado dos reis, que ostentavam entre os homens o máximo poder, e toda a reverência devida aos deuses, para quem até os reis encontrar-se-iam submetidos em poder²⁷⁸. Pois bem, essa passagem da obra transmite ao leitor, por meio da construção narrativa de Suetônio, a percepção que

²⁷⁵ Sobre o conceito de tempo na Antiguidade, indicamos a leitura de BARROS, José D’Assunção. Os tempos da história: do tempo mítico às representações historiográficas do século XIX. **Revista Crítica Histórica**, Alagoas, v.1, n.2, pp.180-208, 2010. ; e MARQUES, Juliana Bastos. O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga. **Revista de História**, São Paulo, nº 158, pp.43-65, 2008.

²⁷⁶ Suet. Jul. (VI, 1) “*Quaestor Iuliam amitam uxoremque Corneliā defunctas laudavit e more pro rostris.*”

²⁷⁷ Anco Márcio (c.675 – c.616 a.C.) é considerado pela tradição da Antiguidade o quarto rei da cidade de Roma (depois de Rômulo, Numa Pompílio e Túlio Hostílio), sendo o último de origem Sabina. Roma teria ainda três monarcas, de origem etrusca, antes do estabelecimento da República, apenas em 509 a.C.

²⁷⁸ Suet. Jul. (VI, 1) “*et in amitae quidem laudatione de eius ac patris sui utraque origine sic refert: 'Amitae meae Iuliae maternum genus ab regibus ortum, paternum cum diis immortalibus coniunctum est. nam ab Anco Marcio sunt Marcii Reges, quo nomine fuit mater; a Venere Iulii, cuius gentis familia est nostra. est ergo in genere et sanctitas regum, qui plurimum inter homines pollent, et caerimonia deorum, quorum ipsi in potestate sunt reges.'*”

teria o próprio Júlio César em relação à sua tradição familiar. De fato, o uso do discurso direto neste momento do texto colabora no sentido de reafirmar a convicção de Júlio César quanto à sua nobre ascendência, ao mesmo tempo real e divina. Ora, temos em mente que o discurso fúnebre, enquanto forma de elogio, tornava-se verdadeiramente um discurso político: nele se procurava exaltar a dignidade da família, e especialmente a sua tradição pública; porém, no que transparece aqui, a narrativa acaba subentendendo a predisposição de Júlio César em relação ao caráter divino, à posição real: ou seja, ao exercício de um poder superior.

Após os eventos relacionados ao discurso fúnebre acima comentado, a narrativa de Suetônio coloca Júlio César na cidade de Cádiz, província romana da Hispania Ulterior²⁷⁹, atuando como questor e também administrando a justiça, em nome do pretor²⁸⁰. Neste momento, surge uma interessante anedota: visitando o templo de Hércules, Júlio César se deparou com uma estátua de Alexandre, o Grande²⁸¹; imediatamente, teria começado a se lamentar diante dela, culpando-se por sua grande falta de presteza, tendo em vista não ter realizado nada de memorável em uma idade na qual Alexandre, o Grande, já havia conquistado o mundo; e com todos esses pensamentos em mente, segue a narrativa, Júlio César teria então partido em direção a Roma, local onde procuraria, o mais rapidamente possível, melhores oportunidades de sucesso²⁸². O personagem Júlio César, conforme verificamos no trecho destacado, desejava alcançar as glórias de Alexandre, o Grande, pois temia a falta de tempo ou condições para concretizar esse intento. Trata-se de um paralelo interessante na construção do autor, com possíveis desdobramentos de sentido.

²⁷⁹ Na época de Octaviano Augusto, houve uma reestruturação e essa província teve seu território dividido em duas partes, assim originando as províncias da Bética (posição 9, pág. 49) e Lusitânia (posição 10, pág. 49).

²⁸⁰ Suet. Jul. (VII, 1) "*Quaestori ulterior Hispania obuenit; ubi cum mandatu pr(aetoris) iure dicundo conuentus circumiret Gadisque uenisset...*"

²⁸¹ A respeito deste personagem histórico, Cf: LEME, André Luiz. **A estratégia política no principado romano do século II d.C.: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia**. Dissertação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2011.

²⁸² Suet. Jul. (VII, 1) "*...animaduversa apud Herculis templum Magni Alexandri imagine ingemuit et quasi pertaesus ignauiam suam, quod nihil dum a se memorabile actum esset in aetate, qua iam Alexander orbem terrarum subegisset, missionem continuo efflagitauit ad captandas quam primum maiorum rerum occasiones in urbe.*"

De fato, a imagem de Alexandre, o Grande esteve presente no imaginário político romano diretamente relacionada ao ideal de governante expansionista e conquistador, unificador e senhor do mundo²⁸³; na época do príncipe Trajano (ou seja, no contexto intelectual de Suetônio), de acordo com a professora María José Hidalgo de la Vega, o historiador, filósofo e orador grego Dion de Prusa (c.40 – c.120 d.C.) inclusive “toma a Alejandro como precedente a imitar por el emperador y lo presenta como una síntesis del héroe homérico y el Heracles estoico, que trabaja en favor de la humanidad a través de la conquista del mundo”²⁸⁴. Realmente, foram vários os autores, gregos e romanos, que escreveram sobre a vida e os feitos de Alexandre nestes primeiros tempos de Império²⁸⁵. No entanto, o monarca macedônio não recebia apenas elogios nestes tempos: muitos também criticaram o seu comportamento político, considerando Alexandre um homem déspota, insaciável e cruel²⁸⁶. Trata-se de uma imagem que poderia ser explorada, portanto, desde vários pontos de vista; no caso de Suetônio, no âmbito de sua construção narrativa, não acreditamos que essa relação seja exclusivamente negativa; porém, ela não deixa

²⁸³ Segundo Alejandro Bancalari Molina, “Con el advenimiento y la consolidación paulatina del régimen imperial, la *aemulatio* o *imitatio Alexandri* llegó a ser para muchos una verdadera añoranza. Ésta se presenta en una cuádruple perspectiva, es decir, Alejandro como modelo para cada mortal; para los monarcas de cada época; para otros grandes generales griegos y romanos y además en su calidad de visionario y constructor de un imperio universal. Con anterioridad al ascenso de Octavio Augusto, la imitación a Alejandro poseía una larga tradición que va desde Pirro, pasando por Escipión el africano, Lúculo, Pompeyo, Marco Antonio y Julio César, encarnándose en este último el modelo conquistador y político. Será a partir de Augusto que se consolida un clima favorable entre políticos, militares e intelectuales en la percepción de Alejandro como arquetipo a seguir, como conquistador del orbe, dueño del mundo civilizado (kosmocrátor) y creador de un nuevo orden. El ejemplo de su figura fue importante y ella se convirtió en un referente casi obligado para los escritores romanos de épocas imperiales”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Imperio Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2008, pp. 243-244.

²⁸⁴ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p. 78.

²⁸⁵ Dentre os diversos autores que se dedicaram à escrita da vida e da história de Alexandre, o Grande, destacamos os gregos Diodoro, Plutarco e Arriano, e os romanos Quinto Cúrcio e Justino/Trogo.

²⁸⁶ Segundo a historiadora Claude Mossé, “... se os generais vencedores e os imperadores se reconheciam de bom grado como reencarnações do macedônico, ou no mínimo se comparavam a ele, foi também durante os últimos séculos da república e os dois primeiros do império que as críticas formuladas nas escolas filosóficas começaram a ter repercussão. Contrapõe-se à imagem positiva elaborada nos meios alexandrinos, uma imagem negativa, a do déspota brutal, destruidor de Tebas e de Persépolis, que não hesitou em se livrar de seus próximos, como Parmênio e Filotas, Clito e Calístenes, seja friamente ou seja recorrendo a uma paródia de julgamento, às vezes em estado de embriaguez, bem como a do grego que não teve dúvidas em adotar os costumes orientais”. MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004, p. 182. Dentre os maiores críticos a Alexandre, encontram-se os filósofos Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) e Lucano (39 – 65 d.C.).

de subentender uma obsessão de Júlio César pela conquista do poder, pelo domínio sobre o mundo. A sequência da narrativa apresenta outra anedota que colabora com a nossa perspectiva aqui. De acordo com Suetônio, Júlio César havia tido um sonho que o teria deixado confuso: nele, aparecia estuprando a sua própria mãe; consternado, Júlio César imediatamente procurou uma interpretação para isso, e nutriu grandes esperanças pelo que ouviu: ele, Júlio César, se tornaria no futuro o árbitro do mundo, pois a mãe que ele violara não era senão a própria Terra, considerada a verdadeira mãe de todas as criaturas²⁸⁷. Como verificamos, portanto, o destino de Júlio César, para Suetônio, estava se encaminhando.

Na sequência dos eventos, a construção narrativa apresenta um crescente clima de conturbação social e política. No seu trajeto a Roma, Júlio César teria visitado algumas colônias latinas, as quais reivindicavam o direito à cidadania romana; na perspectiva de Suetônio, o próprio Júlio César teria provocado em todas elas um movimento hostil caso os cônsules não tivessem, previamente, estacionado as legiões no local²⁸⁸. Em sua chegada à capital, no exato momento em que se preparava para assumir as funções de edil, acabou sofrendo uma grave suspeita de conspiração: Júlio César teria se aliado com o ex-cônsul Marco Crasso (115 – 53 a.C.), Públio Sila e Lúcio Antônio – os dois últimos condenados por suborno, logo após a nomeação que ambos receberam para o consulado²⁸⁹; o plano seria atacar o Senado logo ao início do ano, eliminando todos aqueles, membros, que bem entendessem; Crasso assumiria a ditadura e nomearia Júlio César chefe da cavalaria; dessa forma, organizariam a República seguindo as próprias vontades, entregando o consulado a Públio Sila e Lúcio Antônio²⁹⁰. Suetônio confirma a

²⁸⁷ Suet. Jul. (VII, 2) “*etiam confusum eum somnio proximae noctis-nam uisus erat per quietem stuprum matri intulisse-coiectores ad amplissimam spem incitauerunt arbitrium terrarum orbis portendi interpretantes, quando mater, quam subiectam sibi uidisset, non alia esset quam terra, quae omnium parens haberetur.*”

²⁸⁸ Suet. Jul. (VIII, 1) “*Decedens ergo ante tempus colonias Latinas de petenda ciuitate agitantes adiit, et ad audendum aliquid concitasset, nisi consules conscriptas in Ciliciam legiones paulisper ob id ipsum retinuissent.*”

²⁸⁹ Públio Sila e Lúcio Antônio, condenados, não poderiam, portanto, assumir em suas respectivas funções.

²⁹⁰ Suet. Jul. (IX, 1) “*Nec eo setius maiora mox in urbe molitus est: siquidem ante paucos dies quam aeditatem iniret, uenit in suspicionem conspirasse cum Marco Crasso consulari, item Publio Sulla et L. Autronio post designationem consulatus ambitus condemnatis, ut principio anni senatum adorirentur, et trucidatis quos placitum esset, dictaturam Crassus inuaderet, ipse ab eo magister equitum diceretur constitutaque ad arbitrium re publica Sullae et Autronio consulatus restitueretur.*”

existência dessa conspiração, amparando-se na autoridade do testemunho de Marco Túlio Cícero: em uma de suas cartas a Áxio, ele teria afirmado que Júlio César, durante o seu consulado, demonstrara toda a “realeza” que haveria de ter planejado no momento em que fora edil²⁹¹. Suetônio, fechando esse acontecimento, assinala que, a despeito de tudo e muito provavelmente por uma desistência de Marco Crasso, seja por arrependimento ou simplesmente por medo, o plano acabou não se concretizando devidamente²⁹². Pois bem, como verificamos ao longo de toda essa situação, Suetônio afirma em Júlio César a imagem de conspirador, um elemento insurgente dentro da sociedade. O plano de ataque ao Senado, com o intento de eliminação de vários dos seus membros, torna-se na construção do autor um forte exemplo do que Júlio César, em sua constante ambição pelo poder, seria capaz de fazer. Ademais, na própria referência ao pensamento de Cícero ocorre não apenas a menção à conspiração, mas outro importante prenúncio: Júlio César, no futuro, colocaria em prática toda a sua “realeza”: ou seja, demonstraria autoritarismo, abusando do poder e desrespeitando a tradição senatorial.

Suetônio destaca em sua construção dos eventos os frequentes desentendimentos de Júlio César em relação aos membros do Senado, os “melhores”. Nesse sentido, situação interessante ocorreu no momento em que ele aspirava ao comando da província do Egito: posição extraordinária, e que estava vaga à época em função do afastamento pelos alexandrinos do então rei²⁹³. Apesar de seus esforços, Júlio César não contemplou esse objetivo, em grande parte devido à resistência do partido dos “melhores”²⁹⁴; em função desta obstinada oposição,

²⁹¹ Suet. Jul. (IX, 2) “*meminerunt huius coniurationis Tanusius Geminus in historia, Marcus Bibulus in edictis, C. Curio pater in orationibus. de hac significare uidetur et Cicero in quadam ad Axium epistula referens Caesarem in consulatu confirmasse regnum, de quo aedilis cogitabat.*”

²⁹² Suet. Jul. (IX, 2) “*Tanusius adicit Crassum paenitentia uel metu diem caedi destinatum non obisse et idcirco ne Caesarem quidem signum, quod ab eo dari conuenerat, dedisse; conuenisse autem Curio ait, ut togam de umero deiceret.*”

²⁹³ Suet. Jul. (XI, 1) “*Conciliato populi fauore temptauit per partem tribunorum, ut sibi Aegyptus prouincia plebi scito daretur, nactus extraordinarii imperii occasionem, quod Alexandrini regem suum socium atque amicum a senatu appellatum expulerant resque uulgo inprobabatur.*”

²⁹⁴ De acordo com Pierra Grimal, esta resistência não era apenas em relação a Júlio César, mas também e principalmente direcionada a outro importante general da época, Pompeu, candidato à conquista. Nas palavras do autor: “...os tumultos e a agitação que obrigaram o rei Ptomlomeu Auleto a fugir do país e a refugiar-se em Roma pareceram fornecer um pretexto para uma intervenção romana que, restabelecendo o rei, faria dele um vassalo. Mas, os senadores opuseram-se obstinadamente, alegando motivos religiosos, provavelmente para reduzir os êxitos de Pompeu. O Egito permaneceu, pois, independente”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.26.

Júlio César teria decidido, a partir desse momento, atuar sempre no sentido de enfraquecer a autoridade dos “melhores”, de todas as formas possíveis: voltou a erigir os troféus comemorativos das vitórias de seu tio, Caio Mário, contra o rei Jugurta (160 – 104 a.C.)²⁹⁵ e contra os povos cimbros e teutões – todos demolidos por ordem de Sula; ao tempo, também promoveu um vigoroso inquérito contra os assassinos do período anterior, incluindo nesse montante todos os que haviam recebido dinheiro do tesouro em troca da proscrição de cidadãos romanos – não obstante, no passado, eles estivessem protegidos e respaldados pelas leis de Sula²⁹⁶. Júlio César, portanto, como verificamos na construção de Suetônio, posicionava-se de modo firme contra os “melhores”, contra a tradição.

Esse clima de “desconfianças” em relação ao comportamento de Júlio César no universo político romano é cada vez mais explorado por Suetônio; a questão envolvendo o apoio da plebe a esse personagem também se torna um elemento nessa discussão, como poderemos observar na sequência da narrativa. Contemplando as circunstâncias que envolveram o julgamento da conspiração de Catilina²⁹⁷, Suetônio afirma que Júlio César atuou como um defensor dos sediciosos: posicionou-se diretamente contra a pena capital atribuída pelo Senado em relação a eles²⁹⁸. Nesta ocasião, no sentido de fortalecer as suas convicções, Júlio César teria incutido entre os senadores o receio de que eles estavam demonstrando-se muito severos, comportamento este que poderia ocasionar, por parte da plebe romana, o ódio contra todos²⁹⁹. Ora, na sutileza da construção narrativa de Suetônio, não

²⁹⁵ Rei da Numídia, derrotado por Mário em 106/5 a.C. Preso, foi levado para Roma, onde morreu em 104 a.C.

²⁹⁶ Suet. Jul. (XI, 1) “*nec obtinuit aduersante optimatum factione: quorum auctoritatem ut quibus posset modis in uicem deminueret, tropaea Gai Mari de Iugurtha deque Cimbris atque Teutonis olim a Sulla disiecta restituit atque in exercenda de sicaris quaestione eos quoque sicariorum numero habuit, qui proscriptione ob relata ciuium Romanorum capita pecunias ex aerario acceperant, quamquam exceptos Cornelis legibus.*”

²⁹⁷ Lúcio Sérgio Catilina (c.109 - 62 a.C.), patricio de família empobrecida, teria fomentado planos de sublevação contra República e planejado assassinatos contra membros consulares da sociedade política romana. Na contraposição a este personagem, ergueu-se especialmente Cícero, o qual em uma série de discursos (que foram chamados de as “Catilinárias”) argumentou contra as más ações de Catilina.

²⁹⁸ Suet. Jul. (XIV, 1) “*Praetor creatus, detecta coniuratione Catilinae senatuque uniuerso in socios facinoris ultimam statuente poenam, solus municipatim diuidendos custodiendosque publicatis bonis censuit.*”

²⁹⁹ Suet. Jul. (XIV, 1) “*quin et tantum metum iniecit asperiora suadentibus, identidem ostentans quanta eos in posterum a plebe Romana maneret inuidia, ut Decimum Silanum consulem designatum non piguerit sententiam suam, quia mutare turpe erat, interpretatione lenire, uelut grauius atque ipse sensisset exceptam.*”

deixamos de entrever aqui também um tom de ameaça. Verificamos essa mesma perspectiva de modo mais claro em outro momento, na sequência da narrativa: Júlio César teria agido vigorosamente em defesa de Cecílio Metelo, o qual estava, de acordo com Suetônio, propondo leis subversivas; diante disso o Senado, por decreto, suspendeu o exercício das funções públicas de ambos³⁰⁰. No entanto, de acordo com Suetônio, a despeito dessa ordem, Júlio César teve a audácia de permanecer em seu cargo, exercendo a administração da justiça; quando soube que eles usariam da força para removê-lo de suas funções, despediu os seus lictores, despojou-se de sua toga pretexta e se refugiou secretamente em sua residência, tendo em vista o perigo dessas circunstâncias³⁰¹. Inesperadamente, Júlio César teve de conter uma multidão que surgiu de modo livre e tumultuoso diante de sua casa: estavam oferecendo a ele todo o apoio necessário à manutenção de sua dignidade; o Senado, então reunido e temendo essas agitações, acabou surpreendido com a reação de Júlio César, o qual teria acalmado toda a população; enviou então à presença deste os seus mais importantes membros, a fim de agradecer-lhe a ação; chamado prontamente à Cúria, o Senado então elogiou a Júlio César, devolvendo-lhe todas as suas prerrogativas funcionais, e também anulando o decreto estabelecido³⁰². Nessa última circunstância aqui em destaque, ao que verificamos, a construção narrativa transparece considerar o comportamento político de Júlio César: ele não usou da população, do movimento tumultuoso, diretamente contra os senadores. Porém, não devemos estranhar esse posicionamento: Suetônio, como afirmamos, alinha-se ao grupo senatorial, aos seus referenciais políticos e morais. A moderação de Júlio César, por isso, foi considerada positiva neste momento.

Na sequência do texto, Suetônio apresenta Júlio César em todos os aspectos de sua trajetória pública, realçando os diversos cargos por ele assumidos em sua ascensão política. Um dos momentos mais marcantes nesse percurso foi quando se

³⁰⁰ Suet. Jul. (XVI, 1) "*Ceterum Caecilio Metello tribuno plebis turbulentissimas leges aduersus collegarum intercessionem ferenti auctorem propugnatoremque se pertinacissime praestitit, donec ambo administratione rei publicae decreto patrum submouerentur.*"

³⁰¹ Suet. Jul. (XVI, 1) "*ac nihilo minus permanere in magistratu et ius dicere ausus, ut comperit paratos, qui ui ac per arma prohiberent, dimissis lictoribus abiectaque praetexta domum clam refugit pro condicione temporum quieturus.*"

³⁰² Suet. Jul. (XVI, 2) "*multitudinem quoque biduo post sponte et ultro confluentem operamque sibi in adserenda dignitate tumultuosius pollicentem conpescuit. quod cum praeter opinionem euenisset, senatus ob eundem coetum festinato coactus gratias ei per primores uiros egit accitumque in curiam et amplissimis uerbis conlaudatum in integrum restituit inducto priore decreto.*"

candidatou ao cargo de pontífice máximo³⁰³, não poupando recursos em sua aposta. Consciente de todas as suas dívidas, na manhã em que saiu para os comícios teria dito para sua mãe, durante o beijo de despedida, que ele, Júlio César, não voltaria para casa senão como pontífice máximo³⁰⁴. Suetônio exalta o triunfo obtido por Júlio César no pleito, mas não por conta de suas qualidades pessoais, e sim devido ao fato dele ter vencido dois poderosos competidores: os quais lhe sobrepujavam tanto em idade como em dignidade³⁰⁵. Ao que verificamos, esses competidores eram Públio Servílio Isáurico, cônsul em 79 a.C., e também Quinto Lutácio Cátulo, cônsul em 78 a.C.; ou seja, membros importantes pertencentes à aristocracia romana.

Após o exercício do cargo de pretor, tendo governado e pacificado a província da Hispania Ulterior, Júlio César teria deixado esta localidade de forma um tanto quanto precipitada: desejava entrar na disputa, ao mesmo tempo, do triunfo e da magistratura do consulado em Roma; porém, tendo em vista que os comícios já estavam convocados, o seu triunfo não poderia mais ser realizado; assim, diante da oposição de muitos, abdicou de tal privilégio em favor de sua ambição ao consulado³⁰⁶. Neste pleito, Júlio César confrontava dois competidores: Lúcio Lucéio e Marco Bíbulo; no que aponta Suetônio, Júlio César preferia governar junto a Lúcio, homem de pouca reputação, porém bem mais rico; a ele, ademais, caberia fornecer uma soma de dinheiro para cada centúria, em nome de ambos³⁰⁷. Porém, tão logo souberam de tal estratégia, os “melhores” logo se mobilizaram e aconselharam

³⁰³ O pontífice máximo era a autoridade suprema do colégio dos sacerdotes, o cargo de mais alta dignidade na religião romana. Suas prerrogativas contemplavam não apenas questões religiosas, mas também políticas (a exemplo da administração da "lei divina"); por isso, claro, era uma posição disputada por todos aqueles em ascensão no curso das honras.

³⁰⁴ Suet. Jul. (XIII, 1) “*Deposita provinciae spe pontificatum maximum petit non sine profusissima largitione; in qua reputans magnitudinem aeris alieni, cum mane ad comitia descenderet, praedixisse matri osculanti fertur domum se nisi pontificem non reuersurum.*”

³⁰⁵ Suet. Jul. (XIII, 1) “*atque ita potentissimos duos competidores multumque et aetate et dignitate antecedentes superavit, ut plura ipse in eorum tribubus suffragia quam uterque in omnibus tulerit.*”

³⁰⁶ Suet. Jul. (XVIII, 1) “*Ex praetura ulteriorem sortitus Hispaniam retinentes creditores interuentu sponsorum remouit ac neque more neque iure, ante quam provinciae or[di]narentur, profectus est: incertum metune iudicii, quod priuato parabatur, an quo maturius sociis inplorantibus subueniret; pacataque provincia pari festinatione, non expectato successore ad triumphum simul consulatumque decessit. sed cum edictis iam comitis ratio eius haberi non posset nisi priuatus introisset urbem, et ambienti ut legibus solueretur multi contra dicerent, coactus est triumphum, ne consulatu excluderetur, dimittere.*”

³⁰⁷ Suet. Jul. (XIX, 1) “*E duobus consulatus competitoribus, Lucio Lucceio Marcoque Bibulo, Lucceium sibi adiunxit, pactus ut is, quoniam inferior gratia esset pecuniaque polleret, nummos de suo communi nomine per centurias pronuntiaret.*”

Marco Bíbulo, o outro competidor, a realizar as mesmas promessas; de fato, eles temiam o que Júlio César seria capaz de fazer, estando ele à frente da magistratura suprema e junto de um colega que não lhe refrearia os desejos; chegaram, inclusive, a cooperar com dinheiro, liberalidade esta que o próprio Catão, de acordo com Suetônio, afirmou estar sendo realizada em benefício da República³⁰⁸. Júlio César, ao final de tudo, acabou sendo nomeado cônsul junto a Bíbulo³⁰⁹. De acordo com Suetônio, os “melhores” arquitetaram, pelos mesmos motivos comentados acima, para que fossem atribuídas aos cônsules funções de pouca importância: por exemplo, a administração das florestas e das estradas; Júlio César, abismado por esta injúria, passou a cultivar, através de todo tipo de atenção, amizade com Cneo Pompeu – personagem que, à época, estava irritado com o Senado, especialmente por conta da excessiva demora em ratificar os seus atos depois da vitória alcançada contra Mitrídates³¹⁰, rei do Ponto³¹¹. Júlio César, então, promoveu uma reconciliação entre Pompeu e Marco Crasso, brigados desde quando exerceram o consulado juntos (em profundo desacordo), e consolidou uma aliança entre eles: não se faria mais nada na República que pudesse causar algum desagradado a qualquer um dos três³¹². Neste momento presenciamos na construção narrativa de Suetônio a formação do chamado “Primeiro Triunvirato”, a saber: a aliança política estabelecida entre Júlio César, Cneo Pompeu e Marco Crasso³¹³. Na explicação do autor, como

³⁰⁸ Suet. Jul. (XIX, 1) “*qua cognita re optimates, quos metus ceperat nihil non ausurum eum in summo magistratu concordi et consentiente collega, auctores Bibulo fuerunt tantundem pollicendi, ac plerique pecunias contulerunt, ne Catone quidem abnuente eam largitionem e re publica fieri.*”

³⁰⁹ Suet. Jul. (XIX, 2) “*Igitur cum Bibulo consul creatur.*” O ano de referência é 60 a.C..

³¹⁰ Mitrídates (132 - 63 a.C.), rei do Ponto entre 120 e 63 a.C., entrou em conflito com Roma após o seu expansionismo na região da Anatólia ocidental (88 a.C.), momento em que ordenou uma série de execuções aos romanos da região. Cneo Pompeu o derrotou na chamada Terceira Guerra Mitridática (75 a 65 a.C.), obrigando Mitrídates à fuga e posterior suicídio.

³¹¹ Suet. Jul. (XIX, 2) “*eandem ob causam opera ab optimatibus data est, ut provinciae futuris consulibus minimi negotii, id est silvae callesque, decernerentur. qua maxime iniuria instinctus omnibus officiis Gnaeum Pompeium adsectatus est offensum patribus, quod Mithridate rege uicto cunctantius confirmarentur acta sua;*”

³¹² Suet. Jul. (XIX, 2) “*Pompeioque Marcum Crassum reconciliauit ueterem inimicum ex consulatu, quem summa discordia simul gesserant; ac societatem cum utroque iniit, ne quid ageretur in re publica, quod displicuisset ulli e tribus.*”

³¹³ Trabalhando com especial atenção nesse contexto, José Guilherme R. Silva afirma que “Em 70 a.C., Pompeu havia assumido o consulado juntamente com Crasso, um aristocrata que fez fortuna ao adquirir bens confiscados durante o regime de excessão de Sula. Crasso, influente no Senado, uniu-se politicamente a outro aristocrata, Júlio César, que gozava de prestígio junto à plebe de Roma. Após o retorno do Oriente, Pompeu sofreu restrições do Senado quanto às suas prerrogativas e, com a intenção de reforçar sua posição, uniu-se a Crasso e a Júlio César

verificamos, essa aliança teria surgido a partir de um descontentamento mútuo dos três em relação ao Senado romano; Júlio César, porém, surge aos olhos de Suetônio como o principal articulador dessa oposição.

No que diz respeito ao exercício do consulado por Júlio César, Suetônio demonstra este personagem em constante atrito em relação ao grupo dos melhores; teria, inclusive, suprimido Marco Bíbulo, seu companheiro de magistratura, em suas respectivas funções. Suetônio comenta que em certa ocasião Marco Bíbulo teria se oposto ao projeto de lei agrária³¹⁴ proposto por Júlio César, tentando impedir sua promulgação – alegava maus augúrios; no entanto, por essa atitude, Bíbulo foi expulso do Fórum pelas armas; no dia seguinte, consternado, Bíbulo apresentou uma queixa em relação ao ocorrido no Senado, porém ninguém se atreveu a emitir qualquer comentário ou a propor qualquer medida; de acordo com Suetônio, por essas e outras repreensões, Júlio César reduziu Bíbulo a tal estado de abatimento que este, até os momentos finais de seu mandato, procurou se manter recluso em casa, limitando-se a manifestar sua oposição unicamente por meio de editos³¹⁵. Deste momento em diante, continua a narrativa, Júlio César teve em suas mãos o governo da República: administrando-a de acordo com sua própria vontade; e de tal forma isso era evidente que muitos homens da época, em tom de chacota, ao assinarem algum escrito para dar-lhe validade, não escreviam ao final do texto “feito durante o consulado de César e Bíbulo”, mas sim “feito durante o consulado de Júlio e César”³¹⁶. Como verificamos nesta passagem da narrativa, para Suetônio existe

formando, em 60 a.C., aqui que se convencionou denominar de Primeiro Triunvirato, um acordo selado entre três líderes à revelia do Senado e mantido pela força das legiões e da popularidade de seus titulares”. SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009, p.128.

³¹⁴ Tendo recebido forte oposição no Senado, este projeto foi levado por Júlio César para a aprovação direta pelo povo, que se reuniria em assembleia. Esta lei agrária, seguindo o projeto apresentado pelo tribuno da plebe Públio Servílio Rufo, em 63 a.C., propunha uma divisão de terras entre o povo.

³¹⁵ Suet. Jul. (XX, 1) “*lege autem agraria promulgata obnuntiantem collegam armis foro expulit ac postero die in senatu conquestum nec quoquam reperto, qui super tali consternatione referre aut censere aliquid auderet, qualia multa saepe in leuioribus turbis decreta erant, in eam coegit desperationem, ut, quoad potestate abiret, domo abditus nihil aliud quam per edicta obnuntiaret.*”

³¹⁶ Suet. Jul. (XX, 2) “*Vnus ex eo tempore omnia in re publica et ad arbitrium administravit, ut nonnulli urbanorum, cum quid per iocum testandi gratia signarent, non Caesare et Bibulo, sed Iulio et Caesare consulibus actum scriberent bis eundem praeponentes nomine atque cognomine,...*”

uma tendência em curso no que diz respeito ao comportamento de Júlio César: a **concentração do poder** e, pior, o **abuso de autoridade**.

Suetônio trabalha nos sentido de caracterizar em Júlio César ações exageradas, desmedidas para o universo público. De acordo com o autor, independente do que era requisitado a Júlio César, era prontamente atendido; ninguém, verdadeiramente, contrariava Júlio César em seu comportamento do tipo, tendo em vista o temor incutido naqueles que tentassem fazê-lo: Marco Catão, por tê-lo advertido uma vez, foi retirado da Cúria por um lictor e conduzido à prisão; Lucio Lúculo, que lhe oferecia resistência sem o menor comedimento, acabou de tal forma amedrontado por Júlio César que imediatamente se colocou de joelhos perante aos seus pés; Cícero, o orador, que havia se lamentado da infelicidade dos tempos em um discurso, viu seu inimigo Clódio ser transferido, conforme vontade do próprio, a mando de Júlio César, do grupo patrício ao plebeu³¹⁷; e por fim, contra todos os seus adversários, Júlio César teria subornado um personagem, Vétio, para que este delatasse a existência, entre eles, de uma real conspiração contra a vida de Pompeu³¹⁸. Os exemplos diversos aqui relacionados por Suetônio colaboram em tornar, na construção narrativa do autor, Júlio César um político muito implacável, praticamente uma ameaça constante para grande parte dos representantes senatoriais – as vítimas de suas ações.

Recebendo o importante apoio de seu novo sogro, Lúcio Pisão, e genro, Cneo Pompeu³¹⁹, fundamentais para qualquer iniciativa nos sufrágios, Júlio César se lançou ao comando da província da Gália – com a intenção de buscar triunfos, mas

³¹⁷ Públio Clódio Pulcro (93 – 52 a.C.), membro patrício da família dos Claudios, realmente desejava esta mudança, pois era de seu intento tornar-se tribuno da plebe e, assim, vingar-se de Cícero.

³¹⁸ Suet. Jul. (XX, 3-5) “*cetera item, quae cuique libuissent, dilargitus est contra dicente nullo ac, si conaretur quis, absterrito. Marcum Catonem interpellantem extrahi curia per lictorem ducique in carcerem iussit. Lucio Lucullo liberius resistenti tantum calumniarum metum iniecit, ut ad genua ultro sibi accideret. Cicerone in iudicio quodam deplorante temporum statum Publium Clodium inimicum eius, frustra iam pridem a patribus ad plebem transire nitentem, eodem die horaque nona transduxit. postremo in uniuersos diuersae factionis [indicem ...] inductum praemiis, ut se de inferenda Pompeio nece sollicitatum a quibusdam profiteretur productusque pro rostris auctores ex compacto nominaret;...*”

³¹⁹ Júlio César casou-se com Calpúrnia (75 a.C. - ?), filha de Lúcio Pisão; e também casou sua filha Júlia com Cneo Pompeu, após ela ter repudiado seu então marido, Servílio Cipião; personagem, segundo Suetônio, que muito mais do que qualquer outro, havia ajudado Júlio César a combater Bíbulo. Cf: Suet. Ces. (XXI, 1) “*Sub idem tempus Calpurniam L. Pisonis filiam successuri sibi in consulatu duxit uxorem suamque, Iuliam, Gnaeo Pompeio conlocavit repudiato priore sponso Seruilio Caepione, cuius uel praecipua opera paulo ante Bibulum in pugnauerat.*”

também com interesse nos recursos e ótimo posicionamento por ela oferecidos³²⁰. Estamos diante de um dos momentos mais importantes na trajetória de Júlio César: a conquista da Gália, onde o general romano alcançou todo o prestígio e a riqueza para os seus projetos futuros³²¹. De acordo com Suetônio, Júlio César teria obtido o controle inicialmente, através da lei Vatínia³²², da Gália Cisalpina junto com a Ilíria; logo, o Senado teria concedido para ele também a Gália Cômata – especialmente pelo temor de que, caso não o fizessem, o próprio povo a concedesse³²³. Júlio César, após essa vitória, segue a narrativa de Suetônio, teria alcançado um alto estado de felicidade; e depois de alguns dias, exaltou-se perante o Senado: bradou perante todos os presentes que ele havia conquistado o que desejava, apesar da oposição e dos lamentos de seus inimigos; teria dito na ocasião, inclusive, que daquele momento em diante ele passaria por cima de todos³²⁴. Neste momento um dos senadores afirmou, em tom de claro ultraje, que tudo isso não seria fácil para uma mulher³²⁵; ao respondê-lo, Júlio César, no entanto, em tom de brincadeira, afirmou que também na Síria havia reinado Semíramis³²⁶ e que as Amazonas

³²⁰ Suet. Jul. (XXII, 1) “*Socero igitur generoque suffragantibus ex omni prouinciarum copia Gallias potissimum elegit, + cuius emolumento et oportunitate idonea sit materia triumphorum +.*”

³²¹ No comentário de José Guilherme R. Silva “Júlio César surge no cenário político romano justamente numa época em que se confirma a tendência ao fortalecimento do poder pessoal. Suas campanhas nas Gálias ao longo da década de 50 a.C. trouxeram-lhe imensos recursos e o reforço da lealdade das legiões, além de novas províncias para Roma. Quando terminou a pacificação das Gálias, Crasso já havia morrido no Oriente, numa campanha fracassada contra o reino da Pártia, restando apenas Pompeu como adversário político”. SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009, pp.128-129.

³²² Lei proposta pelo tribuno da plebe Públio Vatínio, sendo votada a favor. Conferiu a Júlio César o comando da Gália Cisalpina e da Ilíria por um período de cinco anos, com o apoio de três legiões nestes locais.

³²³ Suet. Jul. (XXII, 1) “*et initio quidem Galliam Cisalpinam Illyrico adiecto lege Vatinia accepit; mox per senatum Comatam quoque, ueritis patribus ne, si ipsi negassent, populus et hanc daret.*”

³²⁴ Suet. Jul. (XXII, 2) “*quo gaudio elatus non temperauit, quin paucos post dies frequenti curia iactaret, inuitis et gementibus aduersaris adeptum se quae concupisset, proinde ex eo insultaturum omnium capitibus ;*”

³²⁵ Uma alusão ao comportamento afeminado de Júlio César, tendo em vista o rumor de seu possível relacionamento com o rei Nicomedes, da Bitínia. Cf: Suet. Ces. (II, 1) “*Stipendia prima in Asia fecit Marci Thermi praetoris contubernio; a quo ad accersendam classem in Bithyniam missus desedit apud Nicomedem, non sine rumore prostratae regi pudicitiae; quem rumorem auxit intra paucos rursus dies repetita Bithynia per causam exigendae pecuniae, quae deberetur cuidam libertino clienti suo.*”

³²⁶ Na tradição mitológica, Semíramis teria reinado sobre as regiões da Pérsia, Síria, Egito e Ásia, tornando-se a responsável pela fundação da cidade da Babilônia e de seus jardins suspensos.

havia em outro tempo dominado grande parte de Ásia³²⁷. Como verificamos neste momento da construção narrativa, Suetônio caracteriza em Júlio César uma proposta política em tanto quanto ambiciosa: a **concentração do poder**. Nesse projeto, na perspectiva do autor, de modo inevitável ocorre um sério confronto em relação ao grupo senatorial, pelo qual Júlio César não teria consideração, passando por cima de qualquer um dos seus membros para alcançar os seus objetivos.

Mesmo durante as suas atividades na Gália, não faltam exemplos na construção narrativa de Suetônio que apontem para os desentendimentos de Júlio César em relação ao grupo senatorial. Júlio César, atuando na Gália, havia pedido que Crasso e Pompeu solicitassem um segundo consulado para eles, como forma de defesa contra os seus opositores; ao mesmo tempo, deseja para ele uma prorrogação de seu comando na região da Gália por mais cinco anos³²⁸. Na época, para além das quatro legiões ao seu dispor, Júlio César teria agregado várias outras, utilizando-se de recursos próprios; inclusive, em uma dessas legiões por ele formadas, teria recrutado gálios transalpinos, concedendo a eles a disciplina e todos os equipamentos romanos; e posteriormente, também a cidadania³²⁹. De acordo com Suetônio, com todo esse poderio em mão, Júlio César não teria desperdiçado nenhuma ocasião de fazer a guerra, fosse ela considerada injusta ou perigosa: atacava aparentemente sem motivos tanto aos povos aliados como aos inimigos e selvagens, a tal ponto que o Senado teria decretado o envio de uma comissão para investigar a situação das Gálias; na proposta de alguns dos senadores, conforme Suetônio, teria se aconselhado que Júlio César fosse entregue aos inimigos; no entanto, nada disso aconteceu, pois o êxito de suas vitórias teriam garantido a ele, mais do que a qualquer outro general anteriormente, gratificações religiosas mais

³²⁷ Suet. Jul. (XXII, 2) “*ac negante quodam per contumeliam facile hoc ulli feminae fore, responderit quasi adludens: in Suria quoque regnasse Sameramin magnamque Asiae partem Amazonas tenuisse quondam*”.

³²⁸ Suet. Jul. (XXIV, 1) “*Sed cum Lucius Domitius consulatus candidatus palam minaretur consulem se effecturum quod praetor nequisset adepturumque ei exercitus, Crassum Pompeiumque in urbem prouinciae suae Lucam extractos compulit, ut detrudendi Domitii causa consulatum alterum peterent, perfecitque [per] utrumque, ut in quinquennium sibi imperium prorogaretur*”.

³²⁹ Suet. Jul. (XXIV, 2) “*qua fiducia ad legiones, quas a re publica acceperat, alias priuato sumptu addidit, unam etiam ex Transalpinis conscriptam, uocabulo quoque Gallico + Alauda enim appellabatur + , quam disciplina cultuque Romano institutam et ornatam postea uniuersam ciuitate donauit*.”

frequentes e em maior quantidade³³⁰. No que transparece a construção narrativa de Suetônio, verificamos cada vez mais um Senado com as “mãos atadas”, e que não mais conseguia refrear as ações de Júlio César; ações, ademais, na perspectiva considerada pelo autor, contrárias aos costumes da sociedade política romana. Pois bem, uma leitura do texto de Suetônio cria no leitor uma expectativa: até onde Júlio César poderia chegar com todo esse comportamento? O próprio Suetônio, durante a sua construção narrativa, praticamente respondeu a essa questão; no entanto, preserva-se aqui todo um clima de tensão, e cada vez mais as ações de Júlio César tornam-se reveladoras.

Completando nove anos de seu comando na região, Júlio César contempla a transformação da Gália em província romana³³¹; logo em seguida, projeta com grandes esperanças um segundo consulado, isso tudo pensando no término de seu governo³³². De acordo com Suetônio, Júlio César passa a nutrir expectativas em relação ao futuro, com planos ainda mais ambiciosos; e começa, nesse sentido, a agir em ritmo de crescente liberalidade para com todos, através de gastos públicos e privados³³³. Teria demonstrado grande solicitude em relação aos reis e as províncias

³³⁰ Suet. Jul. (XXIV, 3) “*nec deinde ulla belli occasione, [ne] iniusti quidem ac periculosi abstinuit, tam foederatis quam infestis ac feris gentibus ultro lacessitis, adeo ut senatus quondam legatos ad explorandum statum Galliarum mittendos decreuerit ac nonnulli dedendum eum hostibus censuerint. sed prospere [de]cedentibus rebus et saepius et plurium quam quisquam umquam dierum supplicationes impetrauit.*”

³³¹ Suet. Jul. (XXV, 1) “*Gessit autem nouem annis, quibus in imperio fuit, haec fere. Omnem Galliam, quae saltu Pyrenaeo Alpibusque et monte Cebenna, fluminibus Rheno ac Rhodano continetur patetque circuitu ad bis et tricies centum milia passuum, praeter socias ac bene meritas ciuitates in prouinciae formam redegit, eique [CCCC] in singulos annos stipendii nomine inposuit.*” Segundo Pierre Grimal, “nos anos que se seguiram, César, beneficiando das dissensões que dividiam as cidades gaulesas, estende a autoridade romana até à maior parte destas cidades, desde a Aquitânia até ao Reno. Havia atingido as margens do Oceano e igualado, para oeste, os feitos de Pompeu a oriente. Uma revolta conduzida por Vercingetorix, desejoso de restabelecer, em seu benefício, o antigo reino dos Arvernos, os conquistadores celtas, foi esmagada em duas campanhas. Este fracasso (em Alésia, no ano de 52) pôs fim à independência das cidades gaulesas, assim como às suas disputas”. GRIMAL, P. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.27.

³³² Segundo o próprio Suetônio, diante dos distúrbios sociais ocasionados pelo assassinato de Públio Clódio (isso em 52 a.C.), seria então nomeado um único cônsul, nesse caso Pompeu; os tribunos da plebe, que projetavam fazer de Júlio César cônsul juntamente com Pompeu, foram convencidos por Júlio César a solicitarem o seu segundo consulado, mesmo ele estando ausente, para quando seu comando terminasse. Cf. Suet. Jul. (XXVI, 1) “*inter quae, consternata Publi Clodi caede re publica, cum senatus unum consulem nominatimque Gnaeum Pompeium fieri censuisset, egit cum tribunis plebis collegam se Pompeio destinantibus, id potius ad populum ferrent, ut absenti sibi, quandoque imperii tempus expleri coepisset, petitio secundi consulatus daretur, ne ea causa maturius et imperfecto adhuc bello decederet.*”

³³³ Suet. Jul. (XXVI, 2) “*quod ut adeptus est, altiora iam meditans et spei plenus nullum largitionis aut officiorum in quemquam genus publice priuatimque omisit.*”

da terra, no sentido que todos estimassem a ele; ao mesmo tempo, também oferecia vários presentes e adornava cidades, inclusive sem contar com a autorização do Senado ou do povo romano³³⁴. Neste momento, porém, de acordo com Suetônio, todos se alarmaram, e começaram a se questionar até que ponto todas essas manobras de Júlio César poderiam chegar; foi quando o cônsul Marco Cláudio anunciou que ele pessoalmente se encarregaria dessa questão, de importância vital para a República: levou para diante do Senado uma proposta de nomeação, antes do tempo estabelecido, de um sucessor para Júlio César – alegando que a guerra já havia acabado, prosperava a paz e o exército vencedor deveria ser licenciado; por fim, Marco Cláudio também propôs que a candidatura de Júlio César ao consulado fosse desconsiderada, por conta de sua ausência em Roma³³⁵. Ainda, não contente em retirar de Júlio César as suas províncias e o seu privilégio, Marco Cláudio também propôs que se retirasse o direito de cidadania dos vários colonos que, em virtude da Lei Vatinia, Júlio César havia estabelecido em Nova Como; para tal, considerou que essa atitude era fruto de ambições políticas e que não estava regulamentada pela lei³³⁶. De acordo com Suetônio, Júlio César permaneceu alarmado perante essas ações, e passou a resistir com todas as forças³³⁷: seja mediante a oposição dos tribunos, seja por intermédio de Sérvio Sulpício, o outro cônsul³³⁸. Tendo em vista a insistência de seus opositores, Júlio César teria enviado cartas ao Senado solicitando que não fosse dele retirado o privilégio outorgado pelo

³³⁴ Suet. Jul. (XXVIII, 1) “*Nec minore studio reges atque prouincias per terrarum orbem adliciebat, aliis captiuorum milia dono offerens, aliis citra senatus populique auctoritatem, quo uellent et quotiens uellent, auxilia submittens, superque Italiae Galliarumque et Hispaniarum, Asiae quoque et Graeciae potentissimas urbes praecipuis operibus exornans;*”

³³⁵ Suet. Jul. (XXVIII, 2) “*donec, attonitis iam omnibus et quorsum illa tenderent reputantibus, Marcus Claudius Marcellus consul edicto praefatus, de summa se re publica acturum, rettulit ad senatum, ut ei succederetur ante tempus, quoniam bello confecto pax esset ac dimitti deberet uictor exercitus; et ne absentis ratio comitiis haberetur, quando nec plebi scito Pompeius postea abrogasset.*”

³³⁶ Suet. Jul. (XXVIII, 3) “*nec contentus Marcellus prouincias Caesari et priuilegium eripere, re[t]tulit etiam, ut colonis, quos rogatione Vatinia Nouum Comum deduxisset, ciuitas adimeretur, quod per ambitionem et ultra praescriptum data esset.*”

³³⁷ De acordo com Pierre Grimal, nessa ocasião “os Pais decidiram, em condições pouco conformes à realidade, chamar César, pondo termo à sua missão nas províncias gaulesas. Retomavam contra ele a política, então bem sucedida, contra Pompeu. Mas César não se mostrou tão dócil quanto este e recusou-se a sacrificar a sua *dignitas* à inveja dos seus pares”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.28.

³³⁸ Suet. Jul. (XXIX, 1) “*Commotus his Caesar ac iudicans, quod saepe ex eo auditum ferunt, difficiliter se principem ciuitatis a primo ordine in secundum quam ex secundo in nouissimum detrudi, summa ope restitit, partim per intercessores tribunos, partim per Seruium Sulpicium alterum consulem.*”

povo (ou seja, a possibilidade de se candidatar ao consulado estando ele ausente) ou que fosse ordenada a demissão aos outros comandantes de exércitos; de acordo com Suetônio, Júlio César dava a entender que conseguiria reunir todos os seus veteranos no momento em que ele bem entendesse, e isso com muito mais facilidade do que Pompeu teria ao recrutar novos soldados³³⁹. Como contraproposta, Júlio César teria firmado junto aos seus adversários o compromisso de renunciar a oito legiões e à Gália Transalpina, desde que então fossem concedidas a ele duas legiões e a Gália Cisalpina, ou mesmo uma legião juntamente com a Ilíria, tudo isso até ele finalmente alcançar o consulado³⁴⁰. Tendo em vista a não interferência do Senado na resolução da questão, os opositores de Júlio César se negaram a aceitar qualquer proposta; Júlio César, perante essa recusa, se estabeleceu em Ravena, disposto a vingar pelas armas qualquer decisão demasiado severa que o Senado tomasse contra os tribunos da plebe que utilizavam o seu direito de veto³⁴¹ a favor dele³⁴². De acordo com Suetônio, teria sido este o pretexto utilizado por Júlio César para a guerra civil; no entanto, o autor acredita que os motivos teriam sido outros³⁴³, assim enumerando eles na sequência da narrativa. Suetônio afirma que Pompeu teria repetido com frequência que, devido ao fato de não conseguir concluir as obras que começara e tampouco satisfazer com os seus próprios recursos a enorme expectativa popular que havia criado em torno de seu regresso, Júlio César quis a

³³⁹ Suet. Jul. (XXIX, 2) “*insequenti quoque anno Gaio Marcello, qui fratri patrueli suo Marco in consulatu successerat, eadem temptante collegam eius Aemilium Paulum Gaiumque Curionem uiolentissimum tribunorum ingenti mercede defensores parauit. sed cum obstinatius omnia agi uideret et designatos etiam consules e parte diuersa, senatum litteris deprecatus est, ne sibi beneficium populi adimeretur, aut ut ceteri quoque imperatores ab exercitibus discederent; confisus, ut putant, facilius se, simul atque libuisset, ueteranos conuocaturum quam Pompeium novos milites.*”

³⁴⁰ Suet. Jul. (XXIX, 2) “*cum aduersariis autem pepigit, ut dimissis octo legionibus Transalpinaque Gallia duae sibi legiones et Cisalpina prouincia uel etiam una legio cum Illyrico concederetur, quoad consul fieret.*”

³⁴¹ O veto era contra a proposta de Metelo Cipião, em 49 a.C., o qual havia solicitado que Júlio César licenciasse todas as suas legiões e deixasse seu comando, sob pena de ser declarado inimigo público.

³⁴² Suet. Jul. (XXX, 1) “*uerum neque senatu interueniente et aduersariis negantibus ullam se de re publica facturos pactionem, transiit in citeriorem Galliam, conuentibusque peractis Rauennae substitit, bello uindicaturus si quid de tribunis plebis intercedentibus pro se grauius a senatu constitutum esset.*”

³⁴³ Suet. Jul. (XXX, 2) “*Et praetextum quidem illi ciuiliu armorum hoc fuit; causas autem alias fuisse opinantur.*”

tudo perturbar e subverter³⁴⁴; nessa mesma época, continua Suetônio, outros ainda afirmavam que Júlio César temia se encontrar obrigado a prestar contas a respeito de tudo que realizara durante o seu primeiro consulado: momento em que teria supostamente contrariado os auspícios, as leis e os magistrados; neste caso, o próprio Marco Catão anunciava que apresentaria uma queixa contra Júlio César tão logo ele licenciasse o seu exército e, finalmente, voltasse a Roma como um simples cidadão³⁴⁵; Suetônio atesta a probabilidade dessa última informação resgatando o testemunho de Asínio Polião³⁴⁶: de acordo com ele, Júlio César teria dito na batalha de Farsália³⁴⁷ diante dos seus adversários vencidos e aniquilados que ele próprio, após tamanhas realizações, caso não houvesse recorrido ao apoio do exército anteriormente, teria sido condenado³⁴⁸; continuando com a sua demonstração de argumentos, Suetônio comenta que outros afirmavam ainda que Júlio César havia sido tomado pelo hábito do “comando militar”, e que ele, após ter ponderado atentamente a respeito de suas forças e aquelas do inimigo, aproveitou a ocasião para simplesmente se apoderar do “**poder absoluto**”, o qual desejava desde a sua mais tenra juventude; para Suetônio, também esta seria provavelmente a opinião de Cícero: este escreveu no livro terceiro de sua obra “**Sobre os Deveres**” que Júlio César sempre citava alguns versos de Eurípides, traduzidos por ele mesmo: “Pois se tivermos de violar o direito, deve-se fazê-lo para reinar; e nos demais casos, pratica-se a retidão”³⁴⁹. Pois bem, como verificamos neste longo momento da narrativa de

³⁴⁴ Suet. Jul. (XXX, 2) “*Gnaeus Pompeius ita dictitabat, quod neque opera consummare, quae instituerat, neque populi expectationem, quam de aduentu suo fecerat, priuatis opibus explere posset, turbare omnia ac permiscere uoluisset.*”

³⁴⁵ Suet. Jul. (XXX, 3) “*alii timuisse dicunt, ne eorum, quae primo consulatu aduersus auspicia legesque et intercessionem gessisset, rationem reddere cogeretur; cum M. Cato identidem nec sine iure iurando denuntiaret delaturum se nomen eius, simul ac primum exercitum dimisisset; cumque uulgo fore praedicarent, ut si priuatus redisset, Milonis exemplo circumpositis armatis causam apud iudices diceret.*”

³⁴⁶ Caio Asínio Polião (76 a.C.- 4 d.C.) foi um escritor, general e político romano. Teria sido o autor de uma história da guerra civil, em dezessete livros. É também considerado o fundador da primeira biblioteca pública de Roma.

³⁴⁷ Batalha que ocorreu logo um pouco mais adiante, em 9 de agosto de 48 a.C., e que colocou frente a frente as tropas romanas de Júlio César e Cneo Pompeu. Foi o confronto decisivo entre os dois, que finalmente alçou Júlio César no comando da República romana.

³⁴⁸ Suet. Jul. (XXX, 4) “*quod probabilius facit Asinius Pollio, Pharsalica acie caesos profligatosque aduersarios prospicientem haec eum ad uerbum dixisse referens: 'hoc uoluerunt; tantis rebus gestis Gaius Caesar condemnatus essem, nisi ab exercitu auxilium petissem.'*”

³⁴⁹ Suet. Jul. (XXX, 5) “*quidam putant captum imperii consuetudine pensitatisque suis et inimicorum uiribus usum occasione rapiendae dominationis, quam aetate prima concupisset. quod existimasse uidebatur et Cicero scribens de Officiis tertio libro semper Caesarem in ore habuisse*

Suetônio, os defensores da República, representados na imagem de Marco Cláudio, se posicionaram contra as ações de Júlio César. Este quando percebeu os seus privilégios ameaçados, recorre ao espectro do povo e do exército para fortalecer o seu ponto de vista nas negociações. O conflito civil surge, portanto, como consequência desse intenso confronto. O interessante, porém, é o posicionamento de Suetônio: o autor praticamente deposita em Júlio César a responsabilidade de culpa pelo conflito, argumentando essa ideia com base em várias opiniões de referência daquela época; Suetônio, assim, acreditava que Júlio César esteve sempre em busca do “**poder absoluto**”, desejando reinar.

Na sequência dos acontecimentos, Suetônio comenta a respeito da travessia do Rubicão, momento em que Júlio César, consciente de que o veto dos tribunos havia sido anulado pelo Senado³⁵⁰, decide então, não sem antes vacilar³⁵¹, partir em direção a Itália, lançando a sorte³⁵². As circunstâncias da guerra que se desenvolveu foram tratadas por Suetônio de modo sintético, conforme assinalado pelo próprio autor: Júlio César teria inicialmente avançado sobre Roma, reunindo ali os senadores, para que se tratasse dos assuntos relacionados à República; após, partindo para a Hispania, venceu o exército de Pompeu³⁵³; este acabou sendo confrontado na Macedônia e finalmente derrotado na batalha de Farsália; em fuga, Pompeu encontrou a morte no Egito³⁵⁴. Chegamos, portanto, ao desfecho dos

Euripidis uersus, quos sic ipse conuertit: nam si uiolandum est ius, [regnandi] gratia; uiolandum est: aliis rebus pietatem colas.”

³⁵⁰ Suet. Jul. (XXXI, 1) “Cum ergo sublatam tribunorum intercessionem ipsosque urbe cecidisse nuntiatum esset,...

³⁵¹ Suet. Jul. (XXXI, 2) “consecutusque cohortis ad Rubiconem flumen, qui prouinciae eius finis erat, paulum constitit, ac reputans quantum moliretur, conuersus ad proximos: ‘etiam nunc,’ inquit, ‘regredi possumus; quod si ponticulum transierimus, omnia armis agenda erunt.’”

³⁵² Suet. Jul. (XXXII, 1) “tunc Caesar: ‘eatur,’ inquit, ‘quo deorum ostenta et inimicorum iniquitas uocat.’”

³⁵³ Suet. Jul. (XXXIV, 1) “Ordo et summa rerum, quas deinceps gessit, sic se habent. Picenum Vmbriam Etruriam occupauit et Lucio Domitio, qui per tumultum successor ei nominatus Corfinium praesidio tenebat, in dicionem redacto atque dimisso secundum Superum mare Brundisium tetendit, quo consules Pompeiusque confugerant quam primum transfretaturi. hos frustra per omnis moras exitu prohibere conatus Romam iter conuertit appellatisque de re publica patribus ualidissimas Pompei copias, quae sub tribus legatis M. Petreio et L. Afranio et M. Varrone in Hispania erant, inuasit, professus ante inter suos, ire se ad exercitum sine duce et inde reuersurum ad ducem sine exercitu. et quanquam obsidione Massiliae, quae sibi in itinere portas clauserat, summaque frumentariae rei penuria retardante breui tamen omnia subegit.”

³⁵⁴ Suet. Jul. (XXXV, 1) “Hinc urbe repetita in Macedoniam transgressus Pompeium, per quattuor paene menses maximis obsessum operibus, ad extremum Pharsalico proelio fudit et fugientem Alexandriam persecutus, ut occisumprehendit,...

conflitos civis neste momento³⁵⁵. O que então Suetônio aponta para as subsequentes ações de Júlio César? O que ele teria então promovido depois que seus adversários políticos já estavam derrotados? Júlio César, de acordo com Suetônio, teria promovido uma série de triunfos, jogos e comemorações, para na sequência se dedicar à organização da República; imediatamente, procurou reformular o calendário, o qual se encontrava em estado de desordem³⁵⁶. Teria completado os membros do Senado, escolhendo novos patrícios, e aumentado o número de pretores, edis, questores e de magistrados inferiores³⁵⁷; promoveu a participação do povo nos comícios: todos elegiam a metade dos candidatos, enquanto ele, a outra parte; designava os seus candidatos por meio de cartas dirigidas às tribos, nas quais se fazia constar por escrito: “César, ditador, a tal tribo...”³⁵⁸. Suetônio, nesta referência ao pensamento de Júlio César, expressou a consciência do personagem em relação ao papel que estava desempenhando, naquele momento, no quadro geral da política romana: tratava-se de um ditador. Devemos, porém, evitar qualquer pensamento anacrônico a respeito dessa questão, tendo em vista que a “ditadura” na Antiguidade romana não era e não se

³⁵⁵ Segundo Pierre Grimal, recusando-se a obedecer ao que lhe fora imposto, César “transpôs o Rubicão, o pequeno rio costeiro que formava, a sul, fronteira da província (a 11 de Janeiro de 49), e avançou sobre Roma. eclodiu a guerra civil. Contra César estava o Senado, reclamando-se na legalidade republicana. Mas verificou-se rapidamente que este argumento não atingia a massa dos cidadãos. Em primeiro lugar, na própria Itália, onde as cidades, ao longo do Adriático, abrem, umas após outras, as portas a César e aos seus lugares-tenentes, e depois nas províncias ocidentais, em Espanha, onde Varrão, lugar tenente de Pompeu, obtém sem dificuldade a sua rendição. César pode entrar em Roma e criar a sua própria legalidade”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.28.

³⁵⁶ Suet. Jul. (XL, 1) “*Conuersus hinc ad ordinandum rei publicae statum fastos correxit iam pridem uitio pontificum per intercalandi licentiam adeo turbatos, ut neque messium feriae aestate neque uindemiarum autumnus competerent;*”

³⁵⁷ De acordo com Pierre Grimal, “César tomou medidas destinadas a enfraquecer a assembleia dos Pais. O que lhe foi tanto mais fácil quanto muitos deles, que se lhe tinham oposto e seguido Pompeu, morreram durante a guerra civil. Os sobreviventes faziam figura de vencidos. Mostraram-se dóceis e César não teve dificuldade em criar um novo Senado, muito diferente do precedente, incluindo homens que não pertenciam à antiga aristocracia. Assim, assistiu-se à entrada na cúria de filhos de libertos ou de oficiais de legião, mas também de provinciais vindos das colônias ou dos municípios. Vieram da Gália Narbonense, de Espanha. O tecido imperial torna-se mais lasso, e também mais permeável, à medida que o antigo monopólio nas mãos das antigas famílias do Lácio começa a ser partilhado pelos recém-chegados”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.30.

³⁵⁸ Suet. Jul. (XLI, 1) “*Senatum suppleuit, patricios adlegit, praetorum aedilium quaestorum, minorum etiam magistratuum numerum ampliuit; nudatos opere censorio aut sententia iudicum de ambitu condemnatos restituit. comitia cum populo partitus est, ut exceptis consulatus competitoribus de cetero numero candidatorum pro parte dimidia quos populus uellet pronuntiarentur, pro parte altera quos ipse dedisset. et edebat per libellos circum tribum missos scriptura breui: 'Caesar dictator illi tribui. commendo uobis illum et illum, ut uestro suffragio suam dignitatem teneant.'*”

apresentava da mesma forma que a ditadura contemporânea³⁵⁹: considerava-se uma das tradicionais magistraturas romanas, mas apresentando um caráter extraordinário; conferia uma autoridade excepcional, para que o indivíduo em questão fosse capaz de solucionar, em momentos de extrema gravidade, problemas políticos e militares; este cargo tinha duração máxima de seis meses³⁶⁰. De acordo com Suetônio, Júlio César aproveitou esse momento e iniciou um programa de reformas administrativas³⁶¹, preocupando-se com o rigor na prática da justiça³⁶²; ao mesmo tempo, também estabeleceu vários e audaciosos projetos, através dos quais visava o conforto material em Roma, a segurança e grandeza do Império³⁶³.

Na construção da personalidade de Júlio César, Suetônio destaca algumas características positivas: comportamentos exemplares, dignos de consideração. Júlio César teria demonstrado uma enorme qualidade na arte militar e na eloquência, igualando ou superando a glória de seus mais altos representantes³⁶⁴; possuía notável experiência no trabalho com as armas e na equitação, sempre muito resistente à fadiga³⁶⁵; era de grande firmeza, ou seja, de constância em seu

³⁵⁹ Por ditadura contemporânea, temos por consideração principalmente os modelos propostos pelos regimes totalitários da primeira metade do século XX, na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Tratam-se, pois, de regimes autocráticos. No Brasil temos, por exemplo, a ditadura Vargas (1937-1945) e o regime Militar (1964-1985) como momentos mais marcantes em que a população cidadã se viu impossibilitada de participar (através da eleição de representantes) na ingerência do governo brasileiro.

³⁶⁰ Júlio César foi inicialmente apontado ditador em 49 a.C., para presidir eleições. No entanto, resignou de suas funções em onze dias. Em 48 a.C., foi novamente apontado como ditador, por tempo indeterminado. Em 46 a.C., teve sua nomeação como ditador validada para o período de dez anos. De acordo com Gonzalo Bravo, “Esta acumulación de títulos y poderes correspondia ya a una nueva época, a una nueva forma de gobierno que sólo mantenía – si acaso – los elementos formales de la tradicional, porque la naturaleza del poder ‘colegiado’ republicana se había transformado ya en un poder ‘personal’ cuasi-monárquico, si bien arropado todavía bajo la forma institucional de una ‘dictadura’.” BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.493.

³⁶¹ Conforme ressalta Pierre Grimal, “embora afirmasse, por meio de medidas pontuais, a sua vontade de organizar a administração do Estado, de lhe conferir quadros racionais, César absteve-se de remodelar tudo e conservou, no conjunto, instituições tradicionais. A hierarquia das magistraturas permanece imutável, o *cursus honorum* continua a processar da questura para o consulado, como no passado”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.30.

³⁶² Suet. Jul. (XLIII, 1) “*Ius laboriosissime ac seuerissime dixit*”.

³⁶³ Suet. Jul. (XLIV, 1) “*Nam de ornanda instruendaque urbe, item de tuendo ampliandoque imperio plura ac maiora in dies destinabat*”

³⁶⁴ Suet. Jul. (LV, 1) “*Eloquentia militarique re aut aequavit praestantissimorum gloriam aut excessit*.”

³⁶⁵ Suet. Jul. (LVII, 1) “*Armorum et equitandi peritissimus, laboris ultra fidem patiens erat*”.

caráter³⁶⁶; valorizava seus soldados não pelos costumes ou riquezas, mas sim pela força e coragem apresentadas, tratando-os com severidade tanto quanto com indulgência³⁶⁷; tivera, desde a mocidade, grande consideração e lealdade em relação aos seus clientes³⁶⁸; demonstrara, em virtude de sua natureza, benevolência no momento em que tomava vingança³⁶⁹; e teriam sido admiráveis a moderação e a clemência por ele exibidos durante todo o curso da guerra civil e após o seu fim³⁷⁰. No entanto, de acordo com Suetônio, sobre todos esses feitos acabavam predominando outros atos e comportamentos de Júlio César: os quais indicavam o quanto ele teria abusado do **poder absoluto** e merecido realmente a morte³⁷¹. De acordo com o autor, Júlio César não teria apenas aceitado honras excessivas, mas também o consulado contínuo³⁷², a ditadura vitalícia³⁷³ e a prefeitura dos costumes³⁷⁴; teria adotado como prenome “**Imperator**” e o sobrenome de “**Pai da Pátria**”³⁷⁵, e recebeu uma estátua sua entre os reis e um trono na orquestra³⁷⁶. Segue a construção narrativa, Júlio César teria permitido que a ele fossem atribuídos privilégios considerados superiores à condição humana, respectivamente: uma estátua de ouro na Cúria e outra logo em frente ao tribunal; um carro e uma liteira para as pompas circenses; templos, altares e estátuas ao lado dos deuses; um

³⁶⁶ Suet. Jul. (LXIII, 1) “*Non minor illa constantia eius,...*”.

³⁶⁷ Suet. Jul. (LXV, 1) “*Militem neque a moribus neque a fortuna probabat, sed tantum a uiribus, tractabatque pari seueritate atque indulgentia.*”

³⁶⁸ Suet. Jul. (LXXI, 1) “*Studium et fides erga clientis ne iuueni quidem de fuerunt.*”

³⁶⁹ Suet. Jul. (LXXIV, 1) “*Sed et in ulciscendo natura lenissimus piratas,...*”

³⁷⁰ Suet. Jul. (LXXV, 1) “*Moderationem uero clementiamque cum in administratione tum in uictoria belli ciuilis admirabilem exhibuit.*”

³⁷¹ Suet. Jul. (LXXVI, 1) “*Praegravant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur.*”

³⁷² Diz respeito ao seu terceiro e quarto consulados, respectivamente em 46 e 45 a.C.

³⁷³ Júlio César, desde 49/8 a.C., estava exercendo subsequentes mandatos como ditador; a ditadura perpétua, propriamente dita, foi concedida a ele apenas em 44 a.C., um mês antes de sua morte.

³⁷⁴ O próprio Júlio César deu a si a função de “Prefeito dos Costumes”, tendo as mesmas prerrogativas do magistrado censor. Através desse cargo, Júlio César pode preencher o Senado com seus partidários.

³⁷⁵ O título de “Pai da Pátria” foi conferido pela primeira vez a Cícero, por todo o seu empenho e luta contra a conspiração de Catilina. Esse título será concedido, posteriormente, a vários imperadores romanos.

³⁷⁶ Suet. Jul. (LXXVI, 1) “*non enim honores modo nimios recepit: continuum consulatum, perpetuam dictaturam praefecturamque morum, insuper praenomen Imperatoris, cognomen Patris patriae, statuum inter reges, suggestum in orchestra;*”

leito sagrado e um flâmine³⁷⁷; um mês que fosse designado com seu nome; e também os mais diversos cargos públicos, os quais ele sempre exercera de acordo com a própria vontade³⁷⁸. Júlio César, no que diz respeito as suas ações, teria distribuído magistraturas para vários anos, concedido insígnias consulares a antigos pretores e admitido no Senado pessoas gratificadas com o direito de cidadania e, inclusive, alguns gauleses semibárbaros³⁷⁹. Pois bem, como verificamos neste momento da construção narrativa, Suetônio, mesmo considerando as características positivas da personalidade de Júlio César, preocupa-se em destacar no personagem o que ele mais revelava de ruim: a tendência à **concentração do poder**. Tornava-se ele, portanto, ao apresentar esse comportamento, culpado da própria morte.

Elevando as suas críticas, Suetônio, apoiando-se no testemunho Tito Âmpio³⁸⁰, comenta que Júlio César demonstrava-se em tom insolente publicamente: dizia que a República não era mais nada, tornando-se apenas um simples nome, sem qualquer corpo ou figura; comentava que Sula não passava de um ignorante, tendo em vista que abdicou da ditadura; e reivindicava que todos os homens se dirigissem a ele com mais respeito, considerando as suas palavras como lei³⁸¹. Para Suetônio, Júlio César teria chegado ao extremo da arrogância durante a realização de uma cerimônia de sacrifício: na ocasião o arúspice, ao verificar que o animal não possuía coração, perante todos anunciou um mau presságio; Júlio César, presente na situação, imediatamente respondeu que os presságios seriam de melhor augúrio quando ele bem entendesse, e que não se deveria considerar tal ocorrência um prodígio, pois se tratava de um animal que simplesmente não possuía coração³⁸².

³⁷⁷ Em 44 a.C., juntamente àqueles três flâmines maiores, a saber, de Júpiter, Marte e Quirino.

³⁷⁸ Suet. Jul. (LXXVI, 1) "*sed et ampliora etiam humano fastigio decerni sibi passus est: sedem auream in curia et pro tribunali, tensam et ferculum circensi pompa, templa, aras, simulacra iuxta deos, pulvinar, flaminem, lupercos, appellationem mensis e suo nomine; ac nullos non honores ad libidinem cepit et dedit.*"

³⁷⁹ Suet. Jul. (LXXVI, 3) "*eadem licentia spreto patrio more magistratus in pluris annos ordinavit, decem praetoriis uiris consularia ornamenta tribuit, ciuitate donatos et quosdam e semibarbaris Gallorum recepit in curiam.*"

³⁸⁰ Tribuno da plebe em 63 a.C., pretor em 59/8 a.C., proconsul na Ásia em 58/7. Partidário de Pompeu, teria lutado na guerra civil contra Júlio César.

³⁸¹ Suet. Jul. (LXXVII, 1) "*Nec minoris inpotentiae uoces propalam edebat, ut Titus Amp[r]ius scribit: nihil esse rem publicam, appellationem modo sine corpore ac specie. Sullam nescisse litteras, qui dictaturam deposuerit. debere homines consideratius iam loqui secum ac pro legibus habere quae dicat.*"

³⁸² Suet. Jul. (LXXVII, 1) "*eoque arrogantiae progressus est, ut haruspice tristia et sine corde exta quondam nuntiante futura diceret laetiora, cum uellet; nec pro ostento ducendum, si pecudi cor defuisset.*"

No entanto, de acordo com Suetônio, um comportamento em particular demonstrado por Júlio César teria alimentado contra a sua pessoa um ódio implacável: estando diante do templo de Vênus Genetrix, ele não teria se levantado para atender aos senadores que vinham em sua direção; senadores, inclusive, que traziam decretos que concediam à sua pessoa as mais altas honras; na ocasião, de acordo com o autor, alguns teriam dito que, ao tentar se levantar, Júlio César teria sido impedido por Cornélio Balbo; outros, por sua vez, afirmam que ele ao menos procurou fazê-lo – tendo olhado de forma muito pouco amistosa a Caio Trebácio, que o lembrara de se levantar³⁸³. Essa atitude, continua a narrativa de Suetônio, teria parecido ainda mais intolerável diante de outro acontecimento da época: Júlio César, durante um de seus triunfos, no momento em que passava diante dos assentos dos tribunos, teria se indignado ao não ver Pôncio Áquila levantado, da mesma forma que os outros; perante essa situação, teria exclamado as seguintes palavras: “Tente, então, conseguir novamente de mim a República, tribuno Áquila!”³⁸⁴.

De acordo com Suetônio, após tamanha ofensa realizada contra a dignidade do Senado, Júlio César teria demonstrado atitude ainda mais arrogante; eis a circunstância: voltando em direção a Roma após o sacrifício das festas Latinas, em meio a um clima de aclamações desmedidas e inusitadas, uma pessoa entre a multidão colocou acima de sua estátua uma coroa de louros, com uma faixa branca ao seu redor³⁸⁵; os tribunos da plebe, Elpídio Marcelo e Cesécio Flávio, observando essa atitude, ordenaram que se retirasse a coroa, e que prendessem tal homem; Júlio César, na perspectiva de Suetônio, afligido em relação ao pouco êxito de uma alusão à realeza, ou mesmo por não ter conseguido grande glória de recusá-la, repreendeu duramente aos tribunos e os destituiu de seus cargos³⁸⁶. E desde esse

³⁸³ Suet. Jul. (LXXVIII, 1) “*Verum praecipuam et exitiabilem sibi inuidiam hinc maxime mouit. adeuntis se cum plurimis honorificentissimisque decretis uniuersos patres conscriptos sedens pro aede Veneris Genetricis excepit. quidam putant retentum a Cornelio Balbo, cum conaretur assurgere; alii, ne conatum quidem omnino, sed etiam admonentem Gaium Trebatium ut assurgeret minus familiari uultu respexisse.*”

³⁸⁴ Suet. Jul. (LXXVIII, 2) “*idque factum eius tanto intolerabilius est uisum, quod ipse triumphanti et subsellia tribunicia praeteruehenti sibi unum e collegio Pontium Aquilam non assurrexisse adeo indignatus sit, ut proclamauerit: 'repete ergo a me Aquila rem publicam tribunus!' et nec destiterit per continuos dies quicquam cuiquam nisi sub exceptione polliceri: 'si tamen per Pontium Aquilam licuerit.'*”

³⁸⁵ Configurava-se, portanto, em um dos signos da realeza.

³⁸⁶ Suet. Jul. (LXXIX, 1) “*Adiecit ad tam insignem despecti senatus contumeliam multo arrogantius factum. nam cum in sacrificio Latinarum reuertente eo inter inmodicas ac nouas populi acclamationes quidam e turba statuae eius coronam lauream candida fascia praeligata*

momento, de acordo com Suetônio, não teria sido mais possível ignorar o escândalo de que Júlio César havia pretendido o título de rei – ainda que ele próprio respondesse ao povo, diante de todos os seus clamores, ‘que ele era César, e não rei’; inclusive, no decorrer das Lupercais, teria novamente rejeitado o diadema que, diante da tribuna, o então cônsul Marco Antônio insistentemente buscava colocar em cima de sua cabeça³⁸⁷; nesta ocasião, tomando o diadema em suas mãos, Júlio César propôs oferecê-lo como oferenda a Júpiter Ótimo Máximo, no capitólio³⁸⁸. Suetônio, ao que transparece alimentando suspeitas, destaca o boato que teria se espalhado à época de que Júlio César planejava partir em direção de Alexandria ou Ílion, transportando todas as riquezas da República – e tudo isso logo após haver esgotado a Itália com motins e ter entregado a administração de Roma aos seus amigos; complementa o autor, na época também era comentado que na próxima reunião do Senado o quindécenviro Lúcio Cota iria propor a concessão efetiva do título de rei para Júlio César, tendo em vista que nos livros sibilinos constava que somente um rei, numa guerra contra os partos³⁸⁹, poderia sair vitorioso³⁹⁰.

De acordo com Suetônio, a proposta de Lúcio Cota despertou e motivou os conspiradores a colocarem em prática os seus planos; eles, que até então se reuniam em pequenos grupos, uniram-se, tendo em vista que até mesmo o povo não estava mais contente com a situação, rechaçando a dominação e reclamando por

inposuisset et tribuni plebis Epidius Marullus Caesetiusque Flauus coronae fasciam detrahi hominemque duci in uincula iussissent, dolens seu parum prospere motam regni mentionem siue, ut ferebat, ereptam sibi gloriam recusandi, tribunos grauiter increpitos potestate priuauit.”

³⁸⁷ De acordo com Gonzalo Bravo, “el extinto régimen habría desembocado naturalmente en una auténtica ‘monarquía’ si el propio César no hubiera sido acusado de pretenderla cuando en febrero del año 44 exhibió una ‘corona’ en la celebración de los *Lupercalia*. Aunque ésta era en realidad el símbolo del ‘dictador perpetuo’, fue interpretado por algunos senadores como aspiración a la realeza e contraria a la *res publica*”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.494.

³⁸⁸ Suet. Jul. (LXXIX, 2) “*neque ex eo infamiam affectati etiam regii nominis discutere ualuit, quanquam et plebei regem se salutanti Caesarem se, non regem esse responderit et Lupercalibus pro rostris a consule Antonio admotum saepius capiti suo diadema reppulerit atque in Capitolium loui Optimo Maximo miserit.*”

³⁸⁹ Júlio César, de fato, preparava uma expedição contra os Partos. Cf: Suet. Jul. (XLIV, 3) “*mox Parthis inferre bellum per Armeniam minorem nec nisi ante expertos adgredi proelio.*”

³⁹⁰ Suet. Jul. (LXXIX, 3) “*quin etiam uaria fama percrebruit migraturum Alexandream uel Ilium, translatis simul opibus imperii exhaustaque Italia dilectibus et procuracione urbis amicis permissa, proximo autem senatu Lucium Cottam quindécimuirum sententiam dicturum, ut, quoniam fatalibus libris contineretur Parthos nisi a rege non posse uinci, Caesar rex appellaretur.*”

libertadores³⁹¹. No clima de animosidades que se estabeleceu, teriam conspirado contra Júlio César mais de sessenta pessoas, incluindo Caio Cássio, Marco e Décimo Bruto, os líderes do complô³⁹²; para o momento de execução, acabaram escolhendo a reunião do Senado na Cúria de Pompeu, marcada para os idos de Março³⁹³. Júlio César, apesar dos maus presságios da religião e das advertências do arúspice Spurina, que o alertara sobre possíveis perigos, teria entrado na Cúria sem demonstrar grandes preocupações, pois nada havia acontecido até aquele instante³⁹⁴. Tão logo sentou, no entanto, foi rodeado e assassinado pelos conspiradores, exclamando sua indignação diante da participação de Marco Bruto³⁹⁵. Imediatamente, a sequência da construção narrativa comenta a respeito do testamento de Júlio César, lido conforme solicitação de seu sogro, Lúcio Pisão; os herdeiros, três no total, eram os netos de sua irmã: Caio Octaviano, com três quartas partes; Lúcio Pinário e Quinto Pédio, com o restante; ao final do escrito, adotava oficialmente Caio Octaviano, legando o seu nome³⁹⁶.

Fechando a sua narrativa, após uma breve descrição do funeral de Júlio César, Suetônio relaciona diversas opiniões que tratam dos possíveis pensamentos do general romano nos momentos finais de sua vida. De acordo com o autor, Júlio César teria se comportado de modo que todos acreditassem que ele não pretendia viver por muito mais tempo, tendo em vista o enfraquecimento de seu estado de saúde: motivo pelo qual teria negligenciado, espontaneamente, os presságios dos

³⁹¹ Suet. Jul. (LXXX, 1) "*Quae causa coniuratis maturandi fuit destinata negotia, ne assentiri necesse esset. Consilia igitur dispersim antea habita et quae saepe bini terniue ceperant, in unum omnes contulerunt, ne populo quidem iam praesenti statu laeto, sed clam palamque detrectante dominationem atque assertores flagitante.*"

³⁹² De acordo com Gonzalo Bravo, tratava-se de uma "conspiración senatorial encabezada por M. Junio Bruto e C. Cassio Longino, com el apoyo de unos 40 colegas". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.494.

³⁹³ Suet. Jul. (LXXX, 4) "*conspiratum est in eum a sexaginta amplius, Gaius Cassius Marcoque et Decimo Bruto principibus conspirationis. qui primum cunctati utrumne in Campo per comitia tribus ad suffragia uocantem partibus diuisis e ponte deicerent atque exceptum trucidarent, an in Sacra uia uel in aditu theatri adorirentur, postquam senatus Idibus Martiis in Pompei curiam edictus est, facile tempus et locum praetulerunt.*"

³⁹⁴ Suet. Jul. (LXXXI, 4) "*dein pluribus hostiis caesis, cum litare non posset, introiit curiam sprete religione Spurinnamque irridens et ut falsum arguens, quod sine ulla sua noxa Idus Martiae adessent: quanquam is uenisse quidem eas diceret, sed non praeterisse.*"

³⁹⁵ Suet. Jul. (LXXXII, 2) "*atque ita tribus et uiginti plagis confossus est uno modo ad primum ictum gemitu sine uoce edito, etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse: kai su teknon;*"

³⁹⁶ Suet. Jul. (LXXXIII, 2) "*sed nouissimo testamento tres instituit heredes sororum nepotes, Gaium Octauium ex dodrante, et Lucium Pinarium et Quintum Pedium ex quadrante reliquo[s]; in ima cera Gaium Octauium etiam in familiam nomenque adoptauit.*"

sacrifícios e as advertências de seus amigos³⁹⁷. Muitos ainda acreditavam que o verdadeiro motivo de Júlio César dispensar os seus guardas hispanos seria uma excessiva confiança no último decreto do Senado, no juramento³⁹⁸ realizado pelos senadores³⁹⁹. Outros, pelo contrário, diziam que Júlio César preferia de uma vez por todas se arriscar frente aos perigos que o ameaçavam, do que viver sempre angustiado e em guarda; da mesma forma, também comentavam que Júlio César costumava dizer à época que a República teria mais interesse em mantê-lo vivo do que ele próprio, alegando o seguinte: ele há muito tempo já havia conquistado poder e glória, enquanto que a República, caso realmente algo viesse a acontecer com ele, não conseguiria permanecer em paz, enfrentando guerras civis de natureza muito pior⁴⁰⁰. E para outras pessoas, enfim, sua morte teria sido, mais ou menos, da forma como o próprio Júlio César desejara⁴⁰¹. Concluindo então a narrativa, Suetônio afirma que Júlio César morreu aos cinquenta e seis anos, incluído entre os deuses por vontade expressa do Senado e do povo⁴⁰².

Com um desfecho um tanto quanto cuidadoso e sempre se posicionando no texto, Suetônio encerra a primeira de suas construções biográficas; não deixa, porém, de transparecer um tom fundamentalmente crítico em relação ao personagem, destacando ao longo de sua trajetória de vida ações controversas, consideradas negativas. De fato, na perspectiva estabelecida por Suetônio, Júlio

³⁹⁷ Suet. Jul. (LXXXVI, 1) “*Suspicionem Caesar quibusdam suorum reliquit neque uoluisse se diutius uiuere neque curasse quod ualitudine minus prospera uteretur, ideoque et quae religiones monerent et quae renuntiarent amici neglexisse*”.

³⁹⁸ Juramente público pelo qual todos os cidadãos se comprometeram então a zelar pela vida de Júlio César.

³⁹⁹ Suet. Jul. (LXXXVI, 1) “*sunt qui putent, confisum eum nouissimo illo senatus consulto ac iure iurando etiam custodias Hispanorum cum gladiis + adinspectantium + se remouisse*”.

⁴⁰⁰ Suet. Jul. (LXXXVI, 2) “*alii e diuerso opinantur insidias undique imminentis subire semel quam cauere [.] solitum ferunt: non tam sua quam rei publicae interesse, uti saluus esset: se iam pridem potentiae gloriaeque abunde adeptum; rem publicam, si quid sibi eueniret, neque quietam fore et aliquanto deteriore condicione ciuilia bella subituram*”.

⁴⁰¹ Suet. Jul. (LXXXVII, 1) “*Illud plane inter omnes fere constitit, talem ei mortem paene ex sententia obtigisse*”.

⁴⁰² Suet. Jul. (LXXXVIII, 1) “*Periit sexto et quinquagesimo aetatis anno atque in deorum numerum relatus est, non ore modo decernentium, sed et persuasione uolgi*.” Conforme Pierre Grimal, “a morte de César, a 15 de Março de 44, deixou a sua obra inacabada em todos os domínios, tanto no que toca à reorganização interna, a qual, como ele esperava, deveria transformar a velha cidade republicana no centro de um poder capaz de administrar o mundo, quanto no reforço das fronteiras orientais, cuja condição era o prolongamento da conquista pelo menos até as fronteiras dos países helenizados”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.33.

César, desde jovem, teria apresentado uma conduta não alinhada à tradição ancestral; a exagerada ambição, destacada pelo autor em seguidos exemplos, o teria conduzido a um iminente e constante confronto em relação ao grupo senatorial – conflito direto com o partido dos “melhores”; e tudo isso, na ênfase da narrativa, pelo seguinte motivo principal: Júlio César desejava alcançar o **poder absoluto**, pretendendo tornar-se rei. O Principado Romano, portanto, no que podemos considerar a perspectiva do autor, esteve vinculado em seu surgimento diretamente à concentração de poderes em mãos de uma única pessoa. Suetônio, como verificamos, revela bem o seu pensamento a respeito dessas circunstâncias, deixando claro para o leitor, através de seus referenciais de mundo, que estava muito mais ao lado dos senadores: ou seja, da antiga tradição romana. Pois bem, com esses elementos do pensamento político de Suetônio em mente, propomos na sequência analisar a vida de Octaviano Augusto: momento em que observaremos o estabelecimento da instituição do Principado Romano, buscando o posicionamento do autor em relação às ações públicas do personagem então biografado.

4. OCTAVIANO AUGUSTO: O ESTABELECIMENTO DO PRINCIPADO

4.1. OCTAVIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Consciente da importância de Octaviano Augusto no cenário político romano e no futuro estabelecimento da instituição Principado, Suetônio, ao que verificamos, desenvolve em sua construção narrativa uma expectativa, especialmente, favorável em relação ao personagem em questão; desde o começo da biografia, portanto, sua imagem encontra-se valorizada, e nos mais variados detalhes. De acordo com Suetônio, Octaviano teria nascido durante o consulado de Marco Túlio Cícero e Caio Antônio, aos nove dias das calendas de outubro⁴⁰³, pouco antes da saída do sol, no distrito do Palatino; lugar no qual, após a sua morte, teria sido erigido um santuário⁴⁰⁴. O autor também confirma a localidade em que Octaviano fora criado: uma propriedade pequena, pertencente aos seus avós, próxima a Velitris, onde muitos acreditavam ter nascido também⁴⁰⁵. Segundo uma antiga crença, comenta Suetônio, todos aqueles que adentrassem esse recinto de modo qualquer, não oferecendo as devidas homenagens, eram acometidos por um sentimento de comoção e espanto; crença, ademais, que teria sido confirmada mais tarde: um novo proprietário do estabelecimento ali se pôs a dormir, por acaso ou para comprovar o que era dito; passadas apenas algumas horas da noite, inesperadamente uma força súbita e desconhecida o arrancou do lugar onde estava e o arremessou para longe; quase morto, encontrou-se perante a porta junto com a sua cama⁴⁰⁶. Prosseguindo a construção biográfica, Suetônio assinala que Octaviano, quando criança, apresentava o sobrenome “Turino”: provável referência em relação à região de origem dos seus antepassados, ou à vitória que, anos antes, obteve o seu pai contra

⁴⁰³ Ou seja, em 23 de setembro de 63 a.C.

⁴⁰⁴ Suet. Aug. (V, 1) “*Natus est Augustus M. Tullio Cicerone C. Antonio cons. XIII. Kal. Octob., paulo ante solis exortum, regione Palati, ad Capita bubulo, ubi nunc sacrarium habet, aliquanto post quam excessit constitutum.*”

⁴⁰⁵ Suet. Aug. (VI, 1) “*Nutrimetorum eius ostenditur adhuc locus in avito suburbano iuxta Velitras permodicus et cellae penuriae instar, tenetque vicinitatem opinio tamquam et natus ibi sit.*”

⁴⁰⁶ Suet. Aug. (VI, 1) “*Huc introire nisi necessario et caste religio est, concepta opinione veteri, quasi temere adeuntibus horror quidam et metus obiciatur, sed et mox confirmata. Nam cum possessor villae novus seu forte seu temptandi causa cubitum se eo contulisset, evenit ut post paucissimas noctis horas exturbatus inde subita vi et incerta paene semianimis cum strato simul ante fores inveniretur.*”

escravos fugitivos, em Túrio⁴⁰⁷. No sentido de comprovar essa informação, Suetônio afirma ter encontrado uma pequena estátua de Octaviano, de quando este era criança, que apresentava essa designação; estatueta, ademais, que teria apresentado ao então imperador⁴⁰⁸: o qual passou a venerá-la junto aos seus respectivos deuses lares⁴⁰⁹. Mais adiante no tempo, destaca a construção narrativa, Octaviano teria adotado o nome de Caio César e, por último, o de Augusto; o primeiro, legado a ele por testamento, enquanto que o segundo, concedido através de um parecer de Munácio Planco; conforme Suetônio, nas diversas opiniões da época, também ele deveria se chamar Rômulo, como se fosse também um dos fundadores de Roma⁴¹⁰; todavia, teria prevalecido a denominação ‘Augusto’, por se tratar de um sobrenome novo e igualmente ilustre⁴¹¹. Pois bem, como verificamos nestes momentos iniciais da construção biográfica de Octaviano, Suetônio antecipa uma consideração positiva, praticamente sagrada, em relação ao personagem em questão; tratamento bem diferente, ademais, àquele recebido por Júlio César ao princípio de sua biografia. De fato, seja na referência ao recinto sagrado onde nasceu, seja na menção aos importantes nomes que recebeu, Suetônio projeta em Octaviano a expectativa de um grande governante aos romanos; exemplo, aliás, que o próprio Suetônio lança para Adriano.

No seguimento da narrativa, Suetônio volta-se para o início da trajetória política de Octaviano. Imediatamente, o autor destaca as várias proezas do

⁴⁰⁷ Suet. Aug. (VII, 1) “*Infanti cognomen Thurino inditum est, in memoriam maiorum originis, vel quod regione Thurina recens eo nato pater Octavius adversus fugitivos rem prospere gesserat.*”

⁴⁰⁸ Nesse caso, uma referência ao personagem Adriano: príncipe romano no momento de composição da obra.

⁴⁰⁹ Suet. Aug. (VII, 1) “*Thurinum cognominatum satis certa probatione tradiderim, nactus puerilem imagunculam eius aeream veterem, ferreis et paene iam exolescentibus litteris hoc nomine inscriptam, quae dono a me principi data inter cubiculi Lares colitur.*”

⁴¹⁰ Considerado, de acordo com a tradição ancestral, o primeiro rei de Roma, cidade que teria fundado junto ao seu irmão Remo, em 753 a.C. Teria governado por 38 anos, estendendo a influência da cidade de Roma por toda a região do Lácio e áreas adjacentes.

⁴¹¹ Explica o próprio Suetônio: também eram denominados “augustos” os lugares religiosos e aqueles nos quais se faziam consagrações augurais – levando-se em consideração uma derivação a partir do termo *auctus* (engrandecimento) ou da expressão *avium gestus* ou *gustus* (movimentos ou degustação das aves), a exemplo do que Ênio teria anotado quando escreveu “depois que por augúrio a ilustre Roma de Augusto foi fundada”. Suet. Aug. (VII, 1) “*Postea Gai Caesaris et deinde Augusti cognomen assumpsit, alterum testamento maioris avunculi, alterum Munati Planci sententia, cum, quibusdam censentibus Romulum appellari oportere quasi et ipsum conditorem urbis, praevaluisset, ut Augustus potius vocaretur, non tantum novo sed etiam ampliore cognomine, quod loca quoque religiosa et in quibus augurato quid consecratur augusta dicantur, ab auctu vel abu avium gestu gustuve, sicut etiam Ennius docet scribens: Augusto augurio postquam incluta condita Roma est.*”

personagem em questão: aos doze anos, teria ele pronunciado o elogio fúnebre de sua avó, Júlia; apesar de não ter participado da guerra por conta de sua idade, Octaviano teria sido gratificado com honras militares em virtude do triunfo de Júlio César na África; e nessa mesma época, teria enfrentado grandes perigos para acompanhar Júlio César em sua expedição contra o filho de Pompeu, nas Hispanias, onde teria servido ao seu tio com esplêndidos serviços, revelando perante ele toda a natureza de seu caráter⁴¹². Enviado por Júlio César a Apolônia, onde consagrou seu tempo aos estudos⁴¹³, recebeu ali a notícia do assassinato de seu tio e a informação de sua nomeação como herdeiro; teria cogitado, então, pedir auxílio às legiões vizinhas, abandonando de imediato esta ideia, por julgá-la precipitada e prematura; assim, regressou a Roma, onde aceitou a herança, a despeito do receio de sua mãe e dos conselhos de seu padrasto, o ex-cônsul Marco Filipo, que havia tentado dissuadi-lo em torno desta ideia⁴¹⁴. De acordo com Suetônio, Octaviano Augusto, desse momento em diante e após ter recrutado exércitos, teria governado a

⁴¹² Suet. Aug. (VIII, 1) "*Quadrimum patrem amisit. Duodecimum annum agens aviam Iuliam defunctam pro contione laudavit. Quadriennio post virili toga sumpta, militaribus donis triumpho Caesaris Africano donatus est, quanquam expertus belli propter aetatem. Profectum mox avunculum in Hispanias adversus CN. Pompei liberos, vixdum firmus a gravi valitudine, per infestas hostibus vias paucissimis comitibus naufragio etiam facto subsecutus, magno opere demeruit, approbata cito etiam morum indole super itineris industriam*".

⁴¹³ Conforme a explanação de Pierre Grimal, "no início de 44, o jovem Octávio é enviado pelo tio a Apolônia, no Épiro, ponto de partida da rota que conduzia aos estreitos, e dali à Ásia. Esperava, obviamente, associá-lo à expedição contra os Partos, como fizera durante a expedição da Espanha. A vanguarda do exército já começara a reunir-se, precisamente em Apolônia. Eis senão quando, depois dos idos de Março, quando Antônio tomou conhecimento do testamento de César, se soube que este, num acto póstumo, adoptava Octávio e lhe legava uma parte considerável dos seus bens. Qual iria ser a atitude do jovem? Retomaria a política do tio-avô, agora seu pai adoptivo?". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.35.

⁴¹⁴ Suet. Aug. (VIII, 2) "*Caesare post receptas Hispanias expeditionem in Dacos et inde in Parthos destinante, praemissus Apolloniam studiis vacavit. Utque primum occisum eum heredemque se comperit, diu cunctatus an proximas legiones imploraret, id quidem consilium ut praeceps in maturumque omisit, ceterum urbe repetita hereditatem adiit, dubitante matre, vitrico vero Marcio Philippo consulari multum dissuadente*". Sobre essa circunstância em especial, Pierre Grimal afirma que "alguns amigos daquele que doravante se chamaria C. Júlio César Octaviano aconselharam-no a não o fazer. Que aceitasse a herança material que lhe cabia, mas também o restabelecimento da ordem republicana. De outro modo, querendo reivindicar nem que fosse uma parte dos poderes que haviam sido os do tio-avô e tentar prosseguir a sua obra, debater-se-ia contra obstáculos terríveis. Em primeiro lugar, teria de enfrentar Antônio, que ocupava um lugar cada vez mais poderoso no Estado e, ao mesmo tempo, os 'republicanos', os senadores que haviam aplaudido a morte do tirano, cúmplices morais dos 'regicidas' e a quem não repugnava ver surgir um outro César". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.36.

República, inicialmente com Marco Antônio⁴¹⁵ e Lépido⁴¹⁶, durante quase doze anos, e depois sozinho, ao longo de quarenta e quatro anos⁴¹⁷.

Na sequência da construção narrativa, Suetônio propõe, após a realização desse “panorama” geral, explorar cada uma das partes da vida de Octaviano: dessa forma, investigaria os seus diferentes aspectos, não seguindo necessariamente uma ordem cronológica – no sentido de torná-la, portanto, mais compreensível⁴¹⁸. Esse modelo de construção biográfica, ao que verificamos aqui, atribuiu grande dinamismo ao texto; o contraponto, porém, recai na questão cronológica, em sua imprecisão. Suetônio, de fato, apoia-se nessa “liberdade” não apenas para a construção de sua narrativa biográfica, desenvolvendo a sequência dos acontecimentos; mas também, como propomos, para uma explanação cuidadosa de seus pensamentos políticos. Pois bem, partindo para as suas categorias de análise, Suetônio afirma que Octaviano teria realizado cinco guerras civis: Módena (contra Marco Antônio), Filipos (contra Bruto e Cássio), Perúsia (contra Lucio Antônio), Sicília (contra Sexto Pompeu) e Áccio (contra Marco Antônio)⁴¹⁹. Segundo Suetônio, a origem e a causa dessas guerras estavam relacionadas sobretudo ao desejo de

⁴¹⁵ Segundo Gonzalo Bravo, “Marco Antonio era sobrino de César, con quien inició su carrera civil como cuestor en el 52; los dos años siguientes fue enviado a la Galia como legado; pertenecía al colegio de los augures desde el 50 y fue tribuno de la plebe en el 49; de nuevo legado de César en el 48, dirigió una parte del ejército en Farsalia contra Pompeyo; en 47 fue nombrado *magister equitum* por César y en 44 desempeño el consulado. A la muerte de César, era ya el político más relevante del Senado”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.495.

⁴¹⁶ Segundo Gonzalo Bravo, “Marco Emilio Lépido pertenecía también al entorno, si no familiar, al menos afectivo de César, pero estaba casado con Junia, la hermana de M. Bruto. Lépido siguió una carrera normal (edil en el 53, pretor en el 49) hasta que la ‘guerra civil’ entre César y Pompeyo le dio oportunidad de una rápida promoción política: en el 47 celebró un triumphus adoptando el título de imperador; en el 46 fue colega en el consulado con César, quien le nombró además *magister equitum* confiándole la seguridad de Roma en su ausencia, y en el 44 le fue otorgada la provincia de Galia Cisalpina e Hispania Citerior; se opuso a las disposiciones conciliadoras de Antonio y durante dos meses quedó relegado de sus funciones, pero fue luego rehabilitado por mediación de Octavio”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.495.

⁴¹⁷ Suet. Aug. (VIII, 3) “*Atque ab eo tempore exercitibus comparatis primum cum M. Antonio M. que Lepido deinde tantum cum Antonio per duodecim fere annos, novissime per quattuor et quadraginta solus rem publicam tenuit*”.

⁴¹⁸ Trata-se do comentário sobre o preceito metodológico que orienta a construção narrativa das biografias de Suetônio; conferir a discussão realizada na página 40 do presente estudo.

⁴¹⁹ Suet. Aug. (IX, 1) “*Proposita vitae eius velut summa, partes singillatim neque per tempora sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint. Bella civilia quinque gessit: Mutinense, Philippense, Perusinum, Siculum, Actiacum; e quibus primum ac novissimum adversus M. Antonium, secundum adversus Brutum et Cassium, tertium adversus L. Antonium triumviri fratrem, quartum adversus Sextum Pompeium CN. F.*”

Octaviano em vingar a morte de seu tio e defender os seus atos; por isso, tão logo regressou de Apolônia, teria decidido atacar Bruto e Cássio; com a fuga destes, Octaviano recorreu às leis, acusando ambos de assassinato; teria neste momento igualmente garantido, por conta própria, em função da inatividade dos magistrados, a celebração dos jogos em honra às vitórias de Júlio César⁴²⁰. Para que conseguisse realizar também seus outros projetos, teria se apresentado como candidato à vaga de tribuno da plebe – o titular havia falecido recentemente; ainda que fosse patrício, não era senador, um verdadeiro entrave para esse objetivo; no entanto, como o cônsul Marco Antônio, de quem esperava uma ajuda em especial, estava se opondo aos seus esforços e nem mesmo lhe concedia, em qualquer assunto, o direito comum e ordinário sem antes tentar combinar previamente para ele uma enorme recompensa, Octaviano, de acordo com Suetônio, decidiu então passar para o lado dos “melhores”; ele sabia, realmente, que o Senado odiava a Marco Antonio: este havia sitiado, em Módena, a Décimo Bruto, tentando expulsá-lo (através da força das armas) de uma província que a ele foi outorgada por Júlio César, decisão ratificada pelo próprio Senado romano⁴²¹. Destaca Suetônio que Octaviano, seguindo o conselho de alguns, teria neste momento encomendado o assassinato de Marco Antônio; porém, tendo o plano sido descoberto e temendo as represálias, prontamente reuniu ao seu auxílio e ao da República os veteranos de guerra, cumulando-os de favores; recebeu então a ordem de se colocar à frente deste exército e de imediato partir, com Hircio e Pansa, os cônsules, em defesa de

⁴²⁰ Suet. Aug. (X, 1) “*Omnium bellorum initium et causam hinc sumpsit: nihil convenientius ducens quam necem avunculi vindicare tuerique acta, confestim ut Apollonia rediit, Brutum Cassiumque et vi necopinantis et (quia provisum periculum subterfugerat) legibus adgredi reosque caedia absenis deferre statuit. Ludos autem victoriae Caesaris, non audentibus facere quibus optigerat id munus, ipse edidit.*”

⁴²¹ Suet. Aug. (X, 2) “*Et quo constantius cetera quoque exequeretur, in locum TR. PL. forte demortui candidatum se ostendit, quanquam patricius necdum senator. Sed adversante conatibus suis M. Antonio consule, quem vel praecipuum adiutorem speraverat, ac ne publicum quidem et tralaticium ius ulla in re sibi sine pactione gravissimae mercedis impertiente, ad optimates se contulit, quibus eum invisum sentiebat, maxime quod D. Brutum obsessum Mutinae provincia a Caesare data et per senatum confirmata expellere armis niteretur.*” Conforme a explicação de Pierre Grimal, Antônio, ao “final de seu consulado, que terminava em 44, fora encarregado pelo Senado do governo da província da Macedônia. [...] Corria o mês de junho [...] exigiu a troca da província da Macedônia contra a da Itália Cisalpina, que caíra nas mãos de um dos conjurados de Março, Décimo Bruto. Obteve-a por meio de uma lei (e não de um senátus-consulta), como outrora acontecera com César, quando anexara, por decisão popular, a Gália Transalpina às províncias que o Senado lhe atribuíra. [...] Nesse momento, Antônio surgia como um rebelde, mesmo tendo sido a troca das províncias autorizada por uma lei. Não tinha o direito de conduzir uma guerra contra um governador regularmente designado. Mas, por sua vontade, a violência prevalecia sobre a legalidade”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.36.

Décimo Bruto; Octaviano teria concluído esse confronto no tempo de três meses, somando dois combates ao total⁴²²: no primeiro deles, de acordo com o testemunho de Marco Antônio referenciado por Suetônio, Octaviano teria fugido e surgido dois dias depois, sem capa ou cavalo; no segundo dos combates, conforme a opinião geral, Octaviano teria devidamente cumprido com os seus deveres de chefe e soldado⁴²³. Como verificamos neste momento, Suetônio relaciona o jovem Octaviano ao grupo dos “melhores”; contrapõe-se a ele, diretamente, Marco Antônio: este surge como o Júlio César de outrora – personagem responsável por alimentar sérios distúrbios no cenário político romano, desrespeitando a tradicional sociedade política. Por tudo isso, Suetônio demonstra-se um tanto quanto cuidadoso em relação à Octaviano, afastando de sua direção críticas neste momento.

No entanto, quando obteve a informação de que Marco Antônio havia sido acolhido por Marco Lépido e que todos os demais generais e exércitos estavam apoiando o partido deles⁴²⁴, Octaviano teria decidido abandonar a causa dos “melhores”; de acordo com Suetônio, para essa mudança de posição Octaviano Augusto teria alegado, sem qualquer razão, que muitos dos senadores o haviam chamado de “menino”, enquanto que outros o teriam “cobrado em sua educação” – quando, na verdade, deveriam agradecer a ele, Octaviano, e aos seus veteranos pelo conjunto dos feitos realizados⁴²⁵. No sentido de comprovar o seu arrependimento de ter pertencido ao partido dos “melhores”, Suetônio destaca que Octaviano Augusto teria não apenas aplicado uma pesada multa aos vários habitantes de Núrcia, mas também expulsado eles da região; tudo em função deles

⁴²² Suet. Aug. (X, 3) “*Hortantibus itaque nonnullis percussores ei subornavit, ac fraude deprehensa periculum in vicem metuens veteranos simul in suum ac rei publicae auxilium quanta potuit largitione contraxit; iussusque comparato exercitui pro praetore praeesse et cum Hirtio ac Pansa, qui consulatum susceperant, D. Bruto opem ferre, demandatum bellum tertio mense confecit duobus proeliis.*”

⁴²³ Suet. Aug. (X, 4) “*Priore Antonius fugisse eum scribit ac sine paludamento equoque post biduum demum apparuisse, sequenti satis constat non modo ducis, sed etiam militis functum munere atque in media dimicatione, aquilifero legionis suae graviter saucio, aquilam umeris subisse diuque portasse.*”

⁴²⁴ De acordo com Pierre Grimal, “Antônio, derrotado, teve de fugir. Assumiu a direção da Gália Narbonense, governada por um ‘cesarista’ confirmado, M. Aemilius Lepidus (Lépido), cônsul juntamente com César três anos atrás. Lépido recebeu-o, declarou-se solidário com ele e entregou-lhe o seu exército. Iria eclodir de novo uma guerra civil?”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.38.

⁴²⁵ Suet. Aug. (XII, 1) “*Sed ut cognovit Antonium post fugam a M. Lepido receptum ceterosque duces et exercitus consentire pro patribus, causam optimatum sine cunctatione deseruit, ad praetextum mutatae voluntatis dicta factaque quorundam calumniatus, quasi alii se puerum, alii ornandum tolendumque iactassent, ne aut sibi aut veteranis par gratia referretur.*”

terem escrito em um monumento público, erguido em memória aos cidadãos mortos na guerra de Módena, os dizeres: “aos que morreram em defesa da liberdade”⁴²⁶. Muito provavelmente, consideramos aqui, Octaviano critica o princípio de “liberdade” por considerá-lo um valor moral relacionado especialmente aos costumes tradicionais da política romana, ao grupo senatorial; como definimos na introdução do presente estudo, esse conceito de liberdade pressupunha o direito por parte dos “melhores” de terem sempre preservadas as suas prerrogativas sociais e políticas superiores. Suetônio, de fato, discorda em relação ao comportamento agressivo de Octaviano em relação aos “melhores”, não encontrando verdadeiras razões para isso⁴²⁷. Esse distanciamento de Octaviano em relação aos nobres senadores acaba alterando, momentaneamente, a perspectiva de Suetônio a respeito do personagem: as opiniões se tornam mais críticas e constantes, como observaremos.

Na sequência dos acontecimentos, Suetônio destaca em sua construção narrativa o estabelecimento de uma aliança entre Octaviano, Marco Antônio e Marco Lépido⁴²⁸; após a realização do pacto, Octaviano, enfraquecido e enfermo à época, vence a guerra de Filipos, em duas batalhas: na primeira delas, de acordo com Suetônio, Octaviano teve de buscar refúgio ao lado de Marco Antônio, após ter sido expulso de seu próprio acampamento pelas forças inimigas; ademais, acrescenta o autor, Octaviano não teria demonstrado moderação logo após essa vitória, pelo

⁴²⁶ Suet. Aug. (XII, 1) “*Et quo magis paenitentiam prioris sectae approbaret, Nursinos grandi pecunia et quam pendere nequirent multatos extorres oppido egit, quod Mutinensi acie interemptorum civium tumultu publice extracto ascripserant, pro libertate eos occubuisse.*”

⁴²⁷ Pierre Grimal traz importantes informações do período, de modo que possamos problematizar o posicionamento de Suetônio tão enfático em toda essa questão. De acordo com o autor, após a vitória em Modena, “Bruto ocupa a província da Macedônia, evacuada por Antônio, e Cássio disputa a Síria a Dolabella, cujo governo obteve terminado o consulado. Por fim, os senadores decidiram confiar a Sexto Pompeu (o filho mais novo do grande Pompeu) o comando de todas as forças navais. Tudo se passa como se os senadores tivessem decidido tomar definitivamente o partido dos regicidas e afastar Octávio, uma vez expulso Antônio da Itália. Tudo isto se torna evidente quando Octávio, no mês de julho de 43, reclama o consulado e o Senado lho recusa. O filho e herdeiro de César rejeitado por insignificância”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.39.

⁴²⁸ Trata-se do Segundo Triunvirato, organizado em 43 a.C. De acordo com Pierre Grimal, Octaviano, Lépido Marco Antônio “concordaram na criação de uma nova estrutura política, que substituiria provisoriamente as instituições tradicionais, cuja falência era evidente. [...] ocuparam Roma e fizeram votar uma lei, a *Lex Titia*, que nomeava Antônio, Octávio e Lépido, por cinco anos, ‘tríunviros de poder constituinte’, o que os tornava senhores absolutos do Estado, com todas as prerrogativas do imperium militar [...] Os tríunviros retomava, sem hesitações, a herança política de César.” GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.40. Octaviano, Marco Antonio e Lépido, portanto, receberam poderes ilimitados até o prazo máximo de cinco anos, para que eles pudessem reorganizar a República.

contrário: enviou para Roma a cabeça de Bruto, para que esta fosse colocada aos pés da estátua de Júlio César; ademais, teria maltratado com palavras cruéis os prisioneiros mais ilustres⁴²⁹. Quando um destes prisioneiros modestamente solicitou por sepultura, Octaviano teria lhe dito, de acordo com Suetônio, que os abutres seriam os encarregados disso; em outro caso, pai e filho, suplicando por suas vidas, foram obrigados a jogar na sorte o direito de um ou o outro viver: o filho, observando o pai morrer, teria se entregado voluntariamente à morte⁴³⁰. De acordo com Suetônio, em razão de todo esse comportamento por parte de Octaviano, os demais prisioneiros, entre eles Marco Favônio, êmulo de Catão, quando ainda acorrentados, respeitosamente saudaram a Marco Antônio como imperador; por sua vez, teriam insultado Octaviano com as mais horríveis ofensas⁴³¹. Com o desfecho de Filipos, ocorre uma divisão das funções: caberia a Marco Antônio os negócios do Oriente; Octaviano, por sua vez, ficou encarregado de conduzir novamente os veteranos para a Itália e estabelecê-los em territórios municipais⁴³²; porém, de acordo com Suetônio, Octaviano não obteve o reconhecimento necessário por parte dos proprietários ou dos veteranos, pois alguns se queixavam de expulsão, enquanto que outros desejavam um melhor tratamento, tendo em vista os seus méritos⁴³³.

⁴²⁹ Suet. Aug. (XIII, 1) "*Inita cum Antonio et Lepido societate, Philippense quoque bellum, quamquam invalidus atque aeger, duplici proelio transegit, quorum priore castris exutus vix ad Antoni cornu fuga evaserat. Nec successum victoriae moderatus est, sed capite Bruti Romam misso, ut statuae Caesaris subiceretur, in splendidissimum quemque captivum non sine verborum contumelia saeviit*".

⁴³⁰ Suet. Aug. (XIII, 2) "*ut quidem uni suppliciter sepulturam precanti respondisse dicatur, iam istam volucrum fore potestatem; alios, patrem et filium, pro vita rogantis sortiri vel micare iussisse, ut alterutri concederetur, ac spectasse utrumque morientem, cum patre, quia se optulerat, occiso filius quoque voluntariam occubisset necem*".

⁴³¹ Suet. Aug. (XIII, 2) "*Quare ceteri, in his M. Favonius ille Catonis aemulus, cum catenati producerentur, imperatore Antonio honorifice salutato, hunc foedissimo convitio coram prosciderunt*".

⁴³² De acordo com Pierre Grimal, "por uns tempos, pareceu mesmo que os triúnviros iam entrar em guerra uns contra os outros; mas, no início do mês de Outubro de 40, renovaram o acordo feito. É a paz de Brindes. Octávio e Antônio reconciliam-se solenemente. Octávio obteria as províncias do Ocidente (excluindo a África, atribuída a Lépido), Antônio seria senhor do Oriente e, garantia desde pacto, casaria com Octávia, irmã de Octávio, união que a morte de Fúlvia tornara possível". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.43.

⁴³³ Suet. Aug. (XIII, 3) "*Partitis post victoriam officiis, cum Antonius Orientem ordinandum, ipse veteranos in Italiam reducendos et municipalibus agris conlocandos recepisset, neque veteranorum neque possessorum gratiam tenuit, alteris pelli se, alteris non pro spe meritorum tractari querentibus*". De acordo com Pierre Grimal, "Octavio fora encarregado de desmobilizar as legiões que haviam combatido em Filipos, de procurar terras para os veteranos e de pagar a cada um deles uma quantia em dinheiro, um capital que lhes permitisse estabelecerem-se no seu domínio. Mas havia falta de recursos. Para obter, Octávio restabeleceu o tributo, quando as

Pois bem, ao longo de toda essa situação verificamos claramente o posicionamento crítico de Suetônio em relação ao comportamento de Octaviano: a este faltara moderação, tornando-se praticamente inadmissível o seu tratamento, com toques de crueldade, em relação aos ilustres, aos senadores. Ademais, conforme sugere Suetônio, o próprio Marco Antônio estava ganhando reconhecimento entre os ilustres, considerando todas as ações, negativas, de Octaviano.

Na continuação da construção narrativa, Suetônio comenta a respeito da guerra civil levada a cabo contra Sexto Pompeu⁴³⁴; nesse conflito, de acordo com o autor, os desentendimentos entre Octaviano e Marco Antônio tornaram-se evidentes⁴³⁵, ocorrendo, imediatamente depois, o rompimento da aliança política entre ambos; para Suetônio, esta aliança teria se demonstrado sempre muito instável e insegura, mantendo-se por meio de sucessivas reconciliações; foi então que Octaviano, para provar que Marco Antônio havia renegado a sua condição de cidadão, teria aberto e lido o testamento deixado por seu antagonista na cidade de Roma; nele, designava-se entre os seus herdeiros os filhos de Cleópatra⁴³⁶. De

terras italianas estavam tradicionalmente isentas. Ao mesmo tempo, procedia a confiscações, um pouco por toda a parte, na Gália Cisalpina, na Emília, na Etrúria, provocando rancores e ódios que em breve degenerariam em guerra aberta”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.41.

⁴³⁴ Suet. Aug. (XVI, 1) “*Siculum bellum incohavit in primis, sed diu traxit intermissum saepius...*”. Sobre o conflito com Sexto Pompeu e o que veio a acontecer com Lépido: “Sexto Pompeu, depois de concluir a paz com os triúnviros em Miseno, em agosto de 39, retomara a guerra no ano seguinte, já que, após alguns sucessos na Sicília contra Octavio, fora definitivamente derrotado no mar, em frente de Naulochus (Agosto de 36), por Agripa. Refugiara-se, então, na Ásia, em Mileto, onde foi morto por um oficial de Antônio. Por seu lado, Lépido, acusado de não ter apoiado Octávio, e mesmo de o ter traído, foi destituído do cargo de triúnviro e exilado em Circei, um pequeno aglomerado situado na costa do Lácio, à beira da Campânia”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.41.

⁴³⁵ Suet. Aug. (XVI, 2) “*Unde praebitam Antonio materiam putem exprobrandi, ne rectis quidem oculis eum aspicere potuisset instructam aciem, verum supinum, caelum intuentem, stupidum cubuisse, nec prius surrexisse ac militibus in conspectum venisse quam a M. Agrippa fugatae sint hostium naves. Alii dictum factumque eius criminantur, quasi classibus tempestate perditis exclamaverit, etiam invito Neptuno victoriam se adepturum, ac die circensium proximo sollemni pompae simulacrum dei detraxerit.*”

⁴³⁶ Suet. Aug. (XVII, 1) “*M. Antonii societatem semper dubiam et incertam reconciliationibusque variis male focilatam abruptit tandem, et quo magis degenerasse eum a civili more approbaret, testamentum, quod is Romae, etiam de Cleopatra liberis inter heredes nuncupatis, reliquerat, aperiendum recitandumque pro contione curavit*”. Conforme José Guilherme R. Silva, “unindo-se a Cleópatra VII, rainha ptolomaica do Egito, Marco Antônio logo foi atraído pelo modelo das monarquias orientais, pretendendo fazer de Cleópatra soberana do Oriente e de seus filhos os herdeiros das províncias. Desse modo, Marco Antônio assumia uma posição delicada, pois colocava em risco a integridade do patrimônio territorial romano, tornando-se assim vulnerável à propaganda política de Otávio”. SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009, pp.131.

acordo com Suetônio, no momento em que Marco Antônio foi declarado inimigo público, Octaviano teria imediatamente enviado para ele todos os seus parentes e amigos, incluindo Caio Sósio e Tito Domício, os dois cônsules à época; teria igualmente liberado os habitantes de Bolonha, clientes dos Antônio desde os tempos remotos, de se coligarem com o restante da Itália em defesa de seu partido; pouco tempo depois, conclui Suetônio, Octaviano acabou vencendo a Marco Antônio em uma batalha naval junto a Áccio⁴³⁷. Após um acidentado retorno à Itália, onde esteve para negociar com soldados amotinados que reclamavam por recompensas, Octaviano teria se dirigido ao Egito, navegando pelas costas da Ásia e da Síria; em seu destino, levantou cerco em Alexandria, onde haviam se refugiado Marco Antônio e Cleópatra, conquistando a cidade em pouco tempo⁴³⁸. Ainda que Marco Antônio, de acordo com Suetônio, tivesse ainda procurado estabelecer condições para uma trégua, Octaviano lhe teria forçado à morte⁴³⁹; quanto à Cleópatra, teria desejado que ela estivesse presente em seu triunfo, buscando curá-la do veneno em sua ferida, sem resultados⁴⁴⁰; com ambos mortos, Octaviano concedeu aos dois a honra de uma sepultura em comum, requerendo o término do mausoléu que os próprios haviam ordenado a construção⁴⁴¹. Na sequência dos acontecimentos, segue a

⁴³⁷ Suet. Aug. (XVII, 2) “*Remisit tamen hosti iudicato necessitudines amicosque omnes, atque inter alios C. Sosium et Cn. Domitium tunc adhuc consules. Bononiensibus quoque publice, quod in Antoniorum clientela antiquitus erant, gratiam fect coniurandi cum tota Italia pro partibus suis. Nec multo post navali proelio apud Actium vicit, in serum dimicatione protacta, ut in nave victor pernoctaverit.*”

⁴³⁸ Suet. Aug. (XVII, 3) “*Ab Actio cum Samum in hiberna se recepisset, turbatus nuntiis de seditione praemia et missionem poscentium, quos ex omni numero confecta victoria Brundisium praemisera, repetita Italia, tempestate in trajectu bis conflictatus (primo inter promuntoria Peloponnesi atque Aetoliae, rursus circa montes Ceraunios, utrobique parte liburnicarum demersa, simul eius, in qua vehebatur, fuis armamentis et gubernaculo diffracto) nec amplius quam septem et viginti dies, donec desideria militum ordinarentur, Brundisii commoratus, Asiae Syriaeque circuitu Aegyptum petit obsessaque Alexandria, quo Antonius cum Cleopatra confugerat, brevi potitus est.*”

⁴³⁹ Conforme Gonzalo Bravo, “Todavía Antonio intentó con la ayuda de Egipto hacer frente a su rival, Octavio, quien debió regresar a Roma para tranquilizar con nuevas promesas los veteranos. En agosto del 30 Octavio entraba en Alejandría después de haber ganado a su causa Grécia y las provincias orientales. Ante la negativa de éste de establecer un acuerdo con sus adversarios con el fin de retener solamente Egipto bajo su dominio, Antonio, ante la noticia de la sospechosa muerte de Cleopatra en sus aposentos, prefirió quitarse la vida antes de convertirse en ‘triunfo vivo’ de Octavio como sucedió luego a sus hijos, que fueron trasladados a Roma para recibir educación adecuada.” BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.497.

⁴⁴⁰ Cleópatra, diante da iminente situação, teria cometido suicídio, morrendo envenenada; teria colocado veneno em uma ferida aberta, ou teria se permitido morder por uma cobra.

⁴⁴¹ Suet. Aug. (XVII, 4) “*Et Antonium quidem, seras conditiones pacis temptantem, ad mortem adegit viditque mortuum. Cleopatrae, quam servatam triumpho magno opere cupiebat, etiam psyllos*

construção narrativa de Suetônio, Octaviano teria solicitado que o jovem Antônio, o mais velho dos filhos de Fúlvia, antiga esposa de Marco Antônio, fosse retirado de seu refúgio aos pés da estátua do divino Júlio, ordenando-lhe a pena de morte; da mesma forma o jovem Cesário, filho que Cleópatra alegava ter concebido com Júlio César, fora enviado ao suplício; no entanto, em relação aos demais filhos de Marco Antônio e da rainha Cleópatra, Octaviano teria cuidado de todos com muito zelo, como se fossem os seus próprios parentes, preservando a vida deles, os mantendo e apoiando de acordo com a condição de cada um⁴⁴². Pois bem, como verificamos nestes últimos acontecimentos, também através de uma guerra civil Octaviano obteve a sua ascensão no cenário político romano, algo similar ao ocorrido anteriormente com Júlio César. Interessante neste momento é o motivo que deflagrou todo o conflito civil: o testamento de Marco Antônio, no qual se fazia constar uma relação não apenas afetiva, mas também política com Cleópatra; em outras palavras, relação com a monarquia. Tudo isso, evidentemente, não foi bem recebido pela comunidade política tradicional e tornou legítima a guerra movida por Octaviano⁴⁴³. Este não apenas venceu o conflito, como também se preocupou em eliminar os herdeiros de Marco Antônio e Júlio César, ou seja, os seus possíveis concorrentes ao poder naquele momento. Suetônio, aos poucos, vai amenizando as críticas a Octaviano, gerando nele expectativas positivas.

De acordo com Suetônio, quando ainda estava na região do Egito, Octaviano teria ordenado que se retirassem da sepultura o sarcófago e o corpo de Alexandre, o

admovit, qui venenum ac virus exurgerent, quod perisse morsu aspidis putabatur. Ambobus communem sepulturae honorem tribuit ac tumulum ab ipsis incohatum perfici iussit."

⁴⁴² Suet. Aug. (XVII, 5) "*Antonium iuvenem, maiorem de duobus Fulvia genitis, simulacro Divi Iuli, ad quod post multas et irritas preces confugerat, abreptum interemit. Item Caesarionem, quem ex Caesare Cleopatra concepisce praedicabat, retractum e fuga supplicio adfecit. Reliquos Antonii reginaeque communes liberos non secus ac necessitudine iunctos sibi et conservavit et mox pro conditione cuiusque sustinuit ac fovit*".

⁴⁴³ Conforme a explicação de Pierre Grimal, "Antonio e Octavio retomam, cada um deles, metade da herança cesarina. O segundo conserva em Roma, menos por convicção do que por necessidade, o que, nas formas 'republicanas', é compatível com o seu poder absoluto. Antonio, por seu lado, não renunciando ao projecto cesarista de abater o poder dos Partos e de recuar as fronteiras do Império tão longe quanto possível para Oriente, comporta-se cada vez mais como um rei helenístico [...] Tudo isto, como é sabido, criava em Roma um descontentamento e só podia reforçar o ódio contra os reis. Na verdade, Octavio exerce, também ele, um poder absoluto. E também não respeita a 'liberdade'. [...] Mas entre a 'realeza' de Octávio e a de Antonio era grande a diferença. Enquanto o marido de Cleópatra delapida (pelo menos aparentemente) os territórios do Império e fracassa na tentativa de conquistar a Arménia, Octávio reforça a fronteira na Ilíria e prossegue a penetração romana a sul dos Alpes em direcção ao Danúbio". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, pp.44-45.

Grande, de modo que prestasse uma homenagem; perguntado se não iria visitar também a sepultura dos Ptolomeus, teria respondido que havia ele desejado ver um rei, e não cadáveres⁴⁴⁴. Neste momento, na construção de sua narrativa, Suetônio aparentemente indica através de Octaviano Augusto uma crítica não em relação a Alexandre, personagem lembrado com destaque na vida anterior; mas sim aos seus sucessores, os chamados Diádocos. Estes representavam, no imaginário político romano, uma noção de realeza relacionada ao despotismo; modelo político a ser evitado em solo romano, no pensamento da sociedade política tradicional. Octaviano, portanto, estaria no caminho certo ao se afastar desses exemplos de governante. Pois bem, na sequência da narrativa, Suetônio menciona que Octaviano enfrentou alguns distúrbios imediatamente após a sua vitória na guerra civil e também ao longo de seu governo – todos eles debelados antes que atingissem maiores proporções⁴⁴⁵. Mantendo a síntese nas informações apresentadas, o autor faz referência às várias campanhas militares comandadas ou coordenadas por Octaviano, as quais levaram à submissão das regiões da Cantábria, Aquitânia, Panônia, Dalmácia (com a Ilíria) e Récia, bem como aos Vindélicos e Salassos, povos habitantes dos Alpes⁴⁴⁶. De acordo com Suetônio, Octaviano não teria feito guerra contra qualquer um sem que tivesse uma causa justa ou necessária, pelo contrário: não passava por ele o desejo de simplesmente engrandecer o Império ou mesmo a sua glória militar; e de tal forma era esse pensamento que ele teria obrigado os chefes de alguns povos bárbaros a jurar no templo de Marte Vingador que se manteriam firmes na palavra dada e na paz que solicitavam⁴⁴⁷. Nesse mesmo assunto, Suetônio ainda destaca que Octaviano possuía tamanha fama de valor e

⁴⁴⁴ Suet. Aug. (XVIII, 1) "*Per idem tempus conditorium et corpus Magni Alexandri, cum prolatum et penetrati subiecisset oculis, corona aurea imposita ac floribus aspersis veneratus est, consultusque, num et Ptolemaeum inspicere vellet, regem se voluisse ait videre, non mortuos*".

⁴⁴⁵ Suet. Aug. (XIX, 1) "*Tumultus posthac et rerum novarum initia coniurationesque complures, prius quam invalescerent indicio detectas, compressit alias alio tempore: Lepidi iuvenis, deinde Varronis Murenarum et Fanni Caepionis, mox M. Egnati, exin Plauti Rufi Lucique Pauli progeneri sui, ac praeter has L. Audasi, falsarum tabularum rei ac neque aetate neque corpore integri, item Asini Epicadi ex gente Parthina ibridae, ad extremum Telephi, mulieris servi nomenculatoris. Nam ne ultimae quidem sortis hominum conspiratione et periculo caruit*".

⁴⁴⁶ Suet. Aug. (XXI, 1) "*Domuit autem partim ductu partim auspiciis suis Cantabriam, Aquitaniam, Pannoniam, Delmatiam cum Illyrico omni, item Raetiam et Vindelicos ac Salassos, gentes Inalpinas*".

⁴⁴⁷ Suet. Aug. (XXI, 2) "*Nec ulli genti sine iustis et necessariis causis bellum intulit, tantumque afuit a cupiditate quoquo modo imperium vel bellicam gloriam augendi, ut quorundam barbarorum principes in aede Martis Ultoris iurare coegerit mansuros se in fide ac pace quam peterent...*"

moderação que os Citas, um povo que não o conhecia senão por informações indiretas, solicitaram de forma espontânea, por meio de embaixadas, a sua amizade e a do povo romano; os Partos também, ao seu pedido, teriam lhe dado, sem quaisquer dificuldades, a região da Armênia, bem como os estandartes militares que outrora haviam conquistado de Marco Crasso e Marco Antônio; inclusive, os mesmos Partos teriam solicitado que fosse Octaviano o responsável pela indicação de um rei para eles, a ser escolhido dentre os vários pretendentes ao trono⁴⁴⁸. Portanto, alcançada a paz na terra ou no mar, Octaviano teria fechado por três ocasiões o templo de Jano Quirino⁴⁴⁹, fato ocorrido apenas duas vezes desde a fundação de Roma⁴⁵⁰; cenário de paz que então surge, para Suetônio, também devido à atenta reorganização do exército por parte de Octaviano, sempre exigindo das legiões o máximo da disciplina e do rigor⁴⁵¹. Pois bem, nesse desfecho da guerra civil, podemos verificar na perspectiva de Suetônio um posicionamento positivo em relação à Octaviano Augusto: demonstrando-se, desse momento em diante, um homem virtuoso e moderado, teria através de sua política estabelecido um estado de “paz” interna e externamente. Para Suetônio, no que transparece a narrativa, Octaviano, diferente de Júlio César, estava no sentido correto das ações.

De acordo com Suetônio, após as guerras civis, seja nos editos ou nas assembleias, Octaviano não mais chamava aos seus legionários de “camaradas”; de fato, ele preferiu chamá-los simplesmente de “soldados”, pois acreditava que a designação “camarada” seria demasiadamente adúladora – muito mais do que permitia a disciplina militar, a paz reinante ou mesmo a sua majestade pessoal e a

⁴⁴⁸ Suet. Aug. (XXI, 3) “*Qua virtutis moderationisque fama Indos etiam ac Scythas, auditu modo cognitos, pellexit ad amicitiam suam populique Romani ultro per legatos petendam. Parthi quoque et Armeniam vindicanti facile cesserunt et signa militaria, quae M. Crasso et M. Antonio ademerant, reposcenti reddiderunt obsidesque insuper optulerunt, denique, pluribus quondam de regno concertantibus, nonnisi ab ipso electum probaverunt.*”

⁴⁴⁹ Considerado o deus das “portas e das passagens”. O ancestral rei de Roma, Numa, teria proposto que a entrada do templo fosse fechada em tempos de paz, e aberta em tempos de guerra. Antes de Octaviano, teria sido fechada inicialmente durante o reinado de Numa e, tempos depois, em 235 a.C., após a primeira guerra contra os cartagineses. Octaviano teria então fechado suas portas em 29 a.C. (após a derrota de Antônio), em 25 a.C. (após a sua vitória contra na Cantábria) e em 8 a.C. (após as vitórias de Tibério na Germânia).

⁴⁵⁰ Suet. Aug. (XXII, 1) “*Ianum Quirinum, semel atque iterum a condita urbe ante memoriam suam clausum, in multo brevioris temporis spatio terra marique pace parta ter clusit.*”

⁴⁵¹ Suet. Aug. (XXIV, 1) “*In re militari et commutavit multa et instituit, atque etiam ad antiquum morem nonnulla revocavit. Disciplinam severissime rexit...*”

de sua casa⁴⁵². Nesse momento verificamos que a construção narrativa de Suetônio, destacando esse posicionamento de Octaviano, age no sentido de contrapor o modelo de Octaviano àquele de Júlio César: este costumava chamar aos seus legionários de “camaradas”, designação que seria bem mais afetuosa⁴⁵³. Suetônio, reforçando a sua ideia, afirma que Octaviano, mesmo quando recompensava aos seus legionários, não teria demonstrado qualquer espírito de adulação⁴⁵⁴; ademais, ele pregava também que ao general perfeito não corresponderiam atitudes de precipitação ou temeridade: a segurança e a tranquilidade na realização de tarefas militares seriam essenciais⁴⁵⁵. Não deixamos de perceber ao longo desta passagem um sentimento de elogio por parte de Suetônio em sua construção da conduta de Octaviano; de fato, trata-se de uma crítica aos exageros da guerra civil, momento em que os generais teriam passado do limite em suas relações pessoais com o exército romano, tudo em busca do poder, à revelia do Senado.

Suetônio, no que diz respeito às funções e prerrogativas políticas auferidas ou adotadas por Octaviano, comenta que este teria recebido magistraturas e honras antes do tempo considerado legal, algumas inclusive novas e outras à perpetuidade⁴⁵⁶. Octaviano teria exercido o consulado pela primeira vez aos seus dezanove anos⁴⁵⁷; o segundo, após nove anos; posteriormente, mais onze vezes⁴⁵⁸,

⁴⁵² Suet. Aug. (XXV, 1) “*Neque post bella civilia aut in continione aut per edictum ullos militum commilitones appellabat, sed milites, ac ne a filiis quidem aut privignis suis imperio praeditis aliter appellari passus est, ambitiosius id existimans, quam aut ratio militaris aut temporum quies aut sua domusque suae maiestas postularet*”.

⁴⁵³ Suet. Jul. (LXVII, 2) “*nec milites eos pro contione, sed blandiore nomine commilitones appellabat habebatque tam cultos, ut argento et auro politis armis ornaret, simul et ad speciem et quo tenaciores eorum in proelio essent metu damni*.”

⁴⁵⁴ Suet. Aug. (XXV, 3) “*Dona militaria, aliquanto facilius phaleras et torques, quicquid auro argentoque constaret, quam vallares ac murales coronas, quae honore praecellerent, dabat; has quam parcissime et sine ambitione ac saepe etiam caligatis tribuit*.”

⁴⁵⁵ Suet. Aug. (XXV, 4) “*Nihil autem minus perfecto duci quam festinationem temeritatemque convenire arbitrabatur. Crebro itaque illa iactabat: Speude bradeos. Asphales gar est ameion e thraasus stratelates. Et, Sat celeriter fieri quidquid fiat satis bene. Proelium quidem aut bellum suscipiendum omnino negabat, nisi cum maior emolumenti spes quam damni metus ostenderetur. Nam minima commoda non minimo sectantis discrimine similes aiebat esse aureo hamo piscantibus, cuius abrupti damnum nulla captura pensari posset*.”

⁴⁵⁶ Suet. Aug. (XXVI, 1) “*Magistratus atque honores et ante tempus et quosdam novi generis perpetuosque cepit*.”

⁴⁵⁷ Suet. Aug. (XXVI, 1) “*Consulatum vicesimo aetatis anno invasit, admotis hostiliter ad urbem legionibus, missisque qui sibi nomine exercitus deposcerent;...*”

⁴⁵⁸ Nos seguintes e respectivos anos: 43, 33, 31, 30-23, 5, 2 a.C.

entre intervalos e sequências⁴⁵⁹. Octaviano, de acordo com Suetônio, também havia dirigido, por dez anos, o triunvirato criado para reorganizar a República; no exercício desta função, teria se comportado de modo um tanto quanto obstinado quando as proscrições começaram⁴⁶⁰: enquanto que seus colegas, em consideração à categoria dos acusados, constantemente ouviam as súplicas, Octaviano teria agido de modo excessivamente contundente, não perdendo a absolutamente ninguém; inclusive, ele teria sido o responsável pela proscrição de Caio Torânio, seu tutor, antigo colega de seu pai na edilidade⁴⁶¹. Suetônio, seguindo o testemunho de Júlio Saturnino, comenta que Marco Lépidio, um dos triúmviros, ao final das proscrições, teria se desculpado por todas as ações do período – nutria, assim, esperança em tempos bem melhores, pois já se teria “castigado o suficiente”; Octaviano, ao contrário, mesmo que admitindo o término das proscrições, teria afirmado que, ainda, “reservava para si uma irrestrita liberdade de ação”⁴⁶². De acordo com Suetônio, certo tempo depois, como prova de seu arrependimento por esse comportamento contra os proscritos, teria elevado Tito Vínio Filopêmeno à dignidade equestre, personagem que teria escondido à época seu patrono, um dos proscritos⁴⁶³. Como verificamos neste momento, Suetônio apresenta o tom de sua

⁴⁵⁹ Suet. Aug. (XXVI, 2) “*Secundum consulatum post novem annos, tertium anno interiecto gessit sequentis usque ad undecimum continuavit, multisque mox, cum deferrentur, recusatis duodecim magno, id est septemdecim annorum, intervallo et rursus tertium decimum biennio post ultro petiit, ut C. et Lucium filios amplissimo praeditus magistratu suo quemque tirocinio deduceret in forum.*”

⁴⁶⁰ Logo após o estabelecimento do Segundo Triunvirato, ocorreu um movimento de perseguição aos adversários políticos de Octaviano Augusto e Marco Antônio. De acordo com Pierre Grimal, “retomando a política de Sila, e para acabar com todos os opositores, em particular os que haviam tentado eliminar Octávio, mandaram afixar listas de proscritos. Quem se encontrasse na lista devia considerar-se imediatamente fora da lei, os seus bens seriam confiscados, e o próprio ficaria à mercê de quem o quisesse matar [...] As proscrições realizaram-se no mês de Novembro e Dezembro de 43. Cícero foi morto a 7 de Dezembro, em Gaeta, para onde se retirara depois do fracasso da sua última tentativa para subtrair o Estado à tirania de Antônio”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.40.

⁴⁶¹ Suet. Aug. (XXVII, 1) “*Triumviratum rei p. constituendae per decem annos administravit; in quo restitit quidem aliquandiu collegis ne qua fieret proscripio, sed inceptam utroque acerbius exercuit. Namque illis in multorum saepe personam per gratiam et preces exorabilibus, solus magno opere contendit ne cui parceretur, proscripsitque etiam C. Toranium tutorem suum, eudem collegam patris sui Octavi in aedilitate*”.

⁴⁶² Suet. Aug. (XXVII, 2) “*Lunius Saturninus hoc amplius tradit, cum peracta proscriptione M. Lepidus in senatu excusasset praeterita et spem clementiae in posterum fecisset, quoniam satis poenarum exactum esset, hunc a diverso professum, ita modum se proscribendi statuisset, ut omnia sibi reliquerit libera*”.

⁴⁶³ Suet. Aug. (XXVII, 2) “*In cuius tamen pertinaciae paenitentiam postea T. Vincium Philopoemenem, quod patronum suum proscriptum celasse olim diceretur, equestri dignitate honoravit*”.

crítica quando o assunto novamente envolve a questão da punição e condenação dos mais ilustres membros da sociedade política romana. De fato, o autor valoriza a clemência de Marco Lépido, em contraposição ao comportamento obstinado de Octaviano. Este, no entanto, teria se arrependido e caminhado então para o sentido correto, preservando o Senado, a tradição.

De acordo com Suetônio, Octaviano por duas vezes teria realmente pensado em restabelecer a República: a primeira delas imediatamente após a derrota de Marco Antônio, momento em que Octaviano recordou o quanto este personagem, constantemente, o acusava de ser o principal responsável pelo não restabelecimento da República; a segunda delas, durante uma grave enfermidade, instante em que pediu para que os magistrados e senadores viessem até a sua casa, entregando para todos eles um relatório geral sobre o Império⁴⁶⁴. Porém, de acordo com Suetônio, Octaviano teria refletido melhor: de um lado, pensou no perigo que correria ao voltar para a vida privada; por outro, temeu sobre o que poderia acontecer com a República caso a deixasse sob o arbítrio de várias pessoas; assim, teria continuado a exercer o poder, sem que se possa saber, na perspectiva de Suetônio, se foi melhor o resultado ou a intenção⁴⁶⁵. De acordo com o autor, Octaviano, a respeito dessa intenção, ainda que não deixasse de demonstrá-la continuamente, teria dado um forte testemunho através de um édito, no qual expressara abertamente o seu desejo de manter a República resguardada, para nela colher os frutos desejados, a saber: ser ele, Octaviano, considerado o fundador da melhor forma de governo⁴⁶⁶; e para que também levasse, no momento de morte, a esperança de que os fundamentos da República, lançados por ele, se encontrassem

⁴⁶⁴ Suet. Aug. (XXVIII, 1) "*De reddenda re p. bis cogitavit: primum post oppressum statim Antonium, memor objectum sibi ab eo saepius, quasi per ipsum staret ne redderetur; ac rursus taedio diuturnae valitudinis, cum etiam magistratibus ac senatu domum accitis rationarium imperii tradidit*".

⁴⁶⁵ Suet. Aug. (XXVIII, 1) "*Sed reputans et se privatum non sine periculo fore et illam plurium arbitrio temere committi, in retinenda perseveravit, dubium eventu meliore an voluntate*".

⁴⁶⁶ Nesse caso, o Principado Romano. De acordo com Gonzalo Bravo, "haciendo uso de la titulación republicana del *princeps* – Pompeyo ya había sido llamado/proclamado así –, Octavio, ahora Augusto, dio un vuelvo a la tradición romana instaurando un nuevo régimen político, el Principado, basado en la preeminencia política del *princeps* en detrimento de los restantes poderes y atribuciones de magistrados y Senado. Pero el cambio apenas hubiera sido posible si Octavio no se hubiera convertido previamente – desde el 31, con su victoria en Accio frente a Antonio – en único árbitro del Estado Romano". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.498.

então solidamente estabelecidos⁴⁶⁷. De acordo com Suetônio, o próprio Octaviano tornou realidade o seu desejo, fazendo tudo o que era possível para que ninguém pudesse se sentir descontente em relação à nova forma de governo⁴⁶⁸. Nesse sentido, preocupou-se com o embelezamento da cidade de Roma, cuja ornamentação não mais correspondia à majestade do Império; nas palavras de Suetônio, Octaviano poderia se vangloriar de ter recebido uma cidade de tijolos e tê-la transformado em uma de mármore; ademais, no que se refere à segurança de todos, Octaviano garantiu o futuro da cidade, até onde a razão humana pudesse prever⁴⁶⁹. Pois bem, durante todo esse trecho da obra verificamos o pensamento de Suetônio em relação ao estabelecimento da instituição do Principado: modelo político que surge por intermédio de Octaviano, e que se caracteriza especialmente pela **concentração do poder** em sua pessoa. O interessante é que Suetônio, ao longo de sua construção narrativa, projeta em Octaviano uma consciência em relação à importância da manutenção da República: principalmente de sua estrutura e de seus representantes maiores, os magistrados e senadores. Igualmente percebemos, na percepção elaborada por Suetônio, a necessidade de Octaviano estar na posição que assumiu: este não deveria deixar a República ser controlada por várias pessoas; em outras palavras, ser “disputada” por um ou outro general, ocasionando o risco de infundáveis guerras civis – grande temor aos grupos tradicionais. Octaviano, nesse pensamento, não teria desejado ou trabalhado no sentido de desestruturar todas as “bases” da República, pelo contrário: ele propunha consolidá-la ainda mais, renovando e melhorando sua forma de governo⁴⁷⁰.

⁴⁶⁷ Suet. Aug. (XXVIII, 2) “*Quam voluntatem, cum prae se identidem ferret, quodam etiam edicto his verbis testatus est: 'Ita mihi salvam ac sospitem rem p. sistere in sua sede liceat atque eius rei fructum percipere, quem peto, ut optimi status auctor dicar et moriens ut feram mecum spem, mansura in vestigio suo fundamenta rei p. quae iecero.'*”

⁴⁶⁸ Suet. Aug. (XXVIII, 2) “*Fecitque ipse se compotem voti nixus omni modo, ne quem novi status paeniteret.*”

⁴⁶⁹ Suet. Aug. (XXVIII, 3) “*Urbem neque pro maiestate imperii ornatam et inundationibus incendiisque obnoxiam excoluit adeo, ut iure sit gloriatus marmoream se relinquere, quam latericiam accepisset. Tutam uero, quantum provideri humana ratione potuit, etiam in posterum praestitit.*”

⁴⁷⁰ Gonzalo Bravo problematiza essa questão, afirmando que “desde la perspectiva constitucional romana, el ‘principado’ de Augusto significa tan sólo un paso más de las tendencias políticas imperantes en época tardorrepública e incluso se suele admitir que el nuevo régimen mantenía la ‘fachada’ institucional de la República (Senado, comicios, magistrados) mientras que Augusto se habría limitado a modificar la distribución y ampliar el número de ‘estancias’ entro del ‘edificio’ constitucional”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.499. E também destaca José Guilherme R. Silva: “a transição do pensamento político romano entre a República e o Principado foi possível justamente pelo

Encontra-se aqui, portanto, uma perspectiva de respeito à tradição ancestral romana construída e valorizada por Suetônio no comportamento de Octaviano. Como observaremos na sequência, essa conduta de “respeito” por parte de Octaviano em relação às tradições romanas, aos senadores, apresenta-se de grande relevância no desenvolvimento da narrativa.

São diversos os exemplos de Suetônio em relação ao comportamento alinhado à tradição ancestral demonstrado por Octaviano durante o governo. Na organização militar, teria restaurado muitas das antigas práticas⁴⁷¹; não teria utilizado libertos como soldados por mais de duas vezes (apenas para combater incêndios ou revoltas em Roma), não os equipando ou tratando da mesma forma que os livres de nascimento⁴⁷²; teria levantado um templo em honra de Marte Vingador, uma vez concluída a guerra contra os assassinos de seu pai, e nele estabeleceu que o Senado fosse, a partir de então, consultado a respeito das futuras guerras e triunfos⁴⁷³; teria reconstruído antigos templos, derrubados devido à ação do tempo ou destruídos por incêndios, os enriquecendo também⁴⁷⁴. Outro momento interessante ocorreu quando Octaviano assumiu o pontificado máximo, tendo em vista que este, de acordo com Suetônio, não teria pensado em retirar tal prerrogativa de Marco Lépido ainda em vida⁴⁷⁵; nesta função, teria ordenado que fossem reunidos de todas as partes os livros proféticos, gregos e latinos, considerados de

fato de que as transformações foram graduais e tiveram como justificativa a ‘manutenção’ do *mos maiorum* republicano”. SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009, p.134.

⁴⁷¹ Suet. Aug. (XXIV, 1) “*In re militari et commutavit multa et instituit, atque etiam ad antiquum morem nonnulla revocavit. Disciplinam severissime rexit...*”

⁴⁷² Suet. Aug. (XXV, 2) “*Libertino milite, praeterquam Romae incendiorum causa et si tumultus in graviore annona metueretur, bis usus est: semel ad praesidium coloniarum Illyricum contingentium, iterum ad tutelam ripae Rheni fluminis; eosque, servos adhuc viris feminisque pecuniosioribus indictos ac sine mora manumissos, sub priore vexillo habuit, neque aut commixtos cum ingenuis aut eodem modo armatos.*”

⁴⁷³ Suet. Aug. (XXIX, 2) “*Aedem Martis bello Philippensi pro ultione paterna suscepto voverat; sanxit ergo, ut de bellis triumphisque hic consuleretur senatus, provincias cum imperio petitori hinc deducerentur, quique victores redissent, huc insignia triumphorum conferrent*”.

⁴⁷⁴ Suet. Aug. (XXX, 2) “*Aedes sacras vetustate conlapsas aut incendio absumptas refecit easque et ceteras opulentissimis donis adornavit, ut qui in cellam Capitolini Iovis sedecim milia pondo auri gemmasque ac margaritas quingenties sestertium una donatione contulerit.*”

⁴⁷⁵ “Octavio conservou-lhe o título de Pontifex Maximus, que era sempre conferido por toda a vida. Respeitado, por esta vez, da legalidade, só usaria este título depois da morte de Lépido, no ano 12 a.C.”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.41.

autores pouco dignos de consideração, destruindo todos eles; teria conservado apenas os Sibilinos⁴⁷⁶, após uma seleção entre estes⁴⁷⁷. Octaviano também teria aumentado o número e a dignidade dos sacerdotes, assim como os seus privilégios – especialmente aqueles das virgens vestais⁴⁷⁸; ao mesmo tempo, restabeleceu algumas das antigas instituições religiosas que aos poucos estavam desaparecendo⁴⁷⁹. Na continuação, Suetônio afirma que Octaviano teria prestado honras semelhantes às aquelas atribuídas aos deuses imortais à memória de vários generais: aos que haviam contribuído, através de suas ações, para a conquista de tamanho poder ao povo romano; e na sequência, teria não apenas restaurado as obras construídas por cada um deles, conservando suas inscrições originais, como também teria ordenado que fossem erigidas, nos dois pórticos de seu Fórum, estátuas em que todos estivessem representados com as insígnias triunfais; conforme um édito publicado na época, complementa Suetônio, Octaviano teria idealizado tudo isso para que ele próprio, enquanto vivesse, bem como os príncipes das seguintes gerações, fossem julgados por todos os seus concidadãos de acordo com a conduta estabelecida pelos antigos; e nessa mesma época, Octaviano teria transportado a estátua de Pompeu para fora da cúria na qual Júlio César havia sido assassinado, colocando-a sobre um arco de mármore em frente ao pórtico do teatro⁴⁸⁰. Pois bem, nesses vários momentos trabalhados por Suetônio durante a construção biográfica, verificamos na representação de Octaviano um personagem consciente a respeito das diferenças entre livres e libertos, ou melhor, do ordenamento social romano; da importância do Senado, especialmente no que diz

⁴⁷⁶ Eram antigos e tradicionais livros proféticos dos romanos, guardados no templo de Júpiter.

⁴⁷⁷ Suet. Aug. (XXXI, 1) “*Postquam vero pontificatum maximum, quem numquam vivo Lepido auferre sustinuerat, mortuo demum suscepit, quidquid fatidicorum librorum Graeci Latiniq[ue] generis nullis vel parum idoneis auctoribus vulgo ferebatur, supra duo milia contracta undique cremavit ac solos retinuit Sibyllinos, bos quoque dilectu habito; condiditque duobus forulis auratis sub Palatini Apollinis basi.*”

⁴⁷⁸ Suet. Aug. (XXXI, 3) “*Sacerdotum et numerum et dignitatem sed et commoda auxit, praecipue Vestalium virginum.*”

⁴⁷⁹ Suet. Aug. (XXXI, 4) “*Nonnulla etiam ex antiquis caerimoniis paulatim abolita restituit, ut Salutis augurium, Diale flamonium, sacrum Lupercal[e], ludos Saeculares et Compitalicios.*”

⁴⁸⁰ Suet. Aug. (XXXI, 5) “*Proximum a dis immortalibus honorem memoriae ducum praestitit, qui imperium p. R. ex minimo maximum reddidissent. Itaque et opera cuiusque manentibus titulis restituit et statuas omnium triumphali effigie in utraque fori sui porticu dedicavit, professus et edicto: commentum id se, ut ad illorum vitam velut ad exemplar et ipse, dum viveret, et insequentium aetatum principes exigerentur a civibus. Pompei quoque statuam contra theatri eius regiam marmoreo lano superposuit translata[m] e curia, in qua C. Caesar fuerat occisus.*”

respeito aos assuntos de guerra; e da necessidade de manutenção da tradição – representada em sua ação de conservação e recuperação dos templos⁴⁸¹ e escritos romanos antigos. Porém, o que mais despertou a nossa atenção foi exatamente o seu empenho na preservação da memória dos antigos generais romanos, os quais seriam os verdadeiros responsáveis pela grandeza de Roma. Sua intenção, na afirmação de Suetônio, era de torná-los exemplos a serem seguidos não apenas por ele, mas por todos os demais príncipes no futuro; ao mesmo tempo os cidadãos, ao visualizarem esses referenciais políticos, poderiam se posicionar de modo crítico ao seu governante. Ora, não seria algo nesse mesmo sentido que Suetônio também propunha realizar através de sua obra, ou seja, rastrear exemplos positivos ou negativos acerca da “conduta” ou “vida” dos príncipes romanos anteriores? E tudo isso para que fosse possível compreender e, possivelmente, criticar as ações do príncipe à época, Adriano? Muito provavelmente Suetônio considerava que a tradição do passado visava orientar o presente, estimulando nele considerações de apreciação e julgamento; assim, do momento em que Suetônio valoriza em sua construção biográfica de Octaviano as ações conciliatórias desse personagem em relação ao Senado, ele acaba transmitindo o próprio pensamento político: sobretudo, alinhado aos referenciais morais da tradição política.

De acordo com Suetônio, vários costumes da pior espécie e que pretendiam alterar a ordem pública ainda subsistiam pelo tempo em que Octaviano era príncipe – muitos deles, aliás, seriam consequências dos péssimos hábitos e licenças das guerras civis; salteadores, sequestradores e associações criminosas proliferavam à época; Octaviano, destaca o autor, teria agido e combatido todos esses males⁴⁸². Este, de acordo com Suetônio, teria administrado a justiça com muita assiduidade, seja no tribunal ou em sua casa; atuava não apenas com o maior esmero, mas

⁴⁸¹ Segundo Pierre Grimal, “uma vez alcançada a vitória e sem esperarem pela reorganização das finanças, Augusto e Agripa prosseguiram a política de César, entregando-se, desde vez, sobretudo aos edifícios sagrados, aos santuários que a antiguidade tornava tão veneráveis quanto frágeis [...] A restauração dos antigos santuários era um imperativo moral, essencial para a sua própria política que tendia a reformar os costumes, a restabelecer os valores de antigamente”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.78.

⁴⁸² Suet. Aug. (XXXII, 1) “*Pleraque pessimi exempli in perniciem publicam aut ex consuetudine licentiaque bellorum civilium duraverant aut per pacem etiam exstiterant. Nam et grassatorum plurimi palam se ferebant succincti ferro, quasi tuendi sui causa, et rapti per agros viatores sine discrimine liberi servique ergastulis possessorum supprimebantur, et plurimae factiones titulo collegi novi ad nullius non facinoris societatem coibant. Igitur grassaturas dispositis per opportuna loca stationibus inhiuit, ergastula recognovit, collegia praeter antiqua et legitima dissolvit.*”

também demonstrando grande indulgência: em uma dada ocasião, para evitar a grave punição de um réu convicto de parricídio (a pena para aqueles que realmente admitissem tal crime era ser cozido em um saco), Octaviano teria interrogado o acusado perguntando se era “verdade que não havia matado ao seu pai”⁴⁸³. Novamente, verificamos aqui, a perspectiva da clemência é relacionada ao comportamento ideal de Octaviano, com este personagem buscando a organização e a estabilidade social romana. Exatamente nesse sentido, continua Suetônio, ele teria promulgado à época diversas leis: tratavam sobre adultério, castidade, suborno e matrimônio dentre os distintos grupos sociais; nesta última, inclusive, teria introduzido emendas muito severas, atenuadas mais tarde⁴⁸⁴. Trata-se, portanto, na perspectiva do autor, de um movimento por parte de Octaviano direcionado ao fortalecimento da tradição e revisão dos vários ordenamentos sociais; movimento, conforme demonstraremos, detalhado pelo autor no seguimento da construção narrativa. Pois bem, de acordo Suetônio, após as guerras civis, o número de senadores se elevava exageradamente, resultando em uma multidão “variada e grosseira”; ao todo seriam mais de mil, e vários deles, na perspectiva que coloca o autor, totalmente indignos dessa posição, os chamados “senadores do Orco”⁴⁸⁵ – aqueles admitidos por meio de favor e da recompensa logo após o assassinato de Júlio César⁴⁸⁶. Frente a esse panorama, Octaviano teria agido no sentido de fazer o Senado voltar às suas antigas cifras e esplendor, mediante duas seleções: a primeira de responsabilidade dos próprios senadores, com cada um deles elegendo ao outro; a segunda, uma triagem realizada por ele próprio e Agripa; de acordo com Suetônio, durante estas duas ocasiões, Octaviano teria presidido a seleção protegido por uma couraça em baixo de sua toga e conservando uma espada em

⁴⁸³ Suet. Aug. (XXXIII, 1) *Ipse ius dixit assidue et in noctem nonnumquam, si parum corpore valeret lectica pro tribunali collocata, vel etiam domi cubans. Dixit autem ius non diligentia modo summa sed et lenitate, siquidem manifesti parricidii reum, ne culleo insueretur, quod non nisi confessi adficiuntur hac poena, ita fertur interrogasse: "Certe patrem tuum non occidisti ?".*

⁴⁸⁴ Suet. Aug. (XXXIV, 1) *"Leges retractavit et quasdam ex integro sanxit, ut sumptuariam et de adulteriis et de pudicitia, de ambitu, de maritandis ordinibus. Hanc cum aliquanto severius quam ceteras emendasset, prae tumultu recusantium perferre non potuit nisi adempta demum lenitave parte poenarum et vacatione trienni data auctisque praemiis".*

⁴⁸⁵ Referência ao termo utilizado para designar os escravos que haviam conquistado a sua liberdade por meio do testamento de seus donos.

⁴⁸⁶ Suet. Aug. (XXXV, 1) *"Senatorum affluentem numerum deformi et incondita turba - erant enim super mille, et quidam indignissimi et post necem Caesaris per gratiam et praemium adlecti, quos orcinos vulgus vocabat ...".*

seu cinto, mantendo ainda ao seu lado dez dos seus mais fortes amigos pertencentes à ordem senatorial⁴⁸⁷. Por sua vez, no que diz respeito ao grupo dos equestres, Octaviano teria igualmente demonstrado uma ação de controle e organização. Segundo Suetônio, após ter obtido do Senado dez ajudantes, Octaviano teria obrigado a cada um dos equestres a render contas de sua conduta; nos casos em que esta se demonstrou reprovável, aplicava diversas sanções: castigos, notas depreciativas ou mesmo advertências⁴⁸⁸. Quando não havia candidatos suficientes da ordem senatorial para as eleições de tribunos, permitiu a nomeação de equestres, facultando a estes a possibilidade de permanência, ao fim do mandato, na ordem que bem pretendessem⁴⁸⁹. Por fim, no que tange ao povo, Octaviano, para além de continuar a distribuição de trigo mensalmente⁴⁹⁰, desejou que este permanecesse puro e salvo de toda mescla de sangue estrangeiro; nesse sentido, pouco concedeu a cidadania romana, limitando também a libertação de escravos⁴⁹¹. Inclusive, Octaviano, não obstante ter dificultado e imposto várias condições à libertação dos escravos, teria ordenado que jamais fosse concedida a cidadania romana ao escravo que antes tivesse sido preso ou submetido à tortura⁴⁹².

Entre essas regulamentações, Suetônio também ressalta que Octaviano, em muitas ocasiões, deu provas de sua liberalidade com todos os grupos sociais⁴⁹³. Por exemplo, teria aumentado a fortuna exigida aos senadores, de oitocentos mil para um milhão e duzentos mil sestércios, completando o montante àqueles que não

⁴⁸⁷ Suet. Aug. (XXXV, 1) “... *ad modum pristinum et splendorem redegit duabus lectionibus: prima ipsorum arbitrato, quo vir virum legit, secunda suo et Agrippae; quo tempore existimatur lorica sub veste munitus ferroque cinctus praesedis decem valentissimis senatorii ordinis amicis sellam suam circumstantibus.*”

⁴⁸⁸ Suet. Aug. (XXXIX, 1) “*Impetratisque a senatu decem adiutoribus unum quemque equitum rationem vitae reddere coegit atque ex improbatos alios poena, alios ignominia notavit, plures admonitione, sed varia.*”

⁴⁸⁹ Suet. Aug. (XL, 1) “*Ac comitiis tribuniciis si deessent candidati senatores, ex equitibus R. creavit, ita ut potestate transacta in utro vellent ordine manerent.*”

⁴⁹⁰ Suet. Aug. (XL, 2) “*Populi recensum vicatim egit, ac ne plebs frumentationum causa frequentius ab negotiis avocaretur, ter in annum quaternum mensium tesserarum dare destinavit; sed desideranti consuetudinem veterem concessit rursus, ut sui cuiusque mensis acciperet.*”

⁴⁹¹ Suet. Aug. (XL, 3) “*Magni praeterea existimans sincerum atque ab omni colluvione peregrini ac servilis sanguinis incorruptum servare populum, et civitates Romanas parcissime dedit et manumittendi modum termini navit.*”

⁴⁹² Suet. Aug. (XL, 3) “*Servos non contentus multis difficultatibus a libertate et multo pluribus a libertate iusta removisse, cum et de numero et de condicione ac differentia eorum, qui manumitterentur, curiose cavisset, hoc quoque adiecit, ne vinctus umquam tortusve quis ullo libertatis genere civitatem adipisceretur.*”

⁴⁹³ Suet. Aug. (XLI, 1) “*Liberalitatem omnibus ordinibus per occasiones frequenter exhibuit.*”

possuíssem tal quantidade⁴⁹⁴; constantemente dividia riquezas com a população, em quantias variáveis; e, durante os momentos de escassez, teria diminuído o preço do trigo ou mesmo distribuído ele gratuitamente⁴⁹⁵. Na perspectiva de Suetônio, Octaviano seria um príncipe muito mais interessado pelo bem estar público do que ambicioso por alguma popularidade; no sentido de fortalecer o seu argumento, o autor comenta que certo dia, perante as queixas do povo a respeito da escassez e do alto preço do vinho, Octaviano teria severamente afirmado que seu filho, Agripa, construindo vários aquedutos, havia tomado suficientes medidas para que ninguém morresse de sede⁴⁹⁶. Em outro momento, após uma grande escassez, Octaviano esteve disposto, tão logo a colheita melhorou, a suprimir para sempre a distribuição de trigo para a população realizada pelo governo: em seu pensamento, o povo, ao confiar nessa prática, teria se descuidado do cultivo das terras; de acordo com Suetônio, Octaviano não teria mantido essa proposta muito provavelmente porque estava seguro de que algum dia, no futuro, essa distribuição poderia ser restabelecida por ambição de popularidade⁴⁹⁷. Como verificamos, a construção narrativa de Suetônio projeta em Octaviano não apenas uma carência de ambição, mas também a consciência dos perigos desse sentimento. Ora, novamente estamos diante de claras contraposições às ações de Júlio César. Este, devemos recordar, fora acusado de ser excessivamente ambicioso⁴⁹⁸ e, nesse sentido, adular aos próximos; comportamento que Suetônio nega a Octaviano, o qual teria contribuído através de todas as suas ações com a organização de Roma e seus assuntos⁴⁹⁹.

⁴⁹⁴ Suet. Aug. (XLI, 1) “*Senatorum censum ampliavit ac pro octingentorum milium summa duodecies sestertium taxavit supplevitque non habentibus*”.

⁴⁹⁵ Suet. Aug. (XLI, 2) “*Congiarum populo frequenter dedit, sed diversae fere summae: modo quadringenos, modo trecenos, nonnumquam ducenos quinquagenosque nummos; ac ne minores quidem pueros praeteriit, quamvis non nisi ab undecimo aetatis anno accipere consuissent. Frumentum quoque in annonae difficultatibus saepe levissimo, interdum nullo pretio viritim admensus est tesserasque nummarias duplicavit*”.

⁴⁹⁶ Suet. Aug. (XLII, 1) “*Sed ut salubrem magis quam ambitiosum principem scires, querentem de inopia et caritate vini populum severissima coarctavit voce: satis provisum a genere suo Agrippa perductis pluribus aquis, ne homines sitirent*”.

⁴⁹⁷ Suet. Aug. (XLI, 3) “*Magno vero quondam sterilitate ac difficili remedio cum venalicias et lanistarum familias peregrinosque omnes exceptis medicis et praeceptoribus partimque servitiorum urbe expulisset, ut tandem annona convaluit, impetum se cepisse scribit frumentationes publicas in perpetuum abolendi, quod earum fiducia cultura agrorum cessaret; neque tamen perseverasse, quia certum haberet posse per ambitionem quandoque restitui*”.

⁴⁹⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XVIII, 1), página 97, e também Suet. Jul. (XXVIII, 3), página 104.

⁴⁹⁹ Suet. Aug. (XLVI, 1) “*Ad hunc modum urbe urbanisque rebus administratis*”

No sentido de reforçar o posicionamento exemplar apresentado por Octaviano e pretendendo afastá-lo do espectro de um comportamento “ambicioso”, Suetônio dedica-se também a comentar, destacando um momento especial em sua narrativa, sobre as muitas ocasiões em que o príncipe deu importantes provas de sua clemência e moderação⁵⁰⁰. De acordo com Suetônio – para que ele próprio, durante a sua escrita, não se detivesse excessivamente no grande número e na condição de todas as pessoas do partido contrário às quais Octaviano Augusto teria concedido o perdão e a imunidade, e que acabaram sendo convidadas à participação, em várias funções, no governo da República –, o príncipe teria castigado somente os plebeus Junio Novato e Cássio de Pádua: o primeiro com uma multa, enquanto que o segundo com um exílio muito pouco severo; e tudo isso, segundo o autor, apesar de Junio ter publicado contra Octaviano uma carta vociferante, com ele assinando em nome de Agripa, e Cássio por ter comentado, durante um banquete, que não faltaria a ele o desejo tampouco o valor para matar o príncipe⁵⁰¹. Destaca-se na construção narrativa de Suetônio, portanto, o tom conciliador demonstrado por Octaviano – este que não buscava punir os seus opositores, mas se aproximar deles. Anteriormente em ocasiões pontuais, e agora de modo declarado, a clemência e a moderação de Octaviano tornam-se aqui importantes características da conduta política, modelada e idealizada, neste personagem.

Continuando a construção narrativa biográfica, Suetônio ressalta que, embora fosse considerado um costume a concessão de templos em nome dos procônsules, Octaviano não teria permitido a continuidade dessa prática em nenhuma das províncias romanas; salvo que os templos fossem concedidos em nome de Roma ou em nome dele; no entanto, de acordo com Suetônio, Octaviano, em Roma, teria declinado de modo um tanto quanto obstinado a essa honra; inclusive, teria também ordenado que todas as estátuas de prata que lhe foram erigidas outrora fossem derretidas; e com o produto obtido a partir delas, teria consagrado trípodes de ouro

⁵⁰⁰ Suet. Aug. (LI, 1) “*Clementiae civilitatisque eius multa et magna documenta sunt.*”

⁵⁰¹ Suet. Aug. (LI, 1) “*Ne enumerem, quot et quos diversarum partium venia et incolumitate donatos principem etiam in civitate locum tenere passus sit: Iunium Novatum et Cassium Patavinum e plebe homines alterum pecunia, alterum levi exilio punire satis habuit, cum ille Agrippae iuvenis nomine asperissimam de se epistulam in vulgus edidisset, hic convivio pleno proclamasset neque votum sibi neque animum deesse confodiendi eum.*”

para o templo de Apolo Palatino⁵⁰². Ora, comportamento esse demonstrado por Octaviano que novamente se contrapõe àquele de Júlio César, o qual, de acordo com o próprio Suetônio, havia consentido em receber honras superiores à própria condição humana, dentre elas “estátuas de ouro” à frente da cúria e do tribunal⁵⁰³. Na sequência da narrativa, continuando com o trabalho de exaltação à moderação de Octaviano, Suetônio comenta que este personagem, em momento de obstinada insistência do povo para que assumisse a ditadura, teria se colocado de joelhos e – deixando a vestimenta cair de seus ombros, revelando todo o seu peito – suplicado, como para que não fizessem tal pedido novamente a ele⁵⁰⁴. Por sua vez, Júlio César, lembramos aqui, em sua escolha não teria hesitado em assumi-la perpetuamente, de acordo com o próprio Suetônio⁵⁰⁵. No que verificamos, portanto, o autor trabalha em sua construção narrativa no sentido de afastar qualquer eventual pretensão por parte de Octaviano ao “**poder absoluto**”. De fato, na afirmação de Suetônio, o título de “senhor” sempre teria causado grande horror a Octaviano, tendo em vista que ele considerava essa designação uma forma de “injúria e insulto”⁵⁰⁶. O autor, então, com a intenção de provar o posicionamento de Octaviano, apresenta algumas anedotas. Certo dia, conta Suetônio, quando Octaviano presenciava os jogos, um dos atores teria pronunciado as palavras “Oh, senhor, justo e bom”; imediatamente, todos os assistentes começaram a aplaudir com grande alvoroço, de modo que eles associaram essa adulação ao príncipe ali presente; Octaviano, no entanto, através de gestos e de sua expressão, teria reprimido a prática dessas “adulações indecorosas”⁵⁰⁷. No dia seguinte, continua Suetônio, Octaviano teria então censurado essas palavras, através de um édito muito severo; assim, deste momento em diante, Octaviano não teria mais permitido

⁵⁰² Suet. Aug. (LII, 1) “*Templa, quamvis sciret etiam proconsulibus decerni solere, in nulla tamen provincia nisi communi suo Romaeque nomine recepit. Nam in urbe quidem pertinacissime abstinuit hoc honore; atque etiam argenteas statuas olim sibi positas conflavit omnis exque iis aureas cortinas Apollini Palatino dedicavit.*”

⁵⁰³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁵⁰⁴ Suet. Aug. (LII, 1) “*Dictaturam magna vi offerente populo genu nixus deiecta ab umeris toga nudo pectore deprecatus est.*”

⁵⁰⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁵⁰⁶ Suet. Aug. (LIII, 1) “*Domini appellationem ut maledictum et obprobrium semper exhorruit.*”

⁵⁰⁷ Suet. Aug. (LIII, 1) “*Cum spectante eo ludos pronuntiatum esset in mimo: "O dominum aequum et bonum!" et universi quasi de ipso dictum exsultantes comprobassent, et statim manu vultuque indecoras adulationes repressit et insequenti die gravissimo corripuit edicto...*”

que seus filhos ou netos o chamassem novamente de “senhor”, seja em momentos sérios, seja em momentos de brincadeira; teria negado essa designação, inclusive, entre eles mesmos⁵⁰⁸. Pois bem, esse repúdio por parte de Octaviano em relação ao termo “senhor” não deixa de ser também, e novamente, uma referência crítica ao comportamento de Júlio César, este que teria exercido um poder pessoal⁵⁰⁹; lembremos também que, segundo o próprio Suetônio, Júlio César teria abusado excessivamente do **poder absoluto**, merecendo por isso mesmo a própria morte⁵¹⁰.

No que podemos considerar um constante elogio, Suetônio prossegue com a sua narrativa construindo e destacando o comportamento político de Octaviano. De acordo com o autor, o príncipe dificilmente saía de uma cidade ou de um povoado, ou teria entrado em algum lugar, em outro momento que não fosse ao fim da tarde ou pela noite, tudo isso para que não incomodasse a ninguém por conta das atenções devidas a sua pessoa; quando exercia o consulado, teria quase sempre percorrido a cidade a pé; quando não caminhava, frequentemente se utilizava de uma liteira fechada; também admitia em suas audiências públicas inclusive a plebe, recebendo tantas petições quanto pudesse⁵¹¹. Nos dias que havia sessão do Senado, destaca Suetônio, Octaviano vinha saudar aos senadores na própria cúria, momento em que todos eles permaneciam sentados e eram chamados por seus respectivos nomes, sem que o príncipe se esquecesse de qualquer um deles; e da mesma forma se comportava quando terminava a sessão; ressalta Suetônio, Octaviano teria mantido reciprocidade na relação com muitos senadores, participando das celebrações de cada um deles por tempo prolongado; deixou essa prática apenas quando envelheceu, e também porque, certo dia, durante um casamento, quase fora pisoteado entre toda a multidão⁵¹². Esse comportamento

⁵⁰⁸ Suet. Aug. (LIII, 1) “...dominumque se posthac appellari ne a Liberis quidem aut nepotibus suis vel serio vel ioco passus est atque eius modi blanditias etiam inter ipsos prohibuit.”

⁵⁰⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXX, 5), página 106.

⁵¹⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁵¹¹ Suet. Aug. (LIII, 2) “Non temere urbe oppidove ullo egressus aut quoquam ingressus est nisi vespera aut noctu, ne quem officii causa inquietaret. In consulatu pedibus fere, extra consulatum saepe adoperta sella per publicum incessit. Promiscuis salutationibus admittebat et plebem, tanta comitate adeuntium desideria excipiens, ut quendam ioco corripuerit, quod sic sibi libellum porrigere dubitaret, “quasi elephanto stipem.”

⁵¹² Suet. Aug. (LIII, 3) “Die senatus numquam patres nisi in curia salutavit et quidem sedentis ac nominatim singulos nullo submonente; etiam discedens eodem modo sedentibus valere dicebat. Officia cum multis mutuo exercuit, nec prius dies cuiusque sollemnes frequentare desiit, quam grandior iam natu et in turba quondam sponsaliorum die vexatus”.

respeitoso em relação ao grupo senatorial, projetado em Octaviano por Suetônio, devemos lembrar, é diferente daquele apresentado pelo autor a respeito de Júlio César: este não se levantava para receber os senadores; atitude que, na perspectiva de Suetônio, teria suscitado um ódio particular e implacável contra a sua pessoa⁵¹³.

Sobre a relação de Octaviano com o Senado, tema interessante à nossa observação, Suetônio constrói uma perspectiva positiva em relação ao comportamento de Octaviano, demonstrando vários exemplos de situações enfrentadas pelo príncipe. Certo dia, comenta Suetônio, quando Octaviano discursava no Senado, teria sido contestado com expressões do tipo “não compreendi” e “te contradiria se me der oportunidade”; diversas vezes, quando se via nervoso fora da cúria por conta das violentas disputas que surgiam entre os debates, alguns diziam a Octaviano que ele deveria sim permitir aos senadores discorrerem sobre os assuntos públicos⁵¹⁴. Na ocasião da seleção do Senado, momento em que cada senador deveria escolher ao outro, um personagem chamado Antístio Lábero teria escolhido Marco Lépidio, outrora inimigo de Octaviano e por aquele momento no exílio; diante disso, quando Octaviano o perguntou se não havia outros mais dignos, Lábero teria lhe dito que “cada um tinha o seu próprio critério”⁵¹⁵. De acordo com Suetônio, a despeito desses fatos, ninguém teria sofrido a menor retaliação por sua franqueza e altivez⁵¹⁶. Nesse momento da construção narrativa verificamos que Suetônio, trabalhando com o comportamento de Octaviano em relação ao Senado, destaca alguns preceitos exemplares. Suetônio consente a respeito dos debates e frequentes antagonismos de ideias nas reuniões do Senado – algo que afetaria o príncipe em seu humor; este, porém, como o próprio autor deixa claro, deveria sempre permitir a livre expressão nos assuntos públicos. O príncipe deveria também demonstrar respeito ao que lhe é dito, pois aos senadores caberia o direito básico de se expressarem conforme os seus pensamentos, na liberdade; e ainda que não concordasse, não deveria agredir de qualquer forma aos

⁵¹³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVIII, 1), página 112.

⁵¹⁴ Suet. Aug. (LIV, 1) “*In senatu verba facienti dictum est: "Non intellexi," et ab alio: "Contra dicerem tibi, si locum haberem." Interdum ob immodicas disceptantium altercationes e curia per iram se proripienti quidam ingesserunt licere oportere senatoribus de re p. loqui*”.

⁵¹⁵ Suet. Aug. (LIV, 1) “*Antistius Labeo senatus lectione, cum vir virum legeret, M. Lepidum hostem olim eius et tunc exsulantem legit interrogatusque ab eo an essent alii digniores, suum quemque iudicium habere respondit*”.

⁵¹⁶ Suet. Aug. (LIV, 1) “*Nec ideo libertas aut contumacia fraudi cuiquam fuit*”.

senadores. Ora, essa perspectiva “conciliatória” parece ganhar cada vez mais importância no pensamento de Suetônio, que não poupa exemplos no sentido de projetá-la diretamente no comportamento de Octaviano. De fato, segundo o autor, Octaviano não teria se espantado diante dos libelos contra a sua pessoa que circulavam na cúria; muito antes, preferiu ter cuidado ao rebatê-los e, sem ao menos buscar os autores, determinou somente que, a partir de então, se estabelecessem diligências contra aqueles que, se utilizando de pseudônimos, publicassem libelos ou poemas destinados a difamar alguma pessoa⁵¹⁷. Em outro momento, quando se viu igualmente atacado por brincadeiras maliciosas e insolentes de alguns indivíduos, teria respondido a eles através de um édito⁵¹⁸. Como verificamos, portanto, a não retaliação de Octaviano torna-se aqui um exemplo positivo.

No que tange o comportamento civil de Octaviano, Suetônio destaca em sua construção narrativa várias atitudes do príncipe dignas de consideração. De acordo com o autor, Octaviano, sempre que acompanhava as eleições dos magistrados, circulava por entre as tribos com seus candidatos e solicitava os votos de acordo com o costume estabelecido; o próprio votava dentro de sua tribo como um entre todos⁵¹⁹; e quando Octaviano comparecia como testemunho nos julgamentos, suportava o interrogatório e as refutações contra a sua pessoa, sem qualquer sinal de desgosto⁵²⁰. De acordo com o autor, Octaviano não teria recomendado os seus filhos sem antes acrescentar “se eles o merecerem”; certa ocasião, quando o público se levantara no teatro diante de sua chegada, o aplaudindo de pé, teria condenado esse feito da forma mais enérgica; Octaviano, prossegue Suetônio, teria sempre

⁵¹⁷ Suet. Aug. (LV, 1) “*Etiam sparsos de se in curia famosos libellos nec expavit et magna cura redarguit ac ne requisitis quidem auctoribus id modo censuit, cognoscendum posthac de iis, qui libellos aut carmina ad infamiam cuiuspiam sub alieno nomine edant*”.

⁵¹⁸ Suet. Aug. (LVI, 1) “*locis quoque quorundam invidiosis aut petulantibus lacessitus contra dixit edicto. Et tamen ne de inibenda testamentorum licentia quicquam constitueretur intercessit*”.

⁵¹⁹ Octaviano teria empreendido uma série de reformas políticas logo que se entrou no poder. De fato, conforme Pierre Grimal, “em 5 a.C., a lei Valeria Cornelia introduziu uma reforma profunda do sistema eleitoral, criando dez centúrias (isto é, dez novos colégios eleitorais), sob a invocação de Gaio e Lúcio César, os dois netos de Augusto, recentemente falecidos. Estas dez centúrias eram compostas por senadores e cavaleiros, estes escolhidos entre os membros da ordem equestre que figuravam nos tribunais permanentes. Os seus membros votavam a eleição dos pretores e dos cônsules e o seu voto juntava-se ao das outras centúrias, segundo um processo que não é totalmente claro para nós, mas que parece ter-lhes atribuído uma relativa preeminência no interior do corpo eleitoral.” GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.55.

⁵²⁰ Suet. Aug. (LVI, 1) “*Quotiens magistratuum comitiis interesset, tribus cum candidatis suis circuibat supplicabatque more sollemni. Ferebat et ipse suffragium in tribu, ut unus e populo. Testem se in iudiciis et interrogari et refelli aequissimo animo patiebatur*”.

desejado que todos os seus amigos gozassem de uma posição destacada e poderosa na República, mas com todos eles permanecendo em pé de igualdade jurídica com todos os demais, ou seja, sujeitos do mesmo modo às leis penais⁵²¹. Certa ocasião, comenta Suetônio em tom de anedota, quando Asprenate Nônio, amigo muito próximo do príncipe, estava se defendendo da acusação de envenenamento apresentada contra si por Cássio Severo, Octaviano teria de imediato consultado o Senado a respeito de seu posicionamento na questão; de fato, ele se encontrava com receio frente ao seguinte dilema: caso partisse em defesa do amigo, não queria que pensassem que ele estivesse simplesmente ausentando alguém da justiça; e caso não fizesse nada, que pensassem que ele havia abandonado a um amigo; e como todos os senadores apresentaram o mesmo parecer, Octaviano teria se sentado nos bancos da defesa por algumas horas, sem pronunciar qualquer palavra ou sequer prestar declaração para a sua liberação⁵²². Pois bem, todas essas situações envolvendo o comportamento de Octaviano contribuem para reforçar um ideal de comprometimento por parte do príncipe em relação à sociedade civil e política romana. De fato, Octaviano seria visto participando das assembleias de modo igual a todos os demais cidadãos, ao mesmo tempo em que não deixava suas relações pessoais afetarem o exercício da justiça ou da autoridade dos senadores. Em suma, na perspectiva que se revela nas palavras de Suetônio, Octaviano, apesar de sua função como príncipe, não se colocava acima de qualquer cidadão ou da República romana. Novamente, ao que verificamos aqui, estabelece-se uma contraposição em relação ao comportamento demonstrado por Júlio César: este, na construção narrativa de Suetônio, rebaixava a importância da República, indicando que todos os seus desejos pessoais fossem considerados como lei⁵²³; atitudes que apenas reforçariam sua ambição em relação à monarquia, ou seja, com uma forma de **poder absoluto**⁵²⁴.

⁵²¹ Suet. Aug. (LVI, 1) "*Forum angustius fecit non ausus extorquere possessoribus proximas domos. Numquam filios suos populo commendavit ut non adiceret: "Si merebuntur." Eisdem praetextatis adhuc assurrectum ab universis in theatro et a stantibus plausum gravissime questus est. Amicos ita magnos et potentes in civitate esse voluit, ut tamen pari iure essent quo ceteri legibusque iudicialiis aequae tenerentur*".

⁵²² Suet. Aug. (LVI, 1) "*Cum Asprenas Nonius artius ei iunctus causam veneficii accusante Cassio Severo diceret, consuluit senatum, quid officii sui putaret; cunctari enim se, ne si superesset, eripere legibus reum, sin deesset, destituere ac praedamnare amicum existimaretur; et consentientibus universis sedit in subselliis per aliquot horas, verum tacitus et ne laudatione quidem iudiciali data*".

⁵²³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVII, 1), página 111.

De acordo com Suetônio, seria muito fácil calcular o grande apreço que Octaviano obteve em resposta a todos os seus méritos⁵²⁵. Nesse sentido, o autor destaca em sua construção narrativa diversos exemplos do movimento generalizado de consideração em relação ao personagem. Octaviano teria deixado de lado os decretos do Senado, os quais poderiam parecer inspirados pela necessidade ou pelo respeito; os equestres, de vontade própria, em comum acordo, celebravam o seu aniversário durante dois dias; todos os grupos sociais lançavam a cada ano uma moeda ao lago de Cúrcio, em cumprimento à promessa por sua boa saúde; da mesma forma, nas calendas de janeiro, deixavam para Octaviano, mesmo ele estando ausente, um donativo no Capitólio: com o total recebido, Octaviano comprava belas estátuas de deuses e as consagrava em diversos bairros⁵²⁶. De acordo com Suetônio, para que a casa de Octaviano fosse reconstruída, tendo em vista que sofrera um incêndio, os veteranos, as decúrias, as tribos e, inclusive, indivíduos de toda condição, levaram até ele, voluntariamente, a sua contribuição em dinheiro; ele, porém, limitou-se a aceitar nada mais que uma pequena parte desse montante, de modo a não receber, de cada indivíduo, quantia maior que um denário⁵²⁷. Quando Octaviano regressava de uma província, continua o autor, escoltavam a ele dedicando os melhores desejos, entoando hinos; e também, para cada vez que chegava a cidade de Roma, sempre tiveram o cuidado de não submeterem ninguém ao suplício⁵²⁸. Nesse movimento, conforme Suetônio, como de improviso, todos teriam concordado em oferecer a Octaviano o título de “Pai da Pátria”; a plebe o teria feito em primeiro lugar, através de uma embaixada a ele enviada em Âncio; porém, diante da sua recusa, o povo foi ao seu encontro certo dia

⁵²⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXIX, 1-2), páginas 112-3.

⁵²⁵ Suet. Aug. (LVII, 1) “*Pro quibus meritis quanto opere dilectus sit, facile est aestimare*”.

⁵²⁶ Suet. Aug. (LVII, 1) “*Omitto senatus consulta, quia possunt videri vel necessitate expressa vel verecundia. Equites R. natalem eius sponte atque consensu biduo semper celebrarunt. Omnes ordines in lacum Curti quotannis ex voto pro salute eius stipem iaciebant, item Kal. Ian. strenam in Capitolio etiam absenti, ex qua summa pretiosissima deorum simulacra mercatus vivatim dedicabat, ut Apollinem Sandaliarium et Iovem Tragoedum aliaque*”.

⁵²⁷ Suet. Aug. (LVII, 1) “*In restitutionem Palatinae domus incendio absumptae veterani, decuriae, tribus atque etiam singillatim e cetero genere hominum libentes ac pro facultate quisque pecunias contulerunt, delibante tantum modo eo summarum acervos neque ex quoquam plus denario auferente*”.

⁵²⁸ Suet. Aug. (LVII, 1) “*Revertentem ex provincia non solum faustis ominibus, sed et modulatis carminibus prosequerantur. Observatum etiam est, ne quotiens introiret urbem, supplicium de quoquam sumeretur*”.

em que entrava no teatro de Roma, cobrindo Octaviano de louros⁵²⁹. Logo após o fez o Senado, na própria cúria, não por decreto ou aclamação, mas sim através das palavras de Valério Messala, o qual teria dito, em nome de todos: “Bem e prosperidade a ti e a tua família, César Augusto! Pois assim, através deste voto, sentimos que estamos orando pela eterna prosperidade e felicidade da República. O Senado, em acordo com o povo de Roma, te saúda como Pai da Pátria”⁵³⁰. Octaviano, com lágrimas nos olhos diante de tal situação, teria respondido aos senadores através das seguintes palavras: “Assim realizados todos os meus desejos, senadores, que mais eu poderia pedir aos deuses imortais senão que me permitam conservar este vosso consenso até o último dia de minha vida?”⁵³¹. Esse momento especial na construção narrativa de Suetônio vem no sentido de coroar os êxitos do comportamento político apresentado por Octaviano ao longo de seu governo. Este, ao contrário de Júlio César, teria realmente merecido o título de “Pai da Pátria”⁵³², no pensamento de Suetônio. De comum acordo, todos os grupos sociais (os senadores, os equestres e o povo) consentem da legitimidade de Octaviano como príncipe romano; consenso, na perspectiva que entrevemos em Suetônio, que se baseava principalmente no comportamento exemplar, alinhado à tradição, sempre demonstrado por Octaviano: homem capaz de trazer felicidade e prosperidade para Roma, eternamente⁵³³.

Suetônio, em suas próprias palavras, tendo caracterizado a conduta militar e civil de Octaviano nos diversos cargos por ele exercidos, assim como na direção da República, por toda a terra, na paz e na guerra, volta-se à vida íntima e familiar do

⁵²⁹ Suet. Aug. (LVIII, 1) “*Patris patriae cognomen universi repentino maximoque consensu detulerunt ei: prima plebs legatione Antium missa; dein, quia non recipiebat, ineunti Romae spectacula frequens et laureata;*”

⁵³⁰ Suet. Aug. (LVIII, 2) “*mox in curia senatus, neque decreto neque adclamatione, sed per Valerium Messalam. Is mandantibus cunctis: "Quod bonum," inquit, "faustumque sit tibi domuique tuae, Caesar Auguste! Sic enim nos perpetuam felicitatem rei p. et laeta huic precari existimamus: senatus te consentiens cum populo R. consalutat patriae patrem."*”

⁵³¹ Suet. Aug. (LVIII, 2) “*Cui lacrimans respondit Augustus his verbis: ipsa enim, sicut Messalae, posuisti: "Compos factus votorum meorum, p. c., quid habeo aliud deos immortales precari, quam ut hunc consensum vestrum ad ultimum finem vitae mihi perferre liceat?"*”

⁵³² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁵³³ Segundo a historiadora Maria José Hidalgo de La Vega, junto à perspectiva de “conquista universal” presente no imaginário romano, encontraríamos uma noção de tempo contínua e perpétua, a qual projetava o império romano para a “eternidade”. Cf: HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano”. **Gerión**, Madrid, v.23, n.1, pp. 271-285, 2005.

príncipe⁵³⁴. Na verdade, ao que verificamos nesta abordagem do autor, o que se revela são ainda mais exemplos positivos do comportamento político de Octaviano, como observaremos na sequência. Inicialmente, Suetônio ressalta que Octaviano manteve para com sua mãe, Ácia, e irmã, Octávia, enquanto ambas viveram, uma atenção especial; e, logo que morreram, teria dedicado para elas as honras máximas⁵³⁵. Porém, na sequência o autor comenta a respeito da sorte que teria frustrado a alegria e a confiança de Octaviano em sua descendência e na disciplina de sua casa: sua filha⁵³⁶ e neta, ambas de nome “Júlia”, teriam se desonrado com todos os tipos de vícios, razão pela qual Octaviano teria relegado as duas; quanto a Caio e Lúcio⁵³⁷, teria perdido a ambos no espaço de dezoito meses; assim, adotou no Fórum ao seu terceiro neto, Agripa, assim como ao seu enteado, Tibério⁵³⁸; no entanto, Octaviano teria renegado a Agripa pouco tempo depois, por conta de seu temperamento baixo e feroz⁵³⁹. Suetônio, ao que verificamos em sua construção narrativa, demonstra-se preocupado em salientar frente ao leitor da obra o posicionamento um tanto quanto crítico por parte de Octaviano em relação à própria família. De fato, segundo o autor, Octaviano teria suportado mais resignadamente a morte dos seus do que a sua própria desonra; e quanto a sua filha, Júlia, chegara a

⁵³⁴ Suet. Aug. (LXI, 1) “*Quoniam qualis in imperiis ac magistratibus regendaque per terrarum orbem pace belloque re p. fuerit, exposui, referam nunc interiorem ac familiarem eius vitam quibusque moribus atque fortuna domi et inter suos egerit a iuventa usque ad supremum vitae diem*”.

⁵³⁵ Suet. Aug. (LXI, 1) “*Matrem amisit in primo consulatu, sororem Octaviam quinquagensimum et quartum agens aetatis annum. Utrique cum praecipua officia vivae praestitisset, etiam defunctae honores maximos tribuit*.”

⁵³⁶ Filha do casamento de Octaviano com Escribônia. De acordo com Suetônio, logo teria se divorciado, pois reprovara a depravação de seus costumes. Cf: Suet. Aug. (LXII, 2) “*Mox Scriboniam in matrimonium accepit nuptam ante duobus consularibus, ex altero etiam matrem. Cum hac quoque divortium fecit, "pertaesus," ut scribit, "morum perversitatem eius,..."*”.

⁵³⁷ Netos de Octaviano, filhos de Marco Agripa e Júlia, sua filha. Octaviano teria adotado aos dois, promovendo ambos, ainda jovens, à administração da República; quando foram designados cônsules, percorreram as províncias e cuidaram dos exércitos. Cf: Suet. Aug. (LXIV, 1) “*Gaium et L. adoptavit domi per assem et libram emptos a patre Agrippa tenerosque adhuc ad curam rei p. admovit et consules designatos circum provincias exercitusque dimisit*.”

⁵³⁸ Gonzalo Bravo, a respeito desse processo de adoções, destaca que “Augusto pretendió dar estabilidad y continuidad al nuevo régimen político intentando en lo posible que la sucesión del trono recayera en algún miembro de la familia imperial”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.501.

⁵³⁹ Suet. Aug. (LXV, 1) “*Sed laetum eum atque fidentem et subole et disciplina domus Fortuna destituit. Iulias, filiam et neptem, omnibus probris contaminatas relegavit; G. et L. in duodeviginti mensium spatio amisit ambos, Gaio in Lycia, Lucio Massiliae defunctis. Tertium nepotem Agrippam simulque privignum Tiberium adoptavit in foro lege curiata; ex quibus Agrippam brevi ob ingenium sordidum ac ferox abdicavit seposuitque Surrentum*.”

ter vergonha de suas ações e, inclusive, teria pensado em matá-la⁵⁴⁰. Além disso, quando se mencionava o nome de Agripa ou das Júlias, Octaviano exclamava entre gemidos: “Quem me dera não tivesse casado e morresse sem descendência”; e sempre chamava a eles de seus três abscessos e seus três cânceres⁵⁴¹. Como vemos, portanto, Octaviano é isentado por Suetônio de qualquer culpa relacionada à descendência de sua família; nesse sentido, como fonte de justificativa, o autor teria ressaltado a prioridade do príncipe no que diz respeito à conservação dos costumes tradicionais e da honra romana.

De acordo com Suetônio, Octaviano não teria feito amigos muito facilmente; no entanto, teria demonstrado muita fidelidade com todos que teve, não apenas recompensando dignamente as virtudes e méritos de cada um, mas também tolerando seus vícios e faltas, desde que não sobrepassassem a medida⁵⁴². De todos eles, os únicos que Octaviano teria deixado de apoiar foram Salvidieno Rufo e Cornélio Galo, os quais ele próprio havia promovido da posição mais baixa até o consulado e à prefeitura do Egito, respectivamente; Octaviano entregara Salvidieno ao Senado para que este o condenasse pelo motivo de incitar uma revolução; Cornélio Galo, por sua vez, teve proibido o seu acesso à casa e às províncias imperiais por conta de sua ingratidão e malevolência; não obstante, quando as várias denúncias dos delatores e os decretos do Senado levaram Galo a cometer suicídio, elogiou todos aqueles que partiram em defesa deste, mas também chorou e se lamentou de sua sorte, porque, segundo era dito, “somente a ele não estava permitido agir contra seus amigos até onde a sua própria vontade desejava”⁵⁴³. Seus outros amigos, no entanto, teriam se destacado cada um em sua respectiva ordem,

⁵⁴⁰ Suet. Aug. (LXV, 2) “*Aliquanto autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit. Nam C. Lucique casu non adeo fractus, de filia absens ac libello per quaestorem recitato notum senatui fecit abstinuitque congressu hominum diu prae pudore, etiam de necanda deliberavit.*”

⁵⁴¹ Suet. Aug. (LXV, 4) “*Atque ad omnem et eius et lularum mentionem ingemiscens proclamare etiam solebat: aith ophelon agamos t'emeni agonos t'apolesthai. nec aliter eos appellare quam tris vomicas ac tria carcinomata sua.*”

⁵⁴² Suet. Aug. (LXVI, 1) “*Amicitias neque facile admisit et constantissime retinuit, non tantum virtutes ac merita cuiusque digne prosecutus, sed vitia quoque et delicta, dum taxat modica, perpessus.*”

⁵⁴³ Suet. Aug. (LXVI, 2) “*Neque enim temere ex onmi numero in amicitia eius afflicti reperientur praeter Salvidienum Rufum, quem ad consulatum usque, et Cornelium Gallum, quem ad praefecturam Aegypti, ex infima utrumque fortuna provexerat. Quorum alterum res novas molientem damnandum senatu. tradidit, alteri ob ingratum et malivolum animum domo et provinciis suis interdixit. Sed Gallo quoque et accusatorum denuntiationibus et senatus consultis ad necem compulso laudavit quidem pietatem tanto opere pro se indignantium, ceterum et inlacrimavit et vicem suam conquestus est, quod sibi soli non liceret amicis, quatenus vellet, irasci.*”

demonstrando eles grande riqueza e poder até o final de suas vidas – mesmo que alguns deles tivessem ainda praticado agravos contra Octaviano⁵⁴⁴. Como verificamos neste momento da construção narrativa de Suetônio, o autor destaca no comportamento de Octaviano o seu exemplo de fidelidade e liberalidade, apresentando no personagem um ideal de confiança; ademais, também indica a necessidade por parte do príncipe, durante o seu exercício do poder, de contenção dos desejos, ou seja: nas relações políticas, deveriam se evitadas as retaliações.

Octaviano, na perspectiva de Suetônio, um patrão e proprietário tão severo quanto afável e clemente, teria demonstrado sempre muita consideração e familiaridade em relação aos seus libertos; castigou somente com os grilhões ao seu escravo Cosmo, pois este falara muito mal de sua pessoa; e preferiu acusar Diomedes, seu administrador, não de criminoso, mas sim de “covarde”, tendo em vista que este o havia abandonado e fugido durante uma caminhada no momento em que avistou um javali; no entanto, Octaviano teria ordenado à morte de Polo, um de seus mais queridos libertos, quando ele admitiu cometer adultério com as matronas⁵⁴⁵. Suetônio comenta, porém, que Octaviano em sua juventude teria sofrido injúrias por conta de várias ações “baixas”: Sexto Pompeu o teria chamado de afeminado; Marco Antônio teria dito que Octaviano conseguiu a adoção de seu tio através de relações sexuais⁵⁴⁶. Era dito também, complementa Suetônio, que nem ao menos os seus próprios amigos negavam que Octaviano cometia adultérios; no entanto, alegavam que Octaviano assim agia não por um sentimento de paixão, mais sim por política, para informar-se mais facilmente dos planos de seus adversários por meio de suas mulheres⁵⁴⁷. Por fim, Octaviano teria sido acusado também de amar demasiadamente o mobiliário luxuoso e os vasos de Corinto, para

⁵⁴⁴ Suet. Aug. (LXVI, 3) “*Reliqui potentia atque opibus ad finem vitae sui quisque ordinis principes floruerunt, quanquam et offensis intervenientibus*”.

⁵⁴⁵ Suet. Aug. (LXVI, 1-2) “*Patronus dominusque non minus severus quam facilis et clemens multos libertorum in honore et usu maximo habuit, ut Licinum et Celadum aliosque. Cosmum servum gravissime de se opinantem non ultra quam compedibus coercuit. Diomedem dispensatorem, a quo simul ambulante incurrenti repente fero apro per metum obiectus est, maluit timiditatis arguere quam noxae, remque non minimi periculi, quia tamen fraus aberat, in iocum vertit. Idem Polum ex acceptissimis libertis mori coegit compertum adulterare matronas;*”

⁵⁴⁶ Suet. Aug. (LXVIII, 1) “*Prima iuventa variorum dedecorum in famiam subiit. Sextus Pompeius ut effeminatum insectatus est; M. Antonius adoptionem avunculi stupro meritum;*”

⁵⁴⁷ Suet. Aug. (LXIX, 1) “*Adulteria quidem exercuisse ne amici quidem negant, excusantes sane non libidine, sed ratione commissa, quo facilius consilia adversariorum per cuiusque mulieres exquireret.*”

além de sua predileção pelo jogo⁵⁴⁸. De acordo com Suetônio, a injúria que Octaviano Augusto teria rebatido mais facilmente, diante de todas essas acusações ou calúnias, foi a de haver cometido atos contra a natureza, alegando, em sua defesa, a “pureza de seus costumes” naquele tempo e posteriormente; combateu também a opinião de que desejava o luxo, alegando que, na tomada de Alexandria, diante de todas as riquezas ali encontradas, tomara para si unicamente um cálice para vinho⁵⁴⁹. Quanto aos prazeres, pelo contrário, nunca teria conseguido se desprender, posteriormente desenvolvendo uma grande aflição no desejo de deflorar donzelas⁵⁵⁰; por sua vez, quanto à fama de jogador, Octaviano não a escondia, jogando sem dissimulação e às claras, para divertir-se⁵⁵¹. Sobre este último costume, Suetônio cita uma carta escrita por Octaviano para Tibério, na qual o príncipe afirmava: “Eu perdi vinte mil sestércios por minha conta, mas porque fui, como de costume na maioria das vezes, muito liberal no jogo, pois, se tivesse exigido a cada jogador as apostas que eu perdoei ou tivesse mantido o dinheiro que dei, teria ao fim ganhado cinquenta mil sestércios. Porém, assim eu prefiro: minha bondade me levará, logo, à glória celeste”⁵⁵². De um modo um tanto quanto cuidadoso, verificamos nestas passagens do texto, Suetônio comenta em sua construção narrativa as diversas críticas recebidas por Octaviano Augusto quanto à sua conduta pessoal; no entanto, não podemos deixar de perceber um intenso trabalho por parte autor no sentido de aliviar esses julgamentos. Como podemos considerar, Suetônio muito provavelmente não desejava, neste momento de sua

⁵⁴⁸ Suet. Aug. (LXX, 1) “Notatus est et ut pretiosae supellectilis Corinthiorumque praecupidus et aleae indulgens”.

⁵⁴⁹ Suet. Aug. (LXXI, 1) “*Ex quibus sive criminibus sive maledictis infamiam impudicitiae facillime refutavit et praesentis et posteræ vitæ castitate; item lautitiarum invidiam, cum et Alexandria capta nihil sibi praeter unum murrinum calicem ex instrumento regio retinuerit et mox vasa aurea assiduissimi usus conflaverit omnia*”.

⁵⁵⁰ Suet. Aug. (LXXI, 1) “*Circa libidines haesit, postea quoque, ut ferunt, ad vitiandas virgines promptior, quae sibi undique etiam ab uxore conquirerentur*”.

⁵⁵¹ Suet. Aug. (LXXI, 1) “*Aleae rumorem nullo modo expavit lusitque simpliciter et palam oblectamenti causa etiam senex ac praeterquam Decembri mense aliis quoque festis et profestis diebus*”.

⁵⁵² Suet. Aug. (LXXI, 3) “*Et rursus aliis litteris: "Nos, mi Tiberi, Quinquatrus satis iucunde egimus; lusimus enim per omnis dies forumque aleatorium calfecimus. Frater tuus magnis clamoribus rem gessit; ad summam tamen perdidit non multum, sed ex magnis detrimentis praeter spem paulatim retractum est. Ego perdidit viginti milia nummum meo nomine, sed cum effuse in lusu liberalis fuisset, ut soleo plerumque. Nam si quas manus remisi cuique exegissem aut retinuissem quod cuique donavi, vicissem vel quinquaginta milia. Sed hoc malo; benignitas enim mea me ad caelestem gloriam efferet*”.

narrativa, alimentar suspeitas negativas em relação à Octaviano; suspeitas, aliás, que poderiam prejudicar sua construção, exemplar, do personagem: o príncipe alinhado aos costumes tradicionais.

De fato, na sequência da construção narrativa, imediatamente e novamente fortalecendo a imagem de Octaviano, Suetônio comenta que, nos demais aspectos de sua vida, o príncipe foi extremamente moderado e que dele não se teria suspeitado de qualquer vício⁵⁵³. Justificando, Suetônio afirma que Octaviano teria vivido numa residência modesta, nada notável seja por sua amplitude, seja por seu adorno⁵⁵⁴; da mesma forma detestava as casas de campo grandes e suntuosas; inclusive, teria ordenado a demolição da casa luxuosa que sua neta, Júlia, havia levantado com grandes gastos⁵⁵⁵. Destacava-se também a sobriedade de seu mobiliário e de suas roupas, comportamento digno de um particular. Octaviano, segundo o autor, também oferecia constantes refeições, todas formais, mas sem “cuidadosamente” selecionar os convidados: não media quem eram ou o grupo social a que pertenciam⁵⁵⁶. Comia pouco, geralmente alimentos vulgares, a exemplo do pão feito em casa, pequenos pescados e figos verdes⁵⁵⁷; quanto ao consumo de vinho, Octaviano teria sido muito sóbrio por natureza⁵⁵⁸. Fora um homem, ademais, de grande beleza e encanto pessoal, demonstrando-se pouco preocupado com a sua vaidade, a exemplo do seu corte de cabelo⁵⁵⁹. Octaviano, continua Suetônio, teria estimulado as produções literárias de seu tempo, escutando de boa vontade e

⁵⁵³ Suet. Aug. (LXXII, 1) “*In ceteris partibus vitae continentissimum constat ac sine suspicione ullius vitii*”.

⁵⁵⁴ Suet. Aug. (LXXII, 1) “*Habitavit primo iuxta Romanum Forum supra Scalas anularias, in domo quae Calvi oratoris fuerat; postea in Palatio, sed nihilo minus aedibus modicis Hortensianis, et neque laxitate neque cultu conspicuis, ut in quibus porticus breves essent Albanarum columnarum et sine marmore ullo aut insigni pavimento conclavia*”.

⁵⁵⁵ Suet. Aug. (LXXII, 3) “*Ampla et operosa praetoria gravabatur. Et neptis quidem suae Iuliae, profuse ab ea exstructa, etiam diruit ad solum,...*”.

⁵⁵⁶ Suet. Aug. (LXXIV, 1) “*Convivabatur assidue nec umquam nisi recta, non sine magno ordinum hominumque dilectu*”.

⁵⁵⁷ Suet. Aug. (LXXVI, 1) “*Cibi—nam ne haec quidem omiserim—minimi erat atque vulgaris fere. Secundarium panem et pisciculos minutos et caseum bubulum manu pressum et ficos virides biferas maxime appetebat; vescebaturque et ante cenam quocumque tempore et loco, quo stomachus desiderasset*”.

⁵⁵⁸ Suet. Aug. (LXXVII, 1) “*Vini quoque natura parcissimus erat*”.

⁵⁵⁹ Suet. Aug. (LXXIX, 1) “*Forma fuit eximia et per omnes aetatis gradus venustissima, quamquam et omnis lenocinii neglegens; in capite comendo tam incuriosus, ut raptim compluribus simul tonsoribus operam daret ac modo tonderet modo raderet barbam eoque ipso tempore aut legeret aliquid aut etiam scriberet*”.

com muita paciência à leitura de poemas e de histórias, e inclusive de discursos e diálogos⁵⁶⁰; porém, não gostava que escrevessem demasiadamente sobre ele, cuidando sobre quem ou o que diziam de sua pessoa⁵⁶¹. Por fim, teria sempre prestado atenção com os seus sonhos e os de outros⁵⁶²; ao mesmo tempo, considerava infalíveis certos auspícios e presságios, sempre observando os prodígios de cada instante⁵⁶³. Suetônio, da forma como verificamos em suas colocações, continuamente defende a personalidade modesta de Octaviano. Trata-se, claro, de uma resposta às acusações anteriormente apresentadas, e rebatidas, pelo próprio autor. Não há o que perturbe, na construção do personagem por Suetônio, sua conduta exemplar. Compartilhando da mesma crença de Octaviano em relação aos “presságios e prodígios”, e sempre visando o enaltecimento deste personagem, Suetônio apresenta em sua narrativa os vários e diferentes “prenúncios” da grandeza de Octaviano, como veremos no seguimento.

De fato, Suetônio, antes da narrativa dos momentos finais de Octaviano, considera muito relevante apresentar os relatos de presságios ocorridos antes, durante e depois do instante em que o príncipe nasceu; presságios, pelos quais, poderia se esperar e conhecer a futura grandeza e eterna felicidade de Octaviano⁵⁶⁴. Iniciando pelo “antes”, conta Suetônio que, séculos atrás, em Vélitra, tendo um raio alcançado parte da muralha, se previra que um cidadão daquele lugar um dia chegaria ao poder; acreditando nisso, seus habitantes teriam começado

⁵⁶⁰ Pierre Grimal destaca a importância desse período do ponto de vista cultural também, afirmando: “Nem a política externa de Augusto, com os seus sucessores e hesitações, nem a sua ‘reordenação’ da administração interna teriam decerto bastado para assegurar a glória do príncipe, cujo nome ficou ligado ao século em que viveu. Falou-se durante muito tempo, e ainda hoje se fala, do ‘século de Augusto’, porque este tempo foi o de Virgílio, de Horácio, de Tito Lívio, e de alguns outros, e porque, assim sendo, é considerado como um daqueles em que o espírito humano atingiu um dos seus pontos máximos”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.63.

⁵⁶¹ Suet. Aug. (LXXXIX, 3) “*Ingenia saeculi sui omnibus modis fovit; recitantis et benigne et patienter audit, nec tantum carmina et historias, sed et orationes et dialogos. Componi tamen aliquid de se nisi et serio et a praestantissimis offerebatur, admonebatque praetores ne paterentur nomen suum commissionibus obsoleverit*”.

⁵⁶² Suet. Aug. (XC, 3) “*Somnia neque sua neque aliena de se neglegebat*”.

⁵⁶³ Suet. Aug. (XCII, 1) “*Auspicia et omina quaedam pro certissimis observabat: si mane sibi calceus perperam ac sinister pro dextro induceretur, ut dirum; si terra marive ingrediente se longinquam profectionem forte rorasset, ut laetum maturique et prosperi reditus. Sed et ostentis praecipue movebatur*”.

⁵⁶⁴ Suet. Aug. (XCIV, 1) “*Et quoniam ad haec ventum est, non ab re fuerit subtexere, quae ei prius quam nasceretur et ipso natali die ac deinceps evenerint, quibus futura magnitudo eius et perpetua felicitas sperari animadvertique posset*”.

imediatamente uma guerra contra o povo romano, e continuaram por fazê-la muitas vezes nas épocas seguintes, a ponto de quase se destruírem; de acordo com Suetônio, a evidência teria demonstrado mais tarde que o tal fenômeno fora na verdade um presságio relacionado ao poder de Octaviano⁵⁶⁵. Suetônio, seguindo o depoimento de Júlio Marato, comenta que poucos meses antes do nascimento de Octaviano teria surgido em Roma, aos olhos de toda a população, um prodígio anunciando que a natureza estava por dar à luz a um “rei” para o povo romano; aterrorizado, o Senado teria imediatamente decretado que não se criaria a nenhum homem nascido naquele ano; porém, aqueles senadores que tinham suas mulheres grávidas, cada um interpretando o presságio para o seu próprio favor, cuidaram para que esse decreto do Senado não chegasse ao erário⁵⁶⁶. Apoiando-se também no testemunho de Asclepiades Mendes, escritor de **“Sobre as Coisas Divinas”**, Suetônio conta que Ácia (mãe de Octaviano) certa vez teria assistido a uma cerimônia solene em honra a Apolo, realizada à meia noite, em seu templo; acabou, no entanto, dormindo ali mesmo em sua liteira, enquanto que todas as outras matronas teriam voltado às suas casas; neste momento, teria se deslizado em sua direção uma serpente, logo depois retirando-se do recinto; quando despertou, como de costume, Ácia purificou-se, tal como se tivesse dormindo junto ao seu marido; porém, logo viu em seu corpo a imagem de uma serpente, a qual não conseguia apagar e razão pela qual não mais compareceu aos banhos públicos; Octaviano nasceu após dez meses, passando por filho de Apolo; mesmo assim, Ácia, antes de dar a luz, teria sonhado que suas entranhas se elevavam às estrelas e que se estendiam por toda a extensão da terra e do céu; igualmente o seu pai, Octávio, teria sonhado que o esplendor do sol estava saindo do seio de Ácia⁵⁶⁷.

⁵⁶⁵ Suet. Aug. (XCIV, 2) “*Velitris antiquitus tacta de caelo parte muri, responsum est eius oppidi civem quandoque rerum potiturum; qua fiducia Veliterni et tunc statim et postea saepius paene ad exitium sui cum populo Romano belligeraverant; sero tandem documentis apparuit ostentum illud Augusti potentiam portendisse*”.

⁵⁶⁶ Suet. Aug. (XCIV, 3) “*Auctor est Iulius Marathus, ante paucos quam nasceretur menses prodigium Romae factum publice, quo denuntiabatur, regem populo Romano naturam parturire; senatum exterritum censuisse, ne quis illo anno genitus educaretur; eos qui gravidas uxores haberent, quod ad se quisque spem traheret, curasse ne senatus consultum ad aerarium deferretur*”. Dessa forma, não chegando ao erário, o decreto estabelecido pelo Senado não teria validade de lei.

⁵⁶⁷ Suet. Aug. (XCIV, 4) “*In Asclepiadis Mendetis Theologumenon libris lego, Atiam, cum ad sollemne Apollinis sacrum media nocte venisset, posita in templo lectica, dum ceterae matronae dormirent, obdormisse; draconem repente irrepsisse ad eam pauloque post egressum; illam expergefactam quasi a concubitu mariti purificasse se; et statim in corpore eius exstitisse maculam velut picti draconis nec potuisse umquam exigi, adeo ut mox publicis balineis perpetuo*

No que diz respeito ao período “durante” o nascimento de Octaviano, Suetônio assinala que neste mesmo dia o Senado encontrava-se reunido, tratando a respeito da conjuração de Catilina – sessão para a qual, inclusive, Octávio teria chegado um pouco atrasado, tendo em vista a realização do parto de sua mulher; quando Públio Nígido (de acordo com Suetônio, fato este do conhecimento de todos) soube do verdadeiro motivo do atraso e tomou conhecimento da hora do parto, ele de imediato teria afirmado que acabara de nascer um “senhor” para todo o universo; em outro momento, quando Octávio conduzia o exército pelas regiões distantes da Trácia, este teria consultado a um oráculo bárbaro a respeito de seu filho, em um bosque consagrado ao pai Líber; os sacerdotes lhe teriam respondido exatamente o mesmo, tendo em vista que, ao derramarem o vinho em cima do altar, uma intensa chama teria perpassado a altura do templo e se erguido em direção ao céu; inclusive, prodígio similar a este teria ocorrido apenas para com Alexandre, o Grande, quando este também sacrificou nestes altares⁵⁶⁸. Na noite seguinte, afirma Suetônio, teria surgido frente a Octávio a imagem de seu filho com proporções sobre-humanas, levando consigo o raio, o cetro e os atributos de Júpiter Máximo, com ele permanecendo sobre um carro adornado de muitos louros, arrastado por doze cavalos de uma brancura extraordinária⁵⁶⁹.

No que se refere aos presságios que ocorreram “depois” do nascimento de Octaviano, Suetônio comenta que, determinada vez, quando Octaviano ainda não falava, tendo sua ama de leite o deixado no berço situado no piso de baixo, ele simplesmente desaparecera na manhã seguinte; após uma longa procura, o teriam encontrando em cima de uma torre muito alta, voltado em direção ao sol

abstinuerit; Augustum natum mense decimo et ob hoc Apollinis filium existimatum. Eadem Atia prius quam pareret somniavit, intestina sua ferri ad sidera explicarique per omnem terrarum et caeli ambitum. Somniavit et pater Octavius utero Atiae iubar solis exortum”.

⁵⁶⁸ Suet. Aug. (XCIV, 5) “Quo natus est die, cum de Catilinae coniuratione ageretur in curia et Octavius ob uxoris puerperium serius affuisset, nota ac vulgata res est P. Nigidium, comperta morae causa, ut horam quoque partus acceperit, affirmasse dominum terrarum orbi natum. Octavio postea, cum per secreta Thraciae exercitum duceret, in Liberi patris luco barbara caerimonia de filio consulenti, idem affirmatum est a sacerdotibus, quod infuso super altaria mero tantum flammae emicuisset, ut supergressa fastigium templi ad caelum usque ferretur, unique omnino Magno Alexandro apud easdem aras sacrificanti simile provenisset ostentum”.

⁵⁶⁹ Suet. Aug. (XCIV, 6) “Atque etiam sequenti statim nocte videre risus est filium mortali specie ampliorem, cum fulmine et sceptro exuviisque Iovis Optimi Maximi ac radiata corona, super laureatum currum, bis senis equis candore eximio trahentibus”.

nascente⁵⁷⁰. Quando começara a falar, era dito que Octaviano decretava silêncio às rãs que, em sua casa de campo, causavam muito barulho ao coaxarem; segundo diziam, de acordo com Suetônio, nunca mais teriam coaxado ali; em outro dia, quando almoçava em um bosque, tivera de suas mãos retirado um pedaço de pão por uma águia, que em seguida voou a uma grande altura; logo em seguida, porém, ela voltou e devolveu a Octaviano o que havia retirado⁵⁷¹. Segundo Suetônio, Quinto Cátulo, após a consagração do Capitólio, teve por duas noites consecutivas os seguintes sonhos: na primeira delas, teria sonhado que Júpiter Ótimo Máximo separava um menino dentre os vários que, vestidos com a toga pretexta, brincavam ao redor de seu altar, colocando em seus braços um estandarte da República que carregava consigo; no sonho da próxima noite, vendo o mesmo menino sentado nos joelhos de Júpiter Capitolino, teria imediatamente ordenado o seu afastamento, ato que o deus impediu, respondendo que estava educando o menino para ser guardião da República; após esses sonhos, comenta Suetônio, Quinto Cátulo, no outro dia, encontrando-se com Octaviano, antes desconhecido para ele, e após ter contemplado a sua pessoa com admiração, afirmou que ele se parecia demasiadamente com o menino dos seus sonhos⁵⁷². Em outra ocasião, continua no mesmo ritmo Suetônio, Marco Cícero, enquanto acompanhava Júlio César ao Capitólio, teria contado aos seus amigos que, no sonho que tivera na noite anterior, um menino de belo aspecto descia do céu em uma cadeira de ouro, parando em frente ao Capitólio, onde Júpiter o teria entregado um açoite; imediatamente, quando Cícero se pôs a ver Octaviano, desconhecido para a maioria deles e que tinha vindo ao sacrifício por desejo de seu tio, Júlio César, declarou que ele era o menino cuja

⁵⁷⁰ Suet. Aug. (XCIV, 6) “*Infans adhuc, ut scriptum apud C. Drusum exstat, repositus vespere in cunas a nutricula loco plano, postera luce non comparuit, diuque quaesitus tandem in altissima turri repertus est iacens contra solis exortum.*”

⁵⁷¹ Suet. Aug. (XCIV, 7) “*Cum primum fari coepisset, in avito suburbano obstrepentis forte ranas silere iussit, atque ex eo negantur ibi ranae coaxare. Ad quartum lapidem Campanae viae in nemore prandenti ex inproviso aquila panem ei e manu rapuit et, cum altissime evolasset, rursus ex inproviso leniter delapsa reddidit.*”

⁵⁷² Suet. Aug. (XCIV, 8) “*Q. Catulus post dedicatum Capitolium duabus continuis noctibus somniavit: prima, Iovem Optimum Maximum e praetextatis compluribus circum aram ludentibus unum secrevisse atque in eius sinum signum rei publicae quam manu gestaret reposuisse; at insequenti, animadvertisse se in gremio Capitolini Iovis eundem puerum, quem cum detrahi iussisset, prohibitum monitu dei, tanquam is ad tutelam rei publicae educaretur; ac die proximo obvium sibi Augustum, cum incognitum alias haberet, non sine admiratione contuitus, simillimum dixit puero, de quo somniasset.*”

imagem havia vislumbrado durante o seu sonho⁵⁷³. Mais adiante, em outra ocasião, quando Octaviano envergou a toga viril, inesperadamente a sua túnica laticlávica acabou descosturando por ambos os lados, assim caindo aos seus pés; para Suetônio, de acordo com a interpretação de alguns, este acontecimento teria apenas um único significado: a ordem que se fazia representar por este símbolo⁵⁷⁴ um dia, frente à Octaviano, se submeteria⁵⁷⁵.

Continuando com a narrativa dos presságios, Suetônio comenta que Júlio César, quando se encontrava em Munda, buscando um local para o seu acampamento, teria se deparado com uma palmeira em meio a um bosque que mandara limpar, ordenando que ela fosse preservada como um “presságio de vitória”; em seguida, um broto teria nascido desta palmeira, crescendo de forma muito rápida, e em poucos dias – inclusive, igualando-se ao tronco materno, chegando mesmo a tapá-lo; um ninho de pombas, ademais, teria se estabelecido nela, não obstante a grande repugnância destas aves, esclarece Suetônio, em relação a sua folhagem dura e rugosa; de acordo o autor, este prodígio teria sido o motivo principal pelo qual Júlio César não teria desejado outro sucessor a não ser o neto de sua irmã⁵⁷⁶. Outro momento destacado por Suetônio ocorreu durante o retiro de Octaviano em Apolônia, quando ele, em companhia de Agripa, teria se encaminhado ao observatório do astrólogo Teógenes; na ocasião, continua o autor, Agripa teria recebido predições magníficas e quase incríveis; Octaviano, por sua vez, persistia em ocultar os dados de seu nascimento, não os fornecendo por medo e vergonha de que eles o descobrissem como inferior; após grande resistência, e

⁵⁷³ Suet. Aug. (XCIV, 9) “*M. Cicero C. Caesarem in Capitolium prosecutus, somnium pristinae noctis familiaribus forte narrabat: puerum facie liberali, demissum e caelo catena aurea, ad fores Capitoli constitisse eique lovem flagellum tradidisse; deinde repente Augusto viso, quem ignotum plerisque adhuc avunculus Caesar ad sacrificandum acciverat, affirmavit ipsum esse, cuius imago secundum quietem sibi obversata sit.*”

⁵⁷⁴ Referencia ao grupo dos senadores, que utilizavam a laticlávica (larga faixa na cor púrpura, disposta verticalmente em cima da toga) de modo praticamente exclusivo.

⁵⁷⁵ Suet. Aug. (XCIV, 10) “*Sument virilem togam tunica lati clavi, resuta ex utraque parte, ad pedes decidit. Fuerunt qui interpretarentur, non aliud significare, quam ut is ordo cuius insigne id esset quandoque ei subiceretur.*”

⁵⁷⁶ Suet. Aug. (XCIV, 11) “*Apud Mundam Divus Iulius, castris locum capiens cum silvam caederet, arborem palmae repertam conservari ut omen victoriae iussit; ex ea continuo enata suboles adeo in paucis diebus adolevit, ut non aequiperaret modo matricem, verum et obtegeret frequentareturque columbarum nidis, quamvis id avium genus durum et asperam frondem maxime vitet. Illo et praecipue ostento motum Caesarem ferunt, ne quem alium sibi succedere quam sororis nepotem vellet.*” Os pombos eram consagrados à deusa Vênus, da qual descendia a família dos Júlios.

tendo em vista os muitos pedidos, Octaviano finalmente passara as informações; Teógenes, então, teria saltado de seu assento e se colocado, de joelhos, aos pés de Octaviano; posteriormente, complementa Suetônio, Octaviano passara a ter tamanha confiança em seu destino que teria, inclusive, ordenado a publicação de seu horóscopo e a feitura de uma moeda de prata com o símbolo da constelação de capricórnio, sob a qual teria nascido⁵⁷⁷. Pois bem, na construção narrativa de Suetônio, todos os presságios em destaque colaboram para o fortalecimento de uma convicção: a inevitabilidade quanto à chegada ao poder por parte de Octaviano. Trata-se aqui, portanto, de uma perspectiva teleológica: Octaviano, no que Suetônio pretende, seria um personagem predestinado, digno de sua posição no futuro. O mesmo recurso narrativo foi aplicado para Júlio César, mas para caracterizá-lo como um exemplo negativo, personagem que alimentava graves suspeitas⁵⁷⁸.

Não bastasse Suetônio apresentar todos esses prodígios e presságios positivos a respeito do futuro de Octaviano, o autor ainda ressalta que este personagem soube de antemão o resultado de todas as suas guerras⁵⁷⁹. Da mesma forma, de acordo com Suetônio, a sua morte e posterior deificação foram conhecidas com antecedência através de sinais muito evidentes⁵⁸⁰. Octaviano teria contraído sua enfermidade durante uma viagem de barco, saindo de Astura (cidade marítima na região do Lácio), quando inicialmente apresentou sinais de uma disenteria⁵⁸¹. Percorreu as costas da Campânia, contornou as ilhas vizinhas e estabeleceu-se em Capri, onde descansou⁵⁸²; nesse mesmo tempo, quando percorria a baía, fora saudado por vários passageiros e marinheiros de um navio vindo de Alexandria; eles, vestidos de branco, coroados de flores e queimando incensos, expressaram os

⁵⁷⁷ Suet. Aug. (XCIV, 12) *"In secessu Apolloniae Theogenis mathematici pergulam comite Agrippa ascenderat; cum Agrippae, qui prior consulebat, magna et paene incredibilia praedicerentur, reticere ipse genituram suam nec velle edere perseverabat, metu ac pudore ne minor inveniretur. Qua tamen post multas adhortationes vix et cunctanter edita, exilivit Theogenes adoravitque eum. Tantam mox fiduciam fati Augustus habuit, ut thema suum vulgaverit nummumque argenteum nota sideris Capricorni, quo natus est, percusserit"*.

⁵⁷⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (I, 3), na página 88.

⁵⁷⁹ Suet. Aug. (XCVI, 1) *"Quin et bellorum omnium eventus ante praesensit"*.

⁵⁸⁰ Suet. Aug. (XCVII, 1) *"Mors quoque eius, de qua dehinc dicam, divinitasque post mortem evidentissimis ostentis praecognita est"*.

⁵⁸¹ Suet. Aug. (XCVII, 3) *"atque itinere incohato Asturam perrexit, et inde praeter consuetudinem de nocte ad occasionem aurae evectus, causam valitudinis contraxit ex profluvio alvi"*.

⁵⁸² Suet. Aug. (XCVIII, 1) *"Tunc Campaniae ora proximisque insulis circuitis, Caprearum quoque secessui quadriduum impendit, remississimo ad otium et ad omnem comitatem animo."*

seus melhores votos para Octaviano; entre os louvores, eles afirmavam que, graças a Octaviano, eles viviam, navegavam e desfrutavam de liberdade e riquezas; Octaviano, de acordo com Suetônio, encantado por estas manifestações, distribuiu quarenta peças de ouro para cada um de seus companheiros, mas solicitando que toda essa soma fosse gasta em mercadorias alexandrinas⁵⁸³. Nos dias que se seguiram, Octaviano teria distribuído, entre outros presentes, togas e mantos gregos, prescrevendo que os romanos adotariam o vestuário e a língua dos gregos, e da mesma forma os gregos adotariam o vestuário e a língua dos romanos⁵⁸⁴. Não se privara, neste momento, de nenhum tipo de diversão⁵⁸⁵. Na sequência partiu para Nápoles, mesmo não estando bem do intestino; apesar disso, assistiu aos jogos ginásticos instituídos em sua honra; no retorno, porém, a enfermidade se agravara, tendo ele se retido em Nola; Octaviano mandara então chamar Tibério, com o qual conversara secretamente durante um longo tempo; depois disso, não mais se interessou por nenhum outro tema de importância⁵⁸⁶.

No último dia de sua vida, conforme aponta Suetônio, Octaviano teria perguntado repetidas vezes se já não havia tumultos nas ruas; após pentear o seu cabelo e arrumar a sua face, recebera os amigos, perguntando a todos se ele havia representado bem “a farsa da vida”, acrescentando ao final: “Se vocês gostaram da comédia, concedam o vosso aplauso, e se despeçam com alegria”; na sequência, Octaviano teria dispensando a todos e, no exato momento em que solicitava informações a respeito da filha de Druso, doente à época, subitamente desfaleceu nos braços de Lívía, pronunciando por último: “Lívía, conserva a memória de nossa

⁵⁸³ Suet. Aug. (XCVIII, 2) “*Forte Puteolanum sinum praetervehenti vectores nautaeque de navi Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura libantes fausta omina et eximias laudes congesserant, per illum se vivere, per illum navigare, libertate atque fortunis per illum frui. Qua re admodum exhilaratus quadragenos aureos comitibus divisit iusque iurandum et cautionem exegit a singulis, non alio datam summam quam in emptionem Alexandrinarum mercium absumpturos*”.

⁵⁸⁴ Suet. Aug. (XCVIII, 3) “*Sed et ceteros continuos dies inter varia munuscula togas insuper ac pallia distribuit, lege proposita ut Romani Graeco, Graeci Romano habitu et sermone uterentur*”.

⁵⁸⁵ Suet. Aug. (XCVIII, 3) “*Nulla denique genere hilaritatis abstinuit*”.

⁵⁸⁶ Suet. Aug. (XCVIII, 5) “*Mox Neapolim traiecit, quanquam etiam tum infirmis intestinis morbo variante; tamen et quinquennale certamen gymnicum honori suo institutum perspectavit et cum Tiberio ad destinatum locum contendit. Sed in redeundo adgravata valitudine tandem Nolae succubuit revocatumque ex itinere Tiberium diu secreto sermone detinuit, neque post ulli maiori negotio animum accommodavit*”.

união, adeus”⁵⁸⁷. Segundo Suetônio, Octaviano teria alcançado, dessa forma, uma morte suave, do modo como sempre desejara; ademais ele não teria dado mais que um sinal de transtorno mental antes de morrer: queixou-se atemorizado, em um determinado momento, que quarenta jovens o arrebatavam; tal fato, no entanto, de acordo com o autor, teria sido muito mais um presságio do que uma perda de razão, pois fora esse o número de soldados que teriam conduzido o seu corpo ao cortejo⁵⁸⁸. Segundo o autor, os senadores rivalizaram entre si no desejo de enaltecer o funeral e honrar a memória de Octaviano⁵⁸⁹. Nesta ocasião, um senador teria proposto que se chamasse “século de Augusto” a todo o período compreendido entre o dia do seu nascimento e aquele de seu falecimento; porém, as honras foram limitadas, e o discurso fúnebre acabou sendo realizado em dois lugares: frente ao templo do divino Júlio, por Tibério; e na antiga tribuna das arengas, por Druso, filho de Tibério; após, o corpo fora levado nos ombros dos senadores ao Campo de Marte, sendo cremado⁵⁹⁰. Nesta ocasião, segundo Suetônio, houve um pretor que afirmou ter visto o espectro de Octaviano ascendendo ao céu durante a cremação⁵⁹¹. Suetônio, então, conclui a construção narrativa biográfica de Octaviano comentando sobre o testamento que este escreveu, no qual, dentre as várias doações, nomeava Tibério como seu herdeiro⁵⁹².

⁵⁸⁷ Suet. Aug. (XCIX, 1) “*Supremo die identidem exquirens, an iam de se tumultus foris esset, petito speculo, capillum sibi comi ac malas labantes corrigi praecepit, et admissos amicos percontatus, ecquid iis videretur mimum vitae commode transegisse, adiecit et clausulam: ei de ti echoi kalos to paigion, kroton dote kai pantes hemas meta charas propempsate. Omnibus deinde dimissis, dum advenientes ab urbe de Drusi filia aegra interrogat, repente in osculis Liviae et in hac voce defecit: Livia, nostri coniugii memor vive, ac vale!*”

⁵⁸⁸ Suet. Aug. (XCIX, 1) “*sortitus exitum facilem et qualem semper optaverat. Nam fere quotiens audisset cito ac nullo cruciatu defunctum quempiam, sibi et suis euthanasian similem (hoc enim et verbo uti solebat) precabatur. Unum omnino ante efflatam animam signum alienatae mentis ostendit, quod subito pavefactus a quadraginta se iuvenibus abripi questus est. Id quoque magis praesagium quam mentis deminutio fuit, siquidem totidem milites praetoriani extulerunt eum in publicum.*”

⁵⁸⁹ Suet. Aug. (C, 2) “*Senatus et in funere ornando et in memoria honoranda eo studio certatim progressus est,...*”

⁵⁹⁰ Suet. Aug. (C, 3) “*alius, ut omne tempus a primo die natali ad exitum eius saeculum Augustum appellaretur et ita in fastos referretur. Verum adhibito honoribus modo, bifariam laudatus est: pro aede Divi Iuli a Tiberio et pro rostris veteribus a Druso Tiberi filio, ac senatorum umeris delatus in Campum crematusque.*”

⁵⁹¹ Suet. Aug. (C, 4) “*Nec defuit vir praetorius, qui se effigiem cremati euntem in caelum vidisse iuraret.*”

⁵⁹² Suet. Aug. (CI, 2) “*Heredes instituit primos: Tiberium ex parte dimidia et sextante, Liviam ex parte tertia, quos et ferre nomen suum iussit, secundos: Drusum Tiberi filium ex triente, ex partibus reliquis Germanicum liberosque eius tres sexus virilis, tertio gradu: propinquos amicosque compluris. Legavit populo Romano quadringenties, tribubus tricies quinquies sestertium,*

Nesse desfecho, mais do que um simples encerramento, vislumbramos o que nos parece um desejo, por parte de Suetônio, pela continuidade do “comportamento político” legado por Octaviano. De fato, neste momento, podemos estabelecer algumas reflexões importantes a respeito da construção do **“pensamento político”** de Suetônio. Compreendendo o trecho inicial do trabalho de Suetônio (as biografias de Júlio César e Octaviano Augusto) na forma de um estudo crítico-reflexivo a respeito do **“surgimento e estabelecimento do Principado Romano”**, identificamos ao longo desta construção narrativa uma preocupação por parte do autor no que se refere à seguinte discussão, em especial: a questão do **“poder absoluto”**. De fato, trabalhando com o **“exercício do poder”** nas biografias de Júlio César e Octaviano Augusto, Suetônio relacionou a expressão **“dominação”** com exageros, formas de comportamento arbitrárias e autoritárias dos políticos romanos; conduta, ademais, exaustivamente criticada por ele, tendo em vista a sua não adequação aos princípios da tradição romana. Trata-se, portanto, de uma linha central do **“pensamento político”** de Suetônio que desvendamos: ou seja, um **objeto** de análise em especial que pretendemos, a partir desse momento, investigar com atenção. Nesse sentido, para o próximo capítulo, continuamos a explorar as demais “vidas” presentes no trabalho de Suetônio, rastreando e definindo os elementos relacionados ao exercício do poder por parte dos vários príncipes; e nessa tarefa, como dito, com dedicação especial à questão do **“poder absoluto”**.

praetorianis militibus singula milia nummorum, cohortibus urbanis quingenos, legionaris trecenos nummos.... Conforme Gonzalo Bravo, “la elección recayó entonces en Tiberio, el hijo de Livia, con probada experiencia como jefe militar en distintos frentes, pero a la sazón exiliado voluntariamente en Rodas debido a la falta de entendimiento con las previsiones sucesorias del emperador. Reclamado a Roma, fue proclamado hijo adoptivo de Augusto junto con Póstumo, quien moriría poco después en extrañas circunstancias. Tiberio a su vez adoptó a Germánico, el hijo de Druso, con lo que a la muerte de Augusto en agosto del 14 d. de C. la continuidad dinástica parecía por fin estar asegurada”. limitado a modificar la distribución y ampliar el número de ‘estancias’ entro del ‘edificio’ constitucional”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.501.

5. A QUESTÃO DO PODER ABSOLUTO: DESENVOLVIMENTO NA OBRA

5.1. TIBÉRIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

A construção narrativa de Suetônio trabalha no seguimento com a biografia de Tibério, personagem que ascendeu ao poder após Octaviano Augusto. No entanto, na perspectiva do autor, essa ascensão não teria ocorrido de modo tranquilo, pelo contrário: havia-se criado na época uma suspeita de que Octaviano Augusto teria aceitado a Tibério como seu sucessor muito mais por necessidade do que por vontade própria⁵⁹³. Segundo Suetônio, Tibério não teria demonstrado qualquer hesitação quanto a assumir e exercer o Principado, tendo em vista a designação para si de uma guarda militar – a força e o símbolo do poder absoluto; no entanto, por muito tempo ele teria recusado assumir essa função: conforme o autor, Tibério, representando a “comédia mais descarada”, criticava aos amigos que o incentivavam a assumir o poder, alegando que eles não sabiam o monstro que era o império; e assim, sempre com respostas ambíguas e uma astuciosa indecisão, deixava o Senado, que o reclamava, aguardando e em dúvidas, jogado aos seus pés⁵⁹⁴. Por fim, complementa Suetônio, tal como se fosse obrigado, Tibério teria aceitado o império, lamentando-se da miserável e onerosa servidão a que ele, a partir de então, estaria submetido⁵⁹⁵. Com verificamos nestas passagens, Suetônio apresenta um tom crítico em relação a Tibério, construindo em torno desse personagem uma atmosfera de temores. De fato, esse receio demonstrado por Tibério quanto a aceitar o Principado transparece, na perspectiva do autor, um comportamento um tanto quanto dissimulado: buscava deixar o Senado em expectativa, “aos seus pés”; em outras palavras, conforme Suetônio, Tibério simplesmente agia no sentido de desprestigiar o Senado romano, instituição

⁵⁹³ Suet. Tib. (XXIII,1). “*Testamenti initium fuit: "Quoniam atrox fortuna Gaium et Lucium filios mihi eripuit, Tiberius Caesar mihi ex parte dimidia et sextante heres esto."* Quo et ipso aucta suspicio est opinantium successorem ascitum eum necessitate magis quam iudicio, quando ita praefari non abstinerit.”

⁵⁹⁴ Suet. Tib. (XXIV,1) “*Principatum, quamvis neque occupare confestim neque agere dubitasset, et statione militum, hoc est vi et specie dominationis assumpta, diu tamen recusavit, impudentissimo mimo nunc adhortantis amicos increpans ut ignaros, quanta belua esset imperium, nunc precantem senatum et procumbentem sibi ad genua ambiguis responsis et callida cunctatione suspendens,...*”

⁵⁹⁵ Suet. Tib. (XXIV,2) “*Tandem quasi coactus et querens miseram et onerosam iniungi sibi servitutem, recepit imperium,*”

intensamente defendida pelo autor⁵⁹⁶. Também nessa passagem da obra Suetônio aponta ainda outro elemento interessante à nossa reflexão: ao “**poder absoluto**” estaria associado, no que se refere tanto ao seu aspecto simbólico como prático, o poder da força – o poder militar. Ora, novamente verificamos a constante crítica por parte do autor ao uso do exército como “prerrogativa de força e intimidação” no âmbito das ações e relações políticas, civis; uso, ademais, tão intensamente criticado por Suetônio durante a construção biográfica de Júlio César⁵⁹⁷.

Passando ao comportamento de Tibério ao início de seu Principado, Suetônio caracteriza no personagem qualidades dignas de consideração. De acordo com o autor, a conduta de Tibério teria se demonstrado, inicialmente, muito singela, tal como a de um particular; de fato, das muitas honras extraordinárias oferecidas a sua pessoa, acabara aceitando poucas delas⁵⁹⁸. Tibério seria também avesso às adulações, não permitindo que nenhum senador o acompanhasse em sua liteira, seja para saudá-lo, ou para falar de negócios; ademais, destaca Suetônio, se durante alguma conversa ou discurso alguém se referisse a ele através de termos aduladores, Tibério simplesmente não hesitava em interromper e censurar os elogios, urgindo a mudança das palavras⁵⁹⁹. Especialmente, complementa Suetônio,

⁵⁹⁶ De acordo com Pierre Grimal, “diz a tradição que Tibério tinha convicções republicanas. Como representante de uma das mais antigas e maiores famílias do Estado, podia desejar, bem no fundo de si mesmo, ocupar a sua posição numa cidade devolvida ao seu modelo tradicional, sem ter de suportar os inúmeros constrangimentos do cargo supremo [...] Começou por propor a restituição do poder ao Senado, voltando ele a ser um homem privado. Aparentemente desconcertados, os senadores não aceitaram a proposta que, obviamente, suscitava graves dificuldades, talvez insuperáveis. Todo o aparelho do Estado fora organizado em redor da pessoa de um príncipe. Que aconteceria se restabelecessem a velha alternância dos magistrados anuais, esse esboroamento sistemático do tempo e dos homens, que quase conduzira à perda de Roma? Tibério, no seu discurso ao Senado, a 17 de Setembro, parece ter tentado mostrar aos Pais a complexidade dos problemas, esboçando provavelmente os meios de os resolver, que se resumiam a suprimir a monarquia, conservando o que tinha de insubstituível. Os senadores ou não compreenderam ou fingiram não compreender e Tibério teve de aceitar receber, de uma só vez, todas as honras e poderes de Augusto. Além disso, foi acusado de hipocrisia, de ter representado uma cena e de ter rejeitado ostensivamente o que desejava em segredo. Doravante, estava formada, no novo príncipes, a imagem que a História iria reter, a de um tirano pérfido e sanguinário”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, pp.84-85.

⁵⁹⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXX, 5), página 106.

⁵⁹⁸ Suet. Tib. (XXVI,1) “*Verum liberatus metu civilem admodum inter initia ac paulo minus quam privatum egit. Ex plurimis maximisque honoribus praeter paucos et modicos non recepit.*”

⁵⁹⁹ Suet. Tib. (XXVII,1) “*Adulationes adeo aversatus est, ut neminem senatorum aut officii aut negotii causa ad lecticam suam admiserit, consularem vero satisfacientem sibi ac per genua orare conantem ita suffugerit, ut caderet supinus; atque etiam, si quid in sermone vel in continua oratione blandius de se diceretur, non dubitaret interpellare ac reprehendere et commutare continuo.*”

quando alguém o chamava de “senhor”, Tibério prontamente ordenava que nunca mais fosse atribuído a sua pessoa título assim injurioso; em distinta ocasião, continua o autor, quando determinada pessoa havia dito ao príncipe que “seus afazeres eram sagrados” e também outra que “havia ido ao Senado por ordem sua”, Tibério teria obrigado as duas a reformularem as expressões que utilizaram: que empregassem “por conselho seu” ao invés de “por ordem sua”, e “laboriosas” ao invés de “sagradas”⁶⁰⁰. Pois bem, como verificamos nesse momento da construção narrativa de Suetônio, Tibério apresenta um comportamento alinhado ao de Octaviano Augusto: este não teria aceitado abertamente todas as honras⁶⁰¹, e igualmente teria rechaçado o título de “senhor”⁶⁰², demonstrando-se contrário a essa forma de exercício do poder. Tibério, no pensamento político de Suetônio, consideramos aqui, acaba demonstrando um exemplo de conduta.

Suetônio, explorando as características positivas do comportamento de Tibério, confere destaque especial à relação do príncipe com o Senado. De acordo com o autor, Tibério demonstrava-se sereno e paciente diante das críticas, rumores ofensivos e versos difamatórios a respeito dele e os seus; inclusive, frequentemente ele teria repetido que, em uma cidade livre, a palavra e o pensamento deveriam também ser livres⁶⁰³. Tibério teria ainda declarado que, se alguém o contrariasse de alguma forma, antes de tudo ele procuraria explicar todos os seus atos e palavras; e caso a pessoa ainda insistisse, ele a odiaria à sua maneira⁶⁰⁴. De acordo com Suetônio, Tibério tratava a todos os que se dirigiam a ele com muito respeito, quase excedendo os limites da cortesia; certa ocasião, comenta o autor, ele teria dito perante o Senado que um príncipe útil e bom, sendo investido de um poder tão grande e ilimitado, deveria estar a serviço do Senado e de todos os cidadãos; Tibério, no que afirmava, considerava todos eles senhores bons, justos e

⁶⁰⁰ Suet. Tib. (XXVII,1) “*Dominus appellatus a quodam denuntiavit, ne se amplius contumeliae causa nominaret. Alium dicentem sacras eius occupationes et rursus alium, auctore eo senatum se adisse, verba mutare et pro auctore suasorem, pro sacris laboriosas dicere coegit*”.

⁶⁰¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LII, 1), páginas 140 e 141; e contrariamente a Júlio César, como observamos em Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁶⁰² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LIII, 1), página 141.

⁶⁰³ Suet. Tib. (XXVIII,1) “*Sed et adversus convicia malosque rumores et famosa de se ac suis carmina firmus ac patiens subinde iactabat in civitate libera linguam mentemque liberas esse debere;...*”

⁶⁰⁴ Suet. Tib. (XXVIII,1) “*Extat et sermo eius in senatu percivilis: "Siquidem locutus aliter fuerit, dabo operam ut rationem factorum meorum dictorumque reddam; si perseveraverit, in vicem eum odero."*

benevolentes⁶⁰⁵. De fato, complementa Suetônio, Tibério teria conseguido transmitir uma imagem de liberdade, preservando ao Senado e aos antigos magistrados sua antiga majestade e poder; e, nesse sentido, para qualquer assunto, Tibério sempre recorria ao parecer do Senado⁶⁰⁶. Pois bem, nesse momento da construção narrativa de Suetônio, referente ao início do Principado de Tibério, o autor contempla novamente o tema da relação entre o governante romano e a sociedade política, especialmente o Senado. Tibério, na representação de Suetônio, demonstra-se aqui um exemplo de príncipe, pois valorizava uma boa relação com todos os membros políticos; e mesmo quando atacado por estes, não teria procurado revidar, conciliando as opiniões. Ora, verificamos que Suetônio neste instante reitera no comportamento de Tibério o princípio da “**liberdade**”, ideal político relacionado ao grupo senatorial e que justamente expressa a sua legitimidade de livre pensamento e ação⁶⁰⁷. Octaviano Augusto, na biografia precedente, também fora representado por Suetônio defendendo esse mesmo preceito, e por isso mesmo acabou recendo uma caracterização positiva⁶⁰⁸. Por todo esse desenvolvimento da narrativa, não temos dúvidas de que o pensamento político de Suetônio encontra-se, portanto, alinhado ao do grupo senatorial, posicionando-se diretamente ao seu favor. O interessante nesse sentido foi também a declaração de Suetônio em relação ao pensamento de Tibério, também destacado no trecho acima: o príncipe deveria se colocar como servo dos seus “senhores”. Servo, aliás, especialmente dos senadores. Vejamos, acaba de ocorrer aqui uma inversão do próprio conceito de “**poder absoluto**” que estamos acompanhando e analisando no trabalho de Suetônio: o príncipe não apenas deveria evitar um comportamento descontrolado ou mesmo autoritário no poder, entrando em conflito com o grupo senatorial; mas

⁶⁰⁵ Suet. Tib. (XXIX,1) “*Atque haec eo notabiliora erant, quod ipse in appellandis venerandisque et singulis et universis prope excesserat humanitatis modum [...] Et deinde omnis adloquens: "Dixi et nunc et saepe alias, p. c., bonum et salutarem principem, quem vos tanta et tam libera potestate instruxistis, senatui servire debere et universis civibus saepe et plerumque etiam singulis; neque id dixisse me paenitet, et bonos et aequos et faventes vos habui dominos et adhuc habeo."*

⁶⁰⁶ Suet. Tib. (XXX,1) “*Quin etiam speciem libertatis quandam induxit conservatis senatui ac magistratibus et maiestate pristina et potestate. Neque tam parvum quicquam neque tam magnum publici privatique negotii fuit, de quo non ad patres conscriptos referretur*”. Na ressalva de Michael Grant, Tibério seria “grim, caustic, and suspicious and lacked Augustus’s talent for public relations. In particular, despite his strongly emphasized desire that the Senate should play its part in imperial decision making, he found it difficult to get on with senators, both individually and en masse”. GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: History Book Club, 1997, p.277.

⁶⁰⁷ Princípio moral, político, da tradição romana, conforme assinalado na introdução, página 12.

⁶⁰⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LIV, 1), página 143.

também, e principalmente, deveria consentir de sua relevante posição como defensor da tradição, dos senadores – os seus verdadeiros “senhores”. Trata-se aqui, portanto, de um importante elemento no pensamento político de Suetônio: a necessidade de submissão do príncipe frente ao Senado.

De acordo com Suetônio, Tibério, estabelecido no poder, aos poucos fora se demonstrando um verdadeiro príncipe; e por mais que fossem várias as provas de seu temperamento inconstante, teriam sido em maior quantidade as ocasiões em que ele se apresentou benévolo e disposto a servir aos interesses públicos⁶⁰⁹. No entanto, no que se refere aos aspectos da personalidade de Tibério, Suetônio não o poupou das críticas, atribuindo a ele os mais diversos vícios e um modo de agir dissimulado⁶¹⁰. Esses vícios, indignos, e na opinião de Suetônio, difíceis de acreditar, são demarcados pelo autor em praticamente todo o restante de sua construção narrativa⁶¹¹. Tibério, enfim, teria se demonstrado com sentimentos de crueldade e apatia naturais; inclusive, de acordo com Suetônio, no início de seu Principado, ele simplesmente teria fingido moderação com o objetivo de ganhar o favor do público⁶¹². Nesse sentido, podemos então refletir: no pensamento político de Suetônio, a “**moderação**” estaria associada no príncipe ao comportamento de constante respeito e observância em relação ao Senado, às tradições romanas; na direção contrária dessa conduta positiva e exemplar, encontramos a insensibilidade e a crueldade demonstradas por Tibério, contra os mesmos senadores, ao longo e final de seu governo⁶¹³; crueldade, ademais, que Suetônio intensamente afirmou,

⁶⁰⁹ Suet. Tib. (XXXIII,1) “*Paulatim principem exeruit praestititque etsi varium diu, commodiorem tamen saepius et ad utilitates publicas pronomiorem*”.

⁶¹⁰ Suet. Tib. (XLII,1) “*Ceterum secreti licentiam nactus et quasi civitatis oculis remotis, cuncta simul vitia male diu dissimulata tandem profudit*”.

⁶¹¹ Suet. Tib. (XLIV,1) “*Maiore adhuc ac turpiore infamia flagravit, vix ut referri audirive, nedum credi fas sit,...*”.

⁶¹² Suet. Tib. (LVII,1) “*Saeva ac lenta natura ne in puero quidem latuit;[...] Sed aliquanto magis in principe eluxit, etiam inter initia cum adhuc favorem hominum moderationis simulatione captaret.*”

⁶¹³ Conforme trabalha Gonzalo Bravo, “los últimos años del reinado de Tiberio fueron bastante confusos. Aunque los levantamientos provinciales en Panonia, Galia, África y Siria habían sido ejemplarmente reprimidos, un nuevo brote de violencia estalló en la plebe romana al hilo de una crisis financiera y de abastecimiento de grano que afectó a Italia en el 33 y salpicó a provincias ricas como la Bética, donde existían grandes fortunas. Por ello, acusado previamente de ‘depravación’, según Tácito, Tiberio ordenó la ejecución de Sexto Mario, el más rico propietario de la provincia, y confiscó todos sus bienes. Medidas similares le enfrentaron definitivamente con el grupo senatorial, sobre el que el emperador hizo repercutir la crisis financiera del Estado: cada senador fue obligado a ceder al Tesoro 1/3 de los beneficios devengados por préstamos realizados”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.503.

como aspecto negativo, na personalidade deste príncipe⁶¹⁴. No movimento da construção narrativa de Suetônio, portanto, o príncipe Tibério passa de bom para mau exemplo, e no critério dessa balança, como percebemos, encontra-se o modelo de relação com o Senado⁶¹⁵.

5.2. CALÍGULA NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

A narrativa de Suetônio tem sua continuidade com o filho adotivo e sucessor de Tibério no Principado, Calígula. No início deste relato biográfico, porém, quem recebe a atenção não é o novo príncipe, mas o seu pai biológico, Germânico. Suetônio, de fato, não poupa elogios a Germânico, destacando a singularidade de sua pessoa dentre todos os envolvidos no cenário político da época. Pois bem, logo que Tibério ascende ao poder, as legiões da Germânia, conforme o autor, teriam se revoltado e oferecido a Germânico o governo; este, porém, conteve esses desejos, demonstrando-se, de acordo com Suetônio, de um sentimento filial e constância de caráter dos maiores⁶¹⁶. Continua Suetônio, seria de opinião geral que Germânico tivera a sorte de possuir todas as “virtudes físicas e espirituais”, e dentro de uma medida maior do que qualquer um jamais possuiu antes: ele seria de uma beleza e fortaleza extraordinárias, um gênio que o fazia se destacar na eloquência e na erudição tanto no grego como no latim, de uma benevolência excepcional, e de uma admirável e eficiente capacidade em conquistar a amizade e o afeto de todos os homens⁶¹⁷. Ademais, teria sido da maior benevolência e clemência com todos os

⁶¹⁴ Suet. Tib. (LXI,1) “*Singillatim crudeliter facta eius exequi longum est; genera, velut exemplaria saevitiae, enumerare sat erit*”.

⁶¹⁵ Sobre Tibério no poder, Pierre Grimal afirma “Na aparência, nada mudara; mas, de facto, segundo as palavras de Tácito, todos compreendiam ‘que [Tibério] não se considerava um cidadão comum’ (Anais, I,72,2), pois voltara a vigorar a ‘lei de majestade’, que datava da República e na origem dizia respeito aos crimes de alta traição, mas que agora era utilizada para punir as publicações sediciosas, em particular as que circulavam entre o público e denunciavam a crueldade, o orgulho de Tibério e as suas dissensões com Lúvia. Viola-se, assim, o próprio princípio da *Libertas*, a igualdade de todos os cidadãos perante a lei”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.85.

⁶¹⁶ Suet. Cal. (I,1) “... *missusque ad exercitum in Germaniam, excessu Augusti nuntiato, legiones universas imperatorem Tiberium pertinacissime recusantis et sibi summam rei p. deferentis incertum pietate an constantia maiore compescuit atque hoste mox devicto triumphavit*”.

⁶¹⁷ Suet. Cal. (III,1) “*Omnes Germanico corporis animique virtutes, et quantas nemini cuiquam, contigisse satis constat: formam et fortitudinem egregiam, ingenium in utroque eloquentiae*

seus detratores, independente dos motivos, ou mesmo da grandeza do ocorrido; inclusive, contra Pisão, que anulava todos os seus decretos e também perseguia os seus clientes, não teria se decido contrapor a este imediatamente; e quando teve de fazê-lo, não teria rompido os laços de amizades, assim seguindo o costume dos antigos; nesta última ocasião, teria igualmente solicitado aos amigos próximos que, se por acaso algo lhe acontecesse, não se vingassem diretamente contra Pisão⁶¹⁸. Assim, de acordo com Suetônio, todas essas virtudes teriam resultado em ótimos frutos, tendo em vista que Germânico se viu muito apreciado e querido por todos os seus, ganhando o favor e a recomendação de Octaviano Augusto para a sua adoção por Tibério, tornando-se finalmente um homem de grande popularidade⁶¹⁹. Como verificamos neste início da biografia, Suetônio encontrou espaço em sua narrativa para caracterizar os aspectos de uma vida que não àquelas dos “doze césores”. Essa dedicação muito provavelmente se deve ao fato de que Germânico, na construção de Suetônio, fora considerado um exemplo de comportamento político – um personagem alinhado ao que o próprio autor considerava ideal. De fato, são diversos os valores morais projetados em Germânico; chama a nossa atenção, no entanto, o destaque à sua “**constância**” de comportamento – uma regularidade de conduta; valor, ademais, que faltara no príncipe anterior, Tibério: um homem muito inconstante, variante em seu modo de ser e agir⁶²⁰. Consideramos, porém, ainda mais importante o destaque de Suetônio ao comportamento sempre conciliador de Germânico: este praticava a benevolência inclusive com os seus detratores, não importante a gravidade do ocorrido; o exemplo de Pisão, forte opositor ao personagem, surge na construção narrativa como exemplo dessa questão: independente de tudo, ele não teve a sua amizade negada por Germânico e não sofreria, por uma promessa deste, retaliações ou vinganças futuras. Ora, novamente encontramos aqui o pensamento político de Suetônio em uma de suas

doctrinaeque genere praecellens, benivolentiam singularem conciliandaeque hominum gratiae ac promerendi amoris mirum et efficax studium.”

⁶¹⁸ Suet. Cal. (III,3) “*Obtrectatoribus etiam, qualescumque et quantacumque de causa nactus esset, lenis adeo et innoxius, ut Pisoni decreta sua rescindenti, clientelas divexanti non prius suscensere in animum induxerit, quam veneficiis quoque et devotionibus impugnari se comperisset; ac ne tunc quidem ultra progressus, quam ut amicitiam ei more maiorum renuntiaret mandaretque domesticis ultionem, si quid sibi accideret*”.

⁶¹⁹ Suet. Cal. (IV,1) “*Quarum virtutum fructum uberrimum tulit, sic probatus et dilectus a suis, ut Augustus – omitto enim necessitudines reliquas – diu cunctatus an sibi successorem destinaret, adoptandum Tiberio dederit; sic vulgo favorabilis,...*”

⁶²⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXXIII,1), página 166.

características marcantes: a necessidade de manutenção da “liberdade” de ação e pensamento da sociedade política, dos membros senatoriais. O interessante é que Suetônio constrói e destaca no exemplo político de Germânico essa consciência de respeito em relação ao universo político da época, assim fortalecendo o seu pensamento político na obra. Pisão, relembramos aqui, era importante membro dessa sociedade política ao início do Principado, tendo sido cônsul em 7 a.C., proconsul na África entre 6 a.C. e 12 d.C., e finalmente Legado da Síria, em 17 d.C. Pisão acabou sendo condenado pelo Senado, acusado da morte de Germânico; o curioso é que Suetônio, encerrando toda essa situação, declara que Pisão nada mais foi do que um simples instrumento e agente de Tibério, de sua maldade⁶²¹. Ou seja, o autor parece aliviar o senador Pisão, e ainda culpa Tibério.

Na construção narrativa de Suetônio, Calígula é apontado como um homem de natureza cruel e depravada⁶²²; inclusive, teria desejado envenenar a Tibério, afirmação que não seria de todo inverossímil, de acordo com Suetônio⁶²³. Pois bem, segundo o autor, Calígula teria alcançado o império buscando satisfazer os desejos não apenas do povo romano, mas de todo o gênero humano, tornando-se ele, quando da morte de Tibério, o príncipe mais desejado não apenas da parte dos provinciais e dos soldados, mas também da plebe de Roma – esta que muito se lembrava de seu pai, Germânico⁶²⁴. Perante todo esse clamor, e por vontade unânime do Senado e de uma multidão presente na Cúria, fora concedido então a Calígula o “direito de arbítrio dos homens”, a despeito da vontade declarada em testamento por Tibério; este, no que destaca Suetônio, teria desejado que seu outro neto fosse designado coerdeiro⁶²⁵ no Principado⁶²⁶. E nesse momento, complementa

⁶²¹ Suet. Cal. (II,1) “*Obiit autem, ut opinio fuit, fraude Tiberi, ministerio et opera Cn. Pisonis, qui sub idem tempus Syriae praepositus, nec dissimulans offendendum sibi aut patrem aut filium, quasi plane ita necesse esset, etiam aegrum Germanicum gravissimis verborum ac rerum acerbitatibus nullo adhibito modo adfecit; propter quae, ut Romam rediit, paene discerptus a populo, a senatu capitis damnatus est.*”

⁶²² Suet. Cal. (XI,1) “*Naturam tamen saevam atque probrosam ne tunc quidem inhibere poterat,...*”

⁶²³ Suet. Cal. (XII,3) “*Nec abhorret a veritate, cum sint quidam auctores, ipsum postea etsi non de perfecto, at certe de cogitato quondam parricidio professum;...*”

⁶²⁴ Suet. Cal. (XIII,1) “*Sic imperium adeptus, populum Romanum, vel dicam hominum genus, voti compotem fecit, exoptatissimus princeps maximae parti provincialium ac militum, quod infantem plerique cognoverant, sed et universae plebi urbanae ob memoriam Germanici patris miserationemque prope afflictas domus.*”

⁶²⁵ Conforme Pierre Grimal, “O imperador tinha dois sucessores possíveis, Gaio (o futuro Calígula), filho de Germânico, e o seu próprio neto pelo sangue, Tibério Gemelo. Ambos pertenciam à gens Julia. Eram, pois, ambos elegíveis. Mas Gaio, nascido em 31 de agosto do ano 12 d.C., era mais

Suetônio, Calígula teria procurado a popularidade entre as pessoas⁶²⁷, fazendo meramente tudo o que podia com o fim de agradá-las⁶²⁸. Como verificamos aqui, Suetônio trata da ascensão de Calígula ao Principado logo deixando claro a sua crítica ao personagem, destacando a “crueldade” natural de sua pessoa; alusão, ademais, que remete o leitor imediatamente a uma das piores características do príncipe anterior, Tibério. No entanto, torna-se interessante aqui o uso por parte do autor da expressão “**direito de arbítrio dos homens**”, na referência ao exercício do Principado; no pensamento político de Suetônio, podemos então considerar, Calígula não estaria investido com uma forma de “**poder absoluto**”, permitindo a ele o abuso de autoridade; mas sim com uma forma de poder “atribuída” a ele pelo Senado e o povo de Roma, repousando nele, assim, a grande responsabilidade do arbítrio e controle social – condição, portanto, para a paz.

Suetônio, dentro de sua construção narrativa, refere-se a Calígula como um “monstro”⁶²⁹, não poupando exemplos para caracterizá-lo assim. Em mais uma de suas anedotas, Suetônio comenta que, determinada ocasião, quando Calígula se encontrava na presença de alguns reis, os quais tinham vindo a Roma para homenageá-lo, o príncipe teria exclamado, em meio a uma conversa sobre a nobreza da linhagem de cada um: “Que haja apenas um soberano, um só rei”; de acordo com Suetônio, pouco faltou para que, nesse mesmo momento, Calígula não tomasse para si o diadema, convertendo a aparência do Principado em uma

velho do que Gemelo, que tinha certa de oito anos a menos. Quando Tibério morreu, a 16 de março de 37, provavelmente sufocado pelos cobertores por obra de Macron [prefeito do pretório], este apressou-se a ordenar aos soldados presentes que prestassem juramento a Gaio, e depois partiu para Roma, convocou o Senado e conseguiu, sem dificuldade, que Gaio fosse oficialmente proclamado imperador, ao mesmo tempo que lhe era atribuído o poder tribunicio, principal instrumento do poder desde Augusto”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, pp.86-87.

⁶²⁶ Suet. Cal. (XIV,1) “*Ingressoque urbem, statim consensu senatus et irrumpentis in curiam turbae, inrita Tiberi voluntate, qui testamento alterum nepotem suum praetextatum adhuc coheredem ei dederat, ius arbitriumque omnium rerum illi permissum est tanta publica laetitia, ut tribus proximis mensibus ac ne totis quidem supra centum sexaginta milia victimarum caesa tradantur*”.

⁶²⁷ Conforme Gonzalo Bravo, fora exatamente Calígula “el responsable de dilapidar el Tesoro público mediante donativos a la plebe romana y a los pretorianos, juegos y obras públicas en honor de su persona o de su familia”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.503.

⁶²⁸ Suet. Cal. (XV,1) “*Incendebat et ipse studia hominum omni genere popularitatis*”.

⁶²⁹ Suet. Cal. (XXII,1) “*Hactenus quasi de principe, reliqua ut de monstro narranda sunt*”.

monarquia⁶³⁰. Porém, complementa Suetônio, como nesse instante Calígula fora lembrado que ele já havia ultrapassado a grandeza dos príncipes e dos reis, começou, desse momento em diante, a se atribuir uma majestade divina; teria, exatamente com essa intenção, criado um templo especial para a própria divindade, com uma imagem dele em ouro⁶³¹. Ademais, também destaca Suetônio, o comportamento demonstrado por Calígula com os seus amigos e aliados não fora considerado dos melhores, retribuindo com uma morte cruel o serviço prestado por todos eles⁶³²; no mesmo sentido, sua conduta em relação ao Senado romano não fora mais respeitosa ou benevolente: destratou vários senadores que haviam assumido as mais nobres das magistraturas; inclusive, teria ordenado a execução de muitos deles, em segredo⁶³³. Quanto às demais ordens, Calígula não teria apresentado conduta diferente, tratando a todos com a mesma soberba e violência⁶³⁴. Pois bem, como verificamos nesse momento, a construção narrativa de Suetônio novamente contempla, dentro de seu trabalho biográfico, uma discussão em relação à questão da monarquia: Calígula, considerado pelo autor “um monstro”, desejava ser rei⁶³⁵. Ora, desde a biografia de Júlio César essa questão desperta as

⁶³⁰ Suet. Cal. (XXII,1) “*Compluribus cognominibus adsumptis – nam et "pius" et "castrorum filius" et "pater exercituum" et "optimus maximus Caesar" vocabatur – cum audiret forte reges, qui officii causa in urbem advenerant, concertantis apud se super cenam de nobilitate generis, exclamavit: Εἷς κοίπavος ἔστω, εἷς βασιλεύς. Nec multum afuit quin statim diadema sumeret speciemque principatus in regni formam converteret.*”

⁶³¹ Suet. Cal. (XXII,3) “*Templum etiam numini suo proprium et sacerdotes et excogitatissimas hostias instituit. In templo simulacrum stabat aureum iconicum amiciebaturque cotidie veste, quali ipse uteretur.*”

⁶³² Suet. Cal. (XXVI,1) “*Leve ac frigidum sit his addere, quo propinquos amicosque pacto tractaverit, Ptolemaeum regis lubae filium, consobrinum suum – erat enim et is M. Antoni ex Selene filia nepos – et in primis ipsum Macronem, ipsam Enniam, adiutores imperii; quibus omnibus pro necessitudinis iure proque meritorum gratia cruenta mors persoluta est.*”

⁶³³ Suet. Cal. (XXVI,2) “*Nihilo reverentior leniorve erga senatum, quosdam summis honoribus functos ad essedum sibi currere togatos per aliquot passuum milia et cenanti modo ad pluteum modo ad pedes stare succinctos linteo passus est; alios cum clam interemisset, citare nihilo minus ut vivos perseveravit, paucos post dies voluntaria morte perisse mentitus.*”

⁶³⁴ Suet. Cal. (XXVI,4) “*Simili superbia violentiaque ceteros tractavit ordines.*”

⁶³⁵ Sobre essa questão, Gonzalo Bravo afirma que, “en los cuatro años que permaneció en el trono (37-41) Cayo introdujo importantes innovaciones en la política imperial, entre las que destaca sin duda una concepción teocrática del poder más propia de las monarquías orientales (persa o helenística) que de las ‘limitadas’ atribuciones de un *princeps* romano. En este sentido potenció las formas y ritos del culto imperial, que hizo extensivo a los miembros femeninos de su familia (abuela, esposa y hermanas). Se hizo adorar como un dios y procuró que se le levantaran estatuas en templos y edificios públicos; exigió la ‘*proskynesis*’ o prostración ante su presencia a todos los ciudadanos según la costumbre de los reyes persas; al modo de la realeza egipcia, mantuvo relaciones incestuosas con su hermana Drusila, a quien hizo deificar tras su muerte;

críticas do autor⁶³⁶, tendo em vista que Suetônio aproxima e relaciona a ideia de “monarquia” com a de “poder absoluto”. Suetônio confirma essa predisposição negativa no comportamento de Calígula ao comentar também o seu desejo pela “divinização em vida”, outra característica em Júlio César⁶³⁷, veementemente negada por Octaviano Augusto⁶³⁸ e mesmo por Tibério⁶³⁹. Consequência de sua personalidade e ações, o comportamento “cruel” de Calígula passaria a se manifestar cada vez mais, atingindo os mais diversos membros da sociedade romana, com destaque especial para os senadores – afligidos em segredo⁶⁴⁰.

Suetônio, reforçando a crueldade do caráter de Calígula⁶⁴¹, comenta que, à imensa barbárie de seus atos, acrescenta-se a atrocidade de suas palavras⁶⁴². De fato, muitas vezes teria repetido as seguintes palavras: “Que me odeiem, desde que me temam”⁶⁴³. Continua Suetônio, Calígula teria investido frequentemente contra os senadores, acusando-os de se aliarem a Sejano ou mesmo de serem delatores de sua mãe e irmãos⁶⁴⁴; chegou inclusive a defender a crueldade de Tibério como algo inevitável, tendo em vista que não se poderia mesmo acreditar em tantos

ordenó la ejecución o indujo al suicidio a algunos altos funcionarios...”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.504.

⁶³⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossas análises de Suet. Jul. (IX, 2), páginas 93 e 94; Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110 ; Suet. Jul. (LXXVII, 1), página 111; e também Suet. Jul. (LXXIX, 2), página 113.

⁶³⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁶³⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LII, 1), páginas 140 e 141.

⁶³⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXVII,1), página 163.

⁶⁴⁰ Pierre Grimal reitera as críticas a Calígula nesse momento, afirmando “Com Gaio, tinham-se afirmado as tendências do regime para se transformar em tirania. Ostensivamente, desprezara o Senado, destituíra, condenara à morte os magistrados regularmente eleitos. Para além de vãs aparências, nada restava do equilíbrio jurídico tão laboriosamente elaborado por Augusto. Lembrando-se de que António fora seu antepassado, Gaio parecia querer continuá-lo, imitar o luxo de que se rodeava e tornar-se verdadeiramente um rei”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.87.

⁶⁴¹ Suet. Cal. (XXVII,1) “*Saevitiam ingenii per haec maxime ostendit.*”

⁶⁴² Suet. Cal. (XXIX,1) “*Immanissima facta augebat atrocitate verborum.*”

⁶⁴³ Suet. Cal. (XXX,1) “*tragicum illud subinde iactabat: Oderint, dum metuant.*”

⁶⁴⁴ Lúcio Élio Sejano (20 a.C. – 31 d.C.) foi Prefeito do Pretório à época de Trajano. Conforme Pierre Grimal, Sejano “arquitecta o projecto de vir a ser imperador [...] Antónia a Nova, mãe de Germânico, teve a coragem de denunciar ao príncipe as manobras do prefeito e, julgando-se perto de alcançar o seu objecto, Sejano foi acusado perante o Senado, por uma carta de Tibério, e imediatamente executado”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.86.

acusados⁶⁴⁵. Suetônio acusa Calígula de atacar aos homens de “todas as épocas”, pois este seria levado pela inveja e malevolência não menos que pela soberba e crueldade; prova disso, aponta Suetônio, o príncipe teria ordenado que as estátuas de homens ilustres, trasladadas do Capitólio ao Campo de Marte por ordem de Octaviano Augusto, fossem todas derrubadas⁶⁴⁶. Calígula, de acordo com Suetônio, após uma expedição sem motivos a terras germânicas, onde teve sua única experiência nas armas e guerra⁶⁴⁷, quando chamado de volta a Roma, teria dito a todos que regressava para “aqueles que o desejavam”, ou melhor: para a ordem equestre e o povo, e não para os senadores, tendo em vista que para o Senado ele já não voltaria a ser cidadão ou príncipe⁶⁴⁸. Complementa então Suetônio, Calígula encontrou a morte, assassinado, pouco tempo depois, após ter se atrevido no cometimento de “grandes crimes”; porém, não sem projetar outros ainda mais consideráveis, promovendo a morte aos membros mais distintos das duas ordens⁶⁴⁹. No que verificamos nessa passagem da obra, Suetônio reafirma, por meio de sua construção biográfica, a personalidade negativa de Calígula, o seu mau exemplo político; de fato, Suetônio chegou mesmo a declarar que Calígula apresentava em si um forte desequilíbrio mental, resultado de todos os seus vícios⁶⁵⁰. Pois bem, nesse pensamento, as diversas e constantes agressões de Calígula diretamente contra a

⁶⁴⁵ Suet. Cal. (XXX,2) “*Saepe in cunctos pariter senatores ut Seiani clientis, ut matris ac fratrum suorum delatores, invecus est prolati libellis, quos crematos simulaverat, defensioneque Tiberi saevitia quasi necessaria, cum tot criminantibus credendum esset*”.

⁶⁴⁶ Suet. Cal. (XXXIV,1) “*Nec minore livore ac malignitate quam superbia saevitiaque paene adversus omnis aevi hominum genus grassatus est. Statuas virorum inlustrium ab Augusto ex Capitolina area propter angustias in campum Martium conlatas ita subvertit atque disiecit ut restitui salvis titulis non potuerint, vetuitque posthac viventium cuiquam usquam statuam aut imaginem nisi consulto et auctore se poni*”.

⁶⁴⁷ Suet. Cal. (XLIII,1) “*Militiam resque bellicas semel attigit neque ex destinato, sed cum ad visendum nemus flumenque Clitumni Mevaniam processisset, admonitus de supplendo numero Batavorum, quos circa se habebat, expeditionis Germanicae impetum cepit*”.

⁶⁴⁸ Suet. Cal. (XLIX,1) “*Aditus ergo in itinere a legatis amplissimi ordinis ut maturaret orantibus, quam maxima voce: “veniam,” inquit, “veniam, et hic mecum,” capulum gladii crebro verberans, quo cinctus erat. Edixit et reverti se, sed iis tantum qui optarent, equestri ordini et populo; nam se neque civem neque principem senatui amplius fore*”. Michael Grant comenta que, neste retorno, Calígula “gave expression to far-reaching ideas for the conversion of the tactful Augustan principate into a through-going autocratic system on the lines of the absolute monarchies of Greece”. GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: History Book Club, 1997, p.280.

⁶⁴⁹ Suet. Cal. (XLIX,2) “*intraque quartum mensem periit, ingentia facinora ausus et aliquanto maiora moliens, siquidem proposuerat Antium, deinde Alexandream commigrare interempto prius utriusque ordinis electissimo quoque*”.

⁶⁵⁰ Suet. Cal. (LI,1) “*Statura fuit eminenti, colore expallido, corpore enormi, gracilitate maxima cervicis et crurum, oculis et temporibus concavis, fronte lata et torva, capillo raro at circa verticem nullo, hirsutus cetera*”.

sociedade política da época, e especialmente contra senadores, poderiam ser consideradas como sérios “desvios” de comportamento do príncipe: o qual estaria descumprindo com a sua função de árbitro da sociedade romana. Conforme Suetônio, quando ocorreu e circulou a notícia da morte de Calígula, muitos teriam acreditado que se tratava de mais uma mentira, orquestrada pelo próprio príncipe, a fim de que pudesse descobrir o que as pessoas estavam pensando a respeito dele naquele exato momento⁶⁵¹. No decorrer de toda essa circunstância, destaca Suetônio, como ninguém de imediato fora declarado sucessor ao príncipe morto, o Senado teria se demonstrado unânime em querer reestabelecer a liberdade; os cônsules teriam convocado todos os senadores no Capitólio, dentre os quais, alguns, propuseram que se abolisse a memória dos Césares, e que todos os seus templos fossem destruídos; outros, por sua vez, observaram que todos aqueles que levavam o prenome “Caio” haviam perecido violentamente, a começar pelo primeiro deles, que fora assassinado⁶⁵². O modelo político do Principado, como verificamos, estava sendo repensado após as “desventuras” de Calígula.

5.3. CLÁUDIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Irmão de Germânico, Cláudio, por suas várias debilidades físicas⁶⁵³, não contava no círculo de homens da família projetados, possivelmente, ao Principado. De acordo com Suetônio, Cláudio, ainda que se dedicasse com muito entusiasmo aos estudos liberais, não conseguira conquistar nenhuma consideração ou melhores esperanças para o seu futuro; sua própria mãe, Antônia, teria repetido com grande

⁶⁵¹ Suet. Cal. (LX,1) “*Conditionem temporum illorum etiam per haec aestimare quivis possit. Nam neque caede vulgata statim creditum est, fuitque suspicio ab ipso Gaio famam caedis simulatam et emissam, ut eo pacto hominum erga se mentes deprehenderet.*”

⁶⁵² Suet. Cal. (LX,1) “*neque coniurati cuiquam imperium destinaverunt; et senatus in asserenda libertate adeo consensit, ut consules primo non in curiam, quia lulia vocabatur, sed in Capitolium convocarent, quidam vero sententiae loco abolendam Caesarum memoriam ac diruenda templa censuerint. Observatum autem notatumque est in primis Caesares omnes, quibus Gai praenomen fuerit, ferro perisse, iam inde ab eo, qui Cinnanis temporibus sit occisus.*”

⁶⁵³ Suet. Cl. (II,1) “*Infans autem relictus a patre ac per omne fere pueritiae atque adulescentiae tempus variis et tenacibus morbis conflictatus est, adeo ut animo simul et corpore hebetato ne progressa quidem aetate ulli publico privatoque muneri habilis existimaretur.*”

frequência que ele era uma obra que a “natureza havia deixado sem terminar”⁶⁵⁴. Assim, limitado por Octaviano Augusto⁶⁵⁵ e Tibério⁶⁵⁶, Cláudio teria alcançado as honras somente durante o Principado de Calígula, no qual teria conseguido exercer o consulado, durante dois meses⁶⁵⁷. Aos cinquenta anos, repentinamente, Cláudio chegou ao poder; e na opinião de Suetônio, devido a mais surpreendente casualidade⁶⁵⁸. De acordo com o autor, entre os tumultos decorrentes do assassinato de Calígula, Cláudio fora encontrado, escondido atrás das cortinas, por um soldado; reconhecido e saudado como imperador, fora imediatamente levado para o acampamento dos pretorianos⁶⁵⁹. Na sequência dos fatos, continua Suetônio, Cláudio fora convocado para comparecer junto aos cônsules, senadores e tropas urbanas, todos eles reunidos com o intuito de proclamarem a liberdade; Cláudio teria sido retido, através da violência, pela importância daquele momento⁶⁶⁰. Porém, no outro dia, o Senado já demonstrava grande desânimo em relação à execução de seus propósitos; desânimo principalmente motivado pela diversidade de pareceres e desacordos entre eles, assinala Suetônio; assim, tendo em vista todos esses conflitos e com a grande multidão ao redor da Cúria clamando por somente um

⁶⁵⁴ Suet. Cl. (III,1) “*Disciplinis tamen liberalibus ab aetate prima non mediocrem operam dedit ac saepe experimenta cuiusque etiam publicavit. Verum ne sic quidem quicquam dignitatis assequi aut spem de se commodiorem in posterum facere potuit. Mater Antonia portentum eum hominis dictitabat, nec absolutum a natura, sed tantum incohatum;*”

⁶⁵⁵ Suet. Cl. (IV,7) “*Nec dubium est, quid post haec Augustus constituerit, et reliquerit eum nullo praeter auguralis sacerdotii honore impertitum ac ne heredem quidem nisi inter tertios ac paene extraneos e parte sexta nuncuparet, legato quoque non amplius quam octingentorum sestertiorum prosecutus.*”

⁶⁵⁶ Suet. Cl. (V,1) “*Tiberius patruus petenti honores consularia ornamenta detulit; sed instantius legitimos flagitanti id solum codicillis rescripsit, quadraginta aureos in Saturnalia et Sigillaria misisse ei.*”

⁶⁵⁷ Conforme denota Pierre Grimal, Cláudio “outrora considerado por Lúvia um ser incompleto, ridículo, e a quem Augusto recusara qualquer cargo oficial, para além de tirar augúrios, o que não implicava nenhuma verdadeira responsabilidade. Tibério, seu tio, tratara-o do mesmo modo. Fora um pouco mais bem aceite pelo sobrinho Gaio, que não se coíbia, porém de o ridicularizar na vida quotidiana”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.88.

⁶⁵⁸ Suet. Cl. (X,1) “*Per haec ac talia maxima aetatis parte transacta quinquagesimo anno imperium cepit quantumvis mirabili casu.*”

⁶⁵⁹ Suet. Cl. (X,1-2) “*...neque multo post rumore caedis exterritus prorepsit ad solarium proximum interque praetenta foribus uela se abdidit. Latentem discurrens forte gregarius miles, animadversis pedibus, studio sciscitandi quisnam esset, agnovit extractumque et prae metu ad genua sibi adcidentem imperatorem salutavit. Hinc ad alios commilitones fluctuantis nec quicquam adhuc quam frementis perduxit.*”

⁶⁶⁰ Suet. Cl. (X,3) “*Nam consules cum senatu et cohortibus urbanis forum Capitoliumque occupaverant asserturi communem libertatem; accitusque et ipse per tr. pl. in curiam ad suadenda quae viderentur, vi se et necessitate teneri respondit.*”

governante⁶⁶¹, fora então permitido que os soldados em armas, reunidos em assembleia, prestassem juramento a Cláudio; este, imediatamente, teria prometido a cada um deles uma soma de quinze mil sestércios; na opinião declarada por Suetônio⁶⁶², Cláudio teria sido, portanto, o primeiro César que teria recorrido ao dinheiro para conseguir assegurar a lealdade dos soldados⁶⁶³.

Cláudio, segue a narrativa de Suetônio, uma vez no poder, considerou da maior importância apagar a memória daqueles dois dias em que hesitou no que diz respeito à mudança do regime; assim teria decretado anistia total e definitiva para todos os atos e palavras que circularam por entre esses tempos, condenando à morte unicamente alguns poucos tribunos e centuriões – entre todos os que haviam conspirado contra Calígula ou mesmo desejado a sua morte, para que, enfim, servissem de exemplo⁶⁶⁴. Suetônio, na construção narrativa dos momentos iniciais do Principado de Cláudio, estabeleceu vários elogios em relação ao seu comportamento, tornando-o um exemplo contraposto ao de Calígula⁶⁶⁵. De acordo com o autor, quanto à busca por glória, Cláudio teria se demonstrado modesto e de

⁶⁶¹ Segundo Pierre Grimal, “alguns senadores tentavam obter a abolição do principado e a proclamação da República. Mas o povo não desejava o regresso dessa *Libertas*, que deixara tão más recordações, e exigia um chefe. A ideia monárquica encontrava-se profundamente enraizada nos espíritos. O principado surgia como o único regime possível. Tudo dependia da pessoa que o exercesse. Mais uma vez, prevaleceu o prestígio inseparável do nome de Germânico”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.88.

⁶⁶² Suet. Cl. (X,4) “*erum postero die et senatu segniore in exequendis conatibus per taedium ac dissensionem diversa censentium et multitudine, quae circumstabat, unum rectorem iam et nominatim exposcente, armatos pro contione iurare in nomen suum passus est promisitque singulis quina dena sestertia, primus Caesarum fidem militis etiam praemio pigneratus.*”

⁶⁶³ Importante destacar também a seguinte reflexão de Pierre Grimal, “Será lícito pensar, como muitos historiadores modernos, que esta subida ao poder de Cláudio resultou de um pronunciamento imposto pelos soldados? Na realidade, é possível descortinar, para além das aparências, um retorno, decerto inconsciente, aos procedimentos mais antigos da cidade, aqueles que, sete séculos atrás, acompanhavam a investidura dos reis. Não falta nem a presença activa do ‘povo’ (*populus*), manifestada pelas aclamações da multidão, nem a vontade dos soldados, nem a ratificação pelo Senado, consagrando, pela sua *auctoritas*, os voltos das outras duas componentes do Estado. Todas as condições estavam reunidas para que Cláudio recebesse ao mesmo tempo o *imperium militar* e o poder civil”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.88.

⁶⁶⁴ Suet. Cl. (XI,1) “*Imperio stabilito nihil antiquius duxit quam id biduum, quo de mutando rei p. statu haesitatum erat, memoriae eximere. Omnium itaque factorum dictorumque in eo veniam et oblivionem in perpetuum sanxit ac praestitit, tribunis modo ac centurionibus paucis e coniuratorum in Gaium numero interemptis, exempli simul causa et quod suam quoque caedem depoposcisse cognoverat.*”

⁶⁶⁵ De fato, conforme aponta Gonzalo Bravo, “aunque no tenía mucha experiencia política y aún menos militar, Claudio adoptó deliberadamente la política opuesta a la de su predecesor emulando en cambio la diseñada por Augusto o Tiberio”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.505.

uma simplicidade republicana; teria, inclusive, renunciado ao título de imperador e também a outras tantas honrarias, excessivas⁶⁶⁶. Demonstrando considerável respeito em relação ao Senado, aos cônsules e aos magistrados, Cláudio teria conseguido em muito pouco tempo grande estima e o favor de todos, conforme Suetônio; a tal ponto que, perante um rumor a respeito de sua morte, o povo logo se agitara, desferindo maldições aos soldados e senadores, chamando todos eles, respectivamente, de traidores e parricidas⁶⁶⁷. Diligente para com a justiça⁶⁶⁸, Cláudio, no que passa a comentar Suetônio em tom crítico, demonstrava-se inconstante nos processos que instruía e sentenciava: algumas vezes era prudente e cuidadoso; outras, irreflexivo e impetuoso; e ainda, em outras ocasiões, de uma frivolidade beirando a própria loucura⁶⁶⁹. Para o autor, essa conduta instável o teria desacreditado frente a todos, chegando ao ponto dele se ver abertamente menosprezado⁶⁷⁰. Da mesma forma, continua Suetônio, quando assumiu a censura, Cláudio teria exercido a função de modo inconstante, demonstrando-se de um ânimo excessivamente variável⁶⁷¹. Como verificamos nestas passagens da construção narrativa de Suetônio, Cláudio foi inicialmente representado destacando-se as suas qualidades positivas, a saber: o bom relacionamento que teria mantido em relação à sociedade política da época. No entanto, Suetônio não demora em atribuir às subsequentes ações de Cláudio um caráter consideravelmente negativo, e tudo em

⁶⁶⁶ Suet. Cl. (XII,1) "*At in semet augendo parcus atque civilis praenomine Imperatoris abstinuit, nimios honores recusavit, sponsalia filiae natalemque geniti nepotis silentio ac tantum domestica religione transegit*".

⁶⁶⁷ Suet. Cl. (XII,3) "*Quare in brevi spatio tantum amoris fauorisque collegit, ut cum profectum eum Ostiam perisse ex insidiis nuntiatum esset, magna consternatione populus et militem quasi proditorem et senatum quasi parricidam diris execrationibus incessere non ante destiterit, quam unus atque alter et mox plures a magistratibus in rostra producti saluum et appropinquare confirmarent*".

⁶⁶⁸ Suet. Cl. (XIV,1) "*Ius et consul et extra honorem laboriosissime dixit, etiam suis suorumque diebus sollemnibus, nonnumquam festis quoque antiquitus et religiosus*".

⁶⁶⁹ Suet. Cl. (XV,1) "*In cognoscendo autem ac decernendo mira varietate animi fuit, modo circumspectus et sagax, interdum inconsultus ac praeceps, nonnumquam friuolus amentique similis*".

⁶⁷⁰ Suet. Cl. (XV,3) "*Propter quae usque eo eviluit, ut passim ac propalam contemptui esset*".

⁶⁷¹ Suet. Cl. (XVI,1) "*Gessit et censuram intermissam diu post Plancum Paulumque censores, sed hanc quoque inaequaliter varioque et animo et eventu*". Gonzalo Bravo destaca que, no ano de 47 d.C., Cláudio "asumió la censura y pretendió incluir en el Senado a los 'nobles' de las Tres Galias, pero los senadores sólo permitieron la introducción de un grupo de eduos [...] Esta política de promoción social llevó a Claudio a otorgar la ciudadanía romana a pueblos entodos como los anauanos, a individuos de origen oriental y a grupos de veteranos del ejército". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.506.

função, principalmente, de uma característica marcante no personagem: a inconstância – algo, no pensamento do autor, a ser evitado.

Quanto ao seu trabalho na administração do Império, Suetônio releva o comportamento de Cláudio e destaca vários pontos positivos. De acordo com Suetônio, o príncipe, com a maior solícitude, teria cuidado de Roma e de seu abastecimento⁶⁷²; empreendera obras grandiosas e necessárias, mais que simplesmente numerosas⁶⁷³; constantemente teria realizado distribuições ao povo, oferecendo também grandes espetáculos⁶⁷⁴. Entre estes, combates de gladiadores de diferentes tipos e em diversos lugares⁶⁷⁵; destaca Suetônio, em nenhum outro tipo de espetáculo Cláudio teria se demonstrado mais afável ou indulgente: frequentemente, incitava o povo a rir com suas exortações e súplicas, chamando a todos de “meus senhores”⁶⁷⁶. Como verificamos, este momento da construção narrativa transparece uma crítica, em tom de ironia, por parte de Suetônio: Cláudio estaria se tornando servo dos homens, ou seja, do “povo” em geral. Atitude, devemos recordar, que vem justamente no sentido contrário ao estabelecido pelo autor, como exemplo positivo, na vida de Tibério: este, na ocasião, havia declarado que cidadãos e senadores eram, de fato, os seus senhores⁶⁷⁷. Suetônio, enfim, posicionando-se sempre ao lado da tradição, não observa com bons olhos o movimento brusco e o direcionamento do povo⁶⁷⁸.

Intensificando as críticas ao príncipe, Suetônio afirma que em todos os aspectos da administração de Cláudio, ou melhor, em quase todas as suas ações, ele teria se guiado pelo critério de suas esposas e de seus libertos, muito mais do que pelo seu próprio pensamento; teria agido, de modo geral, sempre atendendo ao

⁶⁷² Suet. Cl. (XVIII,1) “*Vrbis annonaeque curam sollicitissime semper egit*”.

⁶⁷³ Suet. Cl. (XX,1) “*Opera magna potius necessaria quam multa perfecit, sed uel praecipua*”

⁶⁷⁴ Suet. Cl. (XXI,1) “*Congiaria populo saepius distribuit. Spectacula quoque complura et magnifica edidit, non usitata modo ac solitis locis, sed et commenticia et ex antiquitate repetita, et ubi praeterea nemo ante eum.*”

⁶⁷⁵ Suet. Cl. (XXI,4) “*Gladiatoria munera plurifariam ac multiplicia exhibuit*”

⁶⁷⁶ Suet. Cl. (XXI,5) “*Nec ullo spectaculi genere communior aut remissior erat, adeo ut oblatos victoribus aureos prolata sinistra pariter cum vulgo voce digitisque numeraret ac saepe hortando rogandoque ad hilaritatem homines provocaret, dominos identidem appellans, immixtis interdum frigidis et arcessitis iocis*”.

⁶⁷⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXIX,1), páginas 164 e 165.

⁶⁷⁸ Por exemplo, conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXII, 1), página 101.

que agradava todos aqueles⁶⁷⁹. De fato, Suetônio censura Cláudio na decisão de seus matrimônios, com Messalina⁶⁸⁰ e Agripina; sobre esta última, filha de seu irmão Germânico, Cláudio tivera de recorrer ao Senado, subornando alguns de seus membros, para que essa união fosse declarada de interesse máximo para a República – legitimando um casamento que, até então, senso comum, era considerado uma relação incestuosa⁶⁸¹. Quanto aos libertos relacionados diretamente com Cláudio, Suetônio criticou o favorecimento exagerado a todos eles, mas especialmente a Narciso, seu secretário, e a Palante, seu superintendente, os quais teriam recebido grandes honras e recompensas; estes, segundo o autor, teriam enriquecido em função de todos os roubos a eles permitidos⁶⁸². Por esse comportamento, de clara sujeição aos libertos e às esposas, Suetônio afirma que Cláudio não se comportara como um príncipe, mas sim como um servo, distribuindo honras, exércitos, graças e suplícios de acordo com os interesses, desejos ou caprichos de cada um deles; inclusive, muitas vezes sem ao menos saber ou perceber-se disso⁶⁸³. Comprovando a crítica em relação ao príncipe, Suetônio afirma que Cláudio teria chegado a ordenar a execução de trinta e cinco senadores e mais de trezentos membros da ordem equestre; e complementa o autor com uma anedota do período: certa ocasião, um centurião teria vindo em direção de Cláudio para lhe

⁶⁷⁹ Suet. Cl. (XXV,5) “*Sed et haec et cetera totumque adeo ex parte magna principatum non tam suo quam uxorum libertorumque arbitrio administravit, talis ubique plerumque, qualem esse eum aut expediret illis aut liberet*”. Segundo Gonzalo Bravo, Cláudio em seu governo teria exigido do Senado “una reacción que la inercia política de las últimas décadas impedía, por lo que no dudó en trasvasar algunas de sus competencias financieras a personas de su absoluta confianza expertas en asuntos legislativos o económicos [...] Com razón se considera a Claudio el creador de la ‘burocracia’ imperial”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.505.

⁶⁸⁰ Suet. Cl. (XXVI,2) “*Post has Valeriam Messalinam, Barbati Messalae consobrini sui filiam, in matrimonium accepit. Quam cum comperisset super cetera flagitia atque dedecora C. Silio etiam nupsisse dote inter auspices consignata, supplicio adfecit confirmavitque pro contione apud praetorianos, quatenus sibi matrimonia male cederent, permansurum se in caelibatu, ac nisi permansisset, non recusaturum confodi manibus ipsorum.*”

⁶⁸¹ Suet. Cl. (XXVI,3) “*Verum inlecebris Agrippinae, Germanici fratris sui filiae, per ius osculi et blanditiarum occasiones plectus in amorem, subornavit proximo senatu qui censerent, cogendum se ad ducendum eam uxorem, quasi rei p. maxime interesset, dandamque ceteris veniam talium coniugiorum, quae ad id tempus incesta habebantur.*”

⁶⁸² Suet. Cl. (XXVIII,1) “*sed ante omnis Narcissum ab epistulis et Pallantem a rationibus, quos decreto quoque senatus non praemiis modo ingentibus, sed et quaestoriis praetoriisque ornamentis honorari libens passus est; tantum praeterea acquirere et rapere, ut querente eo quondam de fisci exiguitate non absurde dictum sit, abundaturum, si a duobus libertis in consortium reciperetur.*”

⁶⁸³ Suet. Cl. (XXIX,1) “*His, ut dixi, uxorisque addictus, non principem, sed ministrum egit, compendio cuiusque horum vel etiam studio aut libidine honores exercitus impunitates supplicia largitus est, et quidem insciens plerumque et ignarus.*”

comunicar a respeito da morte de um ex-cônsul; o príncipe teria afirmado que desconhecia essa ordem da sua parte, mas que tampouco a reprovava, tendo em vista a sua confirmação pelos libertos e a consequente ação, tomada em sua defesa e vingança, por parte dos soldados romanos⁶⁸⁴. Neste momento da construção narrativa, chegamos a um dos pontos mais importantes no pensamento político de Suetônio: a questão do relacionamento do príncipe com a sociedade política e, especialmente, com os membros senatoriais. Cláudio, ainda que recebendo breves e esparsos elogios de Suetônio, incorre no mesmo erro que seus antecessores: desconsiderou a tradição senatorial, ordenando à morte muitos dos seus membros. Suetônio, de fato, não o exime de qualquer culpa nesse sentido: Cláudio, ao se deixar levar e ser guiado pela opinião de outros, também deixou de se comportar como um verdadeiro príncipe. Em outras palavras, não cabia a ele, o príncipe romano, ser manipulado em todas as suas ações, especialmente por membros da sociedade que, na tradição social, não seriam propriamente agentes políticos⁶⁸⁵.

Tais aspectos negativos do comportamento de Cláudio são reforçados pelo autor através de outras críticas, também depreciativas. De fato, de acordo com Suetônio, Cláudio seria “cruel e sanguinário por natureza”, como ele o teria demonstrado várias vezes em assuntos de grande ou pequena importância⁶⁸⁶. Novamente verificamos, na construção narrativa do autor, a questão da “**crueledade**” recebendo grande ênfase – característica relacionada nas vidas de Tibério⁶⁸⁷ e Calígula⁶⁸⁸ ao exercício do **poder absoluto**. Porém, Cláudio não passava de um homem medroso e desconfiado, aos olhos de Suetônio⁶⁸⁹; por muito pouco não teria

⁶⁸⁴ Suet. Cl. (XXIX,2) “*In quinque et triginta senatores trecentosque amplius equites R. tanta facilitate animaduertit, ut, cum de nece consularis viri renuntiante centurione factum esse quod imperasset, negaret quicquam se imperasse, nihilo minus rem comprobaret, affirmantibus libertis officio milites functos, quod ad ultionem imperatoris ultro procucurrissent*”.

⁶⁸⁵ Conforme Pierre Grimal, “com Augusto, o principado mudara de rosto. A evolução começada no tempo de Tiberio, com a lei da majestade, prosseguira com Gaio, até à caricatura. Com Cláudio, a componente real do poder, embora velada, não deixa de estar presente. São os libertos do príncipe, isto é, a gente da sua casa privada, que se ocupam de muitos dos grandes negócios e, a despeito de sua parência de simplicidade, Cláudio deixa-se lisonjear facilmente”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.89.

⁶⁸⁶ Suet. Cl. (XXIX,2) “*saevum et sanguinarium natura fuisse, magnis minimisque apparuit rebus*”.

⁶⁸⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (LVII,1), página 166.

⁶⁸⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XI,1), página 169.

⁶⁸⁹ Suet. Cl. (XXXV,1) “*Sed nihil aeque quam timidus ac diffidens fuit.*”

mesmo renunciado ao próprio império, por conta desse imenso temor⁶⁹⁰. Tornara-se, finalmente, um homem inquieto, disposto a se vingar de qualquer homem que lhe transparecesse uma ameaça⁶⁹¹. Segundo Suetônio, o próprio Cláudio era consciente em relação a sua excessiva ira e irritabilidade; porém, quando estava diante de todos, buscava sempre amenizar o caráter negativo de tais sentimentos⁶⁹². Ao final de sua vida, complementa Suetônio, Cláudio teria dado provas inequívocas de que havia se arrependido de seu casamento com Agripina e também da adoção de Nero; no sentido de comprovar essa afirmação, o autor comenta que, ao investir Britânico, seu filho com Messalina, com a toga viril, Cláudio teria assim acrescentado: “Para que, finalmente, o povo romano tenha um verdadeiro César”⁶⁹³. Logo em seguida, contando sessenta e três anos de idade, acabou por falecer, muito provavelmente envenenado, segundo Suetônio; dentre os responsáveis, inclusive, se contaria Agripina⁶⁹⁴. Chegamos, portanto, ao final da construção narrativa de Suetônio a respeito de Cláudio, não sem verificar o tom de ressentimento por parte do autor em relação ao biografado; de fato, a despeito de vários bons exemplos de comportamento, especialmente no âmbito da administração, Cláudio teria cometido os mesmos erros de seus antecessores: tornara-se cruel, abusando de sua autoridade no poder; e o pior, afligindo a sociedade política, ou seja, os senadores.

5.4. NERO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Descendente dos Enobarbos, Nero, na afirmação de Suetônio, teria se afastado das virtudes dos seus familiares, ao mesmo tempo em que reproduzido

⁶⁹⁰ Suet. Cl. (XXXVI,1) “*Quasdam insidias temere delatas adeo expavit, ut deponere imperium temptaverit.*”

⁶⁹¹ Suet. Cl. (XXXVII,1) “*Nulla adeo suspicio, nullus auctor tam levis extitit, a quo non mediocri scrupulo iniecto ad cavendum ulciscendumque compelleretur.*”

⁶⁹² Suet. Cl. (XXXVIII,1) “*Irae atque iracundiae conscius sibi, utramque excusavit edicto distinxitque, pollicitus alteram quidem brevem et innoxiam, alteram non iniustam fore.*”

⁶⁹³ Suet. Cl. (XLIII,1) “*Sub exitu vitae signa quaedam nec obscura paenitentis de matrimonio Agrippinae deque Neronis adoptione dederat, [...] Cumque impubi teneroque adhuc, quando statura permetteret, togam dare destinasset, adiecit: ‘Ut tandem populus R. verum Caesarem habeat’.*”

⁶⁹⁴ Suet. Cl. (XLIII,1) “*Et veneno quidem occisum convenit; ubi autem et per quem dato, discrepat. Quidam tradunt epulanti in arce cum sacerdotibus per Halotum spadonem praegustatorem; alii domestico convivio per ipsam Agrippinam, quae boletum medicatum avidissimo ciborum talium optulerat.*”

todos os seus vícios, transmitidos ao personagem tal como uma herança⁶⁹⁵. Seu avô, Lucio Domicio Enobarbo, teria sido um homem arrogante, desenfreado e feroz; a crueldade dos espetáculos por ele oferecidos despertou a atenção de Octaviano Augusto, que o teria limitado através de um édito⁶⁹⁶. O seu pai, Cneo Domicio Enobarbo, teria igualmente apresentado uma conduta detestável durante toda a sua vida; embora tivesse sido afastado do grupo de amigos do César⁶⁹⁷, não teria moderado em nada o seu modo de agir; fora acusado de muitos crimes, entre eles o de lesa majestade, adultério e de incesto; acabou salvo de tudo isso devido à mudança de regime, de príncipe; antes de falecer, fruto de uma relação com Agripina, teve seu filho, Nero⁶⁹⁸. De acordo com Suetônio, a leitura por parte de muitas pessoas do horóscopo de Nero teria indicado previsões das mais horríveis; além disso, o seu próprio pai teria dito, ao receber as felicitações de seus amigos pelo nascimento do filho, que nada poderia nascer dele ou de Agripina que não fosse então “detestável e para uma desgraça pública”⁶⁹⁹. Adotado aos onze anos por Cláudio, fora entregue aos cuidados de Sêneca, nesta época senador, para cuidar de sua educação; de acordo com Suetônio, segundo rumores, Sêneca teria sonhado, à noite seguinte que assumiu tal responsabilidade, que estava dando aulas para Calígula; fato que, destaca o autor, logo se comprovaria, com Nero oferecendo provas de sua natureza feroz muito cedo⁷⁰⁰. Como verificamos neste momento inicial, Suetônio começa a construir frente ao leitor uma expectativa negativa em

⁶⁹⁵ Suet. Nero. (I,2) “*Pluris e familia cognosci referre arbitror, quo facilius appareat ita degenerasse a suorum virtutibus Nero, ut tamen vitia cuiusque quasi tradita et ingentia rettulerit*”.

⁶⁹⁶ Suet. Nero. (IV,1) “*Verum arrogans, profusus, immitis censorem L. Plancum via sibi decedere aedilis coegit; praeturae consulatusque honore equites R. matronasque ad agendum mimum produxit in scaenam. Venationes et in Circo et in omnibus urbis regionibus dedit munus etiam gladiatorium, sed tanta saevitia, ut necesse fuerit Augusto quam frustra monitum edicto coercere*”.

⁶⁹⁷ Neste momento, Tibério.

⁶⁹⁸ Suet. Nero. (V,1-2) “*Ex Antonia maiore patrem Neronis procreavit omni parte vitae detestabilem, siquidem comes ad Orientem C. Caesaris iuvenis, occiso liberta suo, quod potare quantum iubebatur recusaret, dimissus e cohorte amicorum nihilo modetius vixit;[...] Maiestatis quoque et adulteriorum incestique cum sorore Lepida sub excessu Tiberi reus, mutatione temporum evasit decessitque Pyrgis morbo aquae intercutis, sublato filio Nerone ex Agrippina Germanico genita*”.

⁶⁹⁹ Suet. Nero. (VI,1) “*Nero natus est Anti post VIII. mensem quam Tiberius excessit, XVIII. Kal. Ian. tantum quod exoriente sole, paene ut radiis prius quam terra contingeretur. De genitura eius statim multa et formidulosa multis coniectantibus praesagio fuit etiam Domiti patris vox, inter gratulationes amicorum negantis quicquam ex se et Agrippina nisi detestabile et malo publico nasci potuisse*”.

⁷⁰⁰ Suet. Nero. (VII,1) “*Ferunt Senecam proxima nocte visum sibi per quietem C. Caesari praecipere, et fidem somnio Nero brevi fecit prodita immanitate naturae quibus primum potuit experimentis*”.

relação ao Principado de Nero; a transmissão, hereditariamente, dos vícios relacionados aos seus ancestrais e também as terríveis previsões em torno de seu nascimento apenas reforçam o que já estava fadado, praticamente, a acontecer: o surgimento de um novo Calígula.

Na continuidade, Suetônio comenta que Nero, contando dezesseis anos à época do falecimento de Cláudio, fora conduzido imediatamente ao acampamento militar, onde discursou ao exército; logo depois, também à Cúria⁷⁰¹; nesta última, não teria recusado nenhuma das honras oferecidas, com exceção do título de “Pai da Pátria”, tendo em vista a sua tenra idade⁷⁰². No sentido de reafirmar sua índole a todos, Nero teria declarado que governaria seguindo os preceitos de Octaviano Augusto; de fato, conforme Suetônio, o príncipe teria demonstrado em diversas ocasiões a sua liberalidade, clemência e amabilidade⁷⁰³. Saudava com frequência pessoas de todas as ordens sociais; e quando o Senado lhe dava as graças, assim respondia: “Quando eu as tiver merecido”⁷⁰⁴. Teria alcançado grandes realizações no campo dos espetáculos⁷⁰⁵, na aplicação da justiça⁷⁰⁶ e na administração em geral⁷⁰⁷; iniciativas, de acordo com Suetônio, que não poderiam sofrer qualquer

⁷⁰¹ Conforme Pierre Grimal, Cláudio, “viúvo, casou, no princípio de 49, com a sobrinha, Agripina a Jovem, filha de Germânico e mãe de um filho de doze anos, L. Domício Aenobarbo, o futuro Nero. Agripina, decidida a assegurar o poder ao filho [...] e julgando compreender que Cláudio não consentiria, mandou envenenar o imperador, a 12 de Outubro de 54. No dia seguinte, Nero foi aclamado *imperator* pelos pretorianos e os senadores confirmaram essa aclamação. Havião sido encorajados por Sêneca, há muito fiel à descendência de Germânico”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 90.

⁷⁰² Suet. Nero. (VIII,1) “*Septemdecim natus annos, ut de Claudio palam factum est, inter horam sextam septimamque processit ad excubitores, cum ob totius diei diritatem non aliud auspicandi tempus accommodatius videretur; proque Palati gradibus imperator consalutatus lectica in castra et inde raptim appellatis militibus in curiam delatus est discessitque iam vesperi, ex immensis, quibus cumulabatur, honoribus tantum patris patriae nomine recusato propter aetatem*”.

⁷⁰³ Suet. Nero. (X,1) “*Atque ut certiore adhuc indolem ostenderet, ex Augusti praescripto imperaturum se professus, neque liberalitatis neque clementiae, ne comitatis quidem ex hibendae ullam occasionem omisit*.”

⁷⁰⁴ Suet. Nero. (X,2) “*Omnes ordines subinde ac memoriter salutavit. Agenti senatui gracias respondit: "Cum meruero"*.”

⁷⁰⁵ Suet. Nero. (XI,1) “*Spectaculorum plurima et varia genera edidit: iuvenales, circenses, scaenicos ludos, gladiatorium munus*”.

⁷⁰⁶ Suet. Nero. (XV,1) “*In iuris dictione postulatores nisi sequenti die ac per libellos non temere respondit. Cognoscendi morem eum tenuit, ut continuis actionibus omissis singillatim quaeque per vices ageret*”.

⁷⁰⁷ Suet. Nero. (XVII,1) “*Adversus falsarios tunc primum repertum, ne tabulae nisi pertusae ac ter lino per foramina trajecto obsignarentur; cautum ut testamentis primae duae cerae testatorum modo nomine inscripto vacuae signaturis ostenderentur, ac ne qui alieni testamenti scriptor legatum sibi ascriberet; item ut litigatores pro patrociniis certam iustamque mercedem, pro subsellis nullam omnino darent praebente aerario gratuita; utque rerum actu ab aerario causae*

censura, pois seriam dignas de consideração⁷⁰⁸; todas elas se encontrariam, complementa o autor, bem separadas de suas maldades e crimes posteriores⁷⁰⁹.

De acordo com Suetônio, inicialmente, Nero teria manifestado o seu desenfreno, sua luxúria, extravagância, avareza e crueldade de modo praticamente imperceptível, às escondidas – como se fossem, na verdade, desvios próprios à juventude; no entanto, suas práticas eram de tal forma aparentes que, por volta da mesma época, aponta Suetônio, ninguém mais acreditava que esses vícios eram próprios de sua idade, mas sim de sua natureza⁷¹⁰. Conforme incrementava todos os seus vícios, Nero teria deixado de lado as brincadeiras e segredos, e sem mais preocupar-se com dissimulações, teria se lançado abertamente aos maiores excessos⁷¹¹. Nesse sentido, são vários os exemplos demonstrados por Suetônio: festas extravagantes⁷¹²; corrupção de jovens e adultérios⁷¹³; prostituição de si próprio⁷¹⁴; e desenfreno nos gastos – momento em que Calígula se torna, para Nero, um modelo admirado e elogiado⁷¹⁵. Nero, inclusive, quando se viu arruinado

ad Forum ac recipatores transferrentur et ut omnes appellationes a iudicibus ad senatum fierent”.

⁷⁰⁸ De fato, conforme Gonzalo Bravo, “los primeros cinco años, período conocido generalmente como *Quinquennium Neronis*, constituyen un modelo de gobierno imperial: rehabilitación del Senado como institución política activa a través de los senadoconsultos/ recuperación de la *concordia ordinum*, simbolizada en la colaboración con el príncipe de senadores y ecuestres, representados éstos por la prefectura del pretorio, confiada durante estos años (51-62) a Afranio Burro. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.507.

⁷⁰⁹ Suet. Nero. (XVII,1) “*Haec partim nulla reprehensione, partim etiam non mediocri laude digna in unum contuli, ut secernerem a probris ac sceleribus eius, de quibus dehinc dicam*”.

⁷¹⁰ Suet. Nero. (XXVI,1) “*Petulantiam, libidinem, luxuriam, avaritiam, credulitatem sensim quidem primo et occulte et velut iuvenili errore exercuit, sed ut tunc quoque dubium nemini foret naturae illa vitia, non aetatis esse*”.

⁷¹¹ Suet. Nero. (XXVI,1) “*Paulatim vero invalescentibus vitiis iocularia et latebras omisit nullaue dissimulandi cura ad maiora palam erupit*”.

⁷¹² Suet. Nero. (XXVI,2) “*Epulas a medio die ad mediam noctem protraherebat, refotus saepius calidis piscinis ac tempore aestivo navatis; cenitabatque nonnumquam et in publico, naumachia praeclusa vel Martio campo vel Circo Maximo, inter scortorum totius urbis et ambubaiaurum ministeria*”.

⁷¹³ Suet. Nero. (XXVI,1) “*Super ingenuorum paedagogia et nuptarum concubinitus Vestali virgini Rubriae vim intulit*”.

⁷¹⁴ Suet. Nero. (XXIX,1) “*Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit, ut contaminatis paene omnibus membris novissime quasi genus lusus excogitaret, quo ferae pelle contextus emitteretur e cavea virorumque ac feminarum ad stipitem deligatorum inguina invaderet et, cum affatim desaevisset, conficeretur a Doryphoro liberto*”.

⁷¹⁵ Suet. Nero. (XXX,1) “*Divitiarum et pecuniae fructum non alium putabat quam profusionem, sordidos ac deparcos esse quibus impensarum ratio constaret, praelautos vereque magnificos, qui abuterentur ac perderent. Laudabat mirabaturque avunculum Gaium nullo magis nomine, quam quod ingentis a Tiberio relictas opes in brevi spatio prodegisset*”.

financeiramente por conta dessas ações, teria recorrido às práticas do roubo e da rapinagem⁷¹⁶. Quanto às mortes por ele causadas, Suetônio coloca as de Cláudio, da qual Nero teria no mínimo participado como cúmplice⁷¹⁷; Britânico, por um forte sentimento de medo e inveja deste⁷¹⁸; e mesmo de sua mãe, Agripina, por não mais suportá-la em seus pedidos e desmandos⁷¹⁹. Em suma, conforme Suetônio, nenhum de seus próximos ou familiares, independente do vínculo que tivessem com Nero, se encontravam livres de seus crimes⁷²⁰. Da mesma forma, com a mesma crueldade teria se comportado fora de sua casa, com os estranhos⁷²¹. Certa ocasião, de acordo com Suetônio, diante da passagem de um cometa, o príncipe Nero teria se angustiado, demonstrando grande preocupação: tratava-se, pois, segundo a crença popular, de um presságio, indicando a ruína aos poderes supremos; Nero procurou imediatamente o seu astrólogo, e obteve a recomendação de realizar o sacrifício; a vítima, nesse caso, deveria ser um personagem ilustre; Nero, no entanto, teria resolvido matar todos os cidadãos da mais alta nobreza; e teria reforçado essa ação alegando, na forma de pretexto, a existência de conjurações contra a sua pessoa⁷²². Pois bem, como verificamos, a construção narrativa de Suetônio torna evidente o exemplo negativo desempenhado por Nero no exercício final de seu Principado⁷²³. O

⁷¹⁶ Suet. Nero. (XXXII,1) "*Verum ut spes fefellit, destitutus atque ita iam exhaustus et egens ut stipendia quoque militum et commoda veteranorum protrahi ac differri necesse esset, calumniis rapinisque intendit animum*".

⁷¹⁷ Suet. Nero. (XXXIII,1) "*Parricidia et caedes a Claudio exorsus est, cuius necis etsi non auctor, at conscius fuit, neque dissimulanter, ut qui boletos, in quo cibi genere venenum is acceperat, quasi deorum cibum posthac proverbio Graeco conlaudare sit solitus*".

⁷¹⁸ Suet. Nero. (XXXIII,2) "*Britannicum non minus aemulatione vocis, quae illi iucundior suppetebat, quam metu ne quandoque apud hominum gratiam paterna memoria praevaleret, veneno adgressus est*".

⁷¹⁹ Suet. Nero. (XXXIV,1-2) "*Matrem facta dictaque sua exquirentem acerbius et corrigentem hactenus primo gravabatur, [...] Verum minis eius ac violentia territus perdere statuit*";

⁷²⁰ Suet. Nero. (XXXV,4) "*Nullum adeo necessitudinis genus est, quod non scelere perculerit. [...] similiter ceteros aut affinitate aliqua sibi aut propinquitate coniunctos*";

⁷²¹ Suet. Nero. (XXXVI,1) "*Nec minore saevitia foris et in externos grassatus est*".

⁷²² Suet. Nero. (XXXVI,1) "*Stella crinita, quae summis potestatibus exitium portendere vulgo putatur, per continuas noctes oriri coeperat. Anxius ea re, ut ex Balbillo astrologo didicit, solere reges talia ostenta caede aliqua illustri expiare atque a semet in capita procerum depellere, nobilissimo cuique exitium destinavit; enimvero multo magis et quasi per iustam causam duabus coniurationibus provulgatis,...*"

⁷²³ Conforme Gonzalo Bravo, inicialmente, Nero "había mantenido estrechas relaciones con el círculo estoico dirigido por Séneca, con quien había concertado un 'programa' de gobierno basado en la *moderatio* augústea, cuyos principios fueron publicados en el 56 en el *De Clementia*, pero de los que el joven emperador se iría alejando progresivamente hasta llegar a identificarse con el régimen político opuesto, el de *dominatio*, que, en rigor, sólo se corresponde

interessante neste momento é que Suetônio associa o comportamento repleto de vícios por parte de Nero, especialmente a sua crueldade, com a irrestrita violência cometida contra a sociedade política – atingindo a alta sociedade⁷²⁴.

Destacando a crescente violência em Nero, Suetônio afirma que o príncipe, daquele momento em diante, não teria realizado mais nenhuma distinção ou seguido determinada medida em seus crimes, matando a qualquer um pelo motivo que fosse⁷²⁵. Nero estava, portanto, repleto de orgulho e da maior arrogância; de acordo com Suetônio, Nero frequentemente dava a entender, de forma um tanto quanto inequívoca, que não perdoaria sequer ao Senado, e que um dia faria desaparecer esta ordem da República: confiaria as províncias e os exércitos aos equestres e a seus libertos; enfim, Suetônio destaca que Nero nunca teria beijado um membro senatorial durante a sua entrada ou saída da Cúria, e tampouco teria devolvido esta saudação; da mesma forma, não costumava fazer qualquer menção ao Senado⁷²⁶. Como verificamos neste momento da narrativa, Suetônio posiciona Nero em confronto direto com o grupo senatorial – comportamento este, na perspectiva trabalhada e defendida pelo autor desde os primeiros momentos da obra, claramente indicativo do seu péssimo exemplo de príncipe romano. E por toda essa conduta negativa, Suetônio justamente afirma que, após ter suportado semelhante príncipe durante quase quatorze anos, o mundo, enfim, o destituiu de sua

con el de los seis últimos años de su reinado [...] La retirada política de Séneca y la nueva prefectura del pretorio en manos de Fanio Rufo, primero, y de Tigelino, después, permitió al emperador diseñar su propia política – régimen que ha sido denominado con frecuencia 'neronismo' – basada en principios de carácter despótico y estético que convertían en sospechoso a quien osara pronunciarse contra la voluntad y genialidad del emperador". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, pp.507-508.

⁷²⁴ Conforme Pierre Grimal, "É sabido que o sonho dos primeiros anos do novo reinado não tardou a dissipar-se. Nero foi infiel às lições de Séneca. Arrastado pelas paixões da adolescência (tinha dezessete anos em 54), colocou o poder ao serviço dos seus caprichos. Parecia estar de volta o tempo de Gaio, de tal modo que, em menos de dez anos, Nero reuniu contra si uma grande parte dos senadores e dos pretorianos". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 91.

⁷²⁵ Suet. Nero. (XXXVII,1) "*Nullus posthac adhibitus dilectus aut modus interimendi quoscumque libuisset quacumque de causa*".

⁷²⁶ Suet. Nero. (XXXVII,1) "*Elatum inflatumque tantis velut successibus negavit quemquam principum scisse, quid sibi liceret, multasque nec dubias significationes saepe iecit, ne reliquis quidem se parsurum senatoribus, eumque ordinem sublaturum quandoque e re publica ac provincias et exercitus equiti Romano ac libertis permissurum. Certe neque adveniens neque proficiscens quemquam osculo impertiit ac ne resalutatione quidem; et in auspicando opere Isthmi magna frequentia clare, ut sibi ac populo Romano bene res verteret, optavit dissimulata senatus mentione*".

posição⁷²⁷. Até mesmo os astrólogos, segundo o autor, teriam profetizado que Nero, um dia, seria deposto; alguns teriam dito que ele se tornaria “senhor” do Oriente; outros, que reinaria em Jerusalém; e os demais, que recuperaria por completo a sua posição anterior⁷²⁸. No pensamento de Suetônio, como verificamos aqui, o modelo de Nero adaptava-se ao estilo Oriental: autocrático, despótico.

Na sequência final da biografia, Suetônio coloca Nero pressionado por revoltas nas Gálias e pela defecção do legado Galba na Hispania Terraconense⁷²⁹; Nero teria caído de imediato em grande desespero, alegando, enquanto ele se martirizava, que nenhum outro príncipe teria passado por males iguais: estava sofrendo a desgraça inaudita e antes nunca vista de perder o império em vida⁷³⁰. Porém, antes da sublevação ter seu início, Suetônio afirmou que Nero ainda arquitetava projetos considerados dos mais cruéis, os quais em nada repugnavam a sua natureza; dentre os quais, o de envenenar a todos os senadores em um banquete e, também, de incendiar Roma; nesta última situação, soltaria diversas feras nas ruas, para que o povo tivesse dificuldades em fugir⁷³¹. Por fim, com o descontentamento crescendo contra a sua pessoa⁷³², e com a revolta dos demais exércitos⁷³³, Nero se viu sozinho: então fugiu e se isolou, dando conta dos

⁷²⁷ Suet. Nero. (XL,1) “*Talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit,*”

⁷²⁸ Suet. Nero. (XL,2) “*Praedictum a mathematicis Neroni olim erat fore ut quandoque destitueretur;[...] Spoponderant tamen quidam destituto Orientis dominationem, nonnulli nominatim regnum Hieroslymorum, plures omnis pristinae fortunae restitutionem*”.

⁷²⁹ Segundo Pierre Grimal, “quando se produziram as insurreições de Vindex na Aquitânia e de Sulpício Galba, dois anos mais tarde, na província espanhola Tarraconense, o poder de Nero ruiu. Os soldados do pretório, a despeito do juramento prestado, não o defenderam. Foi o Senado que organizou o golpe de Estado, Declarando Nero inimigo público e proclamando, em sua substituição, Sulpício Galba imperador”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, pp. 91-92.

⁷³⁰ Suet. Nero. (XLII,2) “*Postquam deinde etiam Galbam et Hispanias descivisse cognovit, conlapsus animoque male facto diu sine voce et prope intermortuus iacuit, utque resipit, veste discissa, capite converberato, actum de se pronuntiavit consolantique nutriculae et aliis quoque iam principibus similia accidisse memoranti, se vero praeter ceteros inaudita et incognita pati respondit, qui summum imperium vivus amitteret*”.

⁷³¹ Suet. Nero. (XLIII,1) “*Initio statim tumultus multa et inmania, verum non abhorrentia a natura sua creditur destinasse; [...] senatum universum veneno per convivia necare; urbem incendere feris in populum immissis, quo difficilius defenderentur*”.

⁷³² Suet. Nero. (XLV,1) “*Quare omnium in se odio incitato nihil contumeliarum defuit quin subiret*”.

⁷³³ Suet. Nero. (XLVII,1) “*Nuntiata interim etiam ceterorum exercituum defectione litteras prandendi sibi redditas concepserit,...*”.

preparativos de seu funeral⁷³⁴. Declarado inimigo público pelo Senado⁷³⁵, não teve outra opção a não ser a morte, suicidando-se com vários golpes de um punhal⁷³⁶, aos trinta e dois anos; a notícia de sua morte, conforme Suetônio, teria sido recebida com grande entusiasmo pelo público⁷³⁷. Nesse fecho, a construção narrativa de Suetônio deixa transparecer um sentimento de alívio por parte da sociedade política em relação à morte de Nero, exemplo político dos mais negativos no pensamento do autor. Junto com Calígula, Nero torna-se mais um detestável governante.

5.5. GALBA NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Galba, conforme esclarece Suetônio, não possuía qualquer vínculo com a casa dos Césares⁷³⁸; vinha, no entanto, de uma família romana muito tradicional, nobre e ilustre⁷³⁹. Dedicado, nos estudos liberais, ao Direito⁷⁴⁰, Galba preservou uma grande amizade com a mulher de Octaviano, Livia Augusta, tornando-se, inclusive, um de seus herdeiros⁷⁴¹. Começou nas magistraturas antes mesmo da idade

⁷³⁴ Suet. Nero. (XLIX,1) "*Tunc uno quoque hinc inde instante ut quam primum se impendentibus contumeliis eriperet, scrobem coram fieri imperavit dimensus ad corporis sui modulum, componique simul, si qua invenirentur, frustra marmoris et aquam simul ac ligna conferri curando mox cadaveri...*"

⁷³⁵ Suet. Nero. (XLIX,2) "*Inter moras perlato a cursore Phaonti codicillos praeripuit legitque se hostem a senatu iudicatum et quaeri, ut puniatur more maiorum...*"

⁷³⁶ Suet. Nero. (XLIX,3) "*Ac modo Sporum hortabatur, ut lamentari ac plangere inciperet, modo orabat, ut se aliquis ad mortem capessendam exemplo iuaret; interdum segnitiam suam his verbis increpabat: 'Vivo deformiter, turpiter - οὐ πρέπει Νέρωνι, οὐ πρέπει - νήφειν δεῖ ἐν τοῖς τοιοῦτοις - ἄγε ἔγριπε σεαυτόν.'. Iamque equites appropinquabant, quibus praeceptum erat, ut vivum eum adtraherent. Quod ut sensit, trepidanter effatus: 'Ἰππων μ' ὠκυπόδων ἀμφὶ κτύπος οὐάτα βάλλει' ferrum iugulo adegit iuvante Epaphrodito a libellis."*

⁷³⁷ Suet. Nero. (LVII,1) "*Obiit tricensimo et secundo aetatis anno, die quo quondam Octaviam interemerat, tantumque gaudium publice praebuit...*"

⁷³⁸ Mais especificamente, com a família dos Júlio-Cláudios. Seja por critério de hereditariedade ou adoção, esta família se prolongou no poder até o Principado de Nero, o qual morreu sem sucessor definido.

⁷³⁹ Suet. Gal. (II,1) "*Neroni Galba successit nullo gradu contingens Caesarum domum, sed haud dubie nobilissimus magnaue et vetere prosapia...*"

⁷⁴⁰ Suet. Gal. (V,1) "*Inter liberales disciplinas attendit et iuri*".

⁷⁴¹ Suet. Gal. (V,2) "*Observavit ante omnis Liviam Augustam, cuius et vivae gratia plurimum valuit et mortuae testamento paene ditatus est; sestertium namque quingentis cum praecipuum inter legatarios habuisset, quia notata non perscripta erat summa, herede Tiberio legatum ad quingenta revocante, ne haec quidem acceperit*".

legal⁷⁴², e quando à frente do exército, demonstrava-se severo na manutenção da disciplina⁷⁴³. Suetônio, adotando um tom elogioso para este começo de narrativa, comenta que Galba, devido ao seu comportamento, sempre teve grande consideração por parte de Cláudio; teria, inclusive, quando foi governante da África, posto em ordem essa província, agitada por discórdias internas e por sublevações bárbaras; nesse mesmo tempo, para assuntos triviais, demonstrava-se severo e bom administrador da justiça⁷⁴⁴. Por este serviço na África e devido aos seus anteriores, Galba acabou recebendo as insígnias triunfais e várias outras honras; teria vivido isolado até aproximadamente a metade do Principado de Nero, quando se ofereceu ao governo da Hispania Terraconense; chegando ao local, indica Suetônio, os presságios teriam indicado uma mudança no governo: um ancião substituiria a um jovem, ou seja, Galba a Nero⁷⁴⁵.

No entanto, a perspectiva positiva da narrativa em relação à Galba muda de tom abruptamente, com este personagem sofrendo pesadas críticas a partir de então. Galba teria governado sua província, ao longo de oito anos, de modo inconstante e desigual, demonstrando-se um tanto quanto inflexível, e inclusive desmesurado na repressão aos delitos; e assim, pouco a pouco, fora caindo na preguiça e indolência, afirmando que não desejava dar nenhum pretexto a Nero⁷⁴⁶.

⁷⁴² Suet. Gal. (VI,1) "*Honoribus ante legitimum tempus*"

⁷⁴³ Suet. Gal. (VI,2) "*A Gaio Caesare in locum Gaetulici substitutus, postridie quam ad legionis venit, sollemni forte spectaculo plaudentes inibuit, data tessera, ut manus paenula continerent; statimque per castra iactatum est: 'Disce miles militare. Galban est, non Gaetulicus!'. Pari severitate interdixit commeatus peti.*"

⁷⁴⁴ Suet. Gal. (VII,1) "*Caede Gaii nuntiata multis ad occasionem stimulantibus quietem praetulit. Per hoc gratissimus Claudio receptusque in cohortem amicorum, tantae dignationis est habitus, ut cum subita ei valitudo nec adeo gravis incidisset, dilatus sit expeditionis Britannicae dies. Africam pro consule biennio optinuit extra sortem electus ad ordinandam provinciam et intestina dissensione et barbarorum tumultu inquietam; ordinavitque magna severitatis ac iustitiae cura, etiam in parvulis rebus.*"

⁷⁴⁵ Suet. Gal. (VIII,1-2) "*Ob res et tunc in Africa et olim in Germania gestas ornamenta triumphalia accepit et sacerdotium triplex, inter quindecimviros sodalesque Titios item Augustales cooptatus; atque ex eo tempore prope ad medium Neronis principatum in secessum plurimum vixit (ne ad gestandum quidem umquam iter ingressus quam ut secum vehiculo proximo decies sestertium in auro efferret), donec in oppido Fundis moranti Hispania Tarraconensis oblata est. Acciditque ut, cum provinciam ingressus sacrificaret, intra aedem publicam puero e ministris acerram tenenti capillus repente toto capite canesceret, nec defuerunt qui interpretarentur significari rerum mutationem successurumque iuveni senem, hoc est ipsum Neroni. Non multo post in Cantabriae lacum fulmen decidit, repertaeque sunt duodecim secures, haud ambiguum summae imperii signum.*"

⁷⁴⁶ Suet. Gal. (IX,1) "*Per octo annos varie et inaequaliter provinciam rexit, primo acer et vehemens et in coercendis quidem delictis vel immodicus.[...] Paulatim in desidiam segnitiemque conversus*

Ora, novamente presenciamos aqui um dos pontos comuns de crítica, da parte de Suetônio, em relação ao comportamento negativo do príncipe, a saber, a **inconstância**; esta que acaba produzindo, como acompanhamos nesta passagem, ações brutas, muito inflexíveis; não adequadas, assim, ao príncipe romano. Na sequência dos eventos, continua Suetônio, com o despertar de uma revolta ocorrendo na região das Gálias, Galba teria recebido uma carta do líder desse movimento, Víndice, que o exortava a erigir-se em “vingador e guia” do gênero humano; segundo o autor, Galba, em parte com medo, em parte com esperanças, teria aceitado essa proposta sem pensar duas vezes; apoiava-se, nesse sentido, em uma profecia, apresentada a ele pelo sacerdote de Júpiter: uma menina teria dito, duzentos anos antes, que um dia surgiria da Hispania um príncipe e senhor do mundo⁷⁴⁷. Não passa despercebida, neste momento da narrativa, uma distinção entre as duas funções: “príncipe” e “senhor”; ou seja, as duas expressões não se apresentam como equivalentes; portanto, podemos pensar que o termo “príncipe” seja empregado, adequadamente em sentido, vinculado à realidade institucional romana, da sociedade política; enquanto que o termo “senhor” tenha seu emprego vinculado ao comando e submissão dos povos ainda não conquistados⁷⁴⁸.

Na sequência Galba, perante todos, em seu tribunal, e apresentando diante si o maior número de imagens das pessoas que foram condenadas e mortas por Nero, discursou, lamentando-se de toda a situação vivida por eles; e assim, saudado imperador, declarou-se legado do Senado e do povo romano⁷⁴⁹. A morte de Víndice, nesse meio tempo, quase o fizera desistir, aponta Suetônio; no entanto, recebeu a

est, ne quid materiae praeberet Neroni, et ut dicere solebat, quod nemo rationem otii sui reddere cogeretur”.

⁷⁴⁷ Suet. Gal. (IX,2) “*Carthagine nova conventum agens tumultuari Gallias comperit legato Aquitaniae auxilia implorante; supervenerunt et Vindicis litterae hortantis, ut humano generi assertorem ducemque se accommodaret. Nec diu cunctatus, condicionem partim metu, partim spe recepit; nam et mandata Neronis de nece sua ad procuratores clam missa deprenderat, et confirmabatur cum secundissimis auspiciis et omnibus virginis honestae vaticinatione, tanto magis quod eadem illa carmina sacerdos Iovis Cluniae ex penetrali somnio monitus eruerat ante ducentos annos similiter a fatidica puella pronuntiata. Quorum carminum sententia erat, oriturum quandoque ex Hispania principem dominumque rerum*”.

⁷⁴⁸ Interessante estudo a respeito é o de HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano”. **Gerión**, Madrid, v.23, n.1, pp. 271-285, 2005.

⁷⁴⁹ Suet. Gal. (X,1) “*Igitur cum quasi manumissioni vacaturus conscendisset tribunal, propositis ante se damnatorum occisorumque a Nerone quam plurimis imaginibus et astante nobili puero, quem exulantem e proxima Balneari insula ob id ipsum acciverat, deploravit temporum statum, consalutatusque imperator legatum se senatus ac populi R. professus est*”.

notícia de que Nero estava morto e de que todo o mundo havia lhe jurado fidelidade; colocou-se a caminho de Roma⁷⁵⁰, abandonando o título de legado para assumir o de César⁷⁵¹. De acordo com Suetônio, uma dupla fama de “crueldade” e “avareza” o precedera, pois, segundo diziam, havia castigado às cidades das Hispanias e das Gálias que tardaram a se unir com ele, condenando a morte os seus governadores e administradores, juntamente com suas mulheres e filhos⁷⁵². Essa fama, ressalta o autor, se vira confirmada e também incrementada tão logo Galba entrou em Roma⁷⁵³; de fato, para Suetônio, o favor e prestígio de Galba teriam sido bem maiores no momento de alcançar o poder do que, efetivamente, no exercício do mesmo; Galba, no entanto, teria dado provas de que poderia ser um excelente príncipe; mas estas provas, segundo Suetônio, não eram em absoluto tão agradáveis como odiados eram os seus desrespeitos⁷⁵⁴. Galba teria se deixado governar por outros homens, a quem chamava comumente de seus “pedagogos”; a tal ponto teria se deixado utilizar por estes indivíduos, acometidos dos mais diferentes vícios, que Galba falhara em uma conduta consistente: algumas vezes mostrava-se muito rigoroso e mesquinho; outras, bem mais indulgente e pródigo do que convinha a um príncipe eleito e de sua idade⁷⁵⁵. Demonstrando esse

⁷⁵⁰ Esclarece Gonzalo Bravo, “La muerte de Nerón en junio del 68 puso fin al sistema de delaciones y represalias en que se había convertido el régimen neroniano [...], pero también cerraba una dinastía sin que el problema sucesorio quedara resuelto. Al contrario, varias expectativas de control del poder imperial se abrieron. La primera fue la rebelión de algunos gobernadores provinciales con mando directo sobre las legiones, como la tentativa de Vindex en Gália, quien sin embargo rehusó a la proclamación de imperator meses antes de la muerte de Nerón. En cambio, Galba, el gobernador de la Tarraconense hispana, aceptó este título de los soldados de su ejército y se dispuso a preparar la marcha a Roma, que no se realizó hasta finales de año”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.510.

⁷⁵¹ Suet. Gal. (XI,1) “Accessit in tanta discrimina mors Vindicis, qua maxime consternatus destitutoque similis non multo auit quin vitae renuntiaret. Sed supervenientibus ab urbe nuntiis ut occisum Neronem cunctosque in verba sua iurasse cognovit, deposita legati suscepit Caesaris appellationem, iterque ingressus est paludatus ac dependente a cervicibus pugione ante pectus.”

⁷⁵² Suet. Gal. (XII,1) “Praecesserat de eo fama saevitiae simul atque avaritiae, quod civitates Hispaniarum Galliarumque, quae cunctantius sibi accesserant, gravioribus tributis, quasdam etiam murorum destructione punisset et praepositos procuratoresque supplicio capitis adfecisset cum coniugibus ac liberis;”

⁷⁵³ Suet. Gal. (XII,2) “Ea fama et confirmata et aucta est, ut primum urbem introiit”.

⁷⁵⁴ Suet. Gal. (XIV,1) “Maiore adeo et favore et auctoritate adeptus est quam gessit imperium, quamquam multa documenta egregii principis daret; sed nequaquam tam grata erant, invisa quae secus fierent”.

⁷⁵⁵ Suet. Gal. (XIV,2) “Regebatur trium arbitrio, quos una et intra palatium habitantis nec umquam non adhaerentis paedagogos vulgo vocabant. Ii erant T. Vinius legatus eius in Hispania, cupiditatis immensae; Cornelius Laco ex assessore praefectus praetorii, arrogantia socordiaque intolerabilis; libertus Icelus, paulo ante anulis aureis et Marciani cognomine ornatus ac iam

comportamento, ressalta Suetônio, Galba teria agido no sentido de condenar vários personagens ilustres das duas ordens, e por suspeitas insignificantes, sem ao menos ouvi-los⁷⁵⁶; acreditava-se que ele, inclusive, de acordo com Suetônio, havia mesmo desejado limitar a dois anos a duração dos cargos senatoriais e equestres⁷⁵⁷. Complementa Suetônio, não houve benefício que Galba não concedesse aos seus companheiros e libertos, seja em troca de dinheiro ou mesmo como favor: pessoas inocentes eram castigadas e os verdadeiramente culpados, inocentados⁷⁵⁸. Pois bem, como verificamos na construção narrativa, Suetônio, após um início um tanto quanto ameno, acaba projetando em Galba diversas qualidades negativas, criticando o comportamento do príncipe: seria um homem cruel, inconstante e facilmente manipulável; e por conta disso, teria agido violentamente contra os senadores, a sociedade política. Novamente, presenciamos os elementos característicos, no pensamento político do autor, ao mau exemplo de príncipe.

De acordo com Suetônio, praticamente todas as ordens começaram a se sentir ofendidas em relação ao comportamento de Galba, mas foram os soldados aqueles que nutriram o maior rancor; o motivo seria a promessa de um donativo, negado posteriormente por Galba⁷⁵⁹. Nesse clima de descontentamento geral por parte das tropas, o exército da Germânia teria sido o primeiro a se rebelar, exigindo as devidas recompensas; estavam dispostos a jurar fidelidade somente ao Senado; conforme Suetônio, pouco agradava o imperador eleito na Hispania: eles próprios, enfim, escolheriam outro⁷⁶⁰. Galba, tomando conhecimento disso, de imediato

summae equestris gradus candidatus. His diverso vitiorum genere grassantibus adeo se abutendum permisit et tradidit, ut vix sibi ipse constaret, modo acerbior parciorque, modo remissior ac neglegentior quam conveniret principi electo atque illud aetatis”.

⁷⁵⁶ Suet. Gal. (XIV,3) “Quosdam claros ex utroque ordine viros suspicione minima inauditos condemnavit”.

⁷⁵⁷ Suet. Gal. (XV,1) “Existimabatur etiam senatoria et equestria officia biennii spatio determinaturus, nec daturus nisi invitis ac recusantibus”.

⁷⁵⁸ Suet. Gal. (XV,2) “At contra nihil non per comites atque libertos pretio addici aut donari gratia passus est, vectigalia immunitates, poenas innocentium impunitates noxiorum”.

⁷⁵⁹ Suet. Gal. (XVI,1) “Per haec prope universis ordinibus offensis vel praecipua flagrabat invidia apud milites. Nam cum in verba eius absentis iurantibus donativum grandius solito praepositi pronuntiassent, neque ratam rem habuit et subinde iactavit legere se militem, non emere consuesse; atque eo quidem nomine omnis, qui ubique erant, exacerbavit”.

⁷⁶⁰ Suet. Gal. (XVI,2) “Sed maxime fremebat superioris Germaniae exercitus, fraudari se praemiis navatae adversus Gallus et Vindicem operae. Ergo primi obsequium rumpere ausi Kal. Ian. adigi sacramento nisi in nomen senatus recusarunt statimque legationem ad praetorianos cum mandatis destinaverunt: displicere imperatorem in Hispania factum; eligerent ipsi quem cuncti exercitus comprobarent.”

adotou um nobre, o jovem Pisão Frugi Liciniano, o apresentando como seu sucessor, mas sem qualquer comentário a respeito de um futuro donativo; esta atitude, de acordo com Suetônio, fez com que Marco Otão⁷⁶¹ entrasse em confronto com Galba⁷⁶². Tão logo Otão ocupou o acampamento, toda a hesitação e descuido de Galba o levaram à morte, assassinado pelas tropas⁷⁶³. Galba morreu aos setenta e dois anos, contando sete meses de governo. Otão, seu detrator, ascendeu⁷⁶⁴.

5.6. OTÃO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

De acordo com Suetônio, Otão era descendente de uma antiga e distinta família da Etrúria⁷⁶⁵; desde sua juventude, teria demonstrado um comportamento pródigo e desavergonhado – a tal ponto que seu pai, Lúcio Otão, severo em suas ações, procurava corrigir o filho a chicotadas⁷⁶⁶. Otão, continua o autor,

⁷⁶¹ Otão que, na época, tinha esperança de ser adotado por Galba, razão de sua pronta investida.

⁷⁶² Suet. Gal. (XVII,1) "*Quod ut nuntiatum est, despectui esse non tam senectam suam quam orbitatem ratus, Pisonem Frugi Licinianum, nobilem egregiumque iuvenem ac sibi olim probatissimum testamentoque semper in bona et nomen adscitum repente e media salutantium turba adprehendit filiumque appellans perduxit in castra ac pro contione adoptavit, ne tunc quidem donativi ulla mentione facta. Quo faciliorem occasionem M. Salvio Othoni praebeuit perficiendi conata intra sextum adoptionis diem*".

⁷⁶³ Suet. Gal. (XIX,1-2) "*Haud multo post cognoscit teneri castra ab Othone, ac plerisque ut eodem quam primum pergeret suadentibus (posse enim auctoritate et praesentia praevalere) nihil amplius quam contineret se statuit et legionariorum firmare praesidiis, qui multifariam diverseque tendebant. [...] Sed extractus rumoribus falsis, quos conspirati, ut eum in publicum elicerent, de industria dissiparant, paucis temere affirmantibus transactum negotium, oppressos, qui tumultuarentur, advenire frequentis ceteros gratulabundos et in omne obsequium paratos; iis ut occurreret prodiit, tanta fiducia ut militi cuidam occisum a se Othonem gloriantí, Quo auctore? responderit; atque in forum usque processit*".

⁷⁶⁴ Conforme Pierre Grimal, "Galba limiou-se a experimentar o poder. Regressado de Roma no mês de Outubro de 68, foi morto pelos pretorianos no dia 15 de janeiro seguinte, por instigação de um antigo companheiro de Nero, Sálvio Otho. A *Auctoritas* do Senado não bastava para fazer um imperador. Era preciso a vontade dos soldados. Não manifestava esta a vontade dos deuses?". GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.92. Sobre este conturbado momento político, Gonzalo Bravo comenta, refletindo, que "la vía política dejaba así paso a la vía militar. Como lo afirma Tacito, en esta primera crisis del Principado se describió el 'secreto del poder', que no era otro que el control de los ejércitos provinciales. Es éste también el primer momento en que las provincias adquieren un verdadero protagonismo político frente a Roma e Italia, situación que se corresponde con la rivalidade económica ya existente entre ambas". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.510.

⁷⁶⁵ Suet. Otho. (I,1) "*Maiores Othonis orti sunt oppidio Ferentio, familia vetere et honorata atque ex principibus Etruriae*".

⁷⁶⁶ Suet. Otho. (II,1) "*A prima adulescentia prodigus ac procax, adeo ut saepe flagris obiurgaretur a patre,*"

compartilhara de todos os planos e segredos de Nero; porém, tão logo se desentendeu com o príncipe, acabou desterrado para a província da Lusitânia; nesta região, conforme ressalta Suetônio, teria governado com moderação e integridade singulares⁷⁶⁷. Em função desse afastamento, quando a primeira ocasião de vingança contra Nero surgiu, apoiou imediatamente a Galba; e desde esse momento, complementa Suetônio, teria nutrido forte esperança de também alcançar o império; com esse pensamento em mente, teria empregado todas as formas possíveis de obsequidade e adulação com todas as pessoas, buscando, inclusive, ganhar o favor dos soldados; naquele momento era complicado, portanto, encontrar alguém que não o considerasse o único homem digno de alcançar a sucessão do império⁷⁶⁸. Otão, segundo Suetônio, havia realmente acreditado no fato de que Galba o adotaria, esperando este momento ansiosamente; no entanto, quando Pisão acabou sendo escolhido por Galba para sucedê-lo, esgotaram-se todas as esperanças; Otão, diante dos fatos, teria recorrido à violência, movido pelo ressentimento e, também, pela magnitude de suas dívidas. No dia combinado com os seus cúmplices, todos estes soldados pagos⁷⁶⁹, Otão foi levado ao acampamento pretoriano e, por seus comparsas, saudado imperador; daquele lugar, enviou tropas para o assassinato de Galba e Pisão⁷⁷⁰. Logo fora de encontro ao Senado e, através de um breve discurso, explicou que havia sido escolhido em meio à rua e forçado a assumir o império, o qual, no entanto, pensava em exercer seguindo a vontade

⁷⁶⁷ Suet. Otho. (III,1-2) “*Omnium autem consiliorum secretorumque particeps die,[...]Provinciam administravit quaestorius per decem annos, moderatione atque abstinencia singulari*”.

⁷⁶⁸ Suet. Otho. (IV,1-2) “*Vt tandem occasio ultionis data est, conatibus Galbae primus accessit: eodemque momento et ipse spem imperii cepit magnam quidem et ex condicione temporum, [...] Nullo igitur officii aut ambitionis in quemquam genere omissio, quotiens cena principem acciperet, aureos excubanti cohorti viritim dividebat, nec minus alium alia via militum demerebatur. Cuidam etiam de parte finium cum vicino litiganti, adhibitus arbiter, totum agrum redemit emancipavitque; ut iam vix ullus esset, qui non et sentiret et praedicaret solum successione imperii dignum*”.

⁷⁶⁹ Suet. Otho. (V,2) “*Ante paucos dies servo Caesaris pro impetrata dispensatione decies sestertium expresserat; hoc subsidium tanti coepti fuit. Ac primo quinque speculatoribus commissa res est, deinde decem aliis, quos singuli binos produserant; omnibus dena sestertia repraesentata et quinquagena promissa. Per hos sollicitati reliqui, nec adeo multi, haud dubia fiducia in ipso negotio pluris adfuturos*”.

⁷⁷⁰ Suet. Otho. (VI,3) “*Tunc abditus propere muliebri sella in castra contendit ac deficientibus lecticariis cum descendisset cursumque cepisset, laxato calceo restitit, donec omissa mora succollatus et a praesente comitatu imperator consalutatus inter faustas adclamationes strictosque gladios ad principia devenit, obvio quoque non aliter ac si conscius et particeps foret adhaerente. Ibi missis qui Galbam et Pisonem trucidarent, ad conciliandos pollicitationibus militum animos nihil magis pro contione testatus est, quam id demum se habiturum, quod sibi illi reliquissent*”.

geral⁷⁷¹. Chamado de “Nero” pela baixa plebe, Otão não teria, de acordo com Suetônio, hesitado em aceitar essa denominação; inclusive, teria procurado recuperar todas as imagens e estátuas deste imperador⁷⁷².

Neste mesmo tempo, os exércitos da Germânia, no entanto, teriam decido jurar fidelidade a Vitélio; Otão, então comunicado do fato, aconselhou o Senado a enviar uma embaixada para informá-los de que um príncipe acabara de ser eleito, solicitando a todos calma e concórdia; porém, Vitélio encaminhara-se à guerra, adiantando o envio de tropas; nesse momento, comenta Suetônio, Otão teve a ocasião certa de comprovar a adesão e fidelidade dos pretorianos a sua pessoa, pois os soldados estiveram a ponto de provocar o massacre da ordem senatorial⁷⁷³: de acordo com o autor, os soldados defensores de Otão teriam desconfiado de uma possível traição interna; rumores indicavam um desvio de armamentos aos inimigos, com a intenção de assassinato do príncipe; no alvoroço do momento, os soldados teriam exigido a matança de todo o Senado; não o fizeram, pois o príncipe continuava com vida⁷⁷⁴. No confronto direto com Vitélio, Otão perdeu a mais importante batalha, ocorrida em Bedriaco; na perspectiva que coloca Suetônio, esta batalha teria sido vencida de modo traiçoeiro: ao príncipe fora prometida a esperança de uma conferência, com vistas à negociação da paz; tendo dispensado os soldados próximos acreditando na proposta, se vira forçado, por um movimento

⁷⁷¹ Suet. Otho. (VII,1) “*Dein vergente iam die ingressus senatum positaque brevi ratione quasi raptus de publico et suscipere imperium vi coactus gesturusque communi omnium arbitrio, Palatium petiit*”.

⁷⁷² Suet. Otho. (VII,1) “*Ac super ceteras gratulantium adulantiumque blanditias ab infima plebe appellatus Nero nullum indicium recusantis dedit, immo, ut quidam tradiderunt, etiam diplomatibus primisque epistulis suis ad quosdam provinciarum praesides Neronis cognomen adiecit. Certe et imagines statuasque eius reponi passus est et procuratores atque liberos ad eadem officia revocavit, nec quicquam prius pro potestate subscripsit quam quingenties sestertium ad peragendam Auream Domum*”.

⁷⁷³ Suet. Otho. (VIII,1) “*Sub idem vero tempus Germaniciani exercitus in Vitellii verba iurarat. Quod ut comperit, auctor senatui fuit mittendae legationis, quae doceret electum iam principem, quietem et concordiam suaderet; et tamen per internuntios ac litteras consortem imperii generumque se Vitellio optulit. Verum haud dubio bello, iamque ducibus et copiis quas Vitellius praemiserat appropinquantibus, animum fidemque erga se praetorianorum paene internecone amplissimi ordinis expertus est*”.

⁷⁷⁴ Suet. Otho. (VIII,2) “*Placuerat per classiarios arma transferri remittique navibus; ea cum in castris sub noctem promerentur, insidias quidam suspicati tumultum excitaverunt; ac repente omnes nullo certo duce in Palatium cucurrerunt caedem senatus flagitantes, repulsisque tribunorum, qui inhibere temptabat, nonnullis et occisis, sic ut erant cruenti, ubinam imperator esset requirentes perruperunt in triclinium usque nec nisi viso destiterunt*”.

do inimigo, a combater⁷⁷⁵. Imediatamente, Otão tomou a decisão de morrer; atitude, de acordo com Suetônio, relacionada à delicadeza, e não, como muitos outrora pensaram, ao desespero ou falta de confiança em suas tropas; Otão, complementa o autor, não desejava preservar-se no poder, lutando a custo de tão grande perigo em nome da vida e da propriedade⁷⁷⁶.

Como verificamos em sua construção narrativa, Suetônio trabalha no sentido de ressaltar o comportamento positivo de Otão, tão logo este ascendeu ao Principado. Reforçando a construção dessa ideia, o autor então apresenta o testemunho de seu pai, Suetônio Leto – personagem que teria participado da guerra civil entre Otão e Vitélio. Conforme Suetônio, dentre as várias declarações de seu pai sobre Otão, destacam-se as seguintes colocações: Otão teria, sempre, detestado as guerras civis, mesmo quando era, ainda, um simples particular; na ocasião de um banquete, quando Otão ouviu sobre o assassinato de Cássio e Bruto, teria se estremecido de horror; Otão, aliás, não teria se colocado contra Galba caso não confiasse em poder resolver o assunto sem, propriamente dito, começar uma guerra entre ambos; por fim, teria sido o exemplo de um soldado, injustamente acusado de covardia e falsidade, o motivo pelo qual Otão, naquele tempo, decidiu não colocar mais em perigo homens de tamanho valor e que haviam lhe prestado serviços tão bons⁷⁷⁷. Pois bem, na sequência dessas afirmações “elogiosas”, Suetônio encaminha a narrativa para os momentos finais de Otão. Este, com o encerramento dos conflitos, teria tomado as devidas providências em relação aos seus familiares e amigos, cuidando para que ninguém saísse prejudicado ou em

⁷⁷⁵ Suet. Otho. (IX,2) “*Et tribus quidem verum mediocribus proeliis apud Alpes circaque Placentiam et ad Castoris, quod loco nomen est, vicit; novissimo maximoque apud Betriacum fraude superatus est, cum, spe conloquii facta, quasi ad condicionem pacis militibus eductis, ex improviso atque in ipsa consalutatione dimicandum fuisset*”.

⁷⁷⁶ Suet. Otho. (IX,2) “*Ac statim moriendi impetum cepit, ut multi nec frustra opinantur, magis pudore ne tanto rerum hominumque periculo dominationem sibi asserere perseveraret, quam desperatione ulla aut diffidentia copiarum;*”

⁷⁷⁷ Suet. Otho. (X,1) “*Interfuit huic bello pater meus Suetonius Laetus, tertiae decimae legionis tribunus angusticlavius. Is mox referre crebro solebat, Othonem etiam privatum usque adeo detestatum civilia arma, ut memorante quodam inter epulas de Cassii Brutique exitu cohorrerit; nec concursurum cum Galba fuisse, nisi confideret sine bello rem transigi posse; tunc ac despiciendam vitam exemplo manipularis militis concitatum, qui cum cladem exercitus nuntiaret nec cuiquam fidem faceret ac nunc mendaci nunc timoris, quasi fugisset, ex acie argueretur, gladio ante pedes eius incubuerit. Hoc viso proclamasse cum aiebat, non amplius se in periculum talis tamque bene meritos coniecturum*”.

perigo frente ao vencedor⁷⁷⁸. E nesse meio tempo, quando a desordem surgiu, Otão não teria permitido que ninguém sofresse qualquer violência⁷⁷⁹. Cometeu, finalmente, o suicídio, morrendo aos trinta e oito anos de idade, após três meses no governo⁷⁸⁰. De acordo com Suetônio, diversos soldados, perante o corpo de Otão, verteram-se em lágrimas, cobrindo de beijos suas mãos e pés; ao mesmo tempo, proclamavam o personagem o mais “valente dos homens e um imperador excepcional”⁷⁸¹. Suetônio também comenta que, de repente, muitas pessoas que haviam detestado a Otão enquanto vivo, o encheram de elogios quando morto; por fim, o autor destaca que, nessa época, dentre o povo, corria o rumor de que Otão havia assassinado a Galba não tanto para “dominar”, mas para restabelecer a “República” e a “liberdade”⁷⁸².

Suetônio, ao final da biografia de Otão, projetou neste personagem um exemplo positivo de comportamento – prática não muito usual por parte do autor, e que por isso mesmo merece a nossa atenção. Mas a que se deve então essa caracterização positiva em Otão? Pois bem, ainda que no início Otão tenha sido considerado um homem inexpressivo e oportunista, a construção narrativa de Suetônio logo coloca o personagem alinhado aos princípios da tradição política romana, o elogiando. Primeiramente, destaca-se que Otão possuía plena consciência a respeito dos vários males que a guerra civil poderia trazer diretamente para a sociedade romana; ao mesmo tempo, ele teria se demonstrado muito surpreso com a notícia da morte de Bruto e Cássio, personagens relacionados ao

⁷⁷⁸ Suet. Otho. (X,2) “*Fratrem igitur fratrisque filium et singulos amicorum cohortatus, ut sibi quisque pro facultate consuleret, ab amplexu et osculo suo dimisit omnis, secretoque capto binos codicillos exaravit, ad sororem consolatorios, et ad Messalinam Neronis, quam matrimonio destinarat, commendans reliquias suas et memoriam. Quicquid deinde epistularum erat, ne cui periculo aut noxae apud victorem forent, concremavit. Divisit et pecunias domesticis ex copia praesent*”.

⁷⁷⁹ Suet. Otho. (XI,1) “*Atque ita paratus intentusque iam morti, tumultu inter moras exorto ut eos, qui discedere et abire coeptabant, corripere quasi desertores detinerique sensit, "Adiciamus," inquit, "vitae et hanc noctem!" (his ipsis totidemque verbis) vetuitque vim cuiquam fieri*”;

⁷⁸⁰ Suet. Otho. (XI,2) “*Et circa lucem demum expergefactus, uno se traiecit ictu infra laevam papillam irrupentibusque ad primum gemitum modo celans modo detegens plagam, exanimatus est et celeriter (nam ita praeceperat) funeratus, tricensimo et octavo aetatis anno et nonagesimo quinto imperii die*”.

⁷⁸¹ Suet. Otho. (XII,2) “*Multi praesentium militum cum plurimo fletu manus ac pedes iacentis exosculati, fortissimum virum, unicum imperatorem praedicantes, ibidem statim nec procul a rogo vim suae vitae attulerunt; multi et absentium accepto nuntio prae dolore armis inter se ad internecionem concurrerunt*”.

⁷⁸² Suet. Otho. (XII,2) “*Denique magna pars hominum incolumem gravissime detestata mortuum laudibus tulit, ut vulgo iactatum sit etiam, Galbam ab eo non tam dominandi quam rei p. ac libertatis restituendae causa interemptum*”.

grupo de maior tradição naquele ambiente, os senadores. De fato, como verificamos nas biografias anteriores, Suetônio é crítico em relação ao assassinato de senadores; porém, os dois personagens aqui destacados não são aleatórios, bem longe disso; ora, Bruto e Cássio, devemos lembrar, foram os principais personagens responsabilizados pela morte de Júlio César; na alegação de ambos, estavam agindo em defesa da “República” e da “tradição”, contra alguém que estaria corrompendo os costumes. Suetônio, nesse mesmo sentido, transparecendo o seu pensamento político no exemplo de Otão, reitera a necessidade de consideração e preservação daqueles que, prontamente, defendiam a tradição senatorial, a República romana. Essa perspectiva torna-se ainda mais evidente no encerramento da biografia, quando Suetônio projeta em Otão a nobre vontade, fracassada, de não querer “**dominar**”, ou seja, exercer um “**poder absoluto**”, negativo; mas sim de restaurar a “**República**” e a “**liberdade**” – valores morais do pensamento político, tradicional, romano.

5.7. VITÉLIO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

No que diz respeito ao sucessor de Otão, Vitélio, Suetônio inicia sua narrativa biográfica instigando certas dúvidas em relação à sua tradição familiar: para alguns, Vitélio pertenceria a uma linhagem muito antiga e nobre; no entanto, para outros tantos, essa linhagem era recente e obscura, inclusive baixa⁷⁸³. De qualquer forma, na certeza do autor, seu avô, Públio Vitélio, seria do grupo equestre, um procurador dos bens de Octaviano⁷⁸⁴; e seu pai, Lúcio Vitélio, cônsul e governador da Síria⁷⁸⁵. Este, inclusive, na opinião de Suetônio, teria se demonstrado de um talento enorme para a adulação: fora ele o responsável por estabelecer a adoração a Calígula; e no que se refere ao príncipe Cláudio, também não teria desperdiçado nenhuma oportunidade de bajulá-lo⁷⁸⁶. Quando o filho de Lúcio Vitélio nasceu, ou seja, o futuro

⁷⁸³ Suet. Vit. (I, 1) “*Vitelliorum originem alii aliam et quidem diversissimam tradunt, partim veterem et nobilem, partim vero novam et obscuram atque etiam sordidam*”.

⁷⁸⁴ Suet. Vit. (II, 2) “*Ceterum P. Vitellius domo Nuceria, sive ille stirpis antiquae sive pudendis parentibus atque avis, eques certe R. et rerum Augusti procurator*”.

⁷⁸⁵ Suet. Vit. (II, 4) “*Lucius ex consulatu Syriae praepositus*”.

⁷⁸⁶ Suet. Vit. (II, 5) “*Idem miri in adulando genii, prius C. Caesarem adorare ut deum instituit, cum reversus ex Syria non aliter adire ausus esset quam capite velato circumvertensque se, deinde*

príncipe Vitélio, os seus progenitores teriam se espantado diante do horóscopo anunciado pelos astrólogos; de tal forma que o pai teria procurado sempre, com o maior empenho, evitar que as províncias fossem confiadas ao seu filho; e da mesma forma a mãe, quando soube que Vitélio fora enviado às legiões e proclamado príncipe, teria chorado sem interrupções, o considerando perdido⁷⁸⁷. De acordo com Suetônio, Vitélio passara muito da sua adolescência com os moços de prazer de Tibério e, segundo opinião geral, foram esses diversos “favores” concedidos por Vitélio ao então príncipe que, enfim, motivaram a ascensão política de seu pai⁷⁸⁸. Nos anos que se seguiram, de acordo com Suetônio, Vitélio, manchado por todos os tipos de baixeza, ocupara um lugar privilegiado na corte, ganhando a estima dos príncipes Calígula, Cláudio e Nero⁷⁸⁹. Deste modo, sempre pelo favor, teria alcançado cargos e sacerdócios considerados dos mais importantes; e assim exerceu o proconsulado da África e a administração das obras públicas; mantendo-se a todo o momento, de acordo com Suetônio, inconstante em seus propósitos e na reputação⁷⁹⁰. Posteriormente Galba, contra qualquer prognóstico, o enviara à Germânia Inferior; eleição esta que se deveu, aponta Suetônio, muito mais devido ao desprezo do que ao favor: Galba teria afirmado que toda a desmedida gula de Vitélio seria nesta província, então, saciada⁷⁹¹. O exército, naquele momento um tanto quanto indisposto em relação ao atual príncipe, Galba, e extremamente propenso à sublevação, recebeu a chegada de Vitélio tal como um “presente dos deuses”: vincularam a sua imagem à memória de seu pai, personagem que havia

procumbens. Claudium uxoribus libertisque addictum ne qua non arte demereretur, pro maximo numere a Messalina petit, ut sibi pedes praeberet ex calciandos”.

⁷⁸⁷ Suet. Vit. (III, 2) “*Genituram eius praedictam a mathematicis ita parentes exhorruerunt, ut pater magno opere semper contenderit, ne qua ei provincia vivo se committeretur, mater et missum ad legiones et appellatum imperatorem pro afflicto statim lamentata sit*”.

⁷⁸⁸ Suet. Vit. (III, 2) “*Pueritiam primamque adulescentiam Capreis egit inter Tiberiana scorta, et ipse perpetuo Spintriae cognomine notatus existimatusque corporis gratia initium et causa incrementorum patri fuisse*”.

⁷⁸⁹ Suet. Vit. (IV, 1) “*Sequenti quoque aetate omnibus probris contaminatus, praecipuum in aula locum tenuit, Gaio per aurigandi, Claudio per aleae studium familiaris, sed aliquanto Neroni acceptior,...*”.

⁷⁹⁰ Suet. Vit. (V, 1) “*Trium itaque principium indulgentia non solum honoribus verum et sacerdotiis amplissimis auctus, proconsulatum Africae post haec curamque operum publicorum administravit et voluntate dispari et existimatione*”.

⁷⁹¹ Suet. Vit. (VII, 1) “*A Galba in inferiorem Germaniam contra opinionem missus est. Aditum putant T. Vini suffragio, tunc potentissimi et cui iam pridem per communem factionis Venetae conciliatus esset; nisi quod Galba prae se tulit nullos minus metuendos quam qui de solo victu cogitarent, ac posse provincialibus copiis profundam gulam eius expleri, ut cuivis evidens sit contemptu magis quam gratia electum*”.

sido três vezes cônsul; ao mesmo tempo, consideravam Vitélio um homem de espírito um tanto complacente e pródigo⁷⁹².

Vitélio, continua Suetônio, fora aclamado príncipe por essas tropas, recebendo também o apoio do exército da Germânia Superior, o qual havia repudiado a Galba e se colocado a serviço do Senado; na sequência, destaca a narrativa, Vitélio teria aceito o sobrenome de “Germânico”, diferido o de “Augusto” e rechaçado para sempre o de “César”⁷⁹³. Recebendo a notícia da morte de Galba, Vitélio teria então organizado as suas forças e avançado imediatamente contra Otão⁷⁹⁴; no entanto, conforme aponta Suetônio, Vitélio não fora capaz de conservar em suas mãos o poder que seus legados⁷⁹⁵, efetivamente, haviam assegurado a ele⁷⁹⁶. Embora, inicialmente, tenha se comportado de modo admirável e nobre, suscitando grandes esperanças de que seria um ótimo príncipe, Suetônio ressalta que Vitélio, no restante de sua conduta, agira muito mais de acordo com a sua natureza e hábitos antigos do que, realmente, com a dignidade do império⁷⁹⁷. De fato, tão logo chegou a Roma, descuidando-se cada vez mais de toda lei divina e humana, Vitélio teria se nomeado cônsul à perpetuidade⁷⁹⁸. De acordo com Suetônio, para que não restassem dúvidas do modelo por ele escolhido para governar a República, realizara oferendas fúnebres ao príncipe Nero em pleno campo de Marte; nesse tempo, em um banquete, teria pedido a um citaredo que

⁷⁹² Suet. Vit. (VII, 3) “*Advenientem male animatus erga principem exercitus pronusque ad res novas libens ac supinis manibus excepit velut dono deum oblatum, ter consulis filium, aetate integra, facili ac prodigo animo*”.

⁷⁹³ Suet. Vit. (VIII, 2) “*Consentiente deinde etiam superioris provinciae exercitu, qui prior a Galba ad senatum defecerat, cognomen Germanici delatum ab universis cupide recepit, Augusti distulit, Caesaris in perpetuum recusavit*”.

⁷⁹⁴ Suet. Vit. (IX, 1) “*Ac subinde caede Galbae adnuntiata, compositis Germanicis rebus, partitus est copias, quas adversus Othonem praemitteret, quasque ipse perduceret*”.

⁷⁹⁵ Fábio Valente e Aulo Cecina, legados de Vitélio que venceram a batalha de Bedriaco.

⁷⁹⁶ Suet. Vit. (IX, 1) “*At contra ipso movente statuae equestres, cum plurifariam ei ponerentur, fractis repente cruribus pariter corruerunt, et laurea, quam religiosissime circumdederat, in profluentem excidit; mox Viennae pro tribunali iura reddenti gallinaceus supra umerum ac deinde in capite astitit. Quibus ostentis par respondit exitus; nam confirmatum per legatos suos imperium per se retinere non potuit*”.

⁷⁹⁷ Suet. Vit. (X, 1) “*Centum autem atque viginti, quorum libellos Othoni datos invenerat exposcentium praemium ob editam in caede Galbae operam, conquiri et supplicio adfici imperavit, egregie prorsus atque magnifice et ut summi principis spem ostenderet, nisi cetera magis ex natura et priore vita sua quam ex imperii maiestate gessisset*”.

⁷⁹⁸ Suet. Vit. (XI, 2) “*Magis deinde ac magis omni divino humanoque iure neglecto Aliensi die pontificatum maximum cepit, comitia in decem annos ordinavit seque perpetuum consulem*”.

cantasse algo do chamado “**Livro do Senhor**”⁷⁹⁹, aplaudindo entusiasmado esse feito⁸⁰⁰. De acordo com Suetônio, Vitélio teria exercido seu império em grande parte seguindo todos os conselhos e caprichos dos mais vis atores e aurigas; mas especialmente, nesse caso, de seu liberto, Asiático⁸⁰¹.

Na continuidade da construção narrativa, Suetônio aponta que Vitélio seria predisposto à gula e à crueldade⁸⁰²; ademais, poderia ser considerado uma pessoa de voracidade insaciável, extemporânea e imunda: nem ao menos aguardava o fim de um sacrifício ou viagem para acabar com a sua fome⁸⁰³. Sempre estava, também, disposto a mandar executar e submeter ao suplício a qualquer indivíduo, independente da causa; Suetônio, como exemplo, conta que Vitélio, após praticar lisonjas em relação a vários personagens de nobre linhagem, condiscípulos e colegas seus, fazendo com que todos acreditassem que ele os vincularia ao império, de modo um tanto quanto traiçoeiro teria premeditado a morte de todos, e de distintas maneiras⁸⁰⁴. Foi então que Vitélio, chegando ao oitavo mês de seu mandato, tomou conhecimento de que os exércitos da Méssia, Panônia, Judéia e Síria haviam se revoltado, aclamando Vespasiano⁸⁰⁵ como príncipe; frente a essa situação, coube a Vitélio buscar a fidelidade com o restante dos homens: sem

⁷⁹⁹ Nome dado ao conjunto das composições de Nero.

⁸⁰⁰ Suet. Vit. (XI, 2) “*Et ne cui dubium foret, quod exemplar regendae rei p. eligeret, medio Martio campo adhibita publicorum sacerdotum frequentia inferias Neroni dedit ac sollemni convivio citharoedum placentem palam admonuit, ut aliquid et de dominico diceret, incohantique Neroniana cantica primus exsultans etiam plausit*”.

⁸⁰¹ Suet. Vit. (XII, 1) “*Talibus principiis magnam imperii partem non nisi consilio et arbitrio vilissimi cuiusque histrionum et aurigarum administravit et maxime Asiatici liberti*”.

⁸⁰² Suet. Vit. (XIII, 1) “*Sed vel praecipue luxuriae saevitiaeque deditus epulas trifariam semper, interdum quadrifariam dispertiebat, in iantacula et prandia et cenas comissationesque, facile omnibus sufficiens vomitandi consuetudine*”.

⁸⁰³ Suet. Vit. (XIII, 3) “*Ut autem homo non profundae modo sed intempestivae quoque ac sordidae gulae, ne in sacrificio quidem umquam aut itinere ullo temperavit, quin inter altaria ibidem statim viscus et farris frusta paene rapta e foco manderet circaque viarum popinas fumantia obsonia vel pridiana atque semesa*”.

⁸⁰⁴ Suet. Vit. (XIV, 1) “*Pronus vero ad cuiuscumque et quacumque de causa necem atque supplicium nobiles viros, condiscipulos et aequales suos, omnibus blanditiis tantum non ad societatem imperii adlice factos vario genere fraudis occidit, etiam unum veneno manu sua porrecto in aquae frigidae potione, quam is adfectus febre poposcera*”.

⁸⁰⁵ Conforme Pierre Grimal, “Entretanto, o exército do Oriente, por sua vez, proclamava imperador o seu próprio general, Vespasiano, que comandava as tropas enviadas para a Judeia contra os Judeus. O que um exército podia fazer, também os outros podiam. Vitélio era desprezado, devido ao seu caráter e gênero de vida. Vespasiano, por outro lado, só inspirava estima”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.92.

qualquer medida teria distribuído liberalidades, tanto públicas como privadas⁸⁰⁶. Apesar de seus esforços, Vitélio sofreu as consequências do avanço das tropas de Vespasiano; invadiram assim o palácio, prendendo e humilhando a Vitélio, publicamente, antes de matá-lo⁸⁰⁷.

Na breve narrativa biográfica de Vitélio, não faltam indicações aos elementos característicos do pensamento político de Suetônio que estamos observando com grande frequência em seu trabalho. Revelando, portanto, todas as sutilezas do caráter de Vitélio, Suetônio projeta neste personagem um comportamento essencialmente negativo. De fato, Vitélio fora condenado pelo autor desde a juventude: seja em relação à incerteza de sua tradição familiar, seja em relação a conduta com Tibério. Da mesma forma, a relação de Vitélio com todos os outros príncipes da época, em especial Nero, exemplo dos mais negativos para Suetônio, contou muito desfavoravelmente. Ademais, não faltam várias referências ao comportamento inadequado de Vitélio: os excessos, a inconstância, a crueldade com todos; e novamente, a predisposição ao assassinato de importantes membros da sociedade política. Em suma, todo esse quadro revela, em síntese, os atributos de um péssimo exemplo de príncipe romano no pensamento do autor.

5.8. VESPASIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

Logo ao começo da narrativa biográfica, Suetônio propõe algumas considerações gerais a respeito do novo momento vivido pelo Principado Romano, pós-ascensão de Vespasiano. De acordo com o autor, o Império, instável por conta da usurpação e morte violenta de três príncipes⁸⁰⁸, acabara, enfim, assumido e

⁸⁰⁶ Suet. Vit. (XV, 1) "*Octavo imperii mense desciverunt ab eo exercitus Moesiarum atque Pannoniae, item ex transmarinis Iudaicus et Syriaticus, ac pars in absentis pars in praesentis Vespasiani verba iurarunt. Ad retinendum ergo ceterorum hominum studium ac favorem nihil non publice privatimque nullo adhibito modo largitus est*".

⁸⁰⁷ Suet. Vit. (XVII, 1) "*Irruperant iam agminis antecessores ac nemine obvio rimabantur, ut fit, singula. Ab his extractus e latebra, sciscitantes, quis esset — nam ignorabatur — et ubi esset Vitellium sciret, mendacio elusit; deinde agnitus rogare non destitit, quasi quaedam de salute Vespasiani dicturus, ut custodiretur interim vel in carcere, donec religatis post terga manibus, iniecto cervicibus laqueo, veste discissa seminudus in Forum tractus est inter magna rerum verborumque ludibria per totum viae Sacrae spatium, reducto coma capite, ceu noxii solent, atque etiam mento mucrone gladii subrecto, ut visendam praeberet faciem neve summitteret;*"

⁸⁰⁸ Nesse caso, Galba, Otão e Vitélio.

levado à estabilidade pelos Flávios⁸⁰⁹; esta família, complementa Suetônio, ainda que apresentasse uma origem certamente obscura e não contasse com antepassados dos mais gloriosos, não teria proporcionado à República motivo algum de queixa; embora, nota o autor, fosse de conhecimento geral que Domiciano sofrera um justo castigo por toda a sua avareza e crueldade⁸¹⁰. Pois bem, como verificamos nesse início do texto, Suetônio antecipa sua consideração positiva em relação à Vespasiano, destacando que sua chegada ao poder colocara um fim aos diversos conflitos do período anterior; trata-se, no que podemos considerar, de uma alusão à guerra civil entre os romanos, circunstância sempre muito criticada pelo autor⁸¹¹. Ademais, a referência em relação à Domiciano, o último “César” biografado, destaca o exemplo negativo que este personagem, mais adiante, assumirá.

Suetônio, na sequência, dedica-se a apresentar algumas informações referentes à família de Vespasiano. Seu avô teria sido um dos partidários de Pompeu durante a guerra civil, tendo conseguido escapar após a batalha de Farsália; o pai, Sabino, fora coletor de impostos, reconhecido à época pela grande integridade⁸¹²; a mãe, Vespasia Pola, seria pertencente a uma família da região da Núrsia⁸¹³. De acordo com Suetônio, tão logo Vespasiano solicitou o laticlávio⁸¹⁴,

⁸⁰⁹ Alusão ao governo de Vespasiano e seus filhos, Tito e Domiciano. Conforme Pierre Grimal, “Tornou-se desde logo evidente que os deuses não haviam designado apenas um homem, mas toda uma família, a que formavam Vespasiano e os dois filhos [...] O princípio da hereditariedade permanecia vivo na mentalidade romana. A noção de família era essencial, tanto no direito como na religião doméstica. Assegurava, durante perto de um século, o poder aos Júlio-Claudianos, devido ao laço místico que os unia ao deus Augusto. Galba adoptra o jovem Pisão antes de o associar ao seu poder. Pareceu natural que Vespasiano ascendesse ao Império em nome da sua raça e fundasse, por sua vez, uma dinastia sacra”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.93.

⁸¹⁰ Suet. Ves. (I, 1) “*Rebellione trium principum et caede incertum diu et quasi vagum imperium suscepit firmavitque tandem gens Flavia, obscura illa quidem ac sine ullis maiorum imaginibus, sed tamen rei p. nequaquam paenitenda, constet licet Domitianum cupiditatis ac saevitiae merito poenas luisse*”.

⁸¹¹ Por exemplo, conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Otho. (X,1), página 196.

⁸¹² Suet. Ves. (I, 2) “*T. Flavius Petro, municeps Reatinus, bello civili Pompeianarum partium centurio an evocatus, profugit ex Pharsalica acie domumque se contulit, ubi deinde venia et missione impetrata coactiones argentarias factitavit. Huius filius, cognomine Sabinus, expertus militiae — etsi quidam eum primipilarem, nonnulli, cum adhuc ordines duceret, sacramento solutum per causam valitudinis tradunt — publicum quadragesimae in Asia egit; manebantque imagines a civitatibus ei positae sub hoc titulo: ΚΑΛΩC ΤΕΛΩΝΗCΑΝΤΙ*”.

⁸¹³ Suet. Ves. (I, 3) “*Polla Nursiae honesto genere orta patrem habuit Vespasium Pollionem, ter tribunum militum praefectumque castrorum, fratrem senatorem praetoriae dignitatis*”.

⁸¹⁴ Seu irmão, Sabino, já o havia requerido; ação necessária, pois não eram de família senatorial.

motivado pela mãe⁸¹⁵, levou adiante a sua carreira política, tornando-se tribuno, questor, edil e pretor⁸¹⁶. Casou-se com Flávia Domitila, com quem teve três filhos: Tito, Domiciano e Domitilia; no entanto, perdeu a filha e a mulher quando ainda não havia se tornando príncipe romano⁸¹⁷. Vespasiano esteve na Germânia como legado de legião, e exerceu o consulado no governo de Cláudio⁸¹⁸; por sorteio, em tempos do príncipe Nero, dirigiu a província da África com extrema integridade, assim alcançando grande estima por parte de todos, conforme Suetônio⁸¹⁹. Porém, logo após desentendimentos com Nero, temendo por sua vida, Vespasiano se afastou da política; retornou apenas quando recebeu o governo de outra província⁸²⁰, com um exército⁸²¹; as circunstâncias particulares dessa nomeação, porém, foram esclarecidas pelo autor na continuação do texto, conforme demonstramos.

De acordo com Suetônio, naquela época, havia se espalhado por todo o Oriente a certeza em torno de uma velha crença: o governo do mundo seria confiado a homens da Judéia⁸²². Esta previsão, explica o autor, na verdade se aplicava ao imperador de Roma, conforme constatado depois; de qualquer modo, complementa Suetônio, essa crença fora assumida intensamente pelo povo desta região; foi então que, nestas circunstâncias, tivera início na Judéia uma revolta de grandes proporções; para que fosse reprimida, seria necessário, no pensamento da época, conforme aponta Suetônio, um exército numeroso, confiado a um general de

⁸¹⁵ Suet. Ves. (II, 2) "*Sumpta virili toga latum clavum, quanquam fratre adepto, diu aversatus est, nec ut tandem appeteret compelli nisi a matre potuit. Ea demum extudit magis convicio quam precibus vel auctoritate, dum eum identidem per contumeliam anteambulonem fratris appellat*".

⁸¹⁶ Suet. Ves. (II, 3) "*Tribunatu militum in Thracia meruit; quaestor Cretam et Cyrenas provinciam sorte cepit; aedilitatis ac mox praeturae candidatus, illam non sine repulsa sextoque vix adeptus est loco, hanc prima statim petitione et in primis*;"

⁸¹⁷ Suet. Ves. (III, 1) "*Inter haec Flaviam Domitillam duxit uxorem. Statili Capellae equitis R. Sabratensis ex Africa delicatam olim Latinaeque condicionis, sed mox ingenuam et civem Rom. recipatorio iudicio pronuntiatam, patre asserente Flavio Liberale Ferenti genito nec quicquam amplius quam quaestorio scriba. Ex hac liberos tulit Titum et Domitianum et Domitillam. Uxori ac filiae superstes fuit atque utramque adhuc privatus amisit*".

⁸¹⁸ Suet. Ves. (IV, 1-2) "*Claudio principe Narcissi gratia legatus legionis in Germaniam missus est; [...] Quare triumphalia ornamenta et in brevi spatio duplex sacerdotium accepit, praeterea consulatum, quem gessit per duos novissimos anni menses*".

⁸¹⁹ Suet. Ves. (IV, 3) "*Exim sortitus Africam integerrime nec sine magna dignatione administravit,*"

⁸²⁰ Nesse caso, uma referência de quando recebeu a província da Judeia, em 66/67 d.C.

⁸²¹ Suet. Ves. (IV, 4) "*Peregrinatione Achaica inter comites Neronis cum cantante eo aut discederet saepius aut praesens obdormisceret, gravissimam contraxit offensam, prohibitusque non contubernio modo sed etiam publica salutatione secessit in parvam ac deviam civitatem, quod latenti etiamque extrema metuenti provincia cum exercitu oblata est.*"

⁸²² Suet. Ves. (IV, 5) "*Percrebuerat Oriente toto vetus et constans opinio esse in fatis ut eo tempore Iudaea profecti rerum potirentur.*"

renome, especialmente alguém que não pudesse oferecer “riscos à frente de tão grande poder”; escolheram, assim, Vespasiano: homem de capacidade, e muito pouco temido – tendo em vista a humildade (ou mesmo, obscuridade) de sua família e nome⁸²³. Nessa missão, após muitas batalhas e ferimentos, resultou vitorioso⁸²⁴.

De acordo com Suetônio, observando a disputa pelo poder entre Otão e Vitélio, Vespasiano teria começado a alimentar esperanças de também alcançar o Principado; expectativa, ademais, que se apoiava em diversos presságios – os quais lhe indicavam o Império⁸²⁵. Sabino, o avô de Vespasiano, animado com os prenúncios, teria inclusive afirmado que seu neto havia nascido “destinado a converter-se em César”⁸²⁶; de fato, conforme Suetônio, também não teriam faltado aqueles que, através dos mais variados augúrios, interpretavam que, determinado dia, a República, pisoteada e abandonada em consequência de uma revolta civil, se veria baixo a tutela e liderança de Vespasiano⁸²⁷. Por fim, conclui Suetônio, Flávio Josefo⁸²⁸, um dos vários nobres cativos desde a revolta da Judéia⁸²⁹, teria afirmado com inteira segurança, quando foi aprisionado, que o próprio Vespasiano o libertaria

⁸²³ Suet. Ves. (IV, 5) “*Id de imperatore Romano, quantum postea eventu paruit, praedictum Iudaei ad se trahentes rebellarunt caesoque praeposito legatum insuper Syriae consularem suppetias ferentem rapta aquila fugaverunt. Ad hunc motum comprimendum cum exercitu ampliore et non instrenuo duce, cui tamen tuto tanta res committeretur, opus esset, ipse potissimum delectus est ut et industriae expertae nec metuendus ullo modo ob humilitatem generis ac nominis.*”

⁸²⁴ Suet. Ves. (IV, 6) “*Additis igitur ad copias duabus legionibus, octo alis, cohortibus decem, atque inter legatos maiore filio assumpto, ut primum provinciam attigit, proximas quoque convertit in se, correcta statim castrorum disciplina, unoque et altero proelio tam constanter inito, ut in oppugnatione castelli lapidis ictum genu scutoque sagittas aliquot exceperit.*”

⁸²⁵ Suet. Ves. (V, 1) “*Post Neronem Galbamque Othone ac Vitellio de principatu certantibus in spem imperii venit iam pridem sibi per haec ostenta conceptam.*”

⁸²⁶ Suet. Ves. (V, 2) “*Quare patrem Sabinum ferunt, haruspicio insuper confirmatum, renuntiassse matri, nepotem ei Caesarem genitum; nec illam quicquam aliud quam cachinnasse, mirantem quod adhuc se mentis compote deliraret iam filius suus.*”

⁸²⁷ Suet. Ves. (V, 3) “*...non defuerunt qui interpretarentur, quandoque proculcatam desertamque rem p. civili aliqua perturbatione in tutelam eius ac velut in gremium deventuram.*”

⁸²⁸ Flávio Josefo (37/8 - 100 d.C.), historiador Judeu, conhecido por suas obras “A Guerra dos Judeus”, de 75, e “Antiguidades Judaicas”, de 94. Lutou contra as forças romanas na Primeira Guerra Romano-Judaica, até o momento de sua rendição, no ano de 67 d.C., perante as forças lideradas por Vespasiano.

⁸²⁹ Conforme Gonzalo Bravo, Vespasiano, logo que se tornou príncipe, havia confiado “la solución de la guerra judía a su hijo Tito, quien en el 70 ordenó la célebre destrucción del templo de Jerusalén e impuso a los judíos un tributo especial destinado al *fiscus iudaicus*, suprimió sus cultos, prohibió sus tradiciones y provocó el malestar de la mayor parte de la población judía que sobrevivió al desastre: miles de muertos, suicidio masivos, víctimas para el anfiteatro, ventas como esclavos.” BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.512-513.

logo em breve, assumindo como imperador⁸³⁰. Suetônio, como verificamos nestas passagens, constrói uma expectativa positiva em relação à ascensão de Vespasiano ao poder, projetando no personagem um espectro divino⁸³¹. No entanto, segundo o autor, Vespasiano não teria assumido qualquer iniciativa, apesar de toda a imensa disposição dos seus seguidores; situação que mudou tão logo se viu apoiado por alguns soldados, desconhecidos dele, e que se encontravam distantes⁸³². Eram dois mil homens, procedentes de três legiões da Mésia, que haviam partido em defesa de Otão⁸³³; entretanto, com a morte deste, e tendo em vista o conhecimento das ações de Vespasiano, o teriam escolhido a partir de então como chefe, escrevendo seu nome em todos os estandartes⁸³⁴. Fracassada essa iniciativa, Vespasiano recebeu então o apoio do prefeito do Egito – o qual conduziu suas legiões a jurarem fidelidade ao general romano⁸³⁵; em seguida, o exército da Judéia agiu no mesmo sentido⁸³⁶. De acordo com Suetônio, esse movimento teria sido favorecido, entre

⁸³⁰ Suet. Ves. (V, 6) “*et unus ex nobilibus captivis Iosephus, cum coiceretur in vincula, constantissime asseveravit fore ut ab eodem brevi solveretur, verum iam imperatore*”.

⁸³¹ Conforme Pierre Grimal, Vespasiano “originário de Sabina, simbolizava, como os compatriotas, as virtudes antigas da raça italiana, outrora cantadas por Virgílio. Era lícito esperar dele o regresso ao passado, já mítico, cuja nostalgia se fazia sentir. Ele próprio não era destituído de uma certa aura divina, e toda a sua pessoa se envolvia em lendas. Vários prodígios, que se haviam produzido em Itália, como constava, prometiam-lhe o Império. No Oriente, os oráculos pronunciavam-se a seu favor. Além disso, a situação política não deixava de apresentar analogias com as que haviam precedido a criação do principado: o Império encontrava-se dilacerado pelas lutas entre os exércitos, a guerra civil ameaçava as províncias. Chegara a altura de aparecer um homem providencial, um novo Augusto, enviado pelo Destino de Roma”. GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p.93.

⁸³² Suet. Ves. (VI, 1) “*Nec tamen quicquam ante temptavit, promptissimis atque etiam instantibus suis, quam sollicitatus quorundam et ignotorum et absentium fortuito favore*”.

⁸³³ Suet. Ves. (VI, 2) “*Moesiaci exercitus bina e tribus legionibus milia missa auxilio Othoni, postquam ingressis iter nuntiatum est victum eum ac vim vitae suae attulisse, nihilo setius Aquileiam usque perseveraverunt, quasi rumori minus crederent*”.

⁸³⁴ Suet. Ves. (VI, 3) “*Propositis itaque nominibus legatorum consularium, quot ubique tunc erant, cum ceteros alium alia de causa improbarent et quidam e legione tertia, quae sub exitu Neronis translata ex Syria in Moesiam fuerat, Vespasianum laudibus ferrent, assensere cuncti nomenque eius vexillis omnibus sine mora inscripserunt*”.

⁸³⁵ Como destaca Gonzalo Bravo, Vespasiano “contaba al menos con el apoyo de siete legiones y varios gobernadores provinciales, entre ellos el prefecto de Egipto [...] Pero si contar con el apoyo de Egipto (granero de Roma) era importante para cualquier tentativa de poder, en las actuales circunstancias resultaba decisivo el apoyo de los ejércitos provinciales, dado que la rivalidade planteada entre Vitelio y Vespasiano sólo podía resolverse mediante una confrontación militar”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.511.

⁸³⁶ Suet. Ves. (VI, 3) “*Et tunc quidem compressa res est revocatis ad officium numeris parumper. Ceterum divulgato facto Tiberius Alexander praefectus Aegypti primus in verba Vespasiani legiones adegit Kal. Iul., qui principatus dies in posterum observatus est. Iudaicus deinde exercitus V. Idus Iul. apud ipsum iuravit*”.

outras razões, pela divulgação da cópia de uma carta, verdadeira ou falsa: nela, Otão, dirigindo-se então a Vespasiano, solicitava que este o vingasse e que, prontamente, agisse em defesa da República⁸³⁷. Ora, Suetônio constrói aqui uma analogia direta entre Otão e Vespasiano: ambos seriam considerados defensores da República. Condição necessária, no pensamento político de Suetônio, ao exemplo ideal de príncipe dos romanos.

Na sequência dos eventos, continua Suetônio, ocorre a guerra civil; as forças de Vespasiano derrotaram as tropas de Vitélio em Cremona; este acabou assassinado em Roma⁸³⁸. Segundo o autor, devido ao inesperado e caráter recente de sua ascensão, Vespasiano carecia de autoridade e de certa majestade, tal como seria lógico pensar; no entanto, não teria demorado muito para que ambas lhe fossem, então, consagradas⁸³⁹. Vespasiano, assim, regressou a Roma, coberto de grande prestígio e com uma excelente reputação; no governo, acrescentou um total de oito consulados ao que havia cumprido anteriormente; assumiu também a censura e, durante todo o Principado, de acordo com Suetônio, seu principal interesse teria sido devolver estabilidade à República, abatida e vacilante naquele tempo, para imediatamente, na sequência, engrandecê-la⁸⁴⁰.

Pois bem, Suetônio não poupa exemplos em sua construção narrativa das várias reformas empreendidas por Vespasiano à época. Em relação aos militares, o príncipe teria deposto e reprimido a maioria dos soldados de Vitélio; por outro lado, não teria concedido qualquer honra especial aos partícipes de sua vitória, promovendo a disciplina⁸⁴¹. Teria privado da liberdade diversas regiões do Império, criando novas províncias; estabeleceu tropas na Capadócia, devido às incursões

⁸³⁷ Suet. Ves. (VI, 4) "*Plurimum coeptis contulerunt iactatum exemplar epistulae verae sive falsae defuncti Othonis ad Vespasianum extrema obtestatione ultionem mandatis et ut rei p. subveniret optantis*".

⁸³⁸ Suet. Ves. (VII, 1) "*Ac statim advenere litterae fusas apud Cremonam Vitelli copias, ipsum in urbe interemptum nuntiantes*".

⁸³⁹ Suet. Ves. (VII, 2) "*Auctoritas et quasi maiestas quaedam ut scilicet inopinato et adhuc novo principi deerat: haec quoque accessit*".

⁸⁴⁰ Suet. Ves. (VIII, 1) "*Talis tantaque cum fama in urbem reversus acto de Iudaeis triumpho consulatus octo veteri addidit; suscepit et censuram ac per totum imperii tempus nihil habuit antiquius quam prope afflictam nutantemque rem p. stabilire primo, deinde et ornare*".

⁸⁴¹ Suet. Ves. (VIII, 2-3) "*Milites pars victoriae fiducia, pars ignominiae dolore ad omnem licentiam audaciamque processerant; sed et provinciae civitatesque liberae, nec non et regna quaedam tumultuosius inter se agebant. Quare Vitellianorum quidem et exauctoravit plurimos et coercuit, participibus autem victoriae adeo nihil extra ordinem indulsit, ut etiam legitima praemia sero persolverit. Ac ne quam occasionem corrigendi disciplinam praetermitteret...*".

bárbaras; promoveu uma recuperação de Roma, tendo em vista o lamentável estado em que se encontrava devido a vários incêndios⁸⁴². Vespasiano teria cuidado, pessoalmente, da reconstrução do Capitólio; para essa tarefa, ordenou que fossem recuperadas três mil tábuas de bronze, buscando por suas cópias; segundo Suetônio, tratava-se do mais belo e antigo arquivo do Império, no qual estavam contidos, praticamente desde a origem da cidade, os decretos do Senado e os plebiscitos relacionados às alianças, pactos e privilégios concedidos a qualquer comunidade ou indivíduo⁸⁴³. Por sua vez, no que se refere às reformas de Vespasiano no âmbito social, Suetônio primeiramente apresenta um diagnóstico da situação: as duas ordens mais importantes da República, à época, se encontravam mingoadas, devido ao assassinato de vários dos seus membros, e também muito contaminadas, por conta de uma prolongada negligência; Vespasiano, perante tais circunstâncias, teria assim purificado e completado ambas, removendo aqueles mais indignos e admitindo nelas todos os personagens mais honoráveis da Itália e das províncias⁸⁴⁴. O interessante, porém, é o complemento do autor na sequência da narrativa: Vespasiano, para deixar bem claro que estas duas ordens se diferenciavam entre si não tanto pela liberdade de que gozavam, mas sim pelo critério da “dignidade”, teria pronunciado a seguinte sentença, a propósito de um conflito envolvendo um senador e um equestre: este último não deveria praticar injúrias contra senadores; no entanto, seria direito de todo cidadão contestar uma

⁸⁴² Suet. Ves. (VIII, 4-5) “*Achaiam, Lyciam, Rhodum, Byzantium, Samum, libertate adempta, item Trachiam Ciliciam et Commagenen dicionis regiae usque ad id tempus, in provinciarum formam redegit. Cappadociae propter adsiduos barbarorum incursus legiones addidit consularemque rectorem imposuit pro eq. R. Deformis urbs veteribus incendiis ac ruinis erat; vacuas areas occupare et aedificare, si possessores cessarent, cuiusque permisit*”.

⁸⁴³ Suet. Ves. (VIII, 5) “*Ipse restitutionem Capitolii adgressus rudibus purgandis manus primus admovit ac suo collo quaedam extulit; aerearumque tabularum tria milia, quae simul conflagraverant, restituenda suscepit undique investigatis exemplaribus: instrumentum imperii pulcherrimum ac vetustissimum, quo continebantur paene ab exordio urbis senatus consulta, plebis cita de societate et foedere ac privilegio cuicumque concessis*”.

⁸⁴⁴ Suet. Ves. (IX, 2) “*Amplissimos ordines et exhaustos caede varia et contaminatos veteri neglegentia, purgavit supplevitque recenso senatu et equite, summotis indignissimis et honestissimo quoque Italicorum ac provincialium allecto*”. Sobre esta questão, Gonzalo Bravo afirma que, “como Claudio, Vespasiano desempeñó la censura em 73-74, mediante la cual realizó una profunda remodelación del Senado: introdujó em él a jefes militares de origen itálico; otorgó el rango de ‘patricias’ a muchas familias de las elites provinciales, sobre todo occidentales, a cuyos miembros incorporo al Senado; fue el primer emperador que hizo un uso institucionalizado de la *adlectio* imperial, mediante la cual se permitía el acceso directo a la cámara de los ecuestres”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.513.

injúria com outra⁸⁴⁵. Ou seja, caberia sempre respeitar e proteger o grupo senatorial⁸⁴⁶. Suetônio, em suma, como verificamos nestas reveladoras passagens da construção narrativa, alinha Vespasiano diretamente à tradição romana e senatorial, destacando a sua intenção de ordenação pública e social.

Quanto à administração do Império, em termos gerais, Suetônio comenta que Vespasiano teria agido no sentido de normalizar a situação; principalmente, no que diz respeito à prática da justiça, interrompida e abarrotada⁸⁴⁷; e também ao controle da libertinagem e do luxo, excessivamente incrementados na época⁸⁴⁸. Em relação a todos os outros assuntos, Vespasiano, do começo ao fim de seu Principado, teria se demonstrado, conforme Suetônio, clemente e de uma simplicidade republicana; tampouco ele teria manifestado desejos de qualquer honra externa; inclusive, aponta Suetônio, Vespasiano recusou-se a aceitar o poder tribunício e o título de Pai da Pátria, senão depois de algum tempo⁸⁴⁹. Vespasiano, continua o autor, teria suportado com extrema condescendência as diversas liberdades a que se permitiam os seus amigos, as alusões dos advogados e a insolência dos filósofos; procurava não censurar a ninguém abertamente⁸⁵⁰. Pois bem, na perspectiva de Suetônio, Vespasiano não seria de modo algum um homem rancoroso ou propenso a vingar ofensas ou inimizades; inclusive, teria casado, e com uma esplêndida cerimônia, a filha de seu inimigo Vitélio, atribuindo-lhe um dote; Vespasiano, portanto, conforme a construção narrativa de Suetônio, estaria longe de causar a ruína de qualquer pessoa, seja por suspeita ou temor⁸⁵¹. Reforçando essa ideia, Suetônio afirma que

⁸⁴⁵ Suet. Ves. (IX, 2) “*Atque uti notum esset, utrumque ordinem non tam libertate inter se quam dignitate differre, de iurgio quodam senatoris equitisque R. ita pronuntiavit, non oportere maledici senatoribus, remaledici civile fasque esse*”.

⁸⁴⁶ No pensamento do autor, o equestre, respeitando a dignidade do senador, jamais deveria realizar uma injúria contra ele; poderia, no entanto, revidar.

⁸⁴⁷ Suet. Ves. (X, 1) “*Litium series ubique maiorem in modum excreverant, manentibus antiquis intercapedine iuris dictionis, accedentibus novis ex condicione tumultuque temporum*”.

⁸⁴⁸ Suet. Ves. (XI, 1) “*Libido atque luxuria coercente nullo invaluerant*”.

⁸⁴⁹ Suet. Ves. (XII, 1) “*Ceteris in rebus statim ab initio principatus usque ad exitum civilis et clemens, [...] Adeoque nihil ornamentorum extrinsecus cupide appetivit, [...] Ac ne tribuniciam quidem potestatem statim nec patris patriae appellationem nisi sero recepit*”.

⁸⁵⁰ Suet. Ves. (XIII, 1) “*Amicorum libertatem, causidicorum figuras ac philosophorum contumaciam lenissime tulit. Licinium Mucianum notae impudicitiae, sed meritorum fiducia minus sui reverentem, numquam nisi clam et hactenus retaxare sustinuit, ut apud communem aliquem amicum querens adderet clausulam: “Ego tamen vir sum”*”.

⁸⁵¹ Suet. Ves. (XIV, 1) “*Offensarum inimicitiarumque minime memor exsecutorve Vitelli hostis sui filiam splendidissime maritalit, dotavit etiam et instruxit. [...] Nam ut suspicione aliqua vel metu ad perniciem cuiusquam compelleretur tantum afuit, [...]*”.

não se poderia encontrar uma única pessoa no mundo, inocente, que tivesse sido castigada por Vespasiano, a não ser quando o próprio estivesse ausente, ou não fosse de seu conhecimento, ou mesmo por simples engano; ademais, complementa o autor, Vespasiano nunca teria se alegrado de ordenar a morte de qualquer indivíduo, e inclusive derramava lágrimas e se lamentava nas condenações justificadas⁸⁵². Tendo em vista essas, e todas as anteriores, declarações de Suetônio em relação ao comportamento de Vespasiano, verificamos na construção do personagem um semblante dos mais positivos, comparado somente ao de Octaviano Augusto. De fato, Suetônio projeta em Vespasiano os ideais práticos do seu pensamento político; e especialmente, o princípio de uma boa relação com a sociedade política, ou melhor, com os senadores – respeitados, sempre, na “liberdade” característica deles, nunca ameaçados ou agredidos.

Suetônio comenta que Vespasiano poderia ser acusado, justamente, de apenas um único vício: a avareza; ele teria, de fato, restaurado e introduzido novos impostos, aumentando os tributos das províncias⁸⁵³; nos demais negócios, teria demonstrado uma avareza insaciável⁸⁵⁴. Porém, na sequência do texto, Suetônio alivia a culpa do príncipe: Vespasiano, no que parece mais verossímil para o autor, teria agido com tamanha avidez muito mais por necessidade – tendo em vista a extrema escassez do erário e do fisco⁸⁵⁵. Suavizando um pouco mais a crítica em questão, Suetônio assegura que Vespasiano fora muito liberal com todos os tipos de pessoas: completando a fortuna de senadores, recompensando os consulares em dificuldades, reconstruindo e dotando de melhores condições grande número de cidades do Império, e fomentando os talentos e as Artes⁸⁵⁶.

⁸⁵² Suet. Ves. (XV, 1) “*Non temere quis punitus insons reperietur nisi absente eo et ignaro aut certe invito atque decepto. [...] Ceterum neque caede cuiusquam umquam laetatus iustis suppliciis inlacrimavit etiam et ingemuit*”.

⁸⁵³ Suet. Ves. (XVI, 1) “*Sola est, in qua merito culpetur, pecuniae cupiditas. Non enim contentus omissa sub Galba vectigalia revocasse, novas et gravia addidisse, auxisse tributa provinciis, nonnullis et duplicasse,*”.

⁸⁵⁴ Suet. Ves. (XVI, 3) “*Quidam natura cupidissimum tradunt,*”.

⁸⁵⁵ Suet. Ves. (XVI, 3) “*Sunt contra qui opinentur ad manubias et rapinas necessitate compulsam summa aerarii fisci inopia, de qua testificatus sit initio statim principatus, professus quadringentis milibus opus esse, ut res p. stare posset. Quod et veri similis videtur, quando et male partis optime usus est*”.

⁸⁵⁶ Suet. Ves. (XVII, 1) “*In omne hominum genus liberalissimus explevit censum senatorium, consulares inopes quingenis sestertiis annuis sustentavit, plurimas per totum orbem civitates terrae motu aut incendio afflictas restituit in melius, ingenia et artes vel maxime fovit*”.

Encaminhando-se para o final da biografia, Suetônio afirma que a morte de Vespasiano ocorrera durante o seu nono consulado, contando ele sessenta e nove anos de idade, por conta de acessos de febre e uma forte decomposição de ventre⁸⁵⁷. Conforme Suetônio, segundo a opinião geral, Vespasiano era de tal modo seguro em relação ao seu horóscopo e ao de seus familiares que, mesmo sofrendo diversas contestações, teria se atrevido a afirmar perante o Senado romano que os “seus filhos o sucederiam, ou ninguém mais”⁸⁵⁸. Suetônio acrescenta que, à época, fora dito que Vespasiano sonhara com uma “balança perfeitamente em equilíbrio”: em um dos lados, estavam os príncipes Cláudio e Nero; no outro, os seus dois filhos, Tito e Domiciano; esse sonho, para o autor, não teria resultado enganoso, pois uns e os outros teriam governado o mesmo espaço de tempo e um número igual de anos⁸⁵⁹. Pois bem, não podemos deixar de perceber na presente alusão de Suetônio a relação de analogia entre os pares Cláudio/Tito e Nero/Domiciano; alusão, ademais, que permite ao leitor subentender um processo de inevitável e progressiva decadência: do apogeu com Vespasiano, passando pelo curto e razoável governo de Tito, chegando ao momento de derrocada final com Domiciano. Por hora, entretanto, cabe destacarmos aqui o empenho e trabalho de Suetônio na presente biografia: o autor praticamente construiu em Vespasiano um modelo ideal de príncipe, destacando no comportamento do personagem diversos aspectos positivos. Dentre esses aspectos, o alinhamento e respeito de Vespasiano em relação à tradição política: clemente e sempre conciliador, não teria agido de modo contrário à liberdade senatorial, trazendo a paz de todas as formas possíveis.

⁸⁵⁷ Suet. Ves. (XXIV, 1) “*Consulatu suo nono temptatus in Campania motiunculis levibus protinusque urbe repetita, Cutillas ac Reatina rura, ubi aestivare quotannis solebat, petit. Hic cum super urgentem valitudinem creberrimo frigidae aquae usu etiam intestina vitiasset nec eo minus muneribus imperatoriis ex consuetudine fungeretur,[...] dumque consurgit ac nititur, inter manus sublevantium extinctus est VIII. Kal. Iul. annum agens aetatis sexagensimum ac nonum superque mensem ac diem septimum*”.

⁸⁵⁸ Suet. Ves. (XXV, 1) “*Convenit inter omnis, tam certum eum de sua suorumque genitura semper fuisse, ut post assiduas in se coniurationes ausus sit adfirmare senatui aut filios sibi successuros aut neminem*”.

⁸⁵⁹ Suet. Ves. (XXV, 1) “*Dicitur etiam vidisse quondam per quietem stateram media parte vestibuli Palatinae domus positam examine aequo, cum in altera lance Claudius et Nero starent, in altera ipse ac filii. Nec res fefellit, quando totidem annis parique temporis spatio utrique imperaverunt*”.

5.9. TITO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

O sucessor de Vespasiano foi o seu filho mais velho, Tito, personagem que, praticamente, do começo ao fim de sua biografia, recebeu muitos elogios por parte de Suetônio. De acordo com o autor, Tito teria sido o “amor e a delícia do gênero humano”, tendo em vista seu dom natural, habilidade ou mesmo sorte para conquistar a afeição de todos; demonstrara-se assim, especialmente, durante o seu império, pois quando era um simples particular, e mesmo durante o governo de Vespasiano, não se vira livre do ódio e menos ainda da difamação pública⁸⁶⁰. Pois bem, Suetônio aponta que Tito fora educado na corte junto com Germânico, tendo exatamente as mesmas disciplinas e mestres que este; em certa ocasião, conta o autor, um fisionomista teria sido chamado para estudar o rosto de Britânico, afirmando, com a maior segurança, que este homem jamais chegaria a governar; porém, quando observou a Tito, teria afirmado que este, com certeza, tornar-se-ia imperador; Suetônio, no entanto, ressalta que ambos seriam muito amigos, tendo em vista que Tito sempre teria procurado honrar a memória de Germânico⁸⁶¹. Suetônio, como podemos verificar ao início da construção narrativa, aproxima Germânico a Tito – relação que contribui para todo um clima de expectativas positivas em torno da ascensão do filho de Vespasiano ao poder.

Continuando os elogios, Suetônio comenta que, desde a infância, Tito teria se destacado por conta dos seus atributos, físicos e espirituais, os quais foram apenas aumentando conforme se desenvolvia; Tito seria, prossegue o autor, de uma beleza considerável, na qual não se perceberia menos autoridade que graça; de um vigor extraordinário e de uma memória singular; teria igualmente uma enorme facilidade para aprender quase todas as Artes, sejam elas civis ou militares⁸⁶². Quanto à

⁸⁶⁰ Suet. Tit. (I, 1) “*Titus, cognomine paterno, amor ac deliciae generis humani — tantum illi ad promerendam omnium voluntatem vel ingenii vel artis vel fortunae superfuisset, et, quod difficillimum est, in imperio, quando privatus atque etiam sub patre principe ne odio quidem, nedum vituperatione publica caruisset*”

⁸⁶¹ Suet. Tit. (II, 1) “*Educatus in aula cum Britannico simul ac paribus disciplinis et apud eosdem magistros institutus. Quo quidem tempore a iuniorum metoposcopum a Narcisso Claudi liberti adhibuit, ut Britannicum inspiceret, constantissime affirmasse illud quidem nullo modo, ceterum Titum, qui tunc prope astantem, utique imperatorem. Erant autem adeo familiares, ut de potione, qua Britannicus hausta periit, Titus quoque iuxta cubans gustasse credatur gravi morbo adfectatus diu. Quorum omnium mox memor statuam ei auream in Palatio posuit et alteram ex ebore equestrem, quae circensi pompa hodieque praefertur, dedicavit prosecutusque est*”.

⁸⁶² Suet. Tit. (III, 1) “*In puero statim corporis animique dotes exsplenduerunt, magisque ac magis deinceps per aetatis gradus: forma egregia et cui non minus auctoritatis inesset quam gratiae,*

carreira pública de Tito, Suetônio destaca que o filho de Vespasiano servira como tribuno militar na Germânia e na Britânia, conseguindo nesta época uma excelente fama de diligência e de moderação; na sequência, teria dedicado suas atividades ao Fórum, de forma mais honrosa que assídua⁸⁶³. Posteriormente, logo após o seu exercício como questor, Tito fora colocado à frente de uma legião, assim atuando na conquista de importantes cidades na Judéia⁸⁶⁴. Nesta época, destaca Suetônio, após retroceder de um suposto encontro com Galba, Tito teria ido de encontro e consultado o oráculo de Vênus, obtendo ali esperanças de que ele próprio alcançaria, um dia, o império⁸⁶⁵. Reitera Suetônio, estas esperanças se tornariam realidade em breve; e assim, foi em seguida encarregado de submeter definitivamente a Judéia; Tito conquistou Jerusalém, provocando grande furor de alegria entre seus soldados, os quais, inclusive, nas felicitações, o haviam saudado com o nome de imperador⁸⁶⁶. Tal circunstância, no entanto, conforme Suetônio, alimentara a suspeita de que Tito estaria buscando apenas se desvencilhar de seu pai, reclamando para si o reino do Oriente; rumores, aliás, que o próprio Tito, buscando imediatamente o seu pai, Vespasiano, desmistificara⁸⁶⁷.

Desde esse momento, comenta Suetônio, Tito não teria deixado de atuar como partícipe e, inclusive, protetor do Império; exatamente ao lado de Vespasiano, celebrou o triunfo e exerceu a censura, sendo também seu colega no poder tribunicio e em sete consulados; em suma, teria tomado parte de quase todas as

praecipuum robur, quanquam neque procera statura et ventre paulo proiectiore; memoria singularis, docilitas ad omnis fere tum belli tum pacis artes".

⁸⁶³ Suet. Tit. (IV, 1-2) "*Tribunus militum et in Germania et in Britannia meruit summa industriae nec minore modestiae fama, sicut apparet statuarum et imaginum eius multitudine ac titulis per utramque provinciam. Post stipendia Foro operam dedit honestam magis quam assiduam,...*"

⁸⁶⁴ Suet. Tit. (IV, 3) "*Ex quaesturae deinde honore legioni praepositus Tarichaeas et Gamalam urbes Iudaeae validissimas in potestatem redegit, equo quadam acie sub feminibus amisso alteroque inscenso, cuius rector circa se dimicans occubuerat*".

⁸⁶⁵ Suet. Tit. (V, 1) "*Galba mox tenente rem p. missus ad gratulandum, quaquam iret convertit homines, quasi adoptionis gratia arcesseretur. Sed ubi turbari rursus cuncta sensit, redit ex itinere, aditoque Paphiae Veneris oraculo, dum de navigatione consulit, etiam de imperii spe confirmatus est.*"

⁸⁶⁶ Suet. Tit. (V, 2) "*Cuius brevi compos et ad perdomandam Iudaeam relictus, novissima Hierosolymorum oppugnatione duodecim propugnatores totidem sagittarum confecit ictibus, cepitque ea natali filiae suae tanto militum gaudio ac favore, ut in gratulatione imperatorem eum consalutaverint et subinde decedentem provincia detinuerint, suppliciter nec non et minaciter efflagitantes, aut remaneret aut secum omnes pariter abduceret*".

⁸⁶⁷ Suet. Tit. (V, 3) "*Unde nata suspicio est, quasi desciscere a patre Orientisque sibi regnum vindicare temptasset;[...] Quare festinans in Italiam, cum Regium, dein Puteolos oneraria nave appulisset, Romam inde contendit expeditissimus inopinantique patri, velut arguens rumor de se temeritatem: "Veni," inquit, "pater, veni"*.

tarefas do governo⁸⁶⁸. Porém, de acordo com Suetônio, quando Tito assumiu a Prefeitura do Pretório, ele teria exercido esta função de modo excessivo, brutal e violento, tendo condenado à morte, sem nenhuma hesitação, a toda pessoa que lhe parecesse suspeita⁸⁶⁹. Entre os que foram condenados por Tito, Suetônio destaca, inclusive, a morte de um ex-cônsul; de momento, Tito, conforme Suetônio, teria atraído uma forte animosidade contra a sua pessoa; de sorte que não se encontraria outra pessoa que tenha ascendido ao Principado com rumos tão adversos e tão contra a vontade de todos⁸⁷⁰. Nesta época, continua Suetônio, para além da crueldade, se encontravam em Tito costumes dissolutos, desejos desordenados e uma tendência à rapinagem; em suma, todo mundo opinava e dizia que Tito não passava simplesmente de outro Nero⁸⁷¹. Este necessário, porém, feito breve, comentário crítico a respeito de Tito novamente apresenta, em síntese, os elementos essenciais do pensamento político de Suetônio. Ao príncipe exemplar, no que demonstra a narrativa do autor, não caberia, independente do pretexto, um comportamento exagerado, violento, de sérias represálias e ordens de assassinato; ora, o exemplo positivo de Vespasiano, destacado na construção biográfica anterior, demonstra que não seria dessa forma que tudo deveria acontecer⁸⁷². De fato, Tito, nesse mau comportamento, teria afligido a um ex-cônsul, atitude altamente condenável se lembrarmos da sempre manifestada proteção de Suetônio ao grupo político senatorial. O autor, então, novamente, utiliza aqui a expressão **“crueldade”** – designando, através dela, uma conduta de violência muito inapropriada por parte

⁸⁶⁸ Suet. Tit. (VI, 1) *“Neque ex eo destitit participem atque etiam tutorem imperii agere. Triumphavit cum patre censuramque gessit una, eidem collega et in tribunicia potestate et in septem consulatibus fuit; receptaque ad se prope omnium officiorum cura,...”*

⁸⁶⁹ Suet. Tit. (VI, 1) *“...praefecturam quoque praetori suscepit numquam ad id tempus nisi ab eq. R. administratam, egitque aliquanto incivilius et violentius, siquidem suspectissimum quemque sibi summissis qui per theatra et castra quasi consensu ad poenam deposcerent, haud cunctanter oppressit”*.

⁸⁷⁰ Suet. Tit. (VI, 2) *“In his Aulum Caecinam consularem vocatum ad cenam ac vixdum triclinio egressum confodi iussit, sane urgente discrimine, cum etiam chirographum eius praeparatae apud milites contionisprehendisset. Quibus rebus sicut in posterum securitati satis cavit, ita ad praesens plurimum contraxit invidiae, ut non temere quis tam adverso rumore magisque invitis omnibus transierit ad principatum”*.

⁸⁷¹ Suet. Tit. (VII, 1) *“Praeter saevitiam suspecta in eo etiam luxuria erat, quod ad mediam noctem comissiones cum profusissimo quoque familiarium extenderet; nec minus libido propter exoletorum et spadonum greges propterque insignem reginae Berenices amorem, cum etiam nuptias pollicitus ferebatur; suspecta rapacitas, quod constabat in cognitionibus patris nundinari praemiarique solitum; denique propalam alium Neronem et opinabantur et praedicabant”*.

⁸⁷² Conforme verificamos anteriormente em nossas análises de Suet. Ves. (XIII, 1), página 209; Suet. Ves. (XIV, 1), página 209; e Suet. Ves. (XV, 1), página 210.

de Tito; ademais, crueldade, conforme sugere o autor, que aproximava esse personagem de Nero, um dos referenciais negativos de príncipe mais destacados na construção narrativa de Suetônio.

Como verificamos, as críticas de Suetônio ao comportamento de Tito acabam contribuindo, neste momento, para um reforço dos vários elementos característicos ao pensamento político do autor. Porém, na sequência do texto, as críticas, de negativas, se tornam consideravelmente positivas: Suetônio afirma que a má reputação de Tito acabou virando ao seu favor, dando lugar aos maiores elogios, quando não mais se descobriu nele qualquer vício, mas, pelo contrário, as mais altas virtudes⁸⁷³. São vários os exemplos de comportamento projetados pelo autor em Tito, e assim destacamos alguns: os amigos que escolhera inspiravam tamanha confiança que mesmo os príncipes subsequentes teriam se servido deles, por considerá-los indispensáveis para eles próprios e à República⁸⁷⁴; não teria retirado nada de cidadão algum, sempre respeitando a propriedade alheia como ninguém jamais fez; também, Tito dificilmente aceitava contribuições para ele próprio; e isso ao mesmo tempo em que se demonstrava de grande munificência⁸⁷⁵. Tito, ressalva Suetônio, teria sempre agido de modo benévolo⁸⁷⁶, e travava o povo, em seu conjunto, tal como demonstrado em várias ocasiões, com grande amabilidade⁸⁷⁷. Mesmo diante das várias adversidades ocorridas durante o seu governo, como a erupção do Vesúvio e da peste que se propagara em Roma, Tito não teria apenas demonstrado a solicitude de um príncipe⁸⁷⁸, mas também o carinho que somente um pai poderia manifestar, seja consolando o povo por meio de éditos, seja prestando

⁸⁷³ Suet. Tit. (VII, 1) "*At illi ea fama pro bono cessit conversa que est in maximas laudes neque vitio ullo reperto et contra virtutibus summis*".

⁸⁷⁴ Suet. Tit. (VII, 2) "*Amicos elegit, quibus etiam post eum principes ut et sibi et rei p. necessariis adqueverunt praecipueque sunt usi*".

⁸⁷⁵ Suet. Tit. (VII, 3) "*Nulli civium quicquam ademit; abstinuit alieno, ut si quis umquam; ac ne concessas quidem ac solitas conlationes recepit. Et tamen nemine ante se munificentia minor,*".

⁸⁷⁶ Suet. Tit. (VIII, 1) "*Natura autem benevolentissimus, cum ex instituto Tiberi omnes dehinc Caesares beneficia a superioribus concessa principibus aliter rata non haberent, quam si eadem iisdem et ipsi dedissent, primus praeterita omnia uno confirmavit edicto nec a se peti passus est*".

⁸⁷⁷ Suet. Tit. (VIII, 2) "*Populum in primis universum tanta per omnes occasiones comitate tractavit,*"

⁸⁷⁸ Conforme Gonzalo Bravo, "en sus dos años de reinado (79-81) Tito prosiguió la línea de restauraciones públicas iniciada por su padre [...] Se reanudaron los juegos y espectáculos así como los *donativa* a los soldados e a la plebe romana, que se incrementaron incluso como ayuda a la catástrofe originada por el Vesubio en agosto del 79, que destruyó las ciudades de Pompeya y Herculano, y a la situación creada en el 80 en Roma tras una peste y un nuevo incendio en la ciudad". BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.513.

ajuda como bem conseguisse⁸⁷⁹. Teria aceitado o pontificado máximo, segundo o próprio, para que ele conservasse as mãos puras; e, de acordo com Suetônio, Tito honrou todas essas palavras, pois a partir desse momento não teria mais causado a morte de ninguém e tampouco fora cúmplice de algo do tipo, ainda que não lhe faltassem motivos para se vingar; jurava, nesse sentido, que ele preferia antes morrer a provocar a ruína de alguém. Reafirmando o aspecto positivo desse último comportamento, Suetônio comenta que certa vez, quando dois patrícios foram considerados culpados de aspirarem ao Principado, Tito teria se limitado a, simplesmente, aconselhá-los a abandonar essa empresa, tendo em vista que o poder imperial seria um presente especial atribuído diretamente a ele; ao mesmo tempo, porém, teria prometido a ambos qualquer outro desejo que tivessem⁸⁸⁰. Ademais, continua Suetônio, embora o seu próprio irmão não cessasse de conspirar contra ele, sem nenhuma dissimulação, inclusive sublevando exércitos, Tito não teria sido capaz de matá-lo ou renegá-lo, tampouco rebaixá-lo em suas respectivas honras; pelo contrário, pois como teria sempre agido desde o primeiro dia de seu império, Tito continuava declarando Domiciano seu companheiro e sucessor, pedindo a ele, às vezes, quando a sós, que consentisse, finalmente, em corresponder a todo o seu afeto⁸⁸¹. Novamente, no plano da construção narrativa, Suetônio coloca em perspectiva uma necessidade de contenção da violência por parte do príncipe em relação à sociedade política, em especial, como verificamos desde o princípio da obra, aos grupos mais destacados; nesse caso, diretamente, Suetônio comenta a respeito de dois patrícios, os quais, ao invés de serem condenados ao assassinato, foram atendidos em seus eventuais “desejos”,

⁸⁷⁹ Suet. Tit. (VIII, 3) “*Quaedam sub eo fortuita ac tristia acciderunt, ut conflagratio Vesuvii montis in Campania, et incendium Romae per triduum totidemque noctes, item pestilentia quanta non temere alias. In iis tot adversis ac talibus non modo principis sollicitudinem sed et parentis affectum unicum praestitit, nunc consolando per edicta, nunc opitulando quatenus suppeteret facultas*”.

⁸⁸⁰ Suet. Tit. (IX, 1) “*Pontificatum maximum ideo se professus accipere ut puras servaret manus, fidem praestitit, nec auctor posthac cuiusquam necis nec conscius, quamvis interdum ulciscendi causa non deesset, sed perituum se potius quam perdituum adiurans. Duos patricii generis convictos in adfectione imperii nihil amplius quam ut desisterent monuit, docens principatum fato dari, si quid praeterea desiderarent promittens se tributurum*”.

⁸⁸¹ Suet. Tit. (IX, 3) “*Fratrem insidiari sibi non desinentem, sed paene ex professo sollicitantem exercitus, meditantem fugam, neque occidere neque seponere ac ne in minore quidem honore habere sustinuit, sed, ut a primo imperii die, consortem successoremque testari perseveravit, nonnumquam secreto precibus et lacrimis orans, ut tandem mutuo erga se animo vellet esse*”.

convocados a participarem de seu governo; ideia que pressupõe ao príncipe não o conflito, mas a aliança.

Para Suetônio a morte de Tito veio repentinamente, causando maior prejuízo para a humanidade do que a ele próprio; dirigindo-se à região da Sabina, teve um acesso de febre ainda no caminho; neste momento, levantando seus olhos ao céu, queixara-se amargamente de que lhe retiravam a vida sem que merecesse, pois não se arrependia de suas ações⁸⁸². Assim, estando na mesma casa de campo que seu pai, Tito faleceu, aos quarenta e dois anos, após dois anos, dois meses e vinte dias de governo; quando a notícia de sua morte fora divulgada, comenta Suetônio, todo o mundo teria se lamentado publicamente, tal como se perdessem a um familiar, e o próprio Senado correu à Cúria, antes mesmo de sua convocação através de um édito, para tributar ao falecido demonstrações de gratidão e louvá-lo, de modo não antes visto enquanto o próprio Tito ainda estava vivo⁸⁸³. Dessa forma, em tom ameno, termina a breve narrativa de Suetônio a respeito de vida de Tito, com o autor transparecendo todo o seu pesar e insatisfação pelo decurso dos acontecimentos. De fato, como o próprio Suetônio indicou ao início, Tito era novamente o sonho de Germânico; ainda que o primeiro alcançado o império, fica a impressão de que ambos foram “abortados” antes do tempo; Otão, inclusive, também poderia entrar nessa mesma categoria. Apesar de tudo, na construção narrativa de Suetônio, eles surgem como exemplos de comportamento, como os melhores seguidores do exemplo maior de Octaviano Augusto; e, nesse sentido, foram aqueles que demonstraram a essência do **“comportamento político”** adequado ao príncipe **“moderado”**: uma habilidade para harmonizar toda a sociedade, protegendo os seus membros mais importantes, os senadores, contra qualquer forma de violência ou agressão, e mesmo compartilhando o poder com eles.

⁸⁸² Suet. Tit. (X, 1) “*Inter haec morte praeventus est maiore hominum damno quam suo. Spectaculis absolutis, in quorum fine populo coram ubertim fleverat, Sabinos petit aliquanto tristior, quod sacrificanti hostia aufugerat quodque tempestate serena tonuerat. Deinde ad primam statim mansionem febrim nactus, cum inde lectica transferretur, suspexisse dicitur dimotis pallulis caelum, multumque conquestus eripi sibi vitam immerenti; neque enim exstare ullum suum factum paenitendum, excepto dum taxat uno*”.

⁸⁸³ Suet. Tit. (XI, 1) “*Excessit in eadem qua pater villa Id. Sept. post biennium ac menses duos diesque XX quam successerat patri, altero et quadagesimo aetatis anno. Quod ut palam factum est, non secus atque in domestico luctu maerentibus publice cunctis, senatus prius quam edicto convocaretur ad curiam concurrir, obseratisque adhuc foribus, deinde apertis, tantas mortuo gratias egit laudesque congessit, quantas ne vivo quidem umquam atque praesenti*”.

5.10. DOMICIANO NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE SUETÔNIO

O último dos “Césares” biografados por Suetônio foi Domiciano, também filho de Vespasiano, irmão mais novo de Tito. A construção narrativa, desde o seu início, fora carregada de intensas críticas contra a personalidade e o comportamento apresentados por Domiciano, como observaremos na sequência. Suetônio, apoiando-se na opinião geral, destaca que Domiciano teria passado a sua adolescência e a juventude em estado de grande pobreza e infâmia; segundo o autor, um ex-pretor teria guardado consigo um bilhete, que sempre mostrava em algumas ocasiões, no qual constava a assinatura de Domiciano “prometendo-lhe uma noite”; inclusive, à época, complementa Suetônio, não teriam faltado opiniões indicando que Domiciano, também, havia se entregue a Nerva, o seu sucessor⁸⁸⁴.

Construindo uma expectativa negativa quando ao futuro príncipe, Suetônio, na sequência da narrativa, trabalha com a entrada de Domiciano na vida pública. Segundo o autor, Domiciano, após a vitória de seu pai, teria exercido o cargo de pretor urbano, com poderes consulares; porém, reitera Suetônio, teria assumido somente de nome, transferindo essa jurisdição ao seu colega mais próximo; ademais, Domiciano, nessa oportunidade, exercera o “**poder absoluto**” tão ao seu modo que, desde essa época, dava provas de como seria no futuro⁸⁸⁵. Por este tempo Domiciano empreendera uma expedição contra a Gália e as duas Germânicas, movimento este que não seria realmente necessário e que os amigos de seu pai desaconselharam; teria desejado simplesmente para equiparar-se ao seu irmão em poder e consideração; por essa atitude, acabou sendo reprimido e obrigado a permanecer próximo ao seu pai, para que não mais se esquecesse de sua idade ou mesmo condição; ademais, acrescenta Suetônio, dos seis consulados exercidos por Domiciano, apenas um teria sido ordinário, e isso porque seu irmão, Tito, lhe teria

⁸⁸⁴ Suet. Dom. (I, 1) “*Pubertatis ac primae adolescentiae tempus tanta inopia tantaque infamia gessisse fertur, ut nullum argenteum vas in usu haberet. Satisque constat Clodium Pollionem praetorium virum, in quem est poema Neronis quod inscribitur "Luscio," chirographum eius conservasse et nonnumquam protulisse noctem sibi pollicentis; nec defuerunt qui affirmarent, corruptum Domitianum et a Nerva successore mox suo*”.

⁸⁸⁵ Suet. Dom. (I, 3) “*Post victoriam demum progressus et Caesar consalutatus honorem praeturae urbanae consulari potestate suscepit titulo tenus, nam iuris dictionem ad collegam proximum transtulit, ceterum omnem vim dominationis tam licenter exercuit, ut iam tum qualis futurus esset ostenderet*”.

concedido e prestado apoio⁸⁸⁶. De acordo com Suetônio, Domiciano teria fingido, de maneira admirável, moderação e uma inclinação para a poesia, a qual logo abandonou com grande desprezo⁸⁸⁷; quando da morte de seu pai, aponta o autor, Domiciano teria chegado a pensar em oferecer um duplo donativo aos soldados; da mesma forma, nunca hesitara em dizer que Vespasiano o teria deixado como partícipe do poder imperial, na forma de coerdeiro, mas que seu testamento havia sido falsificado; desse momento em diante, conforme Suetônio, Domiciano teria sempre conspirado contra o seu irmão, seja em segredo ou abertamente; e quando, enfim, Tito caiu enfermo, ordenou que o considerassem por morto antes mesmo do momento em si, não atribuindo ao falecido honra alguma, senão a apoteose; inclusive, sempre o difamava em discursos e éditos repletos de indiretas⁸⁸⁸. Como observamos neste agitado início de narrativa, Suetônio projeta em Domiciano uma expectativa funesta, tendo em vista os vários desvios de personalidade que o marcaram desde a tenra idade. O que mais despertou a nossa atenção foi, no entanto, a menção direta ao **“poder absoluto”** exercido por Domiciano; este, em suma, acabou representado dentro de uma ambição exagerada pelo poder, aspecto muito similar ao também mencionado em Júlio César⁸⁸⁹. E na indicação de Suetônio, esse comportamento abominável era meramente “disfarçado” por Domiciano, o qual teria fingido **“moderação”** perante todos; dessa forma, no pensamento político de Suetônio, ao conceito de **“poder absoluto”** contrapõe-se o de **“moderação”**.

No que se refere à administração do Império, segue o texto, Suetônio afirma que Domiciano teria se demonstrado inconstante por um tempo, mesclando, ao mesmo tempo e igualmente, vícios e virtudes; isso até o momento em que, inclusive, essas virtudes se degeneraram em vícios; de acordo com Suetônio, na medida do

⁸⁸⁶ Suet. Dom. (II, 1) *“Expeditionem quoque in Galliam Germaniasque neque necessariam et dissuadentibus paternis amicis incohavit, tantum ut fratri se et opibus et dignatione adaequaret. Ob haec correptus, quo magis et aetatis et condicionis admoneretur, habitabat cum patre una sellamque eius ac fratris, quotiens prodirent, lectica sequebatur ac triumphum utriusque Iudaicum equo albo comitatus est. Quin et e sex consulatibus non nisi unum ordinarium gessit eumque cedente ac suffragante fratre”*.

⁸⁸⁷ Suet. Dom. (II, 2) *“Simulavit et ipse mire modestiam in primisque poeticae studium, tam insuetum antea sibi quam postea spretum et abiectum, recitavitque etiam publice”*.

⁸⁸⁸ Suet. Dom. (II, 3) *“Patre defuncto diu cunctatus an duplum donativum militi offerret, numquam iactare dubitavit relictum se participem imperii, sed fraudem testamento adhibitam; neque cessavit ex eo insidias struere fratri clam palamque, quoad correptum gravi valitudine, prius quam plane efflaret animam, pro mortuo deseri iussit; defunctumque nullo praeterquam consecrationis honore dignatus, saepe etiam carpsit obliquis orationibus et edictis”*.

⁸⁸⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (IX, 2), página 94.

que se torna possível conjecturar, a despeito de todas as disposições naturais de Domiciano, a necessidade o teria tornado rapace, enquanto que o temor, cruel⁸⁹⁰. Suetônio, antes de revelar a essência do comportamento “cruel” de Domiciano, característica esta muito negativa no pensamento político do autor, reserva espaço em sua construção narrativa para algumas breves considerações positivas a respeito deste personagem e de seu governo; porém, sempre mantendo um tom crítico⁸⁹¹. Pois bem, Domiciano teria, continuamente, dado espetáculos magníficos no anfiteatro ou no circo, sem muitas preocupações quanto aos gastos; Suetônio comenta que, durante os espetáculos de gladiadores, permanecia aos pés do príncipe um jovem, vestido de vermelho, e que possuía uma cabeça muito pequena e monstruosa, com o qual Domiciano não parava de conversar, e muitas vezes seriamente⁸⁹². Promovera Domiciano também a reconstrução de vários monumentos grandiosos, outrora destruídos por incêndios; no entanto, comenta Suetônio, Domiciano teria ordenado que apenas o seu nome fosse gravado neles, sem mencionar aqueles que foram os seus primeiros construtores⁸⁹³. Igualmente teria empreendido várias expedições durante o seu governo: algumas por iniciativa própria, como fora a luta contra os catos; e outras por real necessidade, a exemplo das campanhas contra os sármatas e dácios⁸⁹⁴. Enfrentou uma tentativa de sublevação por parte do governador da Germânia, vencendo mesmo sem estar presente no campo de batalha e, conforme Suetônio, por um admirável golpe de

⁸⁹⁰ Suet. Dom. (III, 2) “*Circa administrationem autem imperii aliquamdiu se varium praestitit, mixtura quoque aequabili vitiorum atque virtutum, donec virtutes quoque in vitia deflexit; quantum coniectare licet, super ingenii naturam inopia rapax, metu saevus*”.

⁸⁹¹ De acordo com Gonzalo Bravo, “Su llegada al trono significó la reconciliación eventual con los pretorianos, a los que entregó un *donativum*, y con los senadores, que otorgaron los poderes tradicionales al nuevo princeps. Repartió varios *congiaria* a la plebe romana y aumentó el sueldo legionario de 225 a 300 denarios anuales con un *quartum stipendium*; finció costosos juegos y espectáculos en el Coliseo y emprendió un vasto programa de restauración de edificios públicos en Roma e Itália [...] En los primeros años de su reinado la élite senatorial se sintió satisfecha al reanudarse las campañas militares entres frentes simultáneos: Britania, el limes renano-danubiano y Dacia”. BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p.515-516.

⁸⁹² Suet. Dom. (IV, 1-2) “*Spectacula assidue magnifica et sumptuosa edidit non in amphitheatro modo, verum et in Circo, [...] Ac per omne gladiatorum spectaculum ante pedes ei stabat puerulus coccinatus parvo portentosoque capite, cum quo plurimum fabulabatur, nonnumquam serio*”.

⁸⁹³ Suet. Dom. (V, 1) “*Plurima et amplissima opera incendio absumpta restituit, in quis et Capitolium, quod rursus arserat; sed omnia sub titulo tantum suo ac sine ulla pristini auctoris memoria*”.

⁸⁹⁴ Suet. Dom. (VI, 1) “*Expeditiones partim sponte suscepit, partim necessario: sponte in Chattsos, necessario unam in Sarmatas legione cum legato simul caesa; in Dacos duas, primam Oppio Sabino consulari oppresso, secundam Cornelio Fusco praefecto cohortium praetorianarum, cui belli summam commiserat*”.

sorte: um fenômeno considerado natural, a cheia do rio Reno, impediu que as tropas de bárbaros se unissem aos grupos revoltosos na província⁸⁹⁵. No que diz respeito ao seu plano de distribuição dos vários cargos na administração imperial, Domiciano, aponta Suetônio, teria reservado aqueles mais importantes aos cavaleiros e aos libertos⁸⁹⁶. Na sequência, o autor comenta que Domiciano teria administrado a justiça de modo atento e zeloso, notadamente marcando presença no Fórum⁸⁹⁷; teria dispensado considerável dedicação na repressão aos magistrados da cidade e aos governadores das províncias, tornando-os, como nunca antes, comedidos e justos⁸⁹⁸. Da mesma forma, indica Suetônio, não se poderia suspeitar que Domiciano fosse uma pessoa avarenta, seja quando era um simples particular ou depois como imperador; pelo contrário: teria dado provas de grande liberalidade, tratando com generosidade todos aqueles ao seu entorno, e aconselhando sempre a evitarem qualquer tipo de atuação mesquinha⁸⁹⁹.

Porém, comenta Suetônio, Domiciano não conseguira manter essa trajetória de clemência e integridade, pelo contrário: moveu-se em direção à avareza e, ainda mais rapidamente, à crueldade⁹⁰⁰; dentre os vários que sentenciou à morte, teria

⁸⁹⁵ Suet. Dom. (VI, 2) "*Bellum civile motum a L. Antonio, superioris Germaniae praeside, confecit absens felicitate mira, cum ipsa dimicationis hora resolutus repente Rhenu transituras ad Antonium copias barbarorum inhibuisset*".

⁸⁹⁶ Suet. Dom. (VII, 2) "*Quaedam ex maximis officiis inter libertinos equitesque R. communicavit*". Atitude, ressaltamos aqui, que implicaria na limitação do poder relacionado ao grupo senatorial.

⁸⁹⁷ Suet. Dom. (VIII, 1) "*Ius diligenter et industrie dixit, plerumque et in Foro pro tribunali extra ordinem*".

⁸⁹⁸ Suet. Dom. (VIII, 2) "*Magistratibus quoque urbicis provinciarumque praesidibus coercendis tantum curae adhibuit, ut neque modestiores umquam neque iustiores exstiterint; e quibus plerosque post illum reos omnium criminum vidimus*".

⁸⁹⁹ Suet. Dom. (XI, 1-2) "*Cupiditatis quoque atque avaritiae vix suspicionem ullam aut privatus umquam aut princeps aliquamdiu dedit, immo e diverso magna saepe non abstinentiae modo sed etiam liberalitatis experimenta. Omnis circa se largissime persecutus nihil prius aut acius monuit quam ne quid sordide facerent*".

⁹⁰⁰ Suet. Dom. (X, 1) "*Sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit, et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem*". Conforme destaca Gonzalo Bravo, "a la segunda parte de su reinado, en cambio, corresponde la imagen tradicional de 'tirano', 'el Nerón calvo' o '*dominus et deus*' con que habitualmente se identifica su gobierno en las fuentes antiguas [...] Este régimen, calificado con cierta exageración de 'terror', alcanzó también a los intelectuales, sobre todo filósofos y literatos, que fueron de nuevo expulsados de Roma o ejecutados. La nómina de proscritos es larga y elocuente: parientes, cónsules, esclavos sospechosos, filósofos, jefes militares, gobernadores, etc., fueron depurados con o sin causa política justificada" BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 516. Complementa Michael Grant, "when Domitian now became emperor in his turn, he showed little sympathy with the old republican forms in which most earlier rulers had clothed their autocracy, but instead followed a meticulously thought-out policy of

ordenado a execução de muitos senadores, dentre os quais, inclusive, se encontrariam ex-cônsules; e, na maioria das vezes, por motivos completamente fúteis, acrescenta Suetônio⁹⁰¹. O autor, realmente, não poupa exemplos em sua narrativa a respeito de importantes membros da sociedade romana que acabaram sofrendo a morte nas mãos de Domiciano; o fato é que, agora, nos aproximando cada vez mais dos momentos finais da obra, a perspectiva de Suetônio em relação ao assassinato de senadores continua exatamente a mesma: um ato condenável, resultado de uma ação cruel, sempre negativa, do príncipe. De fato, conforme Suetônio, a crueldade de Domiciano cresceu muito após a sua vitória na guerra civil⁹⁰², com ele aplicando terríveis métodos de tortura aos membros do partido contrário, de modo a continuar buscando os cúmplices ainda ocultos da sublevação⁹⁰³. Ademais, a crueldade de Domiciano não seria apenas grande, mas também sutil e imprevisível⁹⁰⁴; abusava descaradamente da paciência de todos: sempre antes de pronunciar uma sentença inexorável, comenta Suetônio, o príncipe realizava um discurso a favor da clemência, de modo que este início benévolo tornava-se o indício mais seguro de que, na sequência, viria a ocorrer uma morte cruel⁹⁰⁵. No pensamento de Suetônio, a “**clemência**” contrapõe-se à “**crueldade**”.

Continuando no ritmo de suas críticas, Suetônio comenta que Domiciano, tendo desembolsado grande quantidade de dinheiro para as suas construções, espetáculos e pagamentos extras aos soldados, se encontrou em sérios apuros financeiros; não possuindo outras saídas, recorreu sem nenhuma medida a todo tipo de rapinagem⁹⁰⁶. Desde a sua juventude, complementa Suetônio, teria demonstrado

systematic absolutism”. GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: History Book Club, 1997, pp.292-293..

⁹⁰¹ Suet. Dom. (X, 2) “*Complures senatores, in iis aliquot consulares, interemit; ex quibus Civicam Cerealem in ipso Asiae proconsulatu, Salvidienum Orfitum, Acilium Glabrimonem in exsilio, quasi molitores rerum novarum, ceteros levissima quemque de causa...*”

⁹⁰² Domiciano sendo vitorioso sob a tentativa de sublevação por parte do governador da Germânia.

⁹⁰³ Suet. Dom. (X, 5) “*Verum aliquanto post civilis belli victoriam saevior, plerosque partis adversae, dum etiam latentes conscios investigat, novo quaestionis genere distorsit immisso per obscaena igne; nonnullis et manus amputavit*”.

⁹⁰⁴ Suet. Dom. (XI, 1) “*Erat autem non solum magnae, sed etiam callidae inopinataeque saevitiae*”.

⁹⁰⁵ Suet. Dom. (XI, 2) “*Et quo contemptius abuteretur patientia hominum, numquam tristiores sententiam sine praefatione clementiae pronuntiavit, ut non aliud iam certius atrocis exitus signum esset quam principii lenitas*”.

⁹⁰⁶ Suet. Dom. (XII, 1) “*Exhaustus operum ac munerum impensis stipendioque, quod adiecerat, temptavit quidem ad relevandos castrenses sumptus numerum militum deminuere; sed cum et*

um caráter extremamente soberbo, chegando inclusive a ser insolente, não guardando em absoluto o menor comedimento em seus atos e palavras⁹⁰⁷. O autor também destaca que Domiciano, quando alcançou o Principado, não teria hesitado em declarar perante o Senado que ele próprio havia dado o império ao seu pai e irmão, e que os dois simplesmente o tinham devolvido⁹⁰⁸. Quando readmitiu a sua mulher após o divórcio, Domiciano, de acordo com Suetônio, teria dito que ela estava voltando ao “leito divino”; e também, ouvia com gosto as aclamações a ele no anfiteatro; especialmente um dia, quando foram lançadas vivas ao “senhor e a senhora”⁹⁰⁹. Com a mesma arrogância, quando ditou uma circular em nome de seus procuradores, Domiciano teria começado da seguinte forma: “Nosso senhor e deus ordena que se faça o seguinte”; de acordo com Suetônio, a partir de então, ficara estabelecido que ninguém mais o chamasse de outra maneira, nem por escrito, nem durante qualquer conversa⁹¹⁰. Como observamos, Domiciano surge nesse instante declaradamente assumindo a sua posição de “**senhor**” na sociedade romana; atitude que vem no sentido de justificar, na construção narrativa do autor, a predisposição deste personagem em relação ao “**poder absoluto**” e à “**divinização**” em vida. Estes três conceitos, de fato, encontram-se aproximados no pensamento político de Suetônio, constituindo um quadro negativo em relação ao comportamento do príncipe.

Domiciano, temido e odiado por todos graças a sua conduta, tornou-se vítima de uma conspiração planejada por seus amigos e libertos mais íntimos, e na qual participara sua própria mulher, reitera Suetônio⁹¹¹. Segundo o autor, o príncipe sempre viveu repleto de temor e angústia, e até mesmo as mínimas suspeitas

obnoxium se barbaris per hoc animadverteret neque eo setius in explicandis oneribus haereret, nihil pensi habuit quin praedaretur omni modo”.

⁹⁰⁷ Suet. Dom. (XII, 3) “*Ab iuventa minime civilis animi, confidens etiam et cum verbis tum rebus immodicus*”.

⁹⁰⁸ Suet. Dom. (XII, 1) “*Principatum vero adeptus neque in senatu iactare dubitavit et patri se et fratri imperium dedisse,...*”.

⁹⁰⁹ Suet. Dom. (XII, 1) “*... illos sibi reddidisse, neque in reducenda post divortium uxore edicere revocatam eam in pulvinar suum. Adclamari etiam in amphitheatro epuli die libenter audii: “Domino et dominae feliciter!”.*”.

⁹¹⁰ Suet. Dom. (XIII, 2) “*Pari arrogantia, cum procuratorum suorum nomine formalem dictaret epistulam, sic coepit: “Dominus et deus noster hoc fieri iubet.” Unde institutum posthac, ut ne scripto quidem ac sermone cuiusquam appellaretur aliter*”.

⁹¹¹ Suet. Dom. (XIV, 1) “*Per haec terribilis cunctis et invisus, tandem oppressus est insidiis amicorum libertorumque intimorum simul et uxoris*”.

conseguiam alterar o seu comportamento⁹¹². Receoso pelos vários presságios de sua morte, mas sempre confiante de que nada lhe aconteceria, Domiciano fora assassinado em seu próprio quarto⁹¹³. Morreu, portanto, aos quarenta e cinco anos de idade, no décimo quinto ano de seu governo⁹¹⁴. Encaminhando-se para o desfecho da biografia, Suetônio aponta que Domiciano costumava dizer que a condição de príncipe não era das melhores, pois quando estes afirmavam terem descoberto uma conspiração, não se acreditava neles, exceto quando suas vidas fossem retiradas⁹¹⁵. De acordo com Suetônio, o povo teria recebido com indiferença a notícia do assassinato de Domiciano; no entanto, aos soldados esse acontecimento causou enorme indignação e alvoroço, de tal forma que eles desejaram atribuir ao falecido o título de “divino”; o teriam vingado também, caso não carecessem naquele momento de líderes; parcialmente conseguiram, comenta Suetônio, tendo em vista a cobrança insistente pela execução dos assassinos⁹¹⁶. Os senadores, pelo contrário, se alegraram muito diante da notícia: correram em direção à Cúria, onde não pouparam o falecido dos mais ultrajantes e cruéis insultos; após derrubarem suas imagens e símbolos, decretaram que as inscrições de Domiciano fossem apagadas por todos os lugares, enquanto que a sua memória, destruída⁹¹⁷. Suetônio, concluindo, comenta que poucos meses antes do assassinato, um corvo teria pousado no Capitólio, e exclamado: “Tudo irá bem”; algo que muitos teriam interpretado na forma de um presságio, não presente, mas sim futuro, de bem estar. O próprio Domiciano teria sonhado que lhe saía por detrás do pescoço um tumor de ouro, vendo nesse fato um presságio de que, após ele, a

⁹¹² Suet. Dom. (XIV, 2) “*Quare pavidus semper atque anxius minimis etiam suspicionibus praeter modum commovebatur*”.

⁹¹³ Suet. Dom. (XVI, 2) “*Tunc horas requirenti pro quinta, quam metuebat, sexta ex industria nuntiata est. His velut transacto iam periculo laetum festinantemque ad corporis curam Parthenius cubiculo praepositus convertit, nuntians esse qui magnum nescio quid afferret, nec differendum. Itaque summotis omnibus, in cubiculum se recepit atque ibi occisus est*”.

⁹¹⁴ Suet. Dom. (XVII, 3) “*Occisus est XIII. Kal. Octb. anno aetatis quadragensimo quinto, imperii quinto decimo*”.

⁹¹⁵ Suet. Dom. (XXI, 1) “*Conditionem principum miserrimam aiebat, quibus de coniuratione comperta non crederetur nisi occisis*”.

⁹¹⁶ Suet. Dom. (XXIII, 1) “*Occisum eum populus indifferenter, miles gravissime tulit statimque Divum appellare conatus est, paratus et ulcisci, nisi duces defuissent; quod quidem paulo post fecit expostulatis ad poenam pertinacissime caedis auctoribus*”.

⁹¹⁷ Suet. Dom. (XXIII, 1) “*Contra senatus adeo laetatus est, ut repleta certatim curia non temperaret, quin mortuum contumeliosissimo atque acerbissimo adclamationum genere laceraret, scalas etiam inferri clipeosque et imagines eius coram detrahi et ibidem solo affligi iuberet, novissime eradendos ubique titulos abolendamque omnem memoriam decerneret*”.

condição do Império seria consideravelmente mais feliz e próspera; de acordo com Suetônio, de fato, logo em breve isso aconteceria mesmo, devido à integridade e à moderação dos imperadores que o sucederam no governo⁹¹⁸. Desde modo, Suetônio chega ao final de sua obra exclamando o péssimo exemplo de Domiciano. No efeito da construção narrativa de Suetônio, o próprio Domiciano suspeita e também indica aos leitores que, após a sua morte, tudo seria muito melhor; trata-se, novamente, de uma expectativa positiva projetada em relação ao futuro, ou melhor, ao próprio contexto de Suetônio. No que podemos considerar a partir dessa constatação do autor, Suetônio praticamente consente dos “bons momentos” vividos durante os principados de Nerva e Trajano. Porém, e quanto ao tempo de Adriano? Seria ele também parte dessa trajetória positiva? Como destacamos anteriormente, propomos que Adriano fora o personagem avaliado e criticado por Suetônio à luz de seu **“Pensamento Político”** – desvendado e analisado no presente estudo em função de nossa interpretação crítica da obra **“A Vida dos Doze Césares”**. Nesse momento, portanto, colocamos e reforçamos a problemática inicial e principal de nosso estudo: o que podemos concluir a respeito das motivações do autor, Suetônio, frente às circunstâncias de contexto, para a composição de sua obra biográfica?

⁹¹⁸ Suet. Dom. (XXIII, 2) “*Ante paucos quam occideretur menses cornix in Capitolino elocuta est: ἔσται πάντα καλῶς, nec defuit qui ostentum sic interpretaretur: “Nuper Tarpeio quae sedit culmine cornix, ‘Est bene’ non potuit dicere, dixit: ‘Erit.’ ”. Ipsum etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone cervicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorum post se laetiorumque portendi rei publicae statum, sicut sane brevi evenit abstinentia et moderatione insequentium principum*”.

CONCLUSÃO

Com base em nosso trabalho de rastreamento e interpretação crítica dos principais elementos característicos ao **pensamento político** de Suetônio, pretendemos neste momento estabelecer um quadro de considerações a respeito do autor, desenvolvendo argumentos que busquem esclarecer as possíveis motivações de Suetônio para a escrita de sua obra.

Pois bem, antes de tudo precisamos destacar: seja em relação ao tema escolhido, recorte cronológico, modelo narrativo ou qualquer outro critério, Suetônio não pode ser considerado um escritor “neutro”, pelo contrário: o autor se posiciona durante toda a construção narrativa, comentando a respeito do que achava certo ou errado. Sua escrita, portanto, em todas as escolhas e características apresentadas, pode ser considerada uma manifestação consciente do posicionamento social e político do autor, de seu mundo referencial. Assim, quando Suetônio propõe um estudo biográfico a respeito dos primeiros Césares, é provavelmente porque o autor considerava relevante trazer ao seu presente, para fins de reflexão e crítica, esse “momento” da história; momento, ademais, tornado **“exemplar”** em função de todos os procedimentos investigativos empregados durante a elaboração da obra. Na atualidade, no exercício de nossa função como historiadores, compreendemos bem a **“construção ideológica”** por detrás da narrativa do autor, e o quanto ela poderia ser considerada parcial desde vários pontos de vista; no entanto, devemos ter em mente que, naquela época, Suetônio escrevia o que acreditava e propunha ser o **“verdadeiro”**, sempre acompanhando e de acordo com o seu universo moral, ou seja, suas diversas concepções políticas.

Suetônio, como observamos em nosso estudo, trabalhou e escreveu as vidas de Júlio César e Octaviano Augusto com grande dedicação; tratava-se, como destacamos na ocasião, de uma análise a respeito do surgimento e estabelecimento do Principado, instituição que transformara o modelo político romano na passagem do século. Na construção biográfica de Júlio César, Suetônio destacou no personagem um comportamento um tanto quanto inadequado do ponto de vista político, e isso em vários momentos da narrativa. Desde a previsão de Sula logo ao início da narrativa, o futuro Júlio César é relacionado **ao conflito com o grupo dos**

melhores⁹¹⁹; trata-se, como afirmamos no caso, de um recurso próprio à narrativa de Suetônio, uma perspectiva teleológica em uso. De seu desejo em alcançar imensas glórias tais como as de Alexandre, o Grande⁹²⁰, Júlio César chega a ser declarado como um conspirador, um homem que **ambicionava** chegar ao poder, mesmo que precisasse **matar senadores**⁹²¹. Suetônio, de fato, não poupou ou amenizou Júlio César quanto aos inúmeros desentendimentos que manteve em relação ao grupo dos **“melhores”**⁹²², ou seja, contra a ancestral tradição política romana. Para Suetônio, Júlio César não tinha limites, e passaria por cima de qualquer pessoa para alcançar seus objetivos⁹²³. Quando o Senado, alarmado por todas as ações do personagem, movimentou-se decisivamente contra ele⁹²⁴, Júlio César teria dado início à guerra civil, desejando simplesmente, na afirmação de Suetônio, tudo **perturbar** e **subverter**⁹²⁵; ele estaria tomado pelo hábito do **“comando militar”**, desejando o **“poder absoluto”**, para assim efetivamente **“reinar”**⁹²⁶. Suetônio, neste momento, importante destacarmos, relaciona a questão do **“poder absoluto”**, na expressão latina **“dominationis”**, ao exercício da própria **realeza**; ou seja, ao modelo de governo **autocrático**. Na sua origem, a expressão **“dominus”** identifica o papel desempenhado pelo **“senhor”** em relação aos escravos, de sua residência; trata-se, pois, de uma relação de submissão, de irrestrita obediência. Utilizada no contexto das relações políticas romanas, ela ganha, dessa forma, um sentido pejorativo, indicando um comportamento um tanto incompatível do ponto de vista da tradição política romana, especialmente na sua estrutura republicana, colegiada. Como debatemos logo ao início do primeiro capítulo e ao longo de todo o trabalho, os romanos mais tradicionais, membros do grupo dos melhores, os senadores, repudiavam a noção de **“realeza”**, por sua

⁹¹⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (I, 3), página 88.

⁹²⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (VII, 1), página 91.

⁹²¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (IX, 1-2), páginas 93-4.

⁹²² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XI, 1), página 95; Suet. Jul. (XIX, 1-2), páginas 97-8; Suet. Jul. (XX, 1-2), página 99; Suet. Jul. (XXIV, 3), páginas 102-3.

⁹²³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXII, 2), páginas 101.

⁹²⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXVIII, 2), página 104.

⁹²⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXX, 2), páginas 105-6.

⁹²⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XXX, 5), páginas 106.

relação com formas de **“poder absoluto”**⁹²⁷; Suetônio, compartilhando desse universo mental, segue muito esse pensamento político, e por isso mesmo crítica Júlio César em seu desejo desenfreado pelo poder. Pois bem, ao final dos conflitos civis, Júlio César torna-se então ditador e promove ações no sentido de organizar a República, reformando a sua administração⁹²⁸. Suetônio ainda assinala aspectos positivos no comportamento de Júlio César, elogiando o seu caráter sempre **constante**⁹²⁹, bem como a **moderação** e a **clemência** por ele demonstrados durante a guerra civil⁹³⁰. Porém, Suetônio reitera o abuso ao **“poder absoluto”** por parte de Júlio César, motivo pelo qual ele teria, ao final de tudo, merecido a morte; em suma, ele teria aceitado **honras excessivas**, atribuindo para si **privilégios superiores à condição humana**⁹³¹. Sem respeito à República, afirmava perante todos que a sua palavra era lei⁹³²; assim, em suas atitudes, ofendia a dignidade do Senado⁹³³, e teria mesmo desejado, aponta Suetônio, a realeza⁹³⁴. Por esses e outros motivos, nas palavras de Suetônio, diversos conspiradores teriam se unido contra a **“dominação”**⁹³⁵, assassinando então a Júlio César.

Por sua vez, na vida de Octaviano Augusto, no momento do estabelecimento da instituição do Principado, Suetônio constrói nesta personalidade **um modelo praticamente ideal de governante**. Desde os primeiros momentos o autor projeta uma imagem quase sagrada em torno de Octaviano⁹³⁶, alimentando sua narrativa com expectativas positivas quanto ao mesmo, destacando suas proezas na infância e adolescência⁹³⁷. Com a morte de Júlio César, Octaviano entrou decisivamente no universo político romano; inicialmente posicionando-se ao lado dos **“melhores”**,

⁹²⁷ Conforme Paul Veyne, trata-se da "célebre aversão dos romanos à palavra 'rei': os romanos não eram escravos de um senhor, ao contrário dos povos gregos e orientais que conquistaram". VEYNE, Paul. **O império grego-romano**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2008, p.2.

⁹²⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (XL, 1), páginas 108 ; Suet. Jul. (XLIII, 1), página 109.

⁹²⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXIII, 1), páginas 109-10.

⁹³⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXV, 1), página 110.

⁹³¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVI, 1), página 110.

⁹³² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVII, 1), página 111.

⁹³³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXVIII, 2), página 112.

⁹³⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXIX, 2), página 113.

⁹³⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Jul. (LXXX, 1), páginas 113-14.

⁹³⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (VI, 1), página 117.

⁹³⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (VIII, 1), páginas 118-19.

Octaviano acaba contraposto, na construção de Suetônio, a Marco Antônio, concorrente ao poder⁹³⁸. Por entraves e circunstâncias do momento, Octaviano acabou se aliando a Marco Antônio, no chamado “Segundo Triunvirato”, entrando em confronto direto com os senadores; o interessante é que, por esse distanciamento, Suetônio passa então a criticar o personagem⁹³⁹; nesse sentido, o acusa de falta de **moderação** após a guerra de Filipos, quando da derrota de Bruto, ocasião em que Octaviano teria realmente maltratado com palavras **cruéis** os prisioneiros mais ilustres⁹⁴⁰. Octaviano, no entanto, na sequência da narrativa, logo entra em confronto com Marco Antônio, este que passa a representar na construção narrativa de Suetônio o risco de um modelo político no estilo **monárquico**, oriental, em Roma⁹⁴¹; Octaviano, defendendo a tradição política romana, afasta esse risco, recebendo todas as graças do autor. No Egito, palco da derrota de Marco Antônio, Octaviano honra a memória de Alexandre, o Grande, declarando-o “**um verdadeiro rei**”, exatamente ao contrário de todos os seus sucessores na região, a dinastia Lágida – uma crítica do autor em relação ao modelo político helenístico, oriental⁹⁴². Octaviano, a partir desse acontecimento, torna-se um **exemplo político** para Suetônio; destaca-se, nessa construção do personagem, sua intenção de **paz** em relação a todos os povos⁹⁴³, seu caráter **virtuoso** e sua **moderação**⁹⁴⁴. Octaviano, assumindo uma posição política centralizadora, alinha-se ao grupo senatorial; e somente não teria restabelecido a **República**, reitera Suetônio, pelo temor de ocorrer uma guerra civil novamente; não obstante, e também complementa o autor, procurou consolidar todos os fundamentos da **República Romana**, visando o seu próprio governo e todos os demais, subsequentes⁹⁴⁵.

Na caracterização geral da personalidade de Octaviano, Suetônio não poupa sua construção narrativa dos mais variados exemplos e anedotas; destaca que Octaviano teria sempre **honrado a tradição política e militar romana**, a exemplo

⁹³⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (X, 2-4), páginas 121-2.

⁹³⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XII, 1), página 122.

⁹⁴⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XIII, 1-2), páginas 123-24.

⁹⁴¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XVII, 1), página 125.

⁹⁴² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XVIII, 1), páginas 127-28.

⁹⁴³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XXI, 2), páginas 128.

⁹⁴⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XXI, 3), páginas 128-29.

⁹⁴⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XXVIII, 1-2), página 132.

de quando lembrou a importância dos antigos generais romanos, os verdadeiros responsáveis pela grandeza de Roma, sublinhando especialmente Pompeu⁹⁴⁶. Octaviano, ademais, seria um assíduo e indulgente administrador da **justiça**⁹⁴⁷, sempre demonstrando **liberalidade** em relação aos mais diversos grupos sociais⁹⁴⁸, sem exageros de pura ambição⁹⁴⁹, muito **clemente** e **moderado**; Suetônio, no desenvolvimento desses constantes elogios, também destaca o comportamento sempre **conciliador** de Octaviano em relação aos seus inimigos: aproximava-se de todos eles e evitava punições⁹⁵⁰. No contraste a Júlio César, Octaviano não teria aceitado templos ou estátuas em sua honra⁹⁵¹; e o mais interessante, demonstrava enorme repúdio em relação ao título de “**senhor**”, pois considerava essa designação uma forma de injúria e insulto⁹⁵². Suetônio, deste modo, durante sua construção narrativa afasta do personagem qualquer pretensão ao “**poder absoluto**”, bem pelo contrário: demonstra continuamente todo o respeito que Octaviano nutria pelos senadores⁹⁵³, sempre preservando a **liberdade** de expressão e política de todos eles, a despeito dos sérios ataques e injúrias que também sofria⁹⁵⁴. Por todo esse comportamento, Octaviano teria obtido o apreço de todos⁹⁵⁵.

Ao final de nosso trabalho de interpretação crítica das vidas de Júlio César e Octaviano Augusto, não podemos deixar de verificar o destaque conferido pelo autor à questão do “**poder absoluto**”, ou seja, ao comportamento político autoritário; essa questão praticamente movimenta o fluxo da construção narrativa, tornando-se o mais importante critério para a avaliação positiva ou negativa em relação ao personagem biografado. Júlio César, de acordo com essa perspectiva, tendo em vista seu constante abuso do “**poder absoluto**” e conflito com a sociedade política, não fora considerado com bons olhos por Suetônio; Octaviano Augusto, muito pelo

⁹⁴⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XXXI, 5), página 135.

⁹⁴⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XXXIII, 1), páginas 136-37.

⁹⁴⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XLI, 1), página 138.

⁹⁴⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (XLII, 1), página 139.

⁹⁵⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LI, 1), página 140.

⁹⁵¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LII, 1), páginas 140-41.

⁹⁵² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LIII, 1), página 141.

⁹⁵³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LIII, 3), página 142.

⁹⁵⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LIV, 1), página 143.

⁹⁵⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Aug. (LVII, 1), página 146; e Suet. Aug. (LVIII, 2), página 147.

contrário, do momento que se alinha aos “**melhores**”, cai completamente nas graças do autor, tornando-se um exemplo de conduta política. Face ao “**poder absoluto**” contrapõem-se, com destaque, no pensamento político que entrevemos na construção de Suetônio, as virtudes da **moderação** e da **clemência**.

Definindo por objeto principal de análise a questão do “**poder absoluto**”, seguimos com o nosso trabalho de interpretação crítica em relação ao restante da obra. Tibério, o sucessor de Octaviano, teve na construção de sua imagem diversas críticas por parte de Suetônio; desrespeitando o Senado com seus “**atos dissimulados**”, não teria hesitado em assumir o Principado, imediatamente buscando para si um guarda militar – “**força e o símbolo**” do “**poder absoluto**”, segundo o autor⁹⁵⁶. Nos primeiros momentos de seu Principado, conforme Suetônio, Tibério teria se demonstrado de uma conduta singela, de modo que era avesso às adulações⁹⁵⁷; da mesma forma que Octaviano, não gostava que o chamassem de “**senhor**”, título considerado injurioso, coibindo então essa prática⁹⁵⁸. Suetônio, também, elogia seu comportamento inicial em relação ao Senado, preservando a **liberdade**, sempre muito sereno e paciente diante de todas as críticas recebidas⁹⁵⁹. Porém, a despeito de todos os elogios, Suetônio acaba criticando o comportamento de Tibério, destacando a sua **inconstância**⁹⁶⁰, personalidade carregada de **vícios**, e modo de agir **dissimulado**⁹⁶¹. No decorrer e final de seu governo, em suma, teria demonstrado enorme **crueidade**, e naturalmente **apatia**; Suetônio, inclusive, declara que Tibério, ao início, teria fingido **moderação**, para ganhar o favor do público⁹⁶².

Na sequência temos Calígula, vida que se inicia, porém, destacando o exemplo político de Germânico: personagem este **leal** e de caráter **constante**⁹⁶³, detentor de todas as virtudes físicas e espirituais⁹⁶⁴. Também **benevolente** e

⁹⁵⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXIV,1-2), página 162.

⁹⁵⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXVI,1), página 163.

⁹⁵⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXVII,1), página 163.

⁹⁵⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXVIII,1), página 164; e Suet. Tib. (XXX,1), página 165.

⁹⁶⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XXXIII,1), página 166.

⁹⁶¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (XLII,1), página 166.

⁹⁶² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tib. (LVII,1), página 166.

⁹⁶³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (I,1), página 167.

⁹⁶⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (III,1), página 167.

clemente, evitou ao máximo a vingança contra os detratores⁹⁶⁵. Contrapõe-se, portanto, a este modelo o personagem Calígula: na construção de Suetônio, homem de natureza **cruel e depravada**⁹⁶⁶, um **monstro**⁹⁶⁷. Calígula surge no texto flertando com a ideia de **monarquia**⁹⁶⁸ e com a **divinização** em vida⁹⁶⁹; e não apenas em suas ações teria destruído imensamente os senadores, mas também ordenado a execução de muitos deles, em segredo⁹⁷⁰. Em suma, a **crueldade** de Calígula é mais de uma vez destacada por Suetônio⁹⁷¹, tornando esse personagem tão repleto dos mais variados **vícios**, um péssimo exemplo político⁹⁷². Na sucessão, com o assassinato de Calígula, Cláudio tornara-se príncipe, praticamente “ao acaso”, segundo Suetônio⁹⁷³. O autor, em relação ao início de seu governo, estabelece diversos elogios a Cláudio, tendo em vista toda sua **simplicidade**, renúncia às **honras excessivas**⁹⁷⁴ e respeito em relação ao Senado, cônsules e magistrados⁹⁷⁵. Diligente com a **justiça**⁹⁷⁶, demonstrava-se, no entanto, **inconstante** em suas declarações e afazeres⁹⁷⁷; conduta, inclusive, que o teria levado ao desprezo geral da parte de todos⁹⁷⁸. Cláudio, finalmente, recebe o tom crítico de Suetônio, tendo em vista sua relação com os libertos e constantes conflitos com as esposas⁹⁷⁹; acrescenta-se, ademais, que ele teria ordenado a execução de senadores, muitas vezes movido por esses próximos⁹⁸⁰. Em suma, por tudo isso, conclui a construção

⁹⁶⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (III,3), página 168.

⁹⁶⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XI,1), página 169.

⁹⁶⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XXII,1), página 170.

⁹⁶⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XXII,1), página 170.

⁹⁶⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XXII,3), página 171.

⁹⁷⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XXVI,2), página 171.

⁹⁷¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (XXVII,1), página 172.

⁹⁷² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cal. (LI,1), página 173.

⁹⁷³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (X,1), página 175.

⁹⁷⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XII,1), páginas 176-77.

⁹⁷⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XII,3), página 177.

⁹⁷⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XIV,1), página 177.

⁹⁷⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XV,1), página 177.

⁹⁷⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XV,3), página 177

⁹⁷⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XXV,5), páginas 178-79; e Suet. Cl. (XXVI,2) , página 179.

⁹⁸⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XXIX,2) , páginas 179-80.

de Suetônio, Cláudio seria **cruel** e **sanguinário** por natureza⁹⁸¹. Morto, permitiu que seu filho Nero chegasse ao poder. Quanto a este, Suetônio não poupa expectativas negativas⁹⁸², caracterizando nele um personagem **feroz** em sua natureza⁹⁸³. Inicialmente, quando ascendeu ao Principado, teria ainda demonstrado **liberalidade**, **clemência** e **amabilidade**⁹⁸⁴, respeitando o Senado⁹⁸⁵ e tornando-se um bom administrador⁹⁸⁶. Porém, logo deu espaço para diversas **maldades** e **crimes**⁹⁸⁷, manifestando grande **desenfreno**, **luxúria**, **extravagância**, **avareza** e **crueldade**; todos **vícios**, conforme aponta Suetônio, característicos não de sua idade, mas sim de sua própria natureza⁹⁸⁸. Nero espalhou a sua **crueldade** por toda a sociedade⁹⁸⁹, atingindo os cidadãos da mais alta nobreza⁹⁹⁰, ameaçando o Senado⁹⁹¹. Diante da revolta de todos, cometeu suicídio.

No trabalho com as vidas da dinastia Júlio-Claudiana, Suetônio, como verificamos, mantém sua crítica quanto ao “**poder absoluto**”, ainda que indiretamente, mas sempre destacando os males que o autoritarismo poderia causar. Nesse exato sentido, ganhou destaque pelo autor a questão da “**crueldade**”, ou seja, da violência praticada contra a sociedade política, afligindo especialmente os senadores. No pensamento político de Suetônio, contrapõe-se à **crueldade**, portanto, a **clemência**: virtude essencial para o necessário comportamento conciliador do príncipe romano. Pois bem, na sequência da construção narrativa, logo em seguida à morte de Nero, temos novamente a eclosão de conflitos civis; exércitos provincianos proclamaram seus imperadores. O primeiro que ascendeu ao poder nesta ocasião fora Galba⁹⁹², promovido a partir de

⁹⁸¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Cl. (XXIX,2), páginas 180.

⁹⁸² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (VI,1), página 182.

⁹⁸³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (VII,1), página 182.

⁹⁸⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (X,1), página 183.

⁹⁸⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (X,2), página 183.

⁹⁸⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XVII,1), páginas 183-84.

⁹⁸⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XVII,1), página 184.

⁹⁸⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XXVI,1), página 184.

⁹⁸⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XXXV,4), página 185; e Suet. Nero. (XXXVI,1), página 185.

⁹⁹⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XXXVI,1), página 185.

⁹⁹¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Nero. (XXXVII,1), página 186.

⁹⁹² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (II,1), página 188.

movimentações nas Gálias⁹⁹³. Suetônio concentra sua atenção narrativa na caracterização de seus vícios, destacando seu comportamento **inconstante** e também **intransigente**, ao longo de praticamente toda a sua carreira política⁹⁹⁴; conforme o autor, ademais, a **crueledade** e **avareza** próprias de sua pessoa simplesmente aumentaram logo que chegou ao poder⁹⁹⁵. Dessa forma, acometido dos mais diferentes **vícios**, tivera uma conduta **inconsistente**⁹⁹⁶; como resultado, teria condenado diversos personagens ilustres da sociedade, favorecendo unicamente aos seus companheiros e libertos⁹⁹⁷. O descontentamento geral, conforme Suetônio, teria desencadeado um movimento de resistência a Galba; Otão, concorrente político na época, entrou em confronto direto com ele, ascendendo ao poder após um confronto armado. Suetônio, desde o começo da narrativa biográfica de Otão, aponta características muito positivas quanto a este personagem, destacando sua **moderação** e **integridade** singulares⁹⁹⁸. De modo geral, Suetônio constrói em Otão um **exemplo político**, perspectiva não presenciada no texto desde Germânico – o qual tampouco chegara ao Principado. Segundo o autor, Otão teria sempre se manifestado contrário a guerra civil, buscando ao máximo evitá-la; da mesma forma, repugnava a ele tomar conhecimento do assassinato de membros ilustres da sociedade⁹⁹⁹. Seguindo os elogios, Suetônio reitera, apoiando-se na opinião de muitos da época, que Otão não teria assassinado Galba com o intuito de exercer o “**poder absoluto**”, mas sim de restabelecer a **República** e a **liberdade**¹⁰⁰⁰. Seu Principado durou pouco tempo, tendo em vista a ação movida contra ele por Vitélio, aclamado imperador pelas tropas da Germânia. Do tom elogioso conferido à Otão, Suetônio muda drasticamente em relação à Vitélio; este, no decorrer de sua carreira política, teria se manchado de todos os tipos de baixeza¹⁰⁰¹, demonstrando-se **inconstante** em seus

⁹⁹³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (IX,2), página 190.

⁹⁹⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (IX,1), página 189.

⁹⁹⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (XII,2), página 191.

⁹⁹⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (XIV,2), página 191.

⁹⁹⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Gal. (XV,1-2), página 192.

⁹⁹⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Otho. (III,1-2), páginas 193-94.

⁹⁹⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Otho. (X,1), página 196.

¹⁰⁰⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Otho. (XII,2), página 197.

¹⁰⁰¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Vit. (IV, 1), página 199.

propósitos e também na sua reputação¹⁰⁰². Quando assumiu o Principado, frustrou as expectativas quanto a um bom governo, seguindo os péssimos hábitos antigos, não respeitando a dignidade do Império¹⁰⁰³. Suetônio, nesse sentido, o acusa de **gula e crueldade**¹⁰⁰⁴; Vitélio, pois, não hesitava também em condenar ao assassinato qualquer indivíduo da sociedade¹⁰⁰⁵. Seu governo chegou ao fim perante o decisivo avanço das legiões orientais, lideradas por Flávio Vespasiano, aclamado o novo príncipe romano.

Pois bem, com Vespasiano temos não somente o fim dos conflitos civis, mas o nascimento de uma nova dinastia no poder, os Flávios. Suetônio, declaradamente, observa com bons olhos esse novo momento político, tendo em vista o encerramento dos sérios **conflitos civis** e, conseqüente, retorno à **estabilidade**¹⁰⁰⁶. Vespasiano, por tudo isso, é caracterizado de modo positivo na construção de Suetônio, tornando-se um exemplo de governante. De fato, para o autor, antes mesmo de sua ascensão, teria demonstrado **integridade**¹⁰⁰⁷; assim, movido por diversos presságios que lhe indicavam o império¹⁰⁰⁸, Vespasiano seguiu em direção de Roma, para combater a Vitélio; assume, pois, nesse momento, de acordo com Suetônio, um ideal de **defesa da República**¹⁰⁰⁹. Príncipe, teria assumido a tarefa de devolver **estabilidade** à República, para logo em seguida conseguir **engrandecê-la**¹⁰¹⁰. Empreendeu diversas reformas no setor administrativo, normalizando a prática da **justiça**¹⁰¹¹; atuou também no âmbito social, purificando e completando as duas mais importantes ordens da República¹⁰¹². Suetônio, na caracterização da personalidade de Vespasiano, afirma que este se demonstrara, do início ao fim de seu governo, sempre **clemente** e de uma **simplicidade republicana**; e também,

¹⁰⁰² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Vit. (V, 1), página 199.

¹⁰⁰³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Vit. (X, 1), página 200.

¹⁰⁰⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Vit. (XIII, 1), página 201.

¹⁰⁰⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Vit. (XIV, 1), página 201.

¹⁰⁰⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (I, 1), páginas 202-03.

¹⁰⁰⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (IV, 3), página 204.

¹⁰⁰⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (V, 3), página 205.

¹⁰⁰⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (VI, 4), páginas 206-07.

¹⁰¹⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (VIII, 1), página 207.

¹⁰¹¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (X, 1), página 209.

¹⁰¹² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (IX, 2), páginas 208-09.

sem **ambicionar** grandes honras¹⁰¹³. Através dessa conduta, não teria censura a ninguém, sempre preservando a **liberdade** de todos¹⁰¹⁴; tampouco castigava inocentes, e lamentava-se quando punia com a morte os culpados¹⁰¹⁵. Vícios, conforme Suetônio, Vespasiano possuía apenas um, a **avareza**¹⁰¹⁶; referência que não impacta a construção positiva de Suetônio em relação ao personagem: **um príncipe modelo**, pois sempre estivera alinhado à tradição romana. Com a morte por motivos naturais de Vespasiano, ascende então ao poder o seu filho mais velho, Tito, de acordo com a vontade expressa do próprio pai¹⁰¹⁷. Suetônio não poupou vários elogios para Tito, considerando o personagem simplesmente o “amor e a delícia do gênero humano”¹⁰¹⁸. Educado junto com Germânico, amigo que sempre procurara honrar a memória¹⁰¹⁹, Tito, desde a juventude, teria se destacado por seus mais diversos atributos físicos e espirituais, conforme expressa Suetônio¹⁰²⁰. Quanto à carreira pública do personagem, o autor destaca sua fama de **diligência** e **moderação**¹⁰²¹; salvo quando, na ressalva do autor, esteve na Prefeitura do Pretório: teria exercido essa função de modo um tanto **excessivo**, agindo de modo **brutal** e **violento**, condenando à morte todos os que considerava suspeitos¹⁰²²; nesse momento, portanto, para Suetônio, teria demonstrado **crueldade**, para além de costumes dos mais dissolutos e uma tendência à **rapinagem**, aproximando ele, então, da imagem de Nero¹⁰²³. Mas todo esse péssimo comportamento, enfatiza Suetônio, assumiu um caráter muito breve, passageiro; logo na sequência, Tito deixou de lado esses vícios, e demonstrou as mais altas virtudes¹⁰²⁴. **Generoso**¹⁰²⁵

¹⁰¹³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (XII, 1), página 209.

¹⁰¹⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (XIII, 1), página 209; e Suet. Ves. (XIV, 1), página 209.

¹⁰¹⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (XV, 1), páginas 209-10.

¹⁰¹⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (XVI, 1), página 210.

¹⁰¹⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Ves. (XXV, 1), página 211.

¹⁰¹⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (I, 1), página 212.

¹⁰¹⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (II, 1), página 212.

¹⁰²⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (III, 1), página 212.

¹⁰²¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (IV, 1-2), página 213.

¹⁰²² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VI, 1), páginas 213-14.

¹⁰²³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VII, 1), página 214.

¹⁰²⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VII, 1), página 214.

¹⁰²⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VII, 3), página 215.

e **benévolo**¹⁰²⁶, sempre amável com todos¹⁰²⁷, nunca mais teria determinado a morte de qualquer pessoa, ainda que não lhe faltassem motivos para que se vingasse¹⁰²⁸. Segundo Suetônio, o repentino falecimento de Tito, após somente dois anos de governo, trouxera grande prejuízo para toda a humanidade¹⁰²⁹; os membros da sociedade política teriam se lamentado profundamente deste ocorrido¹⁰³⁰. Domiciano, o irmão mais novo de Tito, também filho de Vespasiano, ascende então ao poder, tornado-se alvo das mais pesadas críticas de Suetônio do começo ao fim de sua biografia. Em sua juventude, no desenvolvimento de sua carreira pública, Suetônio destaca que Domiciano já exercia o “**poder absoluto**” ao seu modo, oferecendo provas de como se comportaria no futuro¹⁰³¹. Sempre competindo com irmão e causando desconforto geral por todas as suas ações¹⁰³², Domiciano teria, admiravelmente, fingido **moderação**¹⁰³³; conspirara, inclusive, contra o irmão, sempre o difamando¹⁰³⁴. Quando, enfim, chegou ao Principado, Domiciano teria se demonstrando **inconstante** por algum tempo, mesclando atitudes; logo, porém, prevalecera nele os piores **vícios**; dentre os vários que possuía, destaca-se na construção narrativa sua **crueidade, rapinagem**¹⁰³⁵ e **avareza**¹⁰³⁶. Seguindo um mau comportamento, complementa Suetônio, Domiciano teria ordenado a morte de muitos senadores, e muitas vezes por motivos completamente fúteis¹⁰³⁷; sua **crueidade**, em suma, demonstrava-se sutil e imprevisível¹⁰³⁸. Admitia também o título de **senhor**, “flertando” com a **divinização** de sua pessoa¹⁰³⁹. Sua morte, por assassinato, conforme aponta Suetônio, veio como um alívio para todos os

¹⁰²⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VIII, 1), página 215.

¹⁰²⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (VIII, 2), página 215.

¹⁰²⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (IX, 1), página 216.

¹⁰²⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (X, 1), página 217.

¹⁰³⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Tit. (XI, 1), página 217.

¹⁰³¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (I, 3), página 218.

¹⁰³² Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (II, 1), páginas 218-19.

¹⁰³³ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (II, 2), página 219.

¹⁰³⁴ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (II, 3), página 219.

¹⁰³⁵ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (III, 2), páginas 219-20.

¹⁰³⁶ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (X, 1), página 221.

¹⁰³⁷ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (X, 2), páginas 221-22.

¹⁰³⁸ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (XI, 1), página 222.

¹⁰³⁹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (XII, 1), página 222; e Suet. Dom. (XIII, 2), página 223.

senadores, em vista de todos os terríveis feitos praticados por Domiciano¹⁰⁴⁰. Por fim, na conclusão de Suetônio, o autor afirma que, desse momento em diante, os tempos seriam melhores, devido à **moderação** e à **integridade** dos futuros imperadores romanos¹⁰⁴¹.

O “**Pensamento político**” de Caio Suetônio Tranquilo, conforme rastreamos no desenvolvimento de nosso trabalho e demonstramos acima, em síntese, dentro de suas principais características, apresenta, ao que propomos, um eixo fundamental em sua construção, visando à crítica ao “**poder absoluto**”. Suetônio, de fato, ao longo de sua investigação e escrita, em cada **Vida** por ele construída, manifesta um claro sentimento de aversão em relação ao comportamento autoritário, demonstrado por diversos príncipes romanos ao longo do primeiro século depois de Cristo. Nesse sentido, ao modelo de governante autoritário, Suetônio associa diversos comportamentos “**negativos**”; em contrapartida, o autor também estabelece um modelo político exemplar, “**positivo**”:

MODELO POSITIVO	MODELO NEGATIVO
<ul style="list-style-type: none"> -Moderação -Constância -Clemência -Intenção de paz -Virtuosidade -Defesa da república e suas instituições -Prática da Justiça -Diligência -Liberalidade -Repúdio ao título de Senhor - Defesa da liberdade -Repúdio à vingança -Conciliação com a sociedade política - Respeito e obediência em relação aos senadores 	<ul style="list-style-type: none"> - Poder absoluto, autoritarismo -Desejo pelo título de Senhor -Avareza -Rapinagem - Conflito com a sociedade política - Assassinato de pessoas ilustres, especialmente os senadores - Desejo pela instituição da monarquia - Aceite de honras excessivas ao homem -Busca pela divinização -Desrespeito à ideia de República e suas instituições

¹⁰⁴⁰ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (XXIII, 1), página 224.

¹⁰⁴¹ Conforme verificamos anteriormente em nossa análise de Suet. Dom. (XXIII, 2), páginas 224-25.

Por mais que Suetônio tenha procurado dinamizar a sua narrativa, estabelecendo tópicos variados de informação, Suetônio sempre acaba voltando à discussão do autoritarismo, criticando essa forma de “abuso” do poder. Tratava-se de algo, como percebemos, que incomodava profundamente o autor, e por isso mesmo ele não poupou exemplos diretos e indiretos contra essa forma de comportamento. Suetônio, de fato, coloca-se como um defensor da tradição ancestral e, conseqüentemente, da “**liberdade**” característica à sociedade política; para ele, os nobres personagens da sociedade, especialmente os senadores, possuíam prerrogativas invioláveis e, portanto, deveriam ser respeitados e preservados; e tudo isso independente do que eles próprios viessem a cometer contra o príncipe e seu governo. Como o próprio autor destacou em seus modelos idealizados, a exemplo de Octaviano Augusto, Otão e Vespasiano, o príncipe deveria servir aos senadores, e não atacá-los; praticar a **clêmência**, enfim, era mais do que necessário na busca da **conciliação, concórdia e paz social**. Não é por menos que Suetônio legitima de forma declarada a política e o governo destes príncipes; em contrapartida, quanto aos outros que ofenderam e assassinaram os senadores, a exemplo de um Calígula, Nero e Domiciano, Suetônio não mede suas críticas, considerando a todos como personagens cruéis.

Conscientes a respeito do pensamento político defendido pelo autor, podemos nos dedicar agora à compreensão do posicionamento de Suetônio em seu tempo. Equestre, Suetônio não poderia ascender ao corpo senatorial, salvo por uma intervenção direta do príncipe; isso não quer dizer que ele não compartilhava, conforme demonstramos no desenvolvimento de nosso estudo, da companhia de senadores; tampouco do universo ideológico, de vertente política tradicional, característico e relacionado aos membros desse grupo. Pois bem, dentre as primeiras informações que recolhemos a respeito da carreira pública de Suetônio, encontramos referências ao papel desempenhado pelo personagem Plínio, o Jovem; membro senatorial de grande relevância, muito provavelmente orientou Suetônio em sua vida pública, oferecendo oportunidades para ele dentro da administração imperial, à época de Trajano. Destacamos que o relacionamento de Plínio, o Jovem, com Trajano era um tanto positivo, de conciliação; ou seja, na linha das relações políticas, Suetônio estava ligado ao próprio Trajano, através de Plínio. Configuramos, assim, a participação de Suetônio no interior desse grupo político em

especial, imerso na ordem senatorial. De Suetônio não esperamos, portanto, senão uma visão política favorável em relação a Trajano, e mesmo Nerva; ganha sentido sua expressão ao final da obra, considerando os tempos melhores vividos pelo Principado Romano logo após Domiciano.

Pois bem, a ascensão de Nerva ao Principado representou a retomada das relações entre o Senado e o príncipe, “abalada” durante todo o governo de Domiciano; senador de prestígio, governou pouco tempo, mas cumpriu com a função política incumbida a ele: a escolha de um sucessor conciliador, que estivesse ao lado do grupo dos melhores. Nesse sentido, a adoção de Trajano pode ser considerada, naquele momento, uma extensão da política senatorial de renovação; trava-se, em suma, de um personagem reconhecido tanto pelo Senado como pelas legiões, ou seja, de legitimidade. Por tudo isso, em relação ao governo de Trajano, recebemos uma memória consideravelmente positiva; não cabe questionar se ele foi melhor ou pior, ou menos autoritário que Domiciano na prática de governo; mas devemos com toda certeza considerar que ele esteve mais alinhado aos princípios da tradição política ancestral, dos senadores; os quais, posteriormente, não deixaram de louvar todos os seus feitos. Suetônio, portanto, no seu grupo de relações, não deixava de representar parte desse movimento de renovação, alinhado a Trajano. Outro importante personagem político vinculado a Suetônio neste período fora Septício Claro; amigo próximo de Plínio, o Jovem, Septício, devemos recordar, recebeu a dedicatória do trabalho biográfico escrito por Suetônio. Em sua função política de maior importância, Septício recebeu a Prefeitura do Pretório, á época de Adriano; a princípio, portanto, a sucessão no Principado não ocasionara grandes mudanças. Porém, junto com Suetônio, Septício fora afastado não muito depois, em 122 d.C. O “afastamento” acabou sendo justificado, como destacamos em nosso estudo daquele contexto, em função do comportamento inapropriado de Septício e Suetônio em relação à mulher de Adriano, a imperatriz Sabina. Esse acontecimento, no entanto, consideramos aqui, torna-se um importante indício das possíveis relações de conflito entre Adriano e os membros da administração vinculados, de modo próximo, anteriormente, ao governo de Trajano. Ora, devemos ter em mente que Adriano, de acordo com as fontes de contexto, teria sofrido resistência durante a sua ascensão e estabelecimento no Principado; eram fortes, pois, as suspeitas de que o personagem não seria o nome oficial indicado por

Trajano para a sucessão imperial. Na época, inclusive, teria ocorrido um movimento de reação a Adriano, desencadeado por membros senatoriais. O grande problema, no entanto, teria sido a contrapartida de Adriano: os acusados foram todos assassinados. Ainda que o príncipe tentasse acalmar os ânimos e mesmo se isentar de qualquer culpa, recaiu nele a responsabilidade; e o pior, os personagens mortos eram membros destacados da sociedade, senadores, ex-consules. O clima político na transição entre os principados de Trajano e Adriano fora, portanto, de extrema agitação, envolvendo disputas internas; o risco de uma guerra civil estava se tornando realidade, e Suetônio não teria deixado de notar tudo isso.

Acreditamos que Suetônio tenha desenvolvido o seu trabalho à luz das várias circunstâncias políticas desse momento histórico; circunstâncias, ademais, que o teriam motivado ao exercício da reflexão e da crítica em relação às diversas características de comportamento adequadas ou não ao governante romano, tendo em vista o modelo do Principado Romano. O recurso ao gênero biográfico, nesse sentido, adaptava-se perfeitamente: criava condições para que o autor não somente contemplasse os feitos da personalidade política em foco, mas para que ele também a avaliasse de um ponto de vista moral, exaltando ou condenando a sua conduta pública. Suetônio, nessa tarefa, devemos recordar, seguia o universo mental do grupo político tradicional, ou seja, dos **“melhores”**, dos senadores.

No desenvolvimento de seu trabalho biográfico em nenhum momento Suetônio condena diretamente o governo de Adriano; no entanto, devemos considerar que o **“pensamento político”** do autor acabava sugerindo e alimentando diversas críticas em relação a este; de fato, na projeção do passado em relação ao presente, e na conseqüente “avaliação” do presente em função do passado, Adriano poderia ser comparado ao modelo mais negativo de príncipe, de acordo com Suetônio: aquele que demonstrava todos os exageros do **“poder absoluto”**, cruel e que não se importava para com a tradição ou ordem social; e devido, principalmente, ao assassinato por ele de vários membros senatoriais.

A obra de Suetônio, portanto, levando-se em consideração as perspectivas acima trabalhadas, pode ser considerada um elemento agravante na relação do autor com Adriano. Em suas conseqüências mais brandas, ela teria favorecido o desligamento de Suetônio em relação ao governo, bem como seu afastamento das tarefas públicas. Não podemos afirmar que Suetônio posicionava-se totalmente

contra Adriano no poder, ou que militava nas ruas contra este; porém, o que este trabalho de tese constata através de suas análises é a existência de uma contradição entre o pensamento de Suetônio, com os seus tradicionais referenciais políticos, e o comportamento demonstrado por Adriano após ascender ao Principado Romano. Um conflito entre ambos, cedo ou tarde, parecia ser inevitável; e fora exatamente isso o que aconteceu, e infelizmente com consequências negativas para Suetônio. Não possuímos outras fontes de informação que tratam a respeito dos motivos que levaram ao afastamento do autor e, conseqüente, retirada da vida pública; algo que torna essa situação ainda mais nebulosa. Em suma, independente do que tenha ocorrido, seja uma desconfiança, conflito ou mesmo conspiração, Suetônio, ao que acreditamos, não se alinhava com a conduta de Adriano; e podemos sugerir, o seu grupo político de amizades estava, provavelmente, sendo afastado do círculo de poder.

REFERÊNCIAS

FONTES

- CICERO. **De Oratore**. Vol. I. Trad. H. Rackham. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- DIO CASSIUS. **Dio's Roman History**. Trad. Earnest Cary e Herbert B. Foster. Vol. I. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1917.
- Historia Augusta**. Volume I - Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo. Tradução de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.
- LYDI, Joannis Laurentii. **De Magistratibus Reipublicae Romanae**. Vol.3. Paris: J.-M. Eberhart, 1812.
- PLINY, THE YOUNGER. **Letters and Panegyricus I**. The Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1972.
- PLUTARCH. **Lives**. Vol. VII. Trad: Bernadotte Perrin. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1967.
- Res Gestae Divi Augusti**. Trad. Frederick W. Shipley. The Loeb Classical Library. London: William Heinemann, 1961.
- Scriptores Historiae Augustae**. Trad. David Magie. v.1. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- SUETONIUS**. Trad. C. Rolfe. 2 vols. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1998.
- SUETONIO TRANQUILO, CAYO. **Vida de los doce césares**. Vol I-II. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AROSTÉGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2000.
- BADEL, Christophe. **La noblesse de l'Empire Romain : les masques et la vertu**. Seyssel : Champ Vallon, 2005.
- BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2008.
- BARROS, José D'Assunção. Os tempos da história: do tempo mítico às representações historiográficas do século XIX. **Revista Crítica Histórica**, Alagoas, v.1, n.2, pp.180-208, 2010.
- BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997.
- BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70–192**. London: Cambridge University Press, 2008.

- BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 2000.
- BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009.
- BRANDÃO, José Luís Lopes. Condicionantes do tempo nas Vidas dos Césares de Suetónio. **Humanitas**. Coimbra, nº 58, pp.133-155, 2006.
- BRANDÃO, José Luiz Lopes. Introdução. In: **Historia Augusta. Volume I - Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo**. Tradução de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.
- BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998,
- BROWN, P. **O fim do mundo clássico de Marco Aurélio a Maomé**. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história**. Rio de Janeiro: FGV, n.19, p.83-97.
- CIZEK, E. **Structure et idéologie dans lês Vies dês douze Césars de Suétone**. Paris: Les Belles Letres, 1977.
- CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. v.II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a history**. Trad: Joseph B. Solodow. Baltimore/Londres: The Johns' Hopkins University Press, 1994.
- CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundación Jose Manuel Lara, 2004.
- Dicionário Eletrônico **Houaiss**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.
- FONSECA, Ísis Borges Belchior da. A oratória epidítica na Grécia antiga: o Evágoras de Isócrates. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 51-61, 2000.
- FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia**. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transição (séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012.
- FRIGHETTO, Renan. Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII). In: Andréa Doré; Luís F. Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, pp.147-162.
- FRIGHETTO, Renan. Algumas considerações: o poder político na Antiguidade Clássica e na Antiguidade Tardia. **Stylos** (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 13, pp.37-47, 2004.
- FUNARI, P. P. A. Júlio César, poder, instituições e jurisdições na construção biográfica de Plutarco. In: Marcella Lopes Guimarães; Renan Frighetto (Org.). **Instituições, poderes e jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007, p.175-180.

- GONÇALVES, Ana Teresa Marques . O Governo de Tibério e a Difícil Arte de Sucedem Bons Imperadores. **De Rebus Antiquis**, v. 1, pp.44-62, 2011.
- GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: History Book Club, 1997.
- GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.
- HARRISON, Stephen (ed.). **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian A.D. 76-138**. London: Methuen, 1923.
- HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.
- HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algumas reflexões sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano”. **Gerión**, Madrid, v.23, n.1, pp. 271-285, 2005.
- HÖLKESKAMP, Karl-J. Under Roman Roofs: Family, House, and Household. In: FLOWER, H. (Ed.) **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- JOLY, Fábio Duarte. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. **História**, São Paulo, v.24, n.2, pp.111-127, 2005.
- LEME, André Luiz. **Ascensão e legitimação de Alexandre, o Grande, na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia**. Monografia em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008.
- LEME, André Luiz. **A estratégia política no principado romano do século II d.C.: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia**. Dissertação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2011.
- LEVI, M. A. **Adriano. Un ventennio di cambiamento**. Milano: 1994.
- LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, pp.1-32, 2008.
- MAIA, Eduardo Silva. **Ficção e História em De Vita Caesarum de Caius Suetonius Tranquillus**. Dissertação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. Tomo II - El Imperio Romano. Madrid: Cátedra, 1989.
- MARQUES, Juliana Bastos. O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga. **Revista de História**, São Paulo, nº 158, pp.43-65, 2008.
- MARROU, H.-I. **Decadência romana ou Antiguidade Tardia**. Lisboa: Áster, 1979.
- MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MILAZZO, Bernardo. De vita et moribus Iulii Agricolae, de Tácito: Tratado político, etnografia, geografia, biografia, elogio fúnebre ou épico? **Philía** - Jornal Informativo de História Antiga, Rio de Janeiro, Ano X, n. 28, pp.3-4, 2008.
- MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973.
- MITRAUD, Carlos Augusto. **História e tradição no livro I de Tito Lívio**. Dissertação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 2007.

- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura Clássica**. v.2. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- PEROWNE, S. **Hadrian**. London: Hodder and Stoughton, 1960. ; LEVI, M. A. **Adriano. Un ventennio di cambiamento**. Milano: 1994.
- PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E. (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004.
- PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978.
- RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ROSTOVITZ, Michael. **História de Roma**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, pp.3-21.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas (SP): Papirus, 2002.
- SILVA, José Guilherme R. A expansão de Roma e a crise da República. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Da crise da polis à época helenística (404 – 31 a.C). Vitória: Flor&Cultura Editores, 2009.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SPAWFORTH, A. J. S. Adriano y el pasado griego. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004.
- SOBRAL, Aldo Eustáquio Assis. **Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em 'As Vidas dos Doze Césares'**. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- STADLER, Thiago. **O Império Romano em Cartas - Glórias Romanas em Papel e Tinta - Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C**. Curitiba: Juruá, 2013.
- VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**, Maringá, n.23, pp. 215-222, 2001.
- VERGER, Antonio Ramírez de. Introducción general. In: SUETONIO TRANQUILLO, CAYO. **Vida de los doce césares**. Volumen I: Libros I-III. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- VEYNE, Paul. **O Império Grego-Romano**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2008.
- WALLACE-HADRILL, A. **Suetonius. The Scholar and his Caesars**. New Haven: Yale Univ. Press, 1984.
- WEBER, W. **Untersuchungen zur Geschichte des Kaisers Hadrianus**. Leipzig: B. G. Teubner, 1907.

ANEXOS

TABELAS DE CONCEITOS

CONCEITO: DOMINATIONE (PODER ABSOLUTO)		
	TRADUÇÃO LOEB	TRADUÇÃO GREDOS
VITA DIVI IVLI	[30]... quidam putant captum imperii consuetudine pensitatisque suis et inimicorum uiribus usum occasione rapiendae dominationis , quam aetate prima concupisset.	“Algunos opinan que se había apoderado de él el hábito del mando y que, tras haber sopesado atentamente sus propias fuerzas y las de sus enemigos, aprovechó la ocasión de hacerse con el poder absoluto , que había deseado desde su más temprana juventud”. (p.107)
	[61] Utebatur autem equo insigni, pedibus prope humanis et in modum digitorum ungulis fassis, quem natum apud se, cum haruspices imperium orbis terrae significare domino pronuntiassent ,...	“Montaba, por otra parte, un caballo extraordinario, de pezuñas casi humanas y con los cascos hendidos a modo de dedos; había nacido en su casa y, como los arúspices habían vaticinado que presagiaba a su dueño el dominio del globo terráqueo,...” (p.140)
	[76] Praeграuant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur.	“Sin embargo, predominan sobre éstos otros actos y dichos suyos, que hacen pensar que abusó del poder y que fue asesinado con razón”. (p.150)
	[80] Consilia igitur dispersim antea habita et quae saepe bini terniue ceperant, in unum omnes contulerunt, ne populo quidem iam praesenti statu laeto, sed clam palamque detrectante dominationem atque assertores flagitante.	“...Así pues, fundieron todos en uno solo los acuerdos tomados antes en diversas reuniones, y a los que habían llegado a menudo por grupos de dos o de tres, en vista de que ya ni siquiera el pueblo estaba contento con la situación presente, sino que, a escondidas y a las claras, rechazaba la tiranía y reclamaba libertadores” (p.80)
VITA DIVI AVGVSTI	[19]..., Telephus quasi debita sibi fato dominatione et ipsum et senatum adgredi destinarant.	“...Télefo, atentar contra él y contra el Senado, en la Idea de que el destino le tenía reservado el poder absoluto” (p.200)
	[40] Etiam habitum vestitumque pristinum reducere studuit, ac visa quondam pro contione pullatorum turba indignabundus et clamitans: "en Romanos, rerum dominos , gentemque togatam!" negotium aedilibus dedit, ne quem posthac paterentur in Foro circave nisi positus lacernis togatum consistere.	“Se ocupó asimismo de restablecer el porte y la indumentaria antiguos, y así, viendo un día en la asamblea del pueblo una multitud de gente vestida de oscuro, lleno de indignación y gritando ‘!He aquí a los Romanos, dueños del mundo, el pueblo que viste la toga!’, encargó a los ediles que, a partir de ese momento, no permitieran a nadie estacionarse en el Foro o en sus alrededores sino después de haberse despojado de la lacerna para lucir la toga”
	[53] Domini appellationem ut maledictum et obprobrium semper exhorruit. Cum spectante eo ludos pronuntiatum esset in mimo: "O dominum aequum et bonum!" et universi quasi de ipso dictum	“Siempre le produjo horror el título de señor, que consideraba como una injuria y un insulto. Un día en que presenciaba unos juegos, se pronunciaron en un mimo estas palabras: ‘¡Oh señor justo y bueno!’, y todos los asistentes las

	exsultantes comprobassent, et statim manu vultuque indecoras adulationes repressit et insequenti die gravissimo corripuit edicto; dominumque se posthac appellari ne a Liberis quidem aut nepotibus suis vel serio vel ioco passus est atque eius modi blanditias etiam inter ipsos prohibuit.	aprobaron al unísono con gran alborozo, aplicándoselas a él; pero Augusto reprimió al instante con sus gestos y su expresión estas adulaciones indecorosas y al día siguiente las censuró, además, en un edicto muy severo. A partir de ese momento, no permitió que le llamaran señor ni siquiera sus hijos o sus nietos, ni en serio ni en broma, y les prohibió incluso entre ellos los halagos de este tipo”. (p.240)
	[67] Patronus dominusque non minus severus quam facilis et clemens multos libertorum in honore et usu maximo habuit, ut Licinum et Celadum aliosque.	“Patrono y señor tan severo como afable y clemente, tuvo a muchos de sus libertos en la mayor consideración y familiaridad, como, por ejemplo, a Licinio, a Celado y a otros” (p.253)
	[94]... Quo natus est die, cum de Catilinae coniuratione ageretur in curia et Octavius ob uxoris puerperium serius affuisset, nota ac vulgata res est P. Nigidium, comperta morae causa, ut horam quoque partus acceperit, affirmasse dominum terrarum orbi natum.	“El día en que nació se trataba en el Senado sobre la conjuración de Catilina, y Octavio llegó con bastante retraso, debido al parto de su mujer; cuando Publio Nigidio – y esto es algo que todo el mundo conoce – se enteró de la causa del retraso y supo además la hora del parto, afirmó que le había nacido un soberano al mundo entero” (p. 276)
VITA TIBERI	[8]... interque haec duplicem curam administravit, annonae quae artior inciderat, et repurgandorum tota Italia ergastulorum, quorum domini in invidiam ...	“... En medio de estas actividades, desempeñó el doble cometido de asegurar el aprovisionamiento de trigo, que se había encontrado muy escaso, y de inspeccionar las ergástulas de toda Italia, cuyos dueños se había hecho odiosos...” (p.305)
	[24] Principatum, quamvis neque occupare confestim neque agere dubitasset, et statione militum, hoc est ui et specie dominationis assumpta , diu tamen recusavit...	“Aunque no hubiera vacilado en ocupar al instante el poder ni en ejércelo, pues se asignó incluso una guarda militar, es decir, la fuerza y el símbolo de la soberanía , lo rehusó, no obstante, largo tiempo... (p.322)
	[25] ... Nam et servus Agrippae Clemens nomine non contemnendam manum in ultionem domini comparavit...	“En efecto, un esclavo de Agripa, llamado Clemente, había reunido una tropa no despreciable para vengar a su señor” (p.322)
	[27] ... atque etiam, si quid in sermone vel in continua oratione blandius de se diceretur, non dubitaret interpellare ac reprehendere et commutare continuo. Dominus appellatus a quodam denuntiavit, ne se amplius contumeliae causa nominaret. alium dicentem sacras eius occupationes et rursus alium, auctore eo senatum se a[u]disse, verba mutare et pro auctore suasorem, pro sacris laboriosas dicere coegit.	« ... es más, si en una conversación o en un discurso se referían a él en términos demasiado halagadores, no dudaba en atajar esos elogios, censurarlos y hacerlos cambiar al punto. Cuando un individuo le llamó señor, le ordenó que no le volviera a dar ese título ultrajante. Como otro calificaba sus ocupaciones de sagradas, y un tercero afirmaba que había venido al Senado por orden suya, les obligó a cambiar sus palabras empleando ‘por consejo suyo’ en vez de ‘por orden suya’ y ‘laboriosas’ en lugar de ‘sagradas’.” (p. 326)
	[29] Et deinde omnis adloquens: "Dixi et nunc et saepe alias, p. c., bonum et salutarem principem, quem uos	“Luego dirigiéndose a todos, añadió: ‘He dicho ahora y en muchas otras ocasiones, senadores, que un príncipe

	tanta et tam libera potestate instruxistis, senatui seruire debere et uniuersis ciuibus saepe et plerumque etiam singulis; neque id dixisse me paenitet, et bonos et aequos et fauentes uos habui dominos et adhuc habeo."	bueno y compasivo, al que habéis investido de un poder tan grande y tan ilimitado, debe estar al servicio del Senado y de todos los ciudadanos, e incluso, a menudo y casi sin excepción, al de cada uno de ellos en particular; y no me arrepiento de haberlo dicho, pues os he tenido y os sigo teniendo por amos buenos, justos y condescendientes'." (p.327)
	[53] Nurus Agrippinam post mariti mortem liberius quiddam questam manu apprehendit Graecoque uersu: "Si non dominaris," inquit, "filiola, iniuriam te accipere existimas?" Nec ullo mox sermone dignatus est.	"Cuando su nuera Agripina Le presentó, tras la muerte de su esposo, una queja en términos demasiado atrevidos, le respondió, tomándola de la mano, con este verso griego: 'Crees, hijita, que se te hace una frente si no eres reina', y no se dignó volver a tener ninguna conversación con ella" (p.349)
VITA GAI	[10]... quae vero ipse pateretur incredibili dissimulatione transmittens tantique in avum et qui iuxta erant obsequii, ut non immerito sit dictum nec servum meliorem ullum nec deteriore dominum fuisse.	"...pasaba incluso por alto, con un disimulo increíble, lo que él mismo tenía que aguantar, y se mostraba tan servicial con su abuelo y su corte, que con razón se dijo que no había habido esclavo mejor ni peor amo" (p.19-20)
	[35] Cum quodam die muneris essedario Porio post prosperam pugnam servum suum manumittenti studiosius plausum esset, ita proripuit se spectaculis, ut calcata lacinia togae praeceps per gradus iret, indignabundus et clamitans dominum gentium populum ex re levissima plus honoris gladiatori tribuentem quam consecratis principibus aut praesenti sibi.	"...Porio fue calurosamente aplaudido por manumitir a su esclavo después de alzarse con la victoria; a la vista de ello, Calígula se lanzó con tanta precipitación fuera del anfiteatro, que pisó el borde de su toga y cayó de cabeza por los escalones, lleno de indignación y vociferando contra el pueblo dueño del mundo , que, por el motivo más fútil, tributaba más honor a un gladiador que a los emperadores divinizados o a él mismo, allí presente" (p.46)
	[57] ... Capitolium Capuae Id. Mart. de caelo tactum est, item Romae cella Palatini atriensis. Nec defuerunt qui coniectarent altero ostento periculum a custodibus domino portendi, altero caedem rursus insignem, qualis eodem die facta quondam fuisset.	"...El capitolio de Capua fue alcanzado por un rayo el día de los idus de marzo, así como en Roma la habitación del intendente del Palacio. Hubo quienes opinaron que el segundo prodigio anunciaba al emperador un peligro de sus guardias y que el primero presagiaba un nuevo regicidio, como el que se había perpetrado otrora en la misma fecha" (p.63)
VITA DIVI CLAVDI	[17] atque inter hostilia spolia naualem coronam fastigio Palatinae domus iuxta civicam fixit, traiecti et quasi domiti Oceani insigne.	"...y entre los despojos del enemigo hizo clavar en el tejado de su casa del Palatino una corona naval junto a la cívica, en señal de que había atravesado y, por así decirlo, domeñado el océano" (p.93)
	[21] ...Nec ullo spectaculi genere communior aut remissior erat, adeo ut oblatos victoribus aureos prolata sinistra pariter cum vulgo voce digitisque numeraret ac saepe hortando rogandoque ad hilaritatem homines provocaret, dominos identidem appellans, immixtis	"... En ningún otro espectáculo se mostraba más afable ni indulgente, llegando a contar en voz alta y con los dedos, con la mano izquierda extendida como hacía el pueblo, las monedas de oro ofrecidas a los vencedores, y a incitar a menudo a los espectadores con sus exhortaciones y sus súplicas a que

	interdum frigidis et arcessitis iocis;	se rieran, llamándolos sin cesar ' señores ' e intercalando a veces bromas insulsas y rebuscadas..." (p.97)
	[25] ... Cum quidam aegra et adfecta mancipia in insulam Aesculapi taedio medendi exponerent, omnes qui exponerentur liberos esse sanxit, nec redire in dicionem domini , si conualuissent; quod si quis necare quem mallet quam exponere, caedis crimine teneri.	"...En vista de que algunas personas , hartas de cuidar de sus esclavos enfermos y debilitados, los exponían en la isla de Esculapio, estableció que quedaran libres todos aquellos que fueran expuestos, y que volvieran a caer bajo la autoridad de su dueño si sanaban; pero si alguien prefería matar a uno de sus esclavos a exponerlo, incurriera en el delito del asesinato". (p.102)
	[39] ... Occisa Messalina, paulo post quam in triclinio decubuit, cur domina non veniret requisiit.	"...Poco después de haberse sentado a la mesa tras la ejecución de Mesalina, preguntó por qué no venía la emperatriz" (p.115)
VITA NERONIS	[22] Neque dissimulabat velle se palmarum numerum ampliari; quare spectaculum multiplicatis missibus in serum protrahebatur, ne dominis quidem iam factionum dignantibus nisi ad totius diei cursum greges ducere.	"...No ocultaba tampoco sus deseos de que se aumentara el número de premios; en consecuencia, el espectáculo se prolongaba hasta tarde, pues se habían multiplicado las competiciones y ni siquiera los jefes de los equipos se dignaban presentar a sus grupos, si no era para una carrera que durar todo el día" (p.147)
	[35]... Libertos divites et senes, olim adoptionis mox dominationis suae fautores atque rectores, veneno partim cibus, partim potionibus indito intercept.	"Asesinó a sus libertos ricos y ancianos, que Le habían ayudado a conseguir primero la adopción, luego el imperio, y le había servido de guías, echando veneno en sus alimentos o en sus bebidas" (p.165).
	[40] Spoponderant tamen quidam destituto Orientis dominationem, nonnulli nominatim regnum Hieroslymorum, plures omnis pristinae fortunae restitutionem.	"...Algunos Le habían prometido, sin embargo, que, una vez depuesto, sería dueño del Oriente, otros en concreto que reinaría en Jerusalén, y los más que recobraría por completo su posición anterior" (p.171).
	[44] Mox tribus urbanas ad sacramentum citavit ac nullo idoneo respondente certum dominis servorum numerum indixit;	"Convocó luego a las tribus urbanas para que se alistaran, y, en vista de que ninguna persona apta respondía al llamamiento, ordenó a los patronos suministrar un número determinado de esclavos;" (p.175).
VITA GALBAE	[9] ...et confirmabatur cum secundissimis auspiciis et omnibus virginis honestae vaticinatione, tanto magis quod eadem illa carmina sacerdos Iovis Cluniae ex penetrali somnio monitus eruerat ante ducentos annos similiter a fatidica puella pronuntiata. Quorum carminum sententia erat, oriturum quandoque ex Hispania principem dominumque rerum.	"... asimismo, se sentía alentado por el vaticinio de una doncella honorable, que venía a sumarse a auspicios y presagios sumamente favorables, y mucho más en vista de que el sacerdote de Júpiter, advertido por un sueño, había retirado en Clunia del santuario la misma predicción expuesta en idénticos términos doscientos años antes por una niña que tenía el don de la profecía. El contenido de estos versos era que un día surgiría de Hispania el príncipe y señor del mundo " (p.202)

VITA OTHONIS	[9] ... Ac statim moriendi impetum cepit, ut multi nec frustra opinantur, magis pudore ne tanto rerum hominumque periculo dominationem sibi asserere perseveraret, quam desperatione ulla aut diffidentia copiarum;	"...Inmediatamente tomó la resolución de morir, más por delicadeza, como muchos opinan, no sin razón, para no obstinarse en conservar el poder a costa de poner en tan gran peligro al Estado y a los soldados, que por desesperación o falta de confianza en sus tropas;" (p.230)
	[12] Denique magna pars hominum incolumem gravissime detestata mortuum laudibus tulit, ut vulgo iactatum sit etiam, Galbam ab eo non tam dominandi quam rei p. ac libertatis restituendae causa interemptum.	"...Por último, muchas personas que lo había detestado profundamente mientras estaba vivo, lo colmaron de alabanzas una vez muerto, e incluso corrió la voz entre el pueblo de que había matado a Galba no tanto para dominar cuanto para restablecer la república y la libertad" (p.233).
VITA VETELLII	[11] Et ne cui dubium foret, quod exemplar regendae rei p. eligeret, medio Mario campo adhibita publicorum sacerdotum frequentia inferias Neroni dedit ac sollemni convivio citharoedum placentem palam admonuit, ut aliquid et de dominico diceret, inchoantique Neroniana cantica primus exultans etiam plausit.	"...Y para que a nadie le quedara la menor duda del modelo que elegía para gobernar el Estado, hizo ofrendas fúnebres a Nerón en pleno Campo de Marte empleando a un gran número de sacerdotes públicos, y en un banquete solemne pidió abiertamente a un citaredo muy del agrado del público que cantara también algo del Libro del Señor; y cuando aquél entonó los cantos de Nerón, fue asimismo el primero en aplaudirle saltando de entusiasmo" (p.249).
VITA DIVI VESPASIANI	X	X
VITA DIVI TITI	X	X
VITA DOMITIANI	[1]...Post victoriam demum progressus et Caesar consalutatus, honorem praeturae urbanae consulari potestate suscepit titulo tenus (nam iuris dictionem ad collegam proximum transtulit); ceterum omnem vim dominationis tam licenter exercuit , ut iam tum qualis esset ostenderet.	"No salió de su escondite hasta después de la victoria, y fue saludado César, tras lo cual asumió el cargo de pretor urbano con potestad consular, pero sólo de nombre, pues transfirió su jurisdicción a su colega más cercano; por lo demás, ejerció el poder absoluto tan a su antojo, que ya por entonces daba muestras de cómo sería en el futuro" (p.314)
	[13] Adclamari etiam in amphitheatro epuli die libenter audiit: Domino et dominae feliciter! [...]Pari arrogantia, cum procuratorum suorum nomine formalem dictaret epistulam, sic coepit: " Dominus et deus noster hoc fieri iubet."	"...Oyó también con gusto cómo lo aclamaban en el anfiteatro, un día en que se daba un festín público, lanzando vivas al señor y a la señora" [...] "Con la misma arrogancia, al dictar una circular en nombre de sus procuradores, la comenzó con estas palabras: 'Nuestro señor y dios ordena que se haga lo siguiente'."(p.334)

CONCEITO: VIRTUS / UITIA / SAEUITIAM (VÍRTUDE / VÍCIO / CRUELDADE)		
	TRADUÇÃO LOEB	TRADUÇÃO GREDOS
VITA DIVI IVLI	[40] Conuersus hinc ad ordinandum rei publicae statum fastos correxit iam pridem uitio pontificum per intercalandi licentiam adeo turbatos,...	“Se aplico luego a la organización del Estado y reformó el calendario, tan descabalado desde hacía tiempo por el abuso de los pontífices en su facultad de intercalar...” (p.118)
VITA DIVI AVGVSTI	[21] ...Qua virtutis moderationisque fama Indos etiam ac Scythas, auditu modo cognitos, pellexit ad amicitiam suam populique Romani ultro per legatos petendam....	“Con esta fama de valor y moderación, atrajo incluso a los indos y a los escitas, conocidos solo de oídas, a solicitar espontáneamente mediante embajadores su amistad y la del pueblo romano” (p.202)
	[38] Nec parciore in bellica virtute honoranda, super triginta ducibus iustos triumphos et aliquanto pluribus triumphalia ornamenta decernenda curavit.	“No menos generoso a la hora de recompensar el mérito militar, se encargó de que fuesen votados los honores regulares del triunfo a más de treinta generales y las insignias triunfales a un número aún mayor” (p.224)
	[66] Amicitias neque facile admisit et constantissime retinuit, non tantum virtutes ac merita cuiusque digne prosecutus, sed vitia quoque et delicta, dum taxat modica, perpressus.	“No hizo amigos fácilmente, pero guardó siempre una gran fidelidad a los que tuvo, no sólo recompensando dignamente las virtudes y méritos de cada uno, sino tolerando incluso sus vicios y faltas, con tal de que no sobrepasaran la medida” (p. 251).
VITA TIBERI	[21] Adduci tamen nequeo quin existimem, circumspectissimum et prudentissimum principem in tanto praesertim negotio nihil temere fecisse; sed uitiis Tiberi[i] uirtutibusque perpensis potiores duxisse uirtutes , praesertim cum et rei p. causa adoptare se eum pro contione iurauerit et epistulis aliquot ut peritissimum rei militaris utque unicum p. R. praesidium prosequatur.	“...Más bien me inclino a pensar que, después de haber examinado atentamente los vicios y las virtudes de Tiberio, halló estas últimas superiores, basándome ante todo en el juramento que hizo ante la asamblea de que lo adoptaba en beneficio del Estado, y en el hecho de que, en algunas de sus cartas, lo alaba como persona sumamente experta en el arte de la guerra y único sostén del pueblo romano” (p.319)
	[42] Ceterum secreti licentiam nactus et quasi ciuitatis oculis remotis, cuncta simul uitia male diu dissimulata tandem profudit: de quibus singillatim ab exordio referam.	“Por lo demás, con la libertad que Le ofrecía el aislamiento y lejos, por decirlo así, de los ojos de la ciudad, dejo por fin salir de una vez al exterior todos los vicios que durante tanto tiempo apenas había logrado disimular. Hablaré de ellos uno por uno desde el principio” (p.338/9)
	[52] Filiorum neque naturalem Drusum neque	“No amo con cariño de padre a ninguno de sus hijos, no ya al

	adoptivum Germanicum patria caritate dilexit, alterius uitiis infensus. Nam Drusus fluxioris remissiorisque uitae erat.	adoptivo Germánico, sino tampoco a su hijo legítimo Druso, cuyos vicios le exasperaban, pues llevaba una vida muy relajada y disoluta” (p.348)
	[61] ... Singillatim crudeliter facta eius exequi longum est; genera, uelut exemplaria saeuitiae , enumerare sat erit.	“Sería demasiado prolijo exponer uno a uno sus actos de crueldad; bastará con enumerar, a guisa de ejemplos, las diversas formas que ésta adoptó” (p.356)
	[62] Auxit intenditque saeuitiam exacerbatus indicio de morte filii sui Drusi	“Aumentó y reforzó su crueldad exacerbado por una denuncia relativa a la muerte de su hijo Druso” (p. 358)
	[68]...Quae omnia ingrata atque arrogantiae plena et animaduertit Augustus in eo et excusare temptauit saepe apud senatum ac populum professus naturae uitia esse, non animi.	“Augusto ya advirtió en él todos estos modales ingratos y llenos de arrogancia, e intentó disculparlos más de una vez ante el Senado y el pueblo alegando que eran defectos de la naturaleza, pero no del alma” (p. 363).
	[75] Creuit igitur inuidia, quasi etiam post mortem tyranni saeuitia permanente.	“...Creció, pues, el rencor, considerando que, aun después de la muerte del tirano, persistía su crueldad ”
VITA GAI	[3] Omnes Germanico corporis animique virtutes , et quantas nemini cuiquam, contigisse satis constat: formam et fortitudinem egregiam, ingenium in utroque eloquentiae doctrinaeque genere praecellens, benivolentiam singularem conciliandaeque hominum gratiae ac promerendi amoris mirum et efficax studium.	“Es de sobra conocido que Germánico tuvo la suerte de poseer todas las virtudes físicas y espirituales, y en una medida mayor a la que nadie gozó jamás: una belleza y una fortaleza extraordinarias, un ingenio que sobresalía en la elocuencia y la erudición tanto en griego como en latón, una bondad excepcional, u una admirable y eficaz inclinación a granjearse la amistad de los hombres y a conquistar su afecto” (p. 13).
	[4] Quarum virtutum fructum uberrimum tulit, sic probatus et dilectus a suis, ut Augustus – omitto enim necessitudines reliquas – diu cunctatus an sibi successorem destinaret, adoptandum Tiberio dederit;	“El fruto que obtuvo de semejantes virtudes fue muy productivo, pues se vio tan apreciado y querido por los suyos que Augusto – para no hablar de sus demás parientes – estuvo largo tiempo dudando si designarlo su sucesor, y luego lo hizo adoptar por Tiberio”(p.14)
	[6] Auxit gloriam desideriumque defuncti et atrocitas insequentium temporum, cunctis nec temere opinantibus reverentia eius ac metu repressam Tiberi saevitiam , quae mox eruperit.	“La gloria y la añoranza del difunto se vieron aún acrecentadas por la atrocidad de los tiempos que siguieron, pues todos opinaban, con razón, que el respeto y el temor que le inspiraba a Tiberio había sido la causa de que éste reprimiera su crueldad, que estalló acto seguido” (p.15)

	[17]... Quas ob res inter reliquos honores decretus est ei clipeus aureus, quem quotannis certo die collegia sacerdotum in Capitolium ferrent, senatu prosequente nobilibusque pueris ac puellis carmine modulato laudes virtutum eius canentibus.	“Por todo ello, entre otros honores, se le decretó un clipeo de oro, que llevarían cada año al Capitolio, en una fecha determinada los colegios de sacerdotes, escoltados por el Senado u mientras muchachos y muchachas de noble cuna cantaban en un himno las alabanzas de sus virtudes ”(p.26)
	[24] Ex iis Drusillam vitiassse virginem praetextatus adhuc creditur atque etiam in concubitu eius quondam deprehensus ab Antonia avia, apud quam simul educabantur	“...De ellas, se creed que desfloró a Drusila cuando aún vestía él la toga pretexta, e incluso que su abuela Antonia, en cuya casa se criaban juntos, le sorprendió una vez en concúbito con ella” (p.33).
	[27] Saevitiam ingenii per haec maxime ostendit. ..	“La crueledad de su carácter se puso especialmente de manifiesto con las siguientes actuaciones...” (p.38)
	[30]... Saepe in cunctos pariter senatores ut Seiani clientis, ut matris ac fratrum suorum delatores, invectus est prolatis libellis, quos crematos simulaverat, defensaque Tiberi saevitia quasi necessaria, cum tot criminantibus credendum esset.	“...Lanzó frecuentes invectivas contra todos los senadores a la vez, acusándolos de Haber sido clientes de Sejano y delatores de su madre y de sus hermanos, para lo cual presentó los documentos que había fingido quemar, u defendió la crueldad de Tiberio como inevitable, puesto que no había podido dejar de creer a tantos acusadores”(p.41).
	[32] Animum quoque remittenti ludoque et epulis dedito eadem factorum dictorumque saevitia aderat.	“Incluso cuando daba expansión a su espíritu y se entregaba al juego y a los banquetes mostraba la misma crueledad en sus actos y en sus palabras” (p.42)
	[34] Nec minore livore ac malignitate quam superbia saevitiaque paene adversus omnis aevi hominum genus grassatus est.	“Atacó prácticamente a los hombres de todas las épocas, llevado de la envidia y la malevolencia no menos que de la soberbia y la crueldad” (p.44)
	[51] Non inmerito mentis valitudini attribuerim diversissima in eodem vitia , summam confidentiam et contra nimium metum.	“Yo atribuiría, creo que con tazón, a su desequilibrio mental la confluencia en él de dos vicios de tan opuesto carácter como son una enorme osadía y, por otro lado, un miedo exagerado” (p.58)
VITA DIVI CLAVDI	[25] ... Germanorum legatis in orchestra sedere permisit, simplicitate eorum et fiducia commotus, quod in popularia deducti, cum animaduertissent Parthos et Armenios sedentis in senatu, ad eadem loca sponte transierant, nihilo deteriorem virtutem aut condicionem suam praedicantes.	“Permitió a los embajadores germanos tomar asiento en la orquesta, conmovido por su sencillez y osadía, pues cuando se les condujo a las gradas destinadas al pueblo y se dieron cuenta de que los partos y los armenios estaban sentados entre los senadores, se trasladaron sin más a aquellos asientos manifestando en voz alta que sus méritos y condición no eran inferiores en absoluto” (p.103).
	[15] ... Equitem quidem Romanum obscaenitatis in	“Es de sobras conocido que un caballero romano, acusado de

	feminas reum, sed falso et ab impotentibus inimicis conficto crimine, satis constat, cum scorta meritoria citari adversus se et audiri pro testimonio videret, graphium et libellos, quos tenebat in manu, ita cum magna stultitiae et saevitiae exprobratione iecisse in faciem eius, ut genam non leviter perstrinxerit.	obscenidad con las mujeres, aunque el delito era falso y urdido por unos enemigos encarnizados, al ver que se citaba como testigos en su contra a unas meretrices y que se aceptaba su testimonio, le lanzó a la cara, al tiempo que lo colmaba de reproches tachándolo de estúpido y cruel, el punzón y las tablillas que tenía en la mano, hiriéndole gravemente en la mejilla” (p.90).
VITA NERONIS	[1]... Pluris e familia cognosci referre arbitror, quo facilius appareat ita degenerasse a suorum virtutibus Nero, ut tamen vitia cuiusque quasi tradita et ingentia rettulerit.	“Considero importante dar a conocer a varios personajes de esta familia, para poder demostrar, sin dejar lugar a dudas, que si Nerón se apartó de las virtudes de los suyos, reprodujo, sin embargo, los vicios de todos ellos, como si le hubieran sido transmitidos por herencia” (p. 128).
	[4] ...Venationes et in Circo et in omnibus urbis regionibus dedit munus etiam gladiatorium, sed tanta saevitia , ut necesse fuerit Augusto quam frustra monitum edicto coercere.	“Ofreció espectáculos de caza en el circo y en todas las regiones de Roma, e incluso un combate de gladiadores, pero de una crueldad tan grande, que Augusto se vio forzado a refrenarlo por un edicto, después de haberle llamado la atención inútilmente en privado” (p.130/1).
	[26] Petulantiam, libidinem, luxuriam, avaritiam, credulitatem sensim quidem primo et occulte et velut iuvenili errore exercuit, sed ut tunc quoque dubium nemini foret naturae illa vitia , non aetatis esse.	“Al principio manifestó su osadía, su desenfreno, su disolución, su avaricia y su crueldad de forma apenas perceptible, a escondidas y como en el extravío de la juventud, pero sus prácticas eran tales que ya por entonces a nadie le cabía la menor duda de que estos vicios no eran achacables a su edad, sino a su temperamento” (p.152).
	[27] Paulatim vero invalescentibus vitiis iocularia et latebras omisit nullaue dissimulandi cura ad maiora palam erupit.	“Poco a poco, al ir incrementándose sus vicios, se dejó de bromas y de secretos, y, sin preocuparse lo más mínimo de disimular, se lanzó abiertamente a mayores excesos” (p.153).
	[29] Ex nonnullis comperi persuasissimum habuisse eum neminem hominem pudicum aut ulla corporis parte purum esse, verum plerosque dissimulare vitium et callide optegere; ideoque professis apud se obscaenitatem cetera quoque concessisse delicta.	“Según tengo entendido por algunas personas, se hallaba plenamente convencido de que ningún hombre conserva pura y sin mácula ninguna parte de su cuerpo, pero que la mayoría disimula este vicio y lo oculta hábilmente; y por eso perdonaba todos sus otros delitos a las personas que le confesaban su obscenidad” (p.155)
	[33]... Certe omnibus rerum verborumque contumeliis mortuum insectatus est,	“Lo cierto es que ataco al muerto con todo tipo de ultrajes de palabra y obra, acusándole unas veces de

	modo stultitiae, modo saevitise arguens;	estupidez y otras de crueldad" (p.159).
	[36] Nec minore saevitia foris et in exteris grassatus est.	"Con la misma crueldad procedió fuera de su casa y con los extraños" (p.165)
VITA GALBAE	[3] ...Vxores habuit Mummiam Achaia, neptem Catuli proneptemque L. Mummi, qui Corinthum excidit; item Liviam Ocellinam ditem admodum et pulchram, a qua tamen nobilitatis causa appetitus ultro existimatur, et aliquando enixius post quam subinde instantis vitium corporis secreto posita veste detexit, ne quasi ignaram fallere videretur.	"Tuvo por esposa , primero, a Múmia Acaia, nieta de Cátulo y bisnieta de Lucio Mumio, el que destruyó Corinto, y luego a Livia Ocelina, muy rica y hermosa; a pesar de esto, parece que fue ella quien le pretendió espontáneamente a causa de su nobleza, u con mucho más empeño cuando él, en vista de su obstinada insistencia, le descubrió en privado su defecto físico quitándose ante ella las vestiduras, para no parecer que quería engañarla aprovechándose de su ignorancia" (p.194).
	[12] Praecesserat de eo fama saevitiae simul atque avaritiae , quod civitates Hispaniarum Galliarumque, quae cunctantius sibi accesserant, gravioribus tributis, quasdam etiam murorum destructione punisset et praepositos procuratoresque supplicio capitis adfecisset cum coniugibus ac liberis;	"Una doble fama de crueldad y avaricia le había precedido, pues, según se decía, había castigado a las ciudades de las Hispanias y de las Galias, que habían tardado demasiado en unírsele, imponiéndoles unos tribunos muy onerosos e incluso en algunos casos destruyendo sus murallas, y había condenado a muerte a sus gobernadores y administradores junto con sus mujeres e hijos" (p.205)
	[14] His diverso vitiorum genere grassantibus adeo se abutendum permisit et tradidit, ut vix sibi ipse constaret, modo acerbior parciorque, modo remissior ac neglegentior quam conveniret principi electo atque illud aetatis.	"Se dejó utilizar hasta tal punto por estos individuos, que cometían desmanes cada uno según sus vicios, y se puso tan por entero en sus manos, que apenas era consecuente consigo mismo, mostrándose unas veces más riguroso y mezquino, otras más indulgente y pródigo de lo que convenía aun príncipe electo y de su edad" (p.208)
	[15]... Quin etiam, populo R. deposcente suppliciorum Haloti et Tigellini solos ex omnibus Neronis emissariis vel maleficientissimos incolumes praestitit atque insuper Halotum procuratore amplissima ornavit, pro Tigellino etiam saevitiae populum edicto increpuit.	"Es más, cuando el pueblo romano le pidió la ejecución de Haloto y Tigelino, éstos fueron los únicos a los que dejó con vida, a pesar de ser los peores de todos los agentes de Nerón, y además honró a Haloto con una procuraduría de las más importantes, y Sali en defensa de Tigelino reprochando incluso al pueblo su crueldad en un edicto" (p.210).
VITA OTHONIS	X	X

VITA VETELLII	[13] Sed vel praecipue luxuriae saevitiaque deditus, epulas trifariam semper, interdum quadrifariam dispertiebat, in ientacula et prandia et cenas comissationesque, facile omnibus sufficiens vomitandi consuetudine.	“Pero era, sobre todo, propenso a la gula y a la crueldad, y así, hacía siempre tres comidas, a veces cuatro, que distribuía en desayunos, almuerzos, cenas y francachelas, dando fácilmente abasto a todas ellas gracias a su costumbre de vomitar” (p.250)
	[17] ...quibusdam stercore et caeno incessantibus, aliis incendiarium et patinarium vociferantibus, parte vulgi etiam corporis vitia exprobrante;	“unos Le tiraban estiércol y barro, otros le llamaban a voces incendiario y glotón, e incluso parte del pueblo le echaba en cara sus defectos físicos” (p.257).
VITA DIVI VESPASIANI	[1] Rebellionem trium principum et caede incertum diu et quasi vagum imperium suscepit firmavitque tandem gens Flavia, obscura illa quidem ac sine ullis maiorum imaginibus , sed tamen rei p. nequaquam paenitenda; constet licet, Domitianum cupiditatis ac saevitiae merito poenas luisse.	“Asumió y afianzó al fin el Imperio, que durante largo tiempo había estado inseguro y, por así decirlo, ambulante a causa del levantamiento y de la muerte violenta de tres emperadores, la familia Flavia, sin duda de origen oscuro y sin ningún retrato de antepasados del que gloriarse, pero que, sin embargo, no proporción al Estado motivo alguno de queja, aunque es de sobra conocido que Domiciano sufrió el justo castigo a su codicia y crueldad ” (p. 263).
	[24] ... Hic cum super urgentem valitudinem creberrimo frigidae aquae usus etiam intestina vitiasset...	“Allí, a la enfermedad que lo acosaba vino a sumarse una descomposición de vientre, provocada por su abuso del agua fría...” (p. 292)
VITA DIVI TITI	[7] Praeter saevitiam suspecta in eo etiam luxuria erat, quod ad mediam noctem comissationem cum profusissimo quoque familiarum extenderet; (...) deinceps propalam alium Neronem et opinabantur et praedicabant. At illi ea fama pro bono cessit conversaque est in maximas laudes, neque vitio ullo reperto et contra virtutibus summis.	“Además de crueldad, se le achacaban también costumbres disolutas, pues prolongaba hasta media noche los festines más extravagantes (...) en fin, todo el mundo opinaba y decía abiertamente que era otro Nerón. Pero esta mala fama obró en su provecho y se trocó en las mayores alabanzas cuando no se le descubrió ningún vicio, y sí, por el contrario, las más altas virtudes” (p.303)
VITA DOMITIANI	[3] ...Circa administrationem autem imperii aliquamdiu se varium praestitit, mixtura quoque aequabili vitiorum atque virtutum ; donec virtutes quoque in vitia deflexit: quantum coniectare licet, super ingenii naturam inopia rapax, metu saevus.	“En la administración del Imperio se mostró voluble por algún tiempo, mezclando asimismo por igual los vicios y las virtudes, hasta que incluso las virtudes acabaron por degenerar en vicios: en la medida en que es posible conjeturarlo, aparte de sus disposiciones naturales, la necesidad le hizo rapaz, y el temor, cruel”. (p.318).
	[10] Sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore	“Pero no se mantuvo en esa línea de clemencia e integridad, aunque cayó

	permansit, et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem.	con bastante más rapidez en la crueldad que en la codicia" (p.328).
	[11] Erat autem non solum magnae, sed etiam callidae inopinataeque saevitiae .	"Su crueldad era no sólo grande, sino también sutil e imprevista" (p.331)

CONCEITO: VARIA (OSCILAÇÃO NO COMPORTAMENTO)		
	TRADUÇÃO LOEB	TRADUÇÃO GREDOS
VITA DIVI IVLI	X	X
VITA DIVI AVGVSTI	X	X
VITA TIBERI	X	X
VITA GAI	X	X
VITA DIVI CLAVDI	[15] In cognoscendo autem ac decernendo mira varietate animi fuit, modo circumspectus et sagax, interdum inconsultus ac praeceps, nonnumquam friuolus amentique similis.	"En los procesos que él instruía y sentenciaba, se mostró increíblemente variable; unas veces era prudente y avisado, otras irreflexivo e impetuoso, y en ocasiones de una frivolidad rayana en la locura" (p.88)
	[16] Gessit et censuram intermissam diu post Plancum Paulumque censores, sed hanc quoque inaequabiliter varioque et animo et eventu.	"Desempeñó asimismo la censura, cargo que llevaba sin cubrirse largo tiempo, desde que lo ocuparan los censores Planco y Paulo; pero también ésta la ejerció de manera desigual, mostrando un ánimo mudable y con un resultado igualmente diverso" (p.90)
VITA NERONIS	[26] Petulantiam, libidinem, luxuriam, avaritiam, credulitatem sensim quidem primo et occulte et velut iuvenili errore exercuit, sed ut tunc quoque dubium nemini foret naturae illa vitia , non aetatis esse.	"Al principio manifestó su osadía, su desenfreno, su disolución, su avaricia y su crueldad de forma apenas perceptible, a escondidas y como en el extravío de la juventud, pero sus prácticas eran tales que ya por entonces a nadie le cabía la menor duda de que estos vicios no eran achacables a su edad, sino a su temperamento" (p.152).
VITA GALBAE	[9] Per octo annos varie et inaequabiliter provinciam rexit, primo acer et vehemens et in coercendis quidem delictis vel immodicus .	"Gobernó su provincia durante ocho años de forma variable y desigual, mostrándose al principio severo e inflexible, e incluso desmesurado el represión de los delitos" (p.201)
VITA OTHONIS	X	X

VITA VETELLII	X	X
VITA DIVI VESPASIANI	X	X
VITA DIVI TITI	X	X
VITA DOMITIANI	[3] ...Circa administrationem autem imperii aliquamdiu se varium praestitit, mixtura quoque aequabili vitiorum atque virtutum ; donec virtutes quoque in vitia deflexit: quantum coniectare licet, super ingenii naturam inopia rapax, metu saevus.	“En la administración del Imperio se mostró voluble por algún tiempo, mezclando asimismo por igual los vicios y las virtudes, hasta que incluso las virtudes acabaron por degenerar en vicios: en la medida en que es posible conjeturarlo, aparte de sus disposiciones naturales, la necesidad le hizo rapaz, y el temor, cruel”. (p.318).
	[6] ... De Chattis Dacisque post varia proelia duplicem triumphum egit. De Sarmatis lauream modo Capitolino Iovi rettulit.	“Celebró un doble triunfo sobre los catos y sobre los dacios, después de varios combates en los que se alternaron éxitos y derrotas, pero por su victoria sobre los sármatas se contentó con llevar una corona de laurel a Júpiter Capitolino”

CONCEITO: MODERATIONE / CLEMENTIA (MODERAÇÃO / CLEMÊNCIA)		
	TRADUÇÃO LOEB	TRADUÇÃO GREDOS
VITA DIVI IVLI	[14]... ac ne sic quidem impedire rem destitit, quoad manus equitum Romanorum, quae armata praesidii causa circumstabat, inmoderatus perseveranti necem comminata est, etiam strictos gladios usque eo intentans, ut sedentem una proximi deseruerint, uix pauci complexu togaque obiecta protexerint...	“Más ni siquiera entonces dejó de estorbar la resolución, hasta que un grupo de caballeros romanos, que montaba guardia en torno a la curia provisto de armas, le amenazó de muerte por perseverar de forma tan desmedida , blandiendo incluso de tal modo sus espadas desenvainadas contra él...” (p. 86)
	[75] Moderationem uero clementiamque cum in administratione tum in uictoria belli ciuilis admirabilem exhibuit...	“Son admirables, por cierto, la moderación y la clemencia de que hizo gala en la guerra civil, tanto en su forma de dirigirla como cuando se alzó con la victoria” (p. 148)
VITA DIVI AVGVSTI	[13]... Nec successum victoriae moderatus est, sed capite Bruti Romam misso, ut statuae Caesaris subiceretur, in splendidissimum quemque captivum non sine verborum contumelia saeviit;	“Sin embargo, no supo controlar el éxito de la victoria; muy al contrario, envió a Roma la cabeza de Bruto para que la pusieran al pie de la estatua de César y se ensañó con todos los prisioneros de alcurnia, además de ultrajarlos verbalmente;” (p. 190)

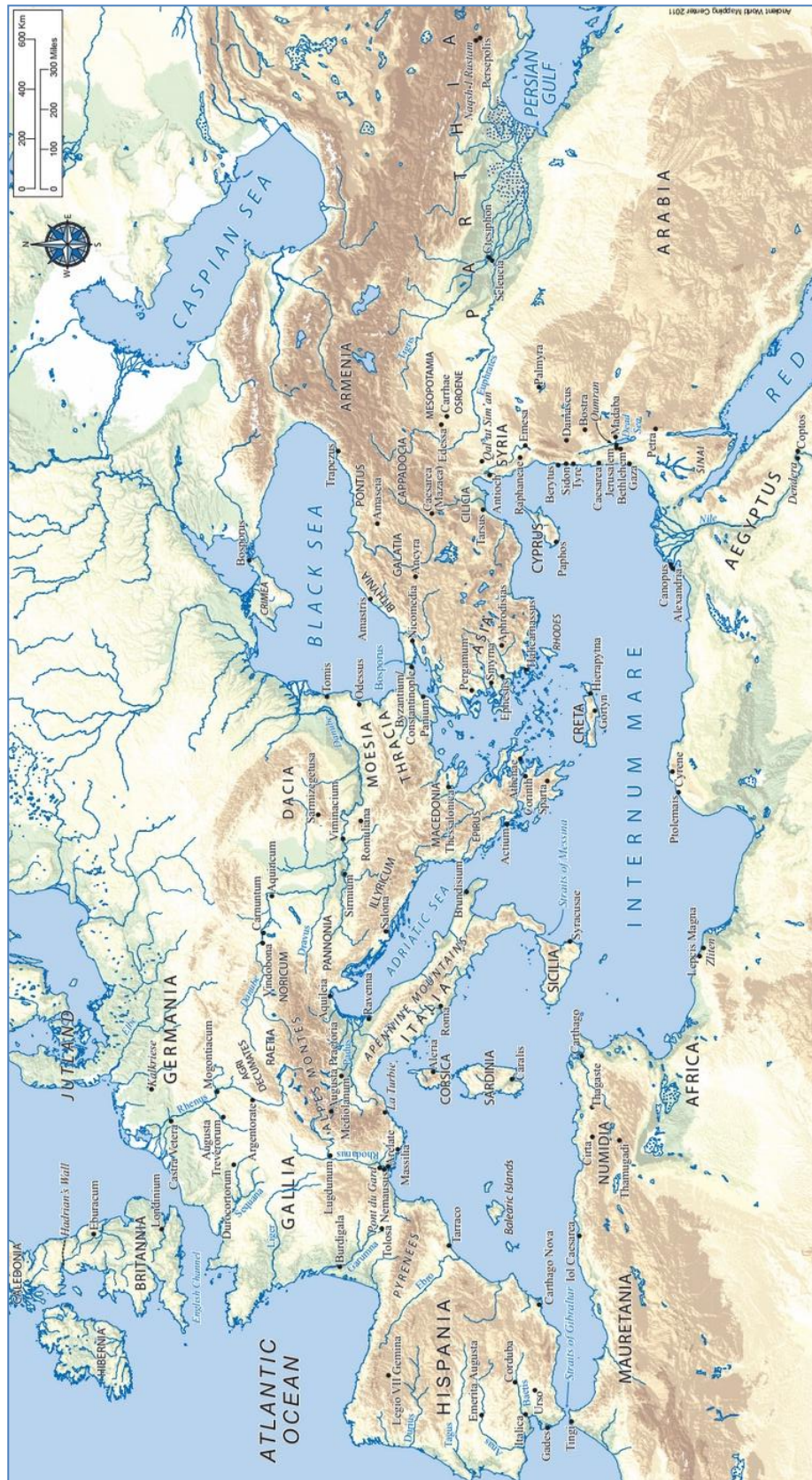
	[21]... Qua virtutis moderationisque fama Indos etiam ac Scythas, auditu modo cognitos, pellexit ad amicitiam suam populique Romani ultro per legatos petendam..	“Con esta fama de valor y moderación, atrajo incluso a los indos y a los escitas, conocidos solo de oídas, a solicitar espontáneamente mediante embajadores su amistad y la del pueblo romano.” (p. 202)
	[27] Iunius Saturninus hoc amplius tradit, cum peracta proscriptione M. Lepidus in senatu excusasset praeterita et spem clementiae in posterum fecisset, quoniam satis poenarum exactum esset, hunc a diverso professum, ita modum se proscribendi statuisset, ut omnia sibi reliquerit libera.	“Julio Saturnino cuenta demás que, cuando se acabó la proscripción y Marco Lépidio presentó excusas en el Senado por los hechos pasados, al tiempo que daba esperanzas de clemencia para el futuro, puesto que ya se había castigado bastante, Augusto, por el contrario, declaró que había decidido poner fin a las proscripciones, sin dejar por ello de reservarse una total libertad de actuación” (p. 209)
	[51] Clementiae civilitatisque eius multa et magna documenta sunt...	“Existen muchas e importantes pruebas de su clemencia y de su moderación...” (p.238)
	[67] Patronus dominusque non minus severus quam facilis et clemens multos libertorum in honore et usu maximo habuit, ut Licinum et Celadum aliosque.	“Patrono y señor tan severo como afable y clemente, tuvo a muchos de sus libertos en la mayor consideración y familiaridad....” (p.253)
VITA TIBERI	[32] Corripuit consulares exercitibus praepositos, quod non de rebus gestis senatui scriberent quodque de tribuendis quibusdam militaribus donis ad se referrent, quasi non omnium tribuendorum ipsi ius haberent. Praetorem conlaudavit, quod honore inito consuetudinem antiquam ret[er]ulisset de maioribus suis pro contione memorandi. Quorundam illustrium exequias usque ad rogum frequentavit. Pare[m] moderationem minoribus quoque et personis et rebus exhibuit.	“Reprochó a los excónsules puestos al frente de los ejércitos que no escribieron al Senado para darle cuenta de sus actos y que Le consultaran a él a la hora de otorgar ciertas recompensas militares, como si no tuvieran el derecho de otorgarlas todas. Colmó de elogios a un pretor por haber retomado, a su entrada en el cargo, la antigua costumbre de recordar a sus antepasados ante la asamblea. Acompañó hasta la pura el cortejo fúnebre de algunos personajes ilustres. Mostró Moderación incluso con personas y asuntos de menor importancia.” (p. 329).
	[47] Paucorum senatorum inopia sustentata, ne pluribus opem ferret, negavit se aliis subuenturum, nisi senatui iustas necessitatum causas probassent. Quo pacto plerosque modestia et	“Alivió la miseria de unos pocos senadores, pero luego, para no tener que prestar ayuda a más, declaró que sólo socorrería a aquellos que hubieran justificado sus necesidades ante el Senado. Con esta condición, hizo que la mayoría desistiera por

	<p> pudore deterruit, in quibus Hortalum, Quinti Hortensi oratoris nepotem, qui permodica re familiari auctore Augusto quattuor liberos tulerat.</p> <p>[57] Saeua ac lenta natura ne in puero quidem latuit; [...]Sed aliquanto magis in principe eluxit, etiam inter initia cum adhuc fauorem hominum moderationis simulatione captaret.</p> <p>[53] ...sed et perseuerantem atque ita absumptam criminosissime insectatus, cum diem quoque natalem eius inter nefastos referendum suasisset, imputauit etiam, quod non laqueo strangulatam in Gemonias abiecerit: proque tali clementia interponi decretum passus est, quo sibi gratiae agerentur et Capitolino loui donum ex auro sacraretur.</p>	<p>modestia y por pudor, entre ellos Hórtalo, nieto del orador Quinto Hortensio, que, con un modestísimo patrimonio, había criado a cuatro hijos siguiendo las consignas de Augusto” (p.343)</p> <p>“Su natura cruel y apático se reveló incluso en la niñez. [...] Pero se puso mucho más de manifiesto durante su imperio, incluso en los comienzos de éste, cuando todavía intentaba ganarse el favor público fingiendo moderación”. (p. 352)</p> <p>... Se desató en calumnias contra ella, pidió que se incluyera entre los días nefastos el de su nacimiento, y aun se asignó como un mérito el no haberla hecho estrangular y arrojar a las Gemonias, permitiendo que, por tal prueba de Clemencia, se promulgara un decreto para rendirle gracias y consagrar una ofrenda en oro a Júpiter Capitolino (p. 350)</p>
VITA GAI	<p>[16]... Equites R. severe curioseque nec sine moderatione recognovit, palam adempto equo quibus aut probri aliquid aut ignominiae inesset, eorum qui minore culpa tenerentur nominibus modo in recitatione praeteritis.</p>	<p>“Pasó revista a los caballeros romanos estricta y minuciosamente, pero con moderación, pues privó públicamente del caballo a aquellos que tenían algún oprobio o ignominia, pero se contentó con silenciar en la lectura los nombres de aquellos cuya culpa era menor”(p. 25)</p>
VITA DIVI CLAVDI	<p>[14] Nec semper praescripta legum secutus duritiam lenitatemue multarum ex bono et aequo, perinde ut adficeretur, moderatus est;</p>	<p>“No siempre se atuvo a lo prescrito por las leyes, sino que atenuó la dureza o la indulgencia de muchas de ellas conforme al bien y a la justicia, según sus impresiones” (p. 88);</p>
VITA NERONIS	<p>[5]. Ex Antonia maiore patrem Neronis procreavit omni parte vitae detestabilem, siquidem comes ad Orientem C. Caesaris iuvenis, occiso liberto suo, quod potare quantum iubebatur recusaret, dimissus e cohorte amicorum nihilo modetius vixit;</p> <p>[10]. Atque ut certiore adhuc indolem ostenderet, ex Augusti praescripto imperaturum se professus, neque liberalitatis neque clementiae, ne comitatis</p>	<p>“Tuvo de Antonia la mayor al padre de Nerón, que mostró una conducta detestable durante toda su vida; cuando acompañaba a Oriente al joven Gayo César, mató a un liberto suyo por haberse negado a beber todo lo que él le ordenaba, y, aunque César lo expulsó del grupo de sus amigos, no moderó en absoluto su comportamiento”; (p.131)</p> <p>“Y Para dejar aún más claro cuál era su índole, declaró que gobernaría siguiendo los preceptos de Augusto, e hizo gala, en cuantas ocasiones se le presentaron, de liberalidad, de clemencia, e incluso de amabilidad.</p>

	quidem ex hibendae ullam occasionem omisit. Graviora vectigalia aut abolevit aut minuit.	Abolió o disminuyó los impuestos demasiado gravosos”. (p.136)
	[51] ... nam qui luxuriae immoderatissimae esset, ter omnino per quattuordecim annos languit, atque ita ut neque vino neque consuetudine reliqua abstinere;	“...pues a pesar del absoluto desenfreno que vivía, en catorce años sólo cayó enfermo tres veces, y aun así sin tener que renunciar al vino ni a sus restantes hábitos...” (p. 182)
VITA GALBAE	X	X
VITA OTHONIS	[3] Provinciam administravit quaestorius per decem annos, moderatione atque abstinentia singulari.	“Gobernó su provincia como excuestor durante diez años, con una moderación y una falta de codicia singulares” (p.223)
VITA VETELLII	[14]...Tum faeneratorum et stipulatorum publicanorumque, qui umquam se aut Romae debitum aut in via portorium flagitassent, vix ulli pepercit; ex quibus quendam in ipsa salutatione supplicio traditum statimque revocatum, cunctis clementiam laudantibus, coram interfici iussit, velle se dicens pascere oculos;	No perdonó a casi ningún usurero, acreedor ni publicano que le hubiera reclamado en alguna ocasión el pago de su deuda en Roma o del peaje en alguno de sus desplazamientos; a uno de ellos lo entregó al suplicio en el mismo momento en que le presentaba sus respetos, e inmediatamente le hizo volver y, mientras todos alababan su clemencia, ordenó que le dieran muerte en su presencia diciendo que quería recrear su vista... (p.252)
VITA DIVI VESPASIANI	[12]. Ceteris in rebus statim ab initio principatus usque ad exitum civilis et clemens , mediocritatem pristinam neque dissimulavit umquam ac frequenter etiam prae se tulit.	Por lo demás, desde el comienzo hasta el fin de su principado se mostró clemente y de una sencillez republicana , pues jamás ocultó la mediocridad de su anterior posición, llegando incluso a menudo a hacer alarde de ella... (p. 281)
VITA DIVI TITI	[4]. Tribunus militum et in Germania et in Britannis meruit summa industriae, nec minore modestiae fama, sicut apparet statuarum et imaginum eius multitudine ac titulus per utramque provinciam.	“Sirvió como tribuno militar en Germania y en Britania labrándose una excelente fama de diligencia y de moderación, como atestiguan la multitud de estatuas e imágenes cuyas esparcidas por ambas provincias y sus inscripciones”. (p.299)
VITA DOMITIANI	[2] Simulavit et ipse mire modestiam , in primisque poeticae studium, tam insuentum antea sibi quam postea spretum et abiectum, recitavitque etiam publice.	“Él, por su parte, fingió de manera admirable moderación y, sobre todo, unas aficiones poéticas de las que antes no había dado la menor muestra y que abandonó luego con desprecio, llegando incluso a dar recitales públicos” (p.315)
	[8] Magistratibus quoque urbicis provinciarumque praesidibus coercendis tantum curae adhibuit, ut neque modestiores umquam	“Puso asimismo tanto esmero en reprimir a los magistrados de la ciudad y a los gobernadores de las provincias, que nunca fueron más comedidos ni más justos, mientras que después de él hemos visto a

	neque iustiore extiterint; e quibus plerosque post illum reos omnium criminum vidimus.	muchos de éstos acusados de todo tipo de crímenes...” (p.325)
	[18] Statura fuit procera, vultu modesto ruborisque pleno, grandibus oculis, verum acie hebetiore;	“Era de estatura elevada; su rostro reflejaba modestia y se cubría fácilmente de rubor;” (p. 342)
	[23] Ipsum etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone cervicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorem post se laetioremque portendi rei publicae statum, sicut sane brevi evenit abstinentia et moderatione insequentium principum.	“Cuentan incluso que el propio Domiciano soñó que le había salido en la espalda una joroba de oro, y que tuvo por cierto que este sueño presagiaba al Estado un régimen más feliz y próspero después de su muerte, como de hecho ocurrió en breve, debido a la integridad y moderación de los emperadores que le sucedieron” (p.346)
	[10] Sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit, et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem.	“Pero no se mantuvo en esa línea de clemencia e integridad, aunque cayó con bastante más rapidez en la crueldad que en la codicia” (p.328)
	[11] Et quo contemptius abuteretur patentia hominum, numquam tristiorem sententiam sine praefatione clementiae pronuntiavit, ut non aliud iam certius atrocis exitus signum esset quam principii lenitas.	“Y, para abusar más descaradamente de la paciencia de todos, no pronunció jamás una sentencia inexorable sin hacer un preludio cargado de clemencia, de suerte que no había indicio más seguro de una conclusión atroz que un preámbulo benigno” (p.332)

MAPA DO IMPÉRIO ROMANO (SÉC. II D.C.)



The Ancient World Mapping Center

<http://awmc.unc.edu/wordpress/free-maps/the-romans-from-village-to-empire-2nd-edition-2011/>